



Cadernetas Agroecológicas

e as Mulheres da Semiárida

de mãos dadas fortalecendo a agroecologia





Cadernetas Agroecológicas

e as Mulheres da Semiárida

de mãos dadas fortalecendo a agroecologia

Resultados do uso das cadernetas
nos projetos apoiados pelo FIDA no Brasil
de Agosto de 2019 a Fevereiro de 2020



Cadernetas Agroecológicas

e as Mulheres da Semiárida

de mãos dadas fortalecendo a agroecologia

Resultados do uso das cadernetas
nos projetos apoiados pelo FIDA no Brasil
de Agosto de 2019 a Fevereiro de 2020



PROJETO
PAULO FREIRE
DESENVOLVIMENTO PRODUTIVO E DE CAPACIDADES



PROJETO
DOM HELDER
CAMARA



PROJETO
Viva o
SEMIÁRIDO



PROCASA
PROJETO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
DO CABRI, SERIDÓ E CURIMATAU



PROJETO
DOM TÁVORA
DESENVOLVIMENTO DE NEGÓCIOS RURAIS
PARA PEQUENOS PRODUTORES



**PRÓ-
SEMIÁRIDO**

EQUIPE PUBLICAÇÃO

Elaboração dos Textos

Rodica Weitzman
Liliam Telles
Camila Alvarenga
Elisabeth Maria Cardoso
Laetícia Jalil
Aline Martins

Colaboração

Sarah Luiza de Souza Moreira
Maria do Carmo Soares D'Oliveira
Elisabeth Siqueira
Francisca Maria Rodrigues Sena
Amarize Soares Cavalcante
Daniela Bento
Claudia Yoná
Eva Amorim
Cícero Augusto Silveira Braga
Wilnara Amorim

Revisão Geral e Organização

Aline Martins

Capa

Paloma Rolim

Projeto Gráfico e Diagramação

Edileno Santana Capistrano Filho
<https://linktr.ee/edilenocapistrano>

EQUIPE PROGRAMA SEMEAR INTERNACIONAL

Coordenadora

Fabiana Dumont Viterbo

Gerente de Gestão do Conhecimento

Aline Martins da Silva

Gerente Cooperação Sul-Sul e Gerência Administrativa e Financeira

Ruth Elisabeth Pucheta

Assessor de Monitoramento & Avaliação

Adalto Rafael Nascimento Silva

Assessor de Comunicação

Gabriel Monteiro Duarte Cerqueira

Assistente Administrativo-Financeira

Ana Luiza Pinto Palma dos Santos

Assistente de Cooperação Sul-Sul

Esther Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F981c Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA).

Cadernetas agroecológicas e as mulheres do semiárido de mãos dadas fortalecendo a agroecologia : resultados do uso das cadernetas nos projetos apoiados pelo FIDA no Brasil de agosto de 2019 a fevereiro de 2020. - [Salvador] : Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), 2020.

232 p : gráfs. color., tabs. color.

Este livro traz as análises econômicas e sociais dos dados registrados pelas agricultoras envolvidas nos projetos apoiados pelo Programa Semear Internacional em sete estados do nordeste.

ISBN 978-92-9266-036-9

1.Gênero. 2. Mulheres. 3. Agricultura. 4. Desenvolvimento econômico. I. Título.

CDU 396.5:631

Agradecimento



Agradecemos as agricultoras que anotaram nas suas cadernetas, nosso agradecimento especial.

Coordenações dos Projetos que tornaram possível, equipes de Assessoria em Gênero e de Monitoramento e Avaliação (MeA) dos Projetos, assessoria para quintais produtivos, equipes de Assessoria Técnica e Extensão Rural que apoiam as mulheres nas comunidades e ao CTA Zona da Mata que apostou junto com o Semear Internacional nesta parceria.

Agradecemos também as consultoras contratadas para acompanhar, formar as equipe e sistematizar os dados das cadernetas que apresentamos:

Camila Alvarenga¹
Elisabeth Maria Cardoso²
Laeticia Jalil³
Liliam Telles⁴
Rodica Weitzman⁵

¹ Doutoranda em Economia Aplicada na Universidade Federal de Viçosa-MG, membro do grupo de pesquisa sobre as Cadernetas Agroecológicas do Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia.

² Engenheira Agrônoma pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), feminista, extensionista rural, pesquisadora, mestre em Agroecologia pela Universidade Internacional de Andaluzia (UNIA-ES), coordenadora do Programa Mulheres e Agroecologia do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) e coordenadora técnica do CTA-ZM, integrante da Coordenação do Grupo de Trabalho Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (GT Mulheres da ANA).

³ Socióloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), feminista, pesquisadora, doutora em Desenvolvimento e Agricultura pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA-UFRRJ), professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), integrante da Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste e da coordenação do GT Mulheres da ANA.

⁴ Engenheira Florestal pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), feminista, extensionista rural, pesquisadora, mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), integrante da coordenação do GT Mulheres da ANA.

⁵ Doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS-MN-UFRJ), com pós-doutorado pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da UFRJ, dentro da linha de pesquisa associada a Conflitos Socioambientais. Integra o Grupo de Trabalho Gênero e Ruralidades (CPDA/UFRRJ) e o NuAP – Núcleo de Antropologia da Política” (UFRJ, UFF), além de ser membro do Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia. É consultora autônoma para diversas organizações sociais no Brasil e na esfera internacional. Desde 2013, tem atuado como Consultora para FIDA nos temas de Gênero, Raça e Etnia; Segurança Alimentar e Nutricional; e Comunicação Social/Gestão de Conhecimento.







**Programa Semear Internacional, uma
doação do FIDA para o Brasil 11**

Agricultoras brasileiras: presentes! 14



**Capítulo 1
Cadernetas agroecológicas – como tudo
começou 21**



**Capítulo 2
Guia metodológico – uma contribuição para
todas as pessoas envolvidas no projeto 31**



**Capítulo 3
As cadernetas agroecológicas e a
contribuição econômica das agricultoras do
semiárido nordestino 37**



**Capítulo 4
A contribuição das cadernetas
agroecológicas na promoção da segurança
alimentar e nutricional no semiárido
nordestino 47**

Sumária



Capítulo 5
**As transformações vividas pelas
mulheres rurais do semiárido brasileiro
e o questionamento à divisão sexual do
trabalho 79**



Capítulo 6
**As agricultoras agroecológicas do semiárido
brasileiro e a divisão sexual do trabalho
doméstico 87**



Capítulo 7
**A trajetória do grupo de trabalho para
equidade de gênero nos projetos FIDA no
Brasil 101**

Referências 129

Anexo 1 134

Anexo 2 150

Anexo 3 160

Anexo 4 170

Anexo 5 173

Anexo 6 200



Programa Semear Internacional,

uma doação do fida para o Brasil

O Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) é uma agência de investimentos da Organização das Nações Unidas (ONU) que, em parceria com governos estaduais e federais, realiza acordos de empréstimos e doações para apoiar o desenvolvimento rural. No Brasil, o principal foco de investimentos do FIDA é a região semiárida, onde promove ações direcionadas ao fomento de projetos produtivos de geração de renda agropecuária, cooperativismo, associativismo e acesso a mercados. Com uma meta que tem a promoção da segurança alimentar nutricional e a diminuição da pobreza no meio rural entre seus pilares, o FIDA incentiva o fortalecimento de atividades que têm, como públicos prioritários, mulheres, jovens e comunidades tradicionais.

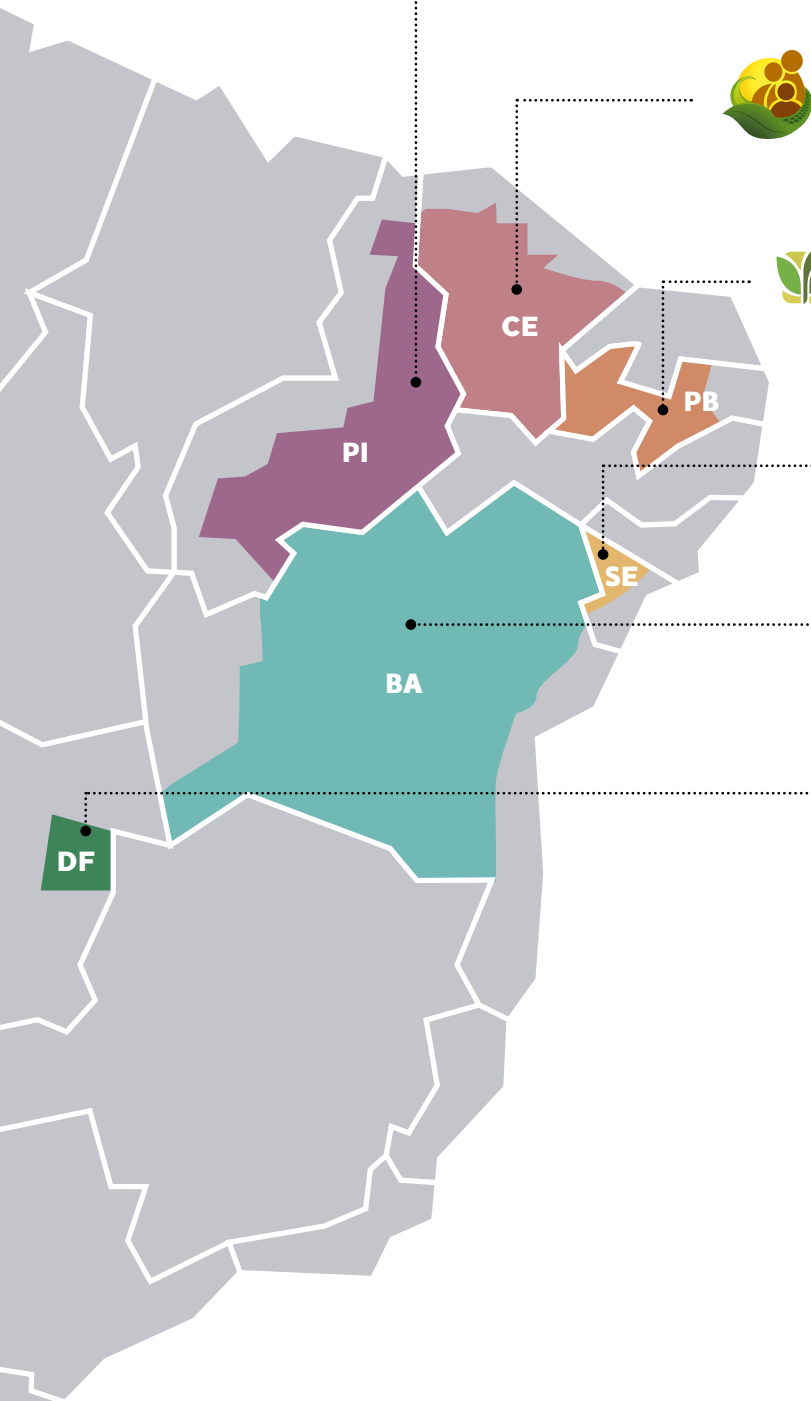
O FIDA já viabilizou um montante de aproximadamente US\$ 300 milhões para implementação de treze projetos no Brasil. Atualmente, em 2020, seis projetos estão sendo executados, alcançando 250 mil famílias beneficiadas de forma direta. Cinco deles são em parceria com governos estaduais, por meio de acordos bilaterais: Paraíba (Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú – Procase), Bahia (Projeto Pró-Semiárido), Sergipe (Projeto Dom Távora), Piauí (Projeto Viva o Semiárido), e Ceará (Projeto Paulo Freire). Já o Projeto Dom Hélder Câmara (PDHC), com o governo federal, abrange onze estados – Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Bahia, Piauí, Paraíba, Sergipe, Maranhão, Minas Gerais e Espírito Santo.

Paralelamente aos projetos, o FIDA ainda busca realizar ações que vão além do desenvolvimento produtivo nas comunidades atendidas, estimulando o acesso à informação por meio de programas de doação, como o Programa Semear Internacional (PSI). Com atuação no Brasil, o PSI atua nos seguintes eixos: Gestão do Conhecimento, Monitoramento & Avaliação, Comunicação, Diálogos de Políticas e Cooperação Sul-Sul e Triangular, tendo sua operacionalização apoiada pelo Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA). O Programa trabalha junto aos seis projetos apoiados pelo FIDA no Brasil, fortalecendo suas capacidades ao realizar atividades que estimulam o conhecimento. O objetivo é facilitar o acesso a saberes e inovações contextualizados para a convivência com o Semiárido.

Entre as atividades do PSI estão intercâmbios, capacitações, oficinas e seminários com técnicos e beneficiários dos projetos, formação técnica para gestores públicos, articulações institucionais, promoção do trabalho para a igualdade de gênero, apoio à coleta de dados socioeconômicos e metodização dos resultados, publicações de livros e produção de conteúdos jornalísticos e comunicacionais em formatos impresso e digital. Dessa forma, o Programa vem contribuindo, de forma expressiva, para a sistematização e disseminação das boas práticas rurais dos projetos do FIDA, tanto em âmbito nacional quanto internacional.



Projetos apoiados pelo FIDA no Brasil



Unidade Federativa: Piauí
 Financiamento FIDA: US\$ 20 milhões
 Governamental: US\$ 10,1 milhões
 Famílias Beneficiadas: 22 mil



PROJETO
PAULO FREIRE
 DESENVOLVIMENTO PRODUTIVO E DE CAPACIDADES

Unidade Federativa: Ceará
 Financiamento FIDA: US\$ 40 milhões
 Governamental: US\$ 40 milhões
 Famílias Beneficiadas: 60 mil



PROCãSE
 PROJETO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
 DO CARIÁTIPO, SERTÃO E CURIMATÁZUL

Unidade Federativa: Paraíba
 Financiamento FIDA: US\$ 25 milhões
 Governamental: US\$ 15,5 milhões
 Famílias Beneficiadas: 22 mil



PROJETO
DOM TÁVORA
 DESENVOLVIMENTO DE NEGÓCIOS RURAIS
 PARA PEQUENOS PRODUTORES

Unidade Federativa: Sergipe
 Financiamento FIDA: US\$ 16 milhões
 Governamental: US\$ 12,6 milhões
 Famílias Beneficiadas: 12 mil



Unidade Federativa: Bahia
 Financiamento FIDA: US\$ 45 milhões
 Governamental: US\$ 50 milhões
 Famílias Beneficiadas: 61.963 mil



PROJETO
**DOM HELDER
 CÂMARA**

Unidade Federativa: Distrito Federal
 Financiamento FIDA: US\$ 125,3 milhões
 Governamental: US\$ 42 milhões
 Famílias Beneficiadas: 74 mil



Investindo nas populações rurais

Entendendo o funcionamento de cada componente de atuação do PSI

Gestão do Conhecimento

Capacitações, intercâmbios, encontros temáticos e seminários são as principais atividades desenvolvidas para fortalecer os saberes e a troca de conhecimento entre os projetos, envolvendo técnicos, técnicas, beneficiárias e beneficiários. Os temas mais trabalhados são: acesso a mercados, agroecologia, gênero, gastronomia e caprinovinocultura. Muitos desses eventos resultam em publicações que, em formato impresso e/ou digital, contribuem para a potencialização e visibilidade dessas boas práticas e experiências de sucesso.

Monitoramento & Avaliação

São realizadas capacitações periódicas direcionadas a técnicos e técnicas dessas áreas, com a promoção de reuniões em grupos de trabalho e o envolvimento de profissionais de outras instituições. Um sistema de gestão integrada comum a todos os projetos FIDA no Brasil, o Data.FIDA, é o grande produto desenvolvido pelo Semear Internacional neste componente, que contribui para o aumento

da qualidade e precisão das informações coletadas e processadas pelos projetos.

Comunicação

Componente que permeia todos os outros, a Comunicação do Semear Internacional se vale de diversos canais, como o portal e as redes sociais, para fazer que o conhecimento e a informação cheguem aos mais diferentes públicos. No site estão disponíveis, por exemplo, as publicações (livros, cartilhas, manuais e estudos), o acervo de vídeos e fotos e o banco de boas práticas já catalogadas, além de textos criados semanalmente e disseminados entre os projetos FIDA. Um recente produto desta área é o Prêmio Semear Internacional de Jornalismo, que condecora as melhores reportagens do Brasil sobre boas práticas rurais e está na sua primeira edição.

Cooperação Sul-Sul e Triangular e Diálogos de Políticas

Fomentar novos conhecimentos e redes por meio da internacionalização de suas ações: esse é o objetivo da Cooperação Sul-Sul e Triangular. Por meio de intercâmbios, capacitações e seminários envolvendo países da América Latina e África, abordam-se temas de interesse comum da agricultura familiar, identificando técnicas e práticas que podem auxiliar os trabalhadores rurais em seus cotidianos. Além disso, o PSI busca facilitar o diálogo sobre políticas públicas, com vistas a apoiar espaços voltados para o debate entre sociedade civil, governos, academia e parceiros.



Conheça mais sobre as ações do PSI, visite a biblioteca virtual e acesse os eventos realizados para juntar-se à rede de disseminação das boas práticas rurais no Semiárido, acessando www.portalsemear.org.br.

Agricultoras Brasileiras:

Presentes!

No Brasil, a população rural é de cerca de 30 milhões de pessoas, conforme aponta o Censo Demográfico 2010, o que corresponde a 15,64% da população brasileira. Nesse contexto, as mulheres representam 47% da população rural e 25% das responsáveis por domicílios rurais, dentre aqueles que possuem apenas uma pessoa responsável. A título de comparação, no meio urbano, 41% dos domicílios são chefiados unicamente por mulheres. Em todo o país, são 57.449.271 – 30,11% do total – as unidades domiciliares com um único responsável (IBGE, 2010). No Brasil rural, existem 5,07 milhões de estabelecimentos agropecuários, sendo que 947.000 são dirigidos por mulheres, ou 19% do total. Distribuindo-os geograficamente, observa-se que cerca de 538.000 ou 57% de todos os estabelecimentos dirigidos por mulheres se encontram no Nordeste (IBGE, 2017).

A situação da pobreza no Brasil coloca o meio rural como um espaço de maior vulnerabilidade. Na verdade, essa é uma realidade mais abrangente, visto que cerca de 70% do 1,4 bilhão de pessoas extremamente pobres do mundo vivem em áreas rurais de países em desenvolvimento (FIDA, 2011).

No Brasil, uma em cada quatro pessoas do meio rural estava em situação de extrema pobreza no início da última década, ou seja, 25% da população rural vivia com menos de R\$ 70,00 per capita por mês. No meio urbano, esse percentual era de 5% (MELLO et al., 2015). Ainda, evidências apontam que os maiores índices de pobreza no país eram registrados nas famílias chefiadas

por mulheres com filhos, e que a renda das mulheres se concentrava nas transferências governamentais, sendo apenas 5% originadas de atividades produtivas (MENDONÇA et al., 2015).

É notável que a pobreza é um fenômeno de múltiplas dimensões, que não se limita apenas ao emprego e à renda. Em algumas regiões, particularmente na América Latina e em parte da Ásia, a pobreza tem relação com distintas privações, baseadas em relações sociais e políticas que se reforçam mutuamente e impactam de maneira distinta os grupos sociais. Apesar disso, em todas as sociedades rurais, as mulheres, as pessoas jovens e os povos indígenas sofrem, de maneira desproporcional, desvantagens que tendem a tornar mais difícil sair do ciclo de pobreza e mais limitado o acesso às oportunidades (FIDA, 2011).

Ainda são escassas as análises produzidas a partir de uma perspectiva feminista. Uma delas revela que existe intensa participação das mulheres em atividades não remuneradas, em especial no meio rural, já que cerca de dois terços das mulheres rurais trabalhavam em atividades sem remuneração ou para o autoconsumo. Inversamente, os homens estavam nas ocupações remuneradas em quase todas as atividades agropecuárias, ao passo em que as atividades não remuneradas ou para o autoconsumo tinham menos de um terço da ocupação masculina (MELO; DI SABBATO, 2009).

Percebe-se que parte significativa das atividades realizadas pelas mulheres não é reconhecida como

trabalho e, portanto, é desconsiderada nas análises econômicas convencionais, ainda que estas atividades sejam produtivas e garantam a segurança alimentar e nutricional das famílias. O papel econômico das mulheres é invisibilizado diante do fato de que boa parte das suas ações não é monetarizada ou inserida em mercados formais.

Ainda que a pobreza seja uma condição concreta na vida das mulheres, uma parcela importante do trabalho e da riqueza gerada pelas agricultoras fica invisível à sociedade, em função da abordagem hegemônica da economia que oculta as atividades não mercantis de suas análises. Apesar disso, experiências agroecológicas desenvolvidas nos diferentes contextos socioambientais no Brasil mostram que as agricultoras assumem um papel fundamental para a produção de riqueza e a garantia do acesso à alimentação adequada e saudável. Elas estão envolvidas com a produção diversificada de alimentos, de

plantas medicinais, com a criação de pequenos animais e com o resgate e manutenção de cultivos locais. Também são responsáveis pelo beneficiamento da produção, prática fundamental para o melhor aproveitamento dos alimentos, entre outras atividades.

Os diferentes tipos de trabalho produtivo realizados pelas mulheres – geralmente a produção dos quintais, a horta, o cuidado com os pequenos animais – e a transformação de alimentos e plantas medicinais na cozinha, ao serem considerados como extensão das atividades domésticas, são invisibilizados por duas vias: não são considerados como trabalho e não são reconhecidos por sua contribuição econômica (TELLES, 2018). Ainda, o fato de a produção das mulheres ter múltiplas destinações – mercados, autoconsumo, doação e troca – contribui para que boa parte da riqueza gerada por elas fique invisível sob um olhar econômico convencional.





É por este motivo que lançamos mão das contribuições da economia feminista, que propõe outro olhar para a economia, com o questionamento à economia neoclássica que situa todas as relações sociais e econômicas em termos de mercado, e reposiciona as análises socioeconômicas pela perspectiva da sustentabilidade da vida humana. Em outras palavras, a economia feminista direciona seu olhar para o conjunto de atividades e processos necessários para produção do viver e para a satisfação das necessidades humanas, permitindo dar visibilidade às atividades não mercantis protagonizadas pelas mulheres.

Nesse sentido, este livro traz as análises econômicas dos dados registrados pelas agricultoras envolvidas nos projetos apoiados pelo Programa Semear Internacional (PSI)/FIDA em sete estados do nordeste: Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Sergipe. Esses dados econômicos são contabilizados a partir de diversas atividades (de troca, doação, consumo e venda), enfatizando, assim, a amplitude das ações que se enquadram nessa outra visão da economia. Ao realizar tais análises, buscamos fazer um duplo movimento: demonstrar a quantidade de trabalho

e riqueza produzida pelas mulheres na agricultura familiar e questionar as bases da economia hegemônica que as invisibiliza.

“

Bom! E assim no começo foi difícil... mas com as capacitações foi ficando melhor... e com as anotações foi bom que antes agente não sabia o que entrava e saía do bolso da gente... e bom saber que não só entra o dinheiro do marido, mas também o da gente.”

Lucineide Paiva, 30 anos, Comunidade Santa Tereza II, Pires Ferreira, Ceará. Atualmente, está como presidente da associação local.

Projeto Paulo Freire.

Parceria e Ação

Por Quitéria dos Santos Cunha

(Escrito durante o Seminário Regional das Cadernetas Agroecológicas I, em ,09/09/2020)

Eu vou falar pra vocês com toda exatidão
De um parceiro de luta
Parceria e ação

Estou falando do FIDA
Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrário
Que junto com o PROCASE fez uma bela união
Realizando projetos do Cariri ao Sertão

Transformando o sonho em pura realidade
E dando um novo rumo em cada comunidade
Que depois com as próprias pernas, deram
continuidade

Depois de cada projeto a história logo mudou
Onde não tinha viveiro
O viveiro se criou

E os bancos de semente o FIDA também implantou
Fortaleceu hortaliça de pequeno agricultor
Fruticultura irrigada ele também apoiou

E viu a necessidade de Sistema Agroflorestais
Pra produzir alimentos também para os animais
Os ovinos e caprinos de forma especiais

Não posso esquecer o apoio aos projetos culturais
De comercialização, rendeiras
E outros mais

E todos esses projeto trouxe a libertação
Pra cada beneficiário que não pagou muito não
Falei do FIDA e PROCASE parceira e ação



Caderneta agroecológica

Por Quitéria dos Santos Cunha

A caderneta chegou
Pra ajudar a reforçar
Aquele nosso costume
Das coisas sempre anotar

Comecei a notar tudo
Com muita dedicação
Chegou o final do mês
Foi grande a empolgação
A olhar a caderneta
E vê tanta produção

A caderneta chegou
Para nos empoderar
Ensinar que não é ajuda
A gente sabe trabalhar
E com toda a propriedade
O trabalho da mulher estar



Quitéria é assentada da reforma agrária desde 2003, mora na Paraíba, Cubati, Território Seridó, Assentamento São Domingos, trabalha junto com marido, filhas e filho. Desde 2013, faz parte da diretoria de mulheres que assumiu a direção da associação do assentamento para regularizar a situação jurídica e fiscal da associação e garantir o acesso aos recursos do Procase. Essa mobilização trouxe significativas mudanças em sua vida, uma delas foi voltar a estudar.



Tenho a oportunidade de estar participando da Caderneta Agroecológica, a importância da Caderneta para mim é que organizou a minha vida, eu achava que a gente mora na zona rural e não tinha importância (anotar), depois desta Caderneta eu vejo o que a gente consome, a linha do consumo é enorme e se fosse comprar tudo aquilo que tem, se eu fosse comprar tudo aquilo que eu tiro do quintal produtivo, que a minha casa tirou no PROCASE, eu não teria dinheiro para comprar tanta coisa. Aqui produzo a graviola, tenho frango, ovo, galinha, coentro, cebolinha, pepina, pinheira, côco, limão que consumo e as vezes doar e trocar também. Eu não tenho cenoura, beterraba e as vezes batata doce, a minha vizinha tem e gosta de graviola e a gente troca. O que sobra de ovo, frango, doce de caju, espécie de castanha vendo para feira livre, em casa e sobra dinheiro para comprar outras coisas. Depois desta Caderneta eu vejo a organização, eu era desorganizada eu não tinha quanto entrava, quanto consumia, quanto sobrava de dinheiro. Com a Caderneta eu coloco o que consumi, doei, troco e o que vendo também, eu vi que a importância dela é enorme para mim e para quem tem ela. Acredito que quem possui esta Caderneta vê o que produz e se fosse comprar o gasto era tanto que nem tinha como comprar. Produzindo no quintal produtivo melhorou muito a nossa vida, eu recomendo a Caderneta para quem produz sem veneno, ela ajuda muito a gente a se organizar, é uma organização que para gente é muito boa.”

Carmita Araújo de Souza, 55 anos, presidente da Associação comunitária de Produtores de Saco dos Goitis, município de Santa Luzia, território do Médio Sertão.

Projeto Procace.



01 Cadernetas agroecológicas

como tudo começou

Pelas relações de gênero estabelecidas na sociedade, culturalmente, o trabalho das mulheres tem menor valor que o trabalho desempenhado pelos homens. A divisão sexual do trabalho, que designa o trabalho dos homens à esfera produtiva e o das mulheres à esfera reprodutiva, também hierarquiza o trabalho dos homens sobre o das mulheres, sendo que um trabalho de homem vale mais que um trabalho de mulher (HIRATA; KERGOAT, 2008).

Não por acaso, há uma invisibilidade sobre o trabalho realizado pelas mulheres, em especial na agricultura familiar, em que os trabalhos produtivo e reprodutivo muitas vezes se confundem, como é o caso dos quintais, que são considerados espaços da reprodução e de cultivos para o autoconsumo, mas que também geram produtos para a comercialização.

Contribuindo para essa invisibilidade, segundo Michelle Perrot (2005), há um projeto social, político e cultural de silenciar a história das mulheres, um recurso para esconder e invisibilizar suas ações e falas, ocultando e/ou excluindo do texto histórico estes sujeitos, acreditando ser o texto histórico a verdade absoluta e inquestionável dos fatos.

Por isso, para termos uma visão mais completa da produção e renda da agricultura familiar e agroecológica, torna-se necessário questionarmos a forma de olhar o trabalho e a produção das mulheres, com base na economia tradicional, que invisibiliza o trabalho das mulheres e exclui a produção do autoconsumo (que sustenta e garante a segurança

alimentar e nutricional das famílias) dos elementos de renda que medem o valor da produção.

Para jogarmos luz sobre a produção e a renda das mulheres, buscamos fundamentos da economia feminista que, além da renda, ressalta a contribuição econômica do trabalho que não produz mercadoria, como o trabalho doméstico e de cuidados, e as referências de bem-estar e autonomia, que, segundo Miriam Nobre (2012), tendem a combinar produção para autoconsumo e mercado, bem como uma visão integrada de território sob manejo e controle das populações que aí convivem. Concebem mercado a partir de relações de proximidade e ciclos curtos que têm consideravelmente menos impactos ecológicos e sobre o tecido social, com consequências positivas para a segurança alimentar e a qualidade vida de toda a comunidade local, desse modo dando visibilidade ao trabalho e à produção das mulheres.



Com a economia feminista, aprendemos que a economia não pode ser apenas um assunto de especialistas, de fórmulas e números. A economia é parte da nossa experiência cotidiana de produção do viver, é nosso trabalho no mundo público, mas também nosso trabalho não remunerado no mundo privado.



A intensa movimentação econômica nos quintais das mulheres agricultoras familiares da Zona da Mata de Minas Gerais, principalmente a partir do acesso das famílias às políticas como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), chamou atenção para a necessidade urgente de olharmos mais de perto a produção das mulheres nos quintais, além da produção protagonizada pelas mulheres na propriedade como um todo, até então pouco visibilizada nos estudos sobre renda e produção da agricultura familiar, para melhor assessorar as famílias, em especial as mulheres, a acessarem tais políticas.

Mesmo os dados sobre a comercialização dos produtos das mulheres e o acesso delas às políticas públicas de comercialização da agricultura familiar não trazem a real dimensão da contribuição das mulheres na produção e renda da agricultura familiar, como nos alertaram Emma Siliprandi e Rosângela Cintrão (2011), a partir de estudo realizado sobre o acesso das mulheres ao PAA:

“Verificou-se que, embora as mulheres estejam participando diretamente na produção, a comercialização dos produtos da agricultura familiar ainda é feita, na maioria dos casos, com o CPF (Cadastro de Pessoa Física) do homem. Produtoras rurais têm, em geral, dificuldades de participar da comercialização, em função de suas atribuições de gênero.”

A partir dessas demandas, o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM)⁶, em parceria com o Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas, com o objetivo de mensurar e dar visibilidade ao trabalho das agricultoras agroecológicas, cria o instrumento Caderneta Agroecológica, no ano de 2011, levando em consideração que o ato de anotar a produção não é muito comum na agricultura familiar, menos ainda a produção das mulheres, e, para que as agricultoras passassem a registrar sua produção, teria que ser um instrumento necessariamente simples no qual a anotação fosse feita de forma rápida.

⁶ O Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata é uma organização com mais de 30 anos de experiência na promoção da agroecologia para a agricultura familiar na Zona da Mata de Minas Gerais.

“



As cadernetas fizeram a aproximação do grupo, nós somos 40 mulheres. Temos um grupo de ZAP, temos dialogado bastante, onde trocamos informações e tiramos dúvidas umas com as outras, ajudando no que a gente pode, mesmo de longe. Ela fez com que a gente se aproximasse bastante, nessa questão do diálogo e das conversas. Tem ajudado muito na condução do projeto, ela é uma ferramenta que veio pra nós provar por A mais B o tamanho da nossa produção. Ela é um instrumento que ajuda a gente a sistematizar a nossa produção. Ela tem ajudado bastante na animação pra que as mulheres produzam nos seus quintais produtivos, principalmente. É uma ferramenta bem legal que nos ajuda muito e nos anima muito a continuar plantando nossas verduras, plantando nossas hortaliças, nossos legumes, cuidando do nosso quintais, que é onde a gente pega o nosso alimento saudável mais perto da casa e com mais facilidade.”

Sônia Maria da Costa Sousa/militante do Movimento das/os Pequenos/as Agricultores/as e agricultora da comunidade Serra dos Morros/Francisco Santos, Piauí.

Projeto Viva o Semiárido.

A partir da interação com o Grupo de Trabalho Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA)⁷, em 2013, a Caderneta foi implementada em outras regiões do Brasil numa parceria com a Rede de Mulheres Empreendedoras Rurais da Amazônia; a Rede de Mulheres Produtoras do Nordeste e a Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste; o GT Gênero e Agroecologia da Região Sudeste; e o Movimento de Mulheres Camponesas da Região Sul do Brasil, por meio do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia. Nessa iniciativa, foram sistematizados apenas os dados das Cadernetas de duas microrregiões: a Zona da Mata de Minas Gerais e o Sertão do Pajeú em Pernambuco, revelando uma consistência de dados até então não encontrada em estudos anteriores.

Com a necessidade de analisar dados nacionais, entre 2016 e 2018, foi realizada uma pesquisa numa parceria entre as redes regionais mencionadas, o GT Mulheres da ANA, a Universidade Federal de Viçosa (UFV) e a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), reunindo outros parceiros. Ao todo, foram sistematizadas trezentas Cadernetas Agroecológicas de dezesseis estados do Brasil.

Inspirado nos resultados desse processo nacional, o Programa Semear Internacional, em parceria com o CTA-ZM e o Grupo de Trabalho Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (GT Mulheres da ANA), propõe no ano de 2018 o “Projeto de Formação e Disseminação do Uso Consciente das Cadernetas Agroecológicas nos Projetos Apoiados pelo FIDA no Brasil”, com o objetivo de sistematizar a produção das mulheres agricultoras acompanhadas pelos projetos localizados no Semiárido brasileiro.

O projeto se desenvolveu a partir de junho de 2019 em parceria com os Projetos Dom Távora em Sergipe,

Paulo Freire no Ceará, Dom Helder Câmara II em Alagoas, Ceará e Pernambuco, Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (Procase) na Paraíba, Projeto Viva o Semiárido no Piauí e Projeto Pró-Semiárido na Bahia, em 111 municípios, onde foram sistematizadas as cadernetas de 879 mulheres nas 415 comunidades rurais envolvidas diretamente no processo, além de envolver suas famílias, equipe técnica e gestores/as dos projetos.

O processo de sistematização das Cadernetas Agroecológicas, promovido pelo Programa Semear Internacional, seguiu basicamente a mesma metodologia criada e testada a partir da experiência do GT Mulheres da ANA, com um diferencial que era contar com a contrapartida dos projetos para realização de seminários e/ou encontros estaduais e municipais, além do apoio do GT de equidade de gênero dos projetos FIDA no Brasil⁸ e por todo o trabalho de campo de aplicação dos Questionários Socioeconômicos e os Mapas da Sociobiodiversidade, de assessoramento, de formação das mulheres e de coleta de dados, todas essas ações de responsabilidade das equipes dos projetos.

A pesquisa se constituiu numa outra forma de olhar a agroecologia e o trabalho das mulheres, a partir da Caderneta Agroecológica, dando destaque à produção das mulheres que normalmente não é percebida ou valorizada pela família, mas que é fundamental para a economia do agroecossistema, jogando luz sobre o papel das mulheres como produtoras de alimentos e geradoras de renda, trazendo a reflexão para essas mulheres sobre a importância do trabalho delas na agricultura familiar e camponesa, e apresentando elementos para uma melhor relação de gênero na unidade familiar e nos processos de assistência técnica e extensão rural (ATER) realizado pelas organizações de assessoria.

⁷ Grupo de Trabalho criado em 2004.

⁸ GT de equidade de gênero dos projetos FIDA no Brasil é composto pela equipe de assessoras de gênero, raça e etnia dos seis projetos atualmente (Sena, Elizabeth, Sarah, Gleiciane, Amarize e Maria do Carmo), pela coordenadora e gerente de gestão do conhecimento do Programa Semear Internacional (Fabiana e Aline), além da consultora em gênero para o Fida (Rodica).

Dando início ao processo, foi realizado na UFRPE em Recife, em junho de 2019, um seminário inicial com a participação de aproximadamente oitenta pessoas, entre técnicas(os), agricultoras e gestoras(es) dos projetos envolvidos, com os objetivos de apresentar e sensibilizar as organizações parceiras do Programa Semear Internacional sobre o “Projeto de Formação e Disseminação do uso Consciente das Cadernetas Agroecológicas nos Projetos apoiados pelo FIDA no Brasil”; apresentar a metodologia de uso das Cadernetas Agroecológicas para os projetos e organizações parceiras; discutir sobre a experiência da sistematização nacional das Cadernetas Agroecológicas e seus impactos na vida das mulheres participantes, bem como das equipes técnicas; apresentar e discutir a proposta de sistematização das Cadernetas Agroecológicas na região Nordeste do Brasil; fortalecer um processo de formação em Gênero, Feminismo e Agroecologia junto a técnicos/técnicas das organizações parceiras do FIDA no Nordeste do Brasil; aprofundar a discussão sobre a metodologia feminista na atuação e implementação dos projetos desenvolvidos em parceria com o Programa Semear Internacional; fortalecer o GT Gênero dos projetos apoiados pelo FIDA para que este cumprisse o papel de monitoramento geral do processo. E, a partir deste momento, todos os seis projetos apoiados pelo FIDA no Brasil iniciaram o processo de multiplicação, formação e uso das cadernetas com as agricultoras e equipe técnica.



A gente vivia na agroecologia e não sabia. E foi através do projeto das Cadernetas que a gente aprendeu os conhecimentos, e a gente ficou sabendo o que é a agroecologia. E a gente aprendeu muito através da troca de experiência e os conhecimentos. Muito bom. A gente só aprende se participar, só aprende se colocar em prática, a gente só ver lá e não praticar não aprende, não. Por isso eu só tenho a agradecer primeiramente a Deus e segundo à equipe que fez com que esse projeto chegasse até nós, nas comunidades, principalmente aqui na comunidade quilombola do Tapuio. Meu muito obrigada!”

Maria Jacinta, comunidade quilombola do Tapuio/Queimada Nova, Piauí.

Projeto Viva o Semiárido.

Um instrumento feminista para visibilizar a produção e o trabalho das mulheres agricultoras

A partir de um processo de pesquisa-ação com os seis projetos apoiados pelo FIDA no Brasil, foram coletados e analisados os resultados relacionados à produção e à contribuição econômica, ambiental e sociopolítica das mulheres e ao seu autorreconhecimento em relação ao valor de sua produção. A pesquisa se iniciou a partir de um questionamento das bases da economia hegemônica, que apenas considera como parte da economia aquelas atividades que geram recursos monetários, ou seja, apenas as que têm relação com o mercado. Dessa forma, boa parte das atividades que ficam sob responsabilidade das mulheres são invisibilizadas ou desconsideradas por essa perspectiva da economia, centrada na lógica mercantil. Para um olhar contra-hegemônico sobre a economia, que permita dar visibilidade ao conjunto de atividades protagonizadas pelas mulheres na sociedade, dialogamos com as reflexões propostas pelas economistas feministas. Estas afirmam que a noção de economia deve incorporar todas as atividades necessárias para a sustentabilidade da vida humana.

Os dados revelaram a importante produção das mulheres para a venda e o autoconsumo, bem como para a troca com a vizinhança e as doações para escolas, festas comunitárias, atividades religiosas, entre outros. A prática de doação e troca é essencial para o fortalecimento do tecido social dos territórios e, como pontua Cristina Carrasco (2013), promove um deslocamento do eixo e do objetivo social e econômico e provoca mudanças de paradigmas e, conseqüentemente, cria uma nova lógica econômica em desafio à economia capitalista que agora, mais do que nunca, precisa compreender que tal prática emerge das formas de relações que construímos, e não o contrário, como tenta fazer crer o capital financeiro que de tudo se apropria.

Mesmo com algumas limitações e dificuldades de manter a anotação das cadernetas, as mulheres se mostraram impressionadas com os resultados e motivadas com o exercício da anotação, a partir de uma nova visão adquirida sobre sua produção. A partir da pesquisa, concluímos que as Cadernetas Agroecológicas lançam luz sobre as atividades não monetárias realizadas pelas mulheres (como o consumo, a doação e a troca), considerando-as nas análises econômicas, ao mesmo tempo em que traz a reflexão para as mulheres agricultoras sobre sua produção e sobre o valor e a importância dela, permitindo mudanças no planejamento da produção e trazendo visibilidade, “empoderamento” e autonomia para as mulheres que usaram o instrumento.

A partir disso, podemos afirmar que as atividades realizadas para o autoconsumo e o conjunto de atividades realizadas para a reprodução da vida, como o trabalho doméstico e de cuidados, também devem ser considerados como parte fundamental da economia das famílias agricultoras.

Segundo as equipes técnicas dos projetos, a sistematização das Cadernetas Agroecológicas tem ajudado a refletir sobre a produção e o trabalho das mulheres na agricultura familiar, sobre os tipos de produtos que elas produzem e o significado dessa produção para a ATER. Os dados sistematizados das Cadernetas apontam os desafios da produção; a importância do que é trocado e doado pelas mulheres, alimentando as relações de solidariedade nas comunidades; a importância da produção para o autoconsumo na manutenção da segurança alimentar e nutricional das famílias; a diversidade da composição da renda gerada pelas mulheres; e ainda traz visibilidade ao trabalho desenvolvido por elas.

A reflexão coletiva sobre os dados possibilita questionar o papel subordinado ao qual as mulheres da agricultura familiar estão submetidas e demonstra a importância de uma ATER inclusiva e comprometida com a realidade das mulheres para gerar impactos positivos na renda e na segurança alimentar das famílias.

As Cadernetas promovem a inclusão da produção cotidiana das mulheres na análise econômica da produção familiar e revela uma renda que antes estava invisibilizada, mas que é fundamental para a produção de alimentos e para a manutenção das famílias no campo. Ao incorporar as Cadernetas Agroecológicas, geramos elementos para a reflexão sobre o trabalho das mulheres e para orientar como a ATER deve atender as mulheres para alcançar os objetivos de melhoria da renda e qualidade de vida das famílias rurais por meio do aperfeiçoamento dos sistemas de produção; dos mecanismos de acesso aos mercados, ao crédito e financiamento; dos serviços; e da renda de forma sustentável.

A metodologia das Cadernetas Agroecológicas contribui para revelar que as mulheres produzem de forma resiliente, saudável e com respeito à vida, sendo muito menos dependentes de recursos externos, construindo sistemas muito mais sustentáveis que os sistemas convencionais.

Trazer luz à produção dos quintais torna possível comparar os rendimentos dos diversos subsistemas da unidade familiar e incorporar algumas estratégias adotadas pelas mulheres, em todo o sistema de produção familiar. Os dados de produção dos quintais possibilitam ainda criar justificativas para futuros projetos para os territórios, centrados na produção dos quintais, na segurança alimentar e no autoconsumo.

Os resultados do uso da metodologia das Cadernetas mostram, de forma prática, a relevância dos projetos incluírem ações que incentivem as relações de igualdade de gênero, fortalecendo as mulheres e sua contribuição na renda familiar, como também o reconhecimento delas como sujeitos políticos e econômicos.

Há uma percepção de que a sistematização das Cadernetas Agroecológicas possibilita o reconhecimento e a visibilidade do trabalho das mulheres, mas também contribui para trazer o debate sobre as questões de gênero para as organizações, apontando a necessidade de trabalhar com profundidade alguns temas importantes para qualificar o trabalho desenvolvido com as mulheres agricultoras, como a divisão sexual do trabalho, as desigualdades de gênero na agricultura familiar, a violência doméstica, ATER para mulheres, entre outros.

A metodologia das Cadernetas Agroecológicas está permitindo monitorar a produção das mulheres de forma simples e fácil, trazendo dados que podem ser inter cruzados com as ações de ATER. Essa metodologia pode contribuir para a revisão dos sistemas de monitoramento dos projetos, aproximando os indicadores econômicos dos indicadores sociais, incluindo os dados da contribuição econômica das mulheres para além da produção anual, das produções de lavouras, animal e para os mercados convencionais.

A metodologia tem proporcionado que as mulheres agricultoras se encontrem nas comunidades ou em oficinas para trocar experiências, relatar o que está acontecendo com elas, ouvir umas às outras e chegarem juntas à solução de problemas, trazendo autonomia para elas e, algumas vezes, prescindindo do papel das técnicas de propor soluções para todos os problemas.

O processo de formação, indispensável na metodologia proposta, quando bem executado, contínuo e envolvendo tanto equipes técnicas quanto agricultoras, fortaleceu a sistematização das Cadernetas Agroecológicas e possibilitou que as agricultoras entendessem o preenchimento das Cadernetas como parte desse processo de formação.



Sou encantada com aquilo que eu produzo ao redor da minha casa, quando boto na Caderneta aquilo vai ficar registrado, algo que não vai ficar só na memória. Também é uma forma de está partilhando com os outros, porque eu passei a ver o que eu produzo com outro olhar, aquele olhar de valorização mesmo, pois é muito importante, o pouco que produza é muito valioso e é o fortalecimento da agricultura familiar pela mão das mulheres. A gente que defende a agroecologia, que quer ter um mundo melhor, cada instrumento desse nos ajuda a crescer, a produzir melhor, nos ajuda a mostrar para outras mulheres como é bom produzir o próprio alimento, esta Caderneta é um instrumento muito bom. Para mobilizar, e animar, outras agricultoras eu partilho as fotos da produção nos grupos virtuais e também pequenos vídeos apresentando os resultados obtidos ao redor de casa. Com isso estimulo as demais mulheres a produzir e compartilhar os resultados que estão conseguindo fortalecer a cadeia produtiva da caprinocultura, por meio da Associação De Lideranças, Organizações de Agricultores e Agricultoras Familiares do Cariri Paraibano – CASACO, organização liderada por mulheres agricultoras e criadoras.”

Francineide Barbosa de Oliveira, 45 anos, chefe de família a muito tempo, mora com duas filhas, uma neta e um neto, comunidade Lagoa de Jucá, município de Alcantil, Cariri Oriental.

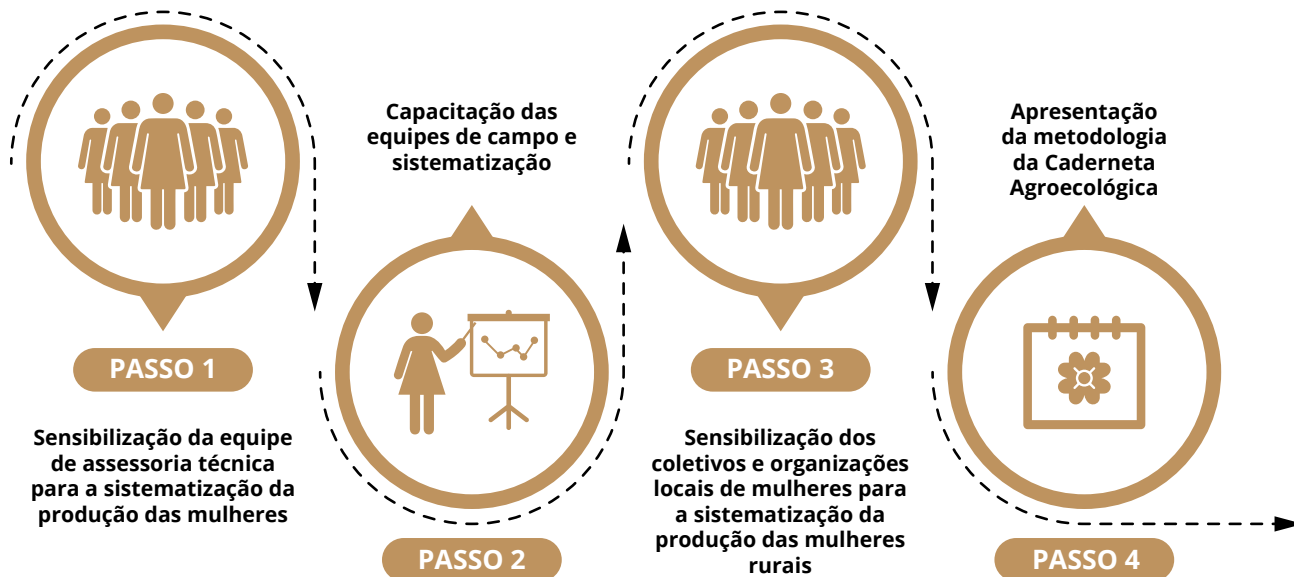
Projeto Procace.

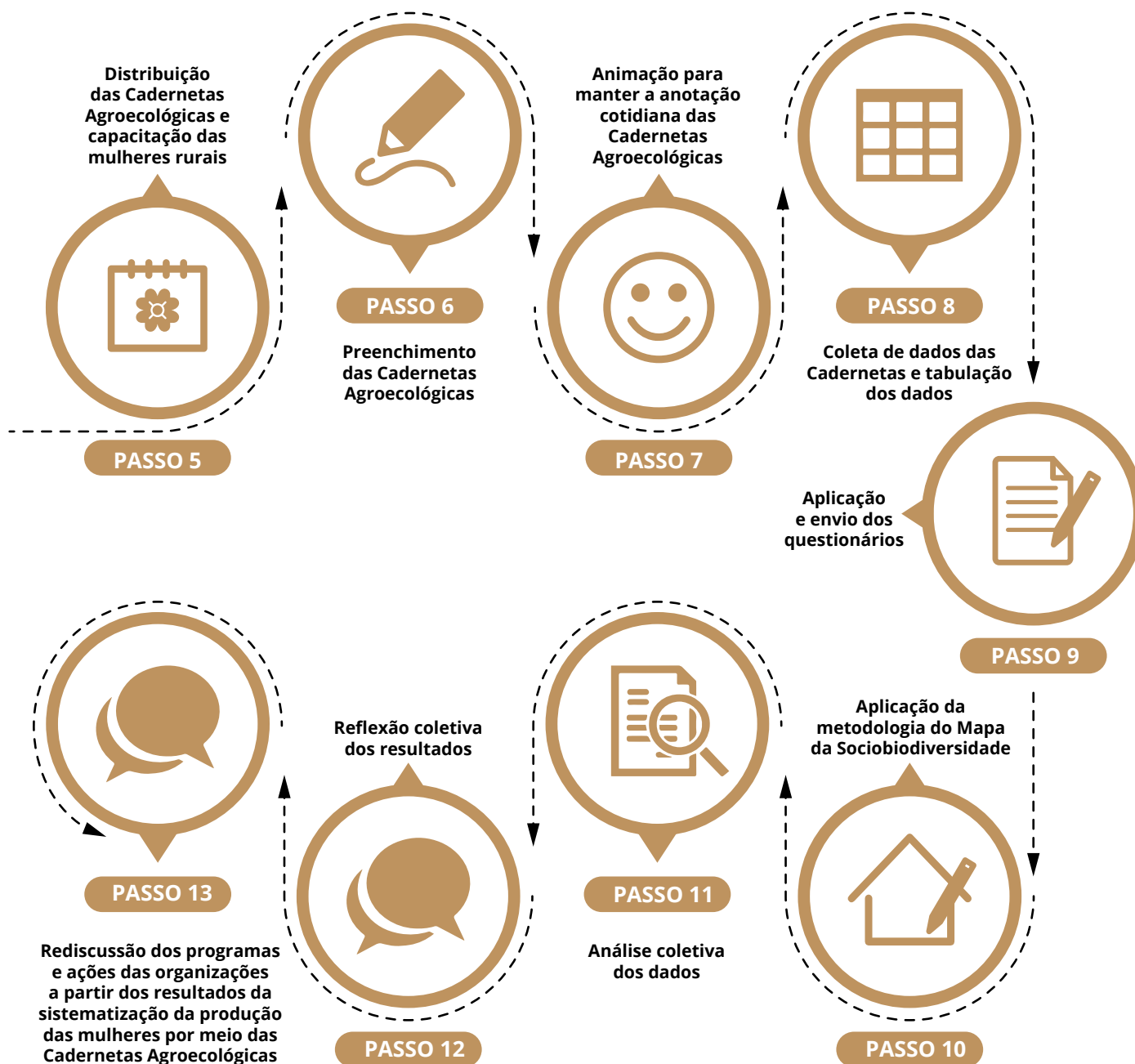


02 Guia metodológico

uma contribuição para todas as pessoas envolvidas no projeto

O Guia Metodológico das Cadernetas Agroecológicas foi elaborado em parceria com o Programa Semear Internacional e contém o passo a passo da metodologia. O Guia contribui no entendimento comum de todas(os) as(os) técnicas(os) envolvidos no projeto, de quais são as etapas a serem seguidas para a pesquisa, com detalhamento da metodologia a ser adotada. Não se propõe uma receita única a ser seguida por todas as equipes, havendo liberdade para os projetos incluírem outros passos a partir das distintas vivências e realidades encontradas no território da pesquisa. O mais importante foi a compreensão de que é um processo que envolve diversos sujeitos, com tempos e papéis distintos.





Passo 1 – Sensibilização da equipe de assessoria técnica para a sistematização da produção das mulheres agricultoras

Sensibilizar sobre a importância de sistematizar e visibilizar a contribuição das mulheres rurais para a reprodução dos agroecossistemas e para a agroecologia no Nordeste brasileiro. Nesta etapa são realizadas oficinas, grupos de estudos, reuniões etc. É necessário entender e se aproximar de todos os temas que envolvem as CAs, antes de qualquer passo de formação.

Passo 2 – Capacitação das equipes de campo e sistematização

É o nivelamento de informações sobre como as Cadernetas Agroecológicas devem ser utilizadas pelas mulheres e como aplicar os demais instrumentos de sistematização que serão utilizados. Nesta etapa são realizadas oficinas de capacitação envolvendo as equipes dos projetos e mulheres líderes nos territórios, possibilitando assim uma primeira aproximação com o instrumento.

Passo 3 – Sensibilização dos coletivos e organizações locais de mulheres para a sistematização da produção das mulheres rurais

Mobilizar os grupos e apresentar para mulheres agricultoras, grupos produtivos, associações, sindicatos e movimentos sociais a proposta do projeto, esclarecendo sobre a importância da aplicação das Cadernetas Agroecológicas para a vida das mulheres, o trabalho das organizações de assessoria técnica e o fortalecimento das ações no território; e de ajudar a formar redes locais/territoriais animadas em torno da temática de Gênero, Feminismo, Economia Feminista e Agroecologia, criando um grupo animador do processo.

Passo 4 – Apresentação da metodologia da Caderneta Agroecológica

Apresentar a proposta de sistematização e definir, com a participação das mulheres agricultoras, a estratégia de distribuição das cadernetas (por comunidades, territórios, municípios, grupos e

associações de mulheres) e a quantidade de Cadernetas que serão sistematizadas pela organização local.

Passo 5 – Distribuição das Cadernetas Agroecológicas e capacitação das mulheres rurais

A capacitação, aqui, é para que as mulheres aprendam como usar a caderneta, como atribuir preço aos produtos e como realizar o somatório dos valores, muitas vezes necessitando de apoio da assessoria ou liderança local, que deve ser planejado nesse momento.

Passo 6 – Preenchimento das Cadernetas Agroecológicas

As Cadernetas devem ser preenchidas pelas próprias mulheres agricultoras. O ideal é que preencham as Cadernetas pelo período de um ano para ter dimensão de toda a produção das mulheres. Caso necessitem de apoio, outros membros da família (com prioridade às filhas) ou a assessora podem ajudar. As Cadernetas devem ser preenchidas, de preferência, todos os dias, assim os detalhes da produção não serão esquecidos.

Passo 7 – Animação para manter a anotação cotidiana das Cadernetas Agroecológicas

Sugerem-se visitas técnicas ou oficinas de mulheres da mesma comunidade ou coletivo, com o objetivo de levantar as dificuldades que as mulheres estão enfrentando, como estão resolvendo os problemas e dúvidas e se necessitam de algum outro apoio, que pode vir das assessoras ou das outras mulheres envolvidas no entorno. Nesse processo de animação, é importante estimular alguma reflexão por parte delas a partir dos resultados parciais.

Passo 8 – Coleta de dados das Cadernetas e tabulação dos dados

A tabulação dos dados é feita pelas(os) técnicas(os) dos projetos numa planilha e encaminhada para a equipe de sistematização. Deve-se atentar para a padronização de unidades de medidas, pois há uma diversidade enorme dessas unidades utilizadas pelas agricultoras, convertendo-as em unidades de medida universais (quilo, litro, unidade).

Passo 9 – Aplicação e envio dos questionários

O questionário tem por objetivo conhecer o perfil socioeconômico e de participação política das mulheres rurais. O questionário deve ser aplicado à mulher agricultora. As perguntas devem ser respondidas unicamente por elas para garantirmos a visão das mulheres nas respostas.

Passo 10 – Aplicação da metodologia do Mapa da Sociobiodiversidade

Propõe-se como metodologia complementar às Cadernetas a realização do Mapa da Sociobiodiversidade, com o objetivo de conhecer o agroecossistema familiar, a divisão sexual do trabalho e o lugar de trabalho e autonomia das mulheres rurais.

As mulheres rurais devem fazer um desenho ou mapa da sua propriedade o mais detalhado possível. Com a ajuda do mapa, marcando-se onde homens e mulheres protagonizam o trabalho, espera-se que elas identifiquem todos os lugares de produção onde elas são protagonistas e os produtos vindos destes lugares para consumo, doação, troca ou venda.

Passo 11 – Análise coletiva dos dados

A partir da sistematização dos dados obtidos pela pesquisa, juntando os três instrumentos de coletas de dados (as Cadernetas, os Questionários e os Mapas), haverá uma primeira aproximação da realidade. Nesse momento é fundamental que todas as mulheres

participantes, a equipe técnica e os parceiros locais estejam presentes para validar os dados, fazer ajustes, correções etc.

Passo 12 – Reflexão coletiva dos resultados

Aqui é importante considerar que essa pesquisa pretende provocar mudanças positivas para as mulheres agricultoras, por isso deve-se refletir em que medida esses dados ajudam a repensar as práticas de assessoria técnica na obtenção da segurança alimentar e nutricional das famílias e na problematização da divisão sexual do trabalho. Os dados permitem olhar o território de forma distinta e construir novas estratégias para seu desenvolvimento.

Passo 13 – Rediscussão dos programas e ações das organizações a partir dos resultados da sistematização da produção das mulheres por meio das Cadernetas Agroecológicas

Como objetivo final do processo, a partir das análises e reflexões coletivas dos dados, deve-se buscar reverter as discussões para dentro das organizações participantes e dos coletivos envolvidos, refletindo institucionalmente como esse processo de pesquisa nos ajuda a repensar nossas ações de forma institucional. As metodologias e abordagens institucionais adotadas estão permitindo incorporar efetivamente a promoção da igualdade de gênero nas ações? Há alguma estratégia da organização local para aumentar a autonomia das mulheres e reduzir as desigualdades de gênero? É um exercício de autorreflexão conjunta.



<http://portalsemear.org.br/publicacoes>



<http://portalsemear.org.br/videos>

“



Meu desafio, é porque eu não tenho leitura. Depois dessa caderneta, eu passei a cuidar melhor dos meus canteiros, porque quando eu comecei a vender, eu sei o que entrou de dinheiro, eu vendo cheiro verde, cenoura, tomate cereja. Pra mim, a partir dessa caderneta foi que passei a cuidar melhor. Estou muito feliz de ter entrado nesse projeto, eu já até meu nome já sei fazer e já tô aprendendo a anotar minhas coisas tudo direitinho, eu não anoto muito bem, mas como eu anoto minhas coisas na caderneta, então eu faço do meu jeito. Olha, na primeira reunião da caderneta, eu ainda tava tomando remédio controlado. E depois desse projeto, eu parei de tomar os remédios, porque eu tirei toda besteira da cabeça. Porque agora eu fico cuidando de uma coisa cuido doutra. Aí por exemplo, quando passa o dia, eu me sento no alpendre, pego a caderneta e vou anotar tudo que eu consumi naquele dia, tudo que entrou, que saiu, que eu doeï, que eu vendi, que troquei. Graças a Deus foi muito bom pra mim.”

Maria do Socorro Gomes de Lima, 54 anos Serra do Cipó – Parambu, Ceará.

Projeto Paulo Freire.



03 As Cadernetas Agroecológicas

e a contribuição econômica das agricultoras do semiárido nordestino

Nesta publicação, foram tabuladas 879 Cadernetas Agroecológicas e 642 Questionários Sócioeconômicos. Isso se deu porque alguns questionários não foram aplicados ou não foram enviados à equipe de sistematização, ou, ainda, pelo fato de algumas agricultoras terem registrado apenas um mês de anotações nas cadernetas, por exemplo. Consideradas essas questões, ao todo foi possível construir um perfil socioeconômico e demográfico, por meio de análises estatísticas, das 642 agricultoras do semiárido que estão sendo acompanhadas pelos projetos, como se pode ver a partir daqui.

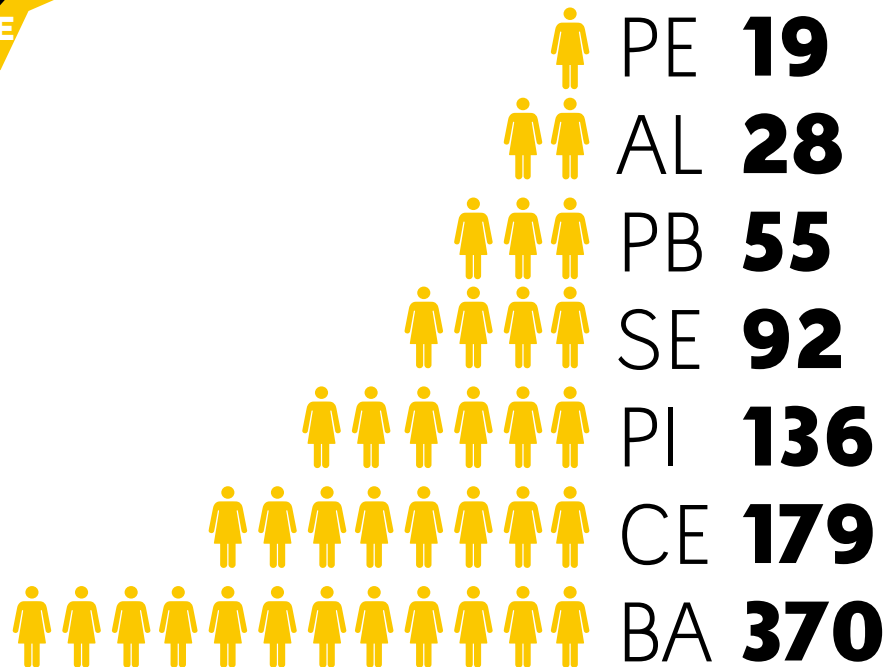
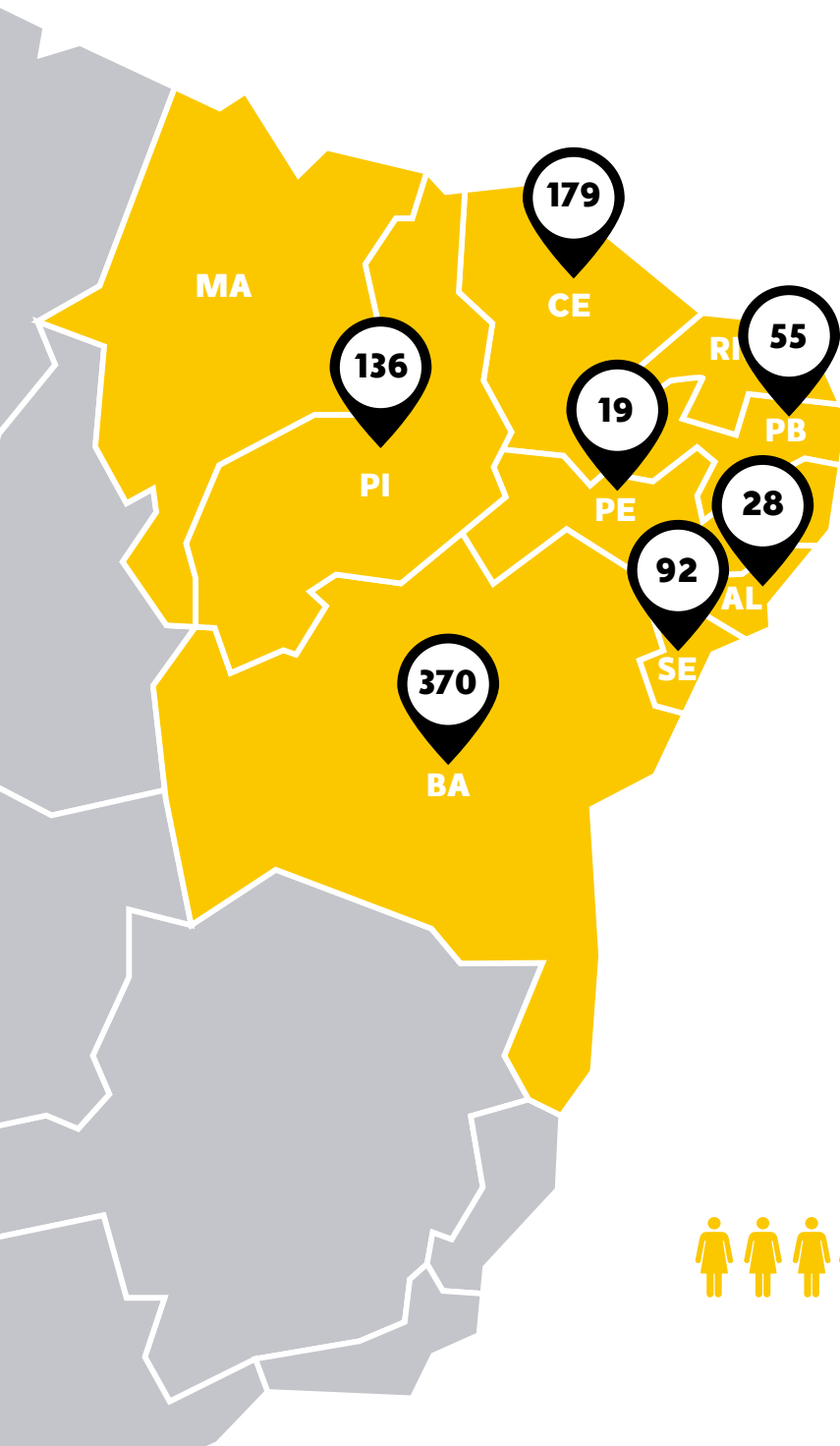
A Bahia (Projeto Pró-Semiárido – PSA) é o estado com mais cadernetas, 42% do total. As demais cadernetas estão distribuídas entre os outros estados e projetos da seguinte maneira: 6% (Procasa), 9% (Dom Helder), 10% (Dom Távora), 15% (PVSA) e 16% (Paulo Freire).

Tabela 1. Número de agricultoras que realizaram as anotações nas Cadernetas Agroecológicas, por comunidade, município, estado e Projeto

Projeto	UF	Município	Comunidade/ Assentamento	Número de agricultoras
PDHC II	AL	17	22	28
PDHC II	CE	4	17	34
PDHC II	PE	11	17	19
Dom Távora	SE	8	12	92
Procasa	PB	11	15	55
Paulo Freire	CE	19	85	145
PSA	BA	31	217	370
PVSA	PI	10	30	136
		111	415	879

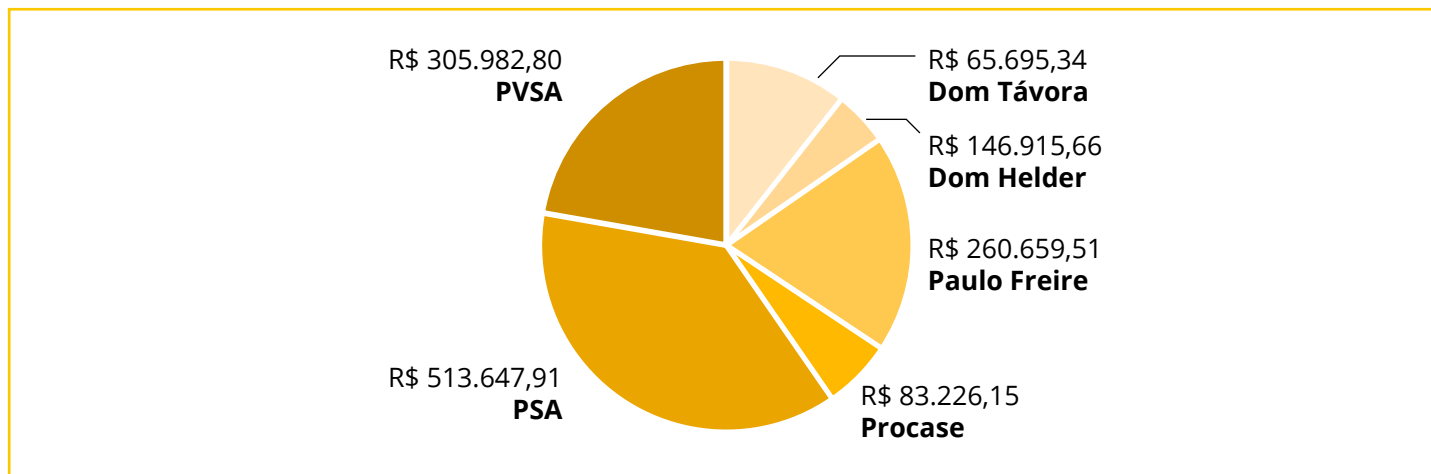
Encontre no anexo 1 a lista completa das comunidades, municípios e estados.

Número de agricultoras que realizaram as anotações nas Cadernetas Agroecológicas



Agregando-se o valor associado a cada uma das anotações nas Cadernetas Agroecológicas, obtém-se o valor total produzido pelas 879 agricultoras ao longo dos seis meses, equivalente a R\$ 1.376.127,39. O Gráfico 1 ilustra a distribuição do montante total de produção entre os projetos:

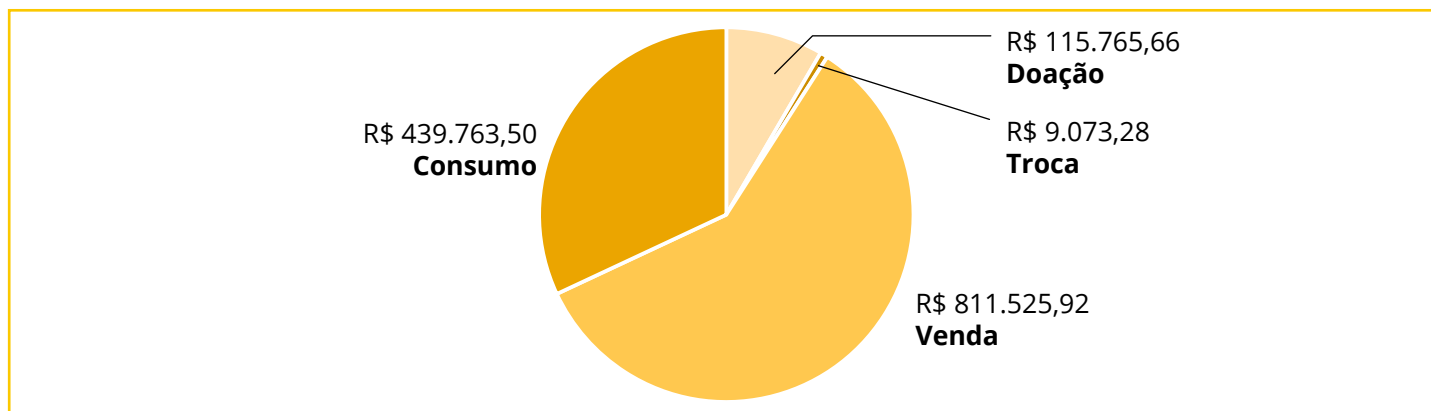
Gráfico 1. Valor total em reais da produção por projeto entre os meses de agosto de 2019 a fevereiro de 2020



O Gráfico 1 mostra que o Projeto Pró-Semiárido é o projeto com maior valor de produção, que corresponde a mais de 510 mil Reais, ou seja, aproximadamente 37% do total. Isso faz sentido, considerando que o projeto possui o maior número de cadernetas acompanhadas em relação aos demais. Os valores apresentados correspondem a toda a produção reportada pelas agricultoras, que é dividida entre quatro tipos de relação socioeconômica: consumo, doação, troca ou venda.

O Gráfico 2 ilustra a distribuição da produção das agricultoras entre as relações socioeconômicas mencionadas:

Gráfico 2. Valor total em reais da produção por relação econômica entre os meses de agosto de 2019 a fevereiro de 2020





A caderneta tem muita serventia pra mim e tem me ajudado bastante na organização do sítio, principalmente no controle dos gastos, o que a gente não tinha. Antes gastava mais e não via o lucro. Hoje, com tudo anotado, é possível fazermos uma análise de tudo que gastamos e ainda dá pra fazer uma poupança e guardar para reinvestirmos.”

Camila Gonzaga, agricultora do município de Água Branca/AL.

Projeto Dom Helder Camera II – Estado de Alagoas.

As relações de consumo, doação e troca são consideradas como não monetárias, porque não envolvem nenhuma transação financeira e, por este motivo, são invisibilizadas nas análises econômicas ortodoxas. Desse modo, a riqueza não monetária produzida pelas mulheres, a partir de uma enorme quantidade de trabalho realizado, é simplesmente desconsiderada na economia.

Apenas o valor relacionado à venda da produção tem maior visibilidade. No entanto uma parte considerável da produção das agricultoras é representada por produtos com pouco valor agregado, comercializados em pequenas quantidades diariamente. É o que costumamos chamar de miudezas: alguns pés de alface ou outras hortaliças, uma pequena quantidade de ovos, frutas e outros produtos que são vendidos todos os dias.

Por serem pequenos valores movimentados por dia, dificilmente são contabilizados pela família, gerando a sensação de ser uma contribuição irrisória. Por esse motivo, muitas vezes também são desconsiderados como fonte de renda, seja no âmbito familiar ou por gestores públicos e formuladores/as de políticas. E é dessa maneira que o papel econômico das mulheres – neste caso das agricultoras agroecológicas – é invisibilizado na sociedade. Em síntese, conforme afirma Michèle Pujol (1992, p. 3) “a economia tem

desenvolvido uma metodologia que não consegue ‘ver’ o comportamento econômico das mulheres”.

O Gráfico 2 alude a essa situação: a venda corresponde à maior parte do valor produzido – 59%. Essa relação pode ser parcialmente explicada pelo fato de que as agricultoras – e toda a sociedade – acabam valorizando mais a produção para comercialização e anotam, em menor quantidade, a produção econômica resultante do consumo, da doação e da troca.

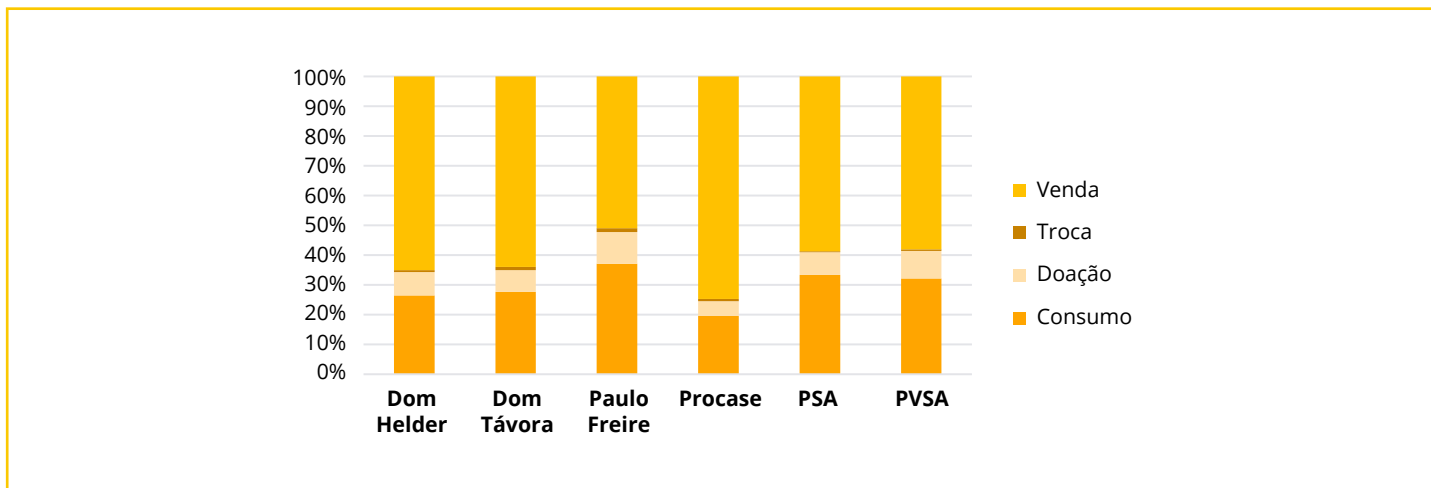
A prática de anotar os produtos vendidos é mais comum na rotina de boa parte das agricultoras, para manter o controle dos fluxos de entrada e saída monetárias na gestão da economia familiar.

Por outro lado, a Caderneta Agroecológica possibilitou desvelar que, de quase R\$ 1,4 milhões produzido pelas agricultoras, mais de R\$ 500 mil ou 41% do valor total da produção corresponde a relações socioeconômicas não monetárias.

Pode-se dizer que, na ausência das anotações na Caderneta, esse valor seria invisível aos olhos da maioria das pessoas. Mesmo sendo extremamente importante para a manutenção da família (consumo) e da comunidade (doação e troca), é muito comum que a produção que não gera compensação financeira seja desconsiderada, e sua importância minimizada.

No Gráfico 3 apresenta-se essa mesma distribuição para cada um dos projetos:

Gráfico 3. Volume total da produção por relação socioeconômica



A comercialização dos produtos é a representação monetária mais expressiva para todos os projetos. A menor proporção é do Projeto Paulo Freire, em que 51% dos registros correspondem à venda dos produtos, seguido do PVSA (58%), PSA (59%), Dom Távora (64%) e Dom Helder (65%). No caso do Procace, 75% do valor da produção foi referente a produtos vendidos, correspondendo à maior proporção entre os projetos.

Na Tabela 1 estão os dados desagregados do Valor Total da Produção por Relações Socioeconômicas por projeto.

Tabela 1. Valor Total da Produção por Relações Socioeconômicas por Projeto

Relação Econômica	Dom Helder	Paulo Freire	Procace	PSA	PVSA	Dom Távora
Doação	R\$ 11.481,05	R\$ 27.914,65	R\$ 4.114,50	R\$ 39.138,05	R\$ 28.289,82	R\$ 4.826,60
Troca	R\$ 967,30	R\$ 3.256,95	R\$ 584,25	R\$ 1.927,78	R\$ 1.654,00	R\$ 683,00
Venda	R\$ 95.601,31	R\$ 132.876,60	R\$ 62.224,35	R\$ 301.287,41	R\$ 177.478,39	R\$ 42.057,87
Consumo	R\$ 38.866,00	R\$ 96.611,31	R\$ 16.303,05	R\$ 171.294,67	R\$ 98.560,60	R\$ 18.127,88
Total	R\$ 146.915,66	R\$ 260.659,51	R\$ 83.226,15	R\$ 513.647,91	R\$ 305.982,81	R\$ 65.695,35

A Tabela 2 apresenta o Valor Total da Produção por Relações Socioeconômicas desagregadas por Estado para o Projeto Dom Helder Câmara II, que neste projeto foi composto por mulheres de três estados diferentes.

Tabela 2. Valor total da produção por relações socioeconômicas do Projeto Dom Helder Câmara II por estado

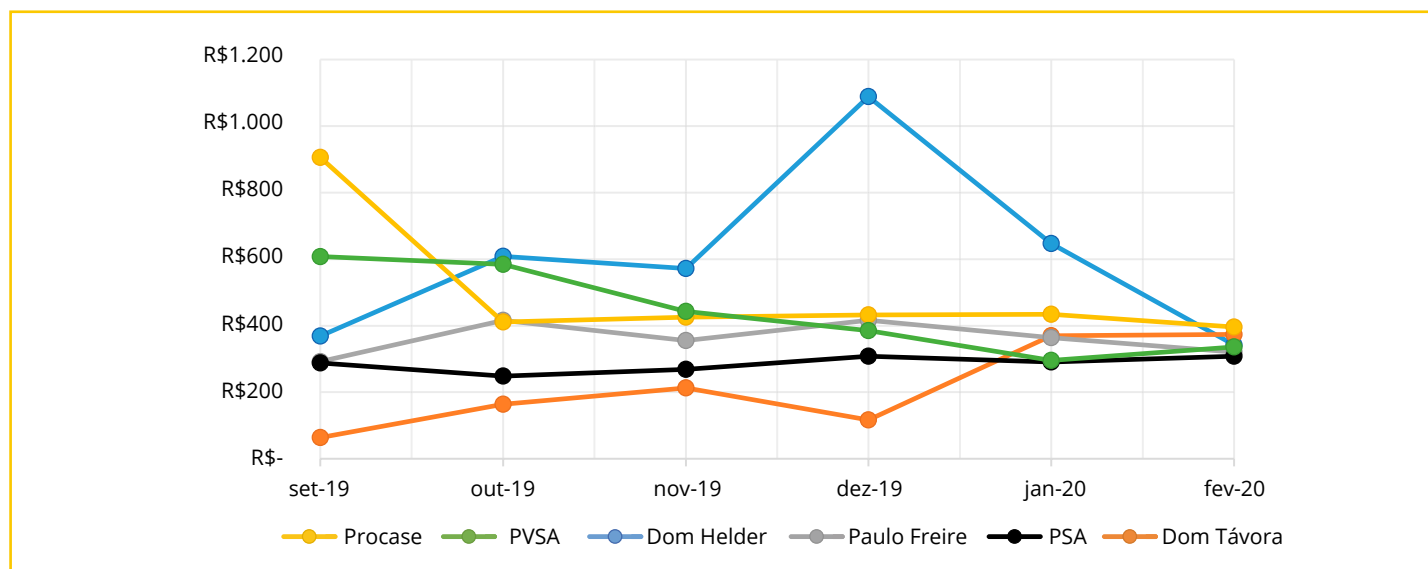
Relação econômica	AL	CE	PE
Doação	R\$ 3.719,35	R\$ 6.082,50	R\$ 1.679,20
Troca	R\$ 394,50	R\$ 188,80	R\$ 384,00
Venda	R\$ 26.124,86	R\$ 41.380,95	R\$ 28.095,50
Consumo	R\$ 3.824,25	R\$ 20.813,05	R\$ 14.228,70
Total	R\$ 34.062,96	R\$ 68.465,30	R\$ 44.387,40

Encontre no Anexo 2 a lista completa da produção por relações socioeconômicas separada por projeto.

Nota-se que a distribuição das relações não monetárias foi semelhante em todos os projetos, sendo que, destes, o consumo foi o mais reportado, seguido de doação e, por último, troca.

A média mensal se constitui como uma importante estatística sumária das informações das cadernetas, pois permite aproximar o quanto, em média, a agricultora contribui para o domicílio e para a comunidade a partir de seu trabalho. Embora esteja representado em termos monetários, o valor mensal médio da produção por agricultora agrega o dinheiro advindo da comercialização e a quantia que a família deixa de gastar como resultado da produção da agricultora.

O Gráfico 4 mostra o valor médio mensal da produção em cada projeto e apresenta uma análise comparativa entre os projetos.

Gráfico 4. Valor mensal médio da produção por agricultora por projeto

O Gráfico 4 mostra que, ao longo dos meses analisados, houve uma convergência do valor médio de produção associados aos projetos para o patamar de R\$ 350,00 mensais.

Antes disso, cada projeto apresentou oscilações, algumas explicadas por valores atípicos, como é o caso do Procace em setembro (R\$ 905,54) e do Dom Helder em dezembro (R\$ 1.088,45), outras por variações no número de agricultoras acompanhadas, como no caso do Dom Távora. Neste, o aumento expressivo do número de agricultoras acompanhadas – cuja produção é sistematicamente maior do que as agricultoras assessoradas até dezembro – trouxe consigo um aumento da média geral nos meses seguintes.

Em outros projetos, como o PSA e o Paulo Freire, a média mensal oscilou muito pouco, ficando entre R\$ 287,73 e R\$ 335,97. É interessante notar que esses são os dois maiores projetos em número de agricultoras acompanhadas, sendo que elas somam 515 ou 59% do total de mulheres. Por esse motivo, faz sentido que as médias sejam mais estáveis.

Para possibilitar análises desagregadas, os dados do Valor Mensal Médio da Produção por Agricultora, referentes a cada Projeto, estão apresentados na Tabela 3.

Tabela 3. Valor Mensal Médio da Produção por Agricultora por Projeto

Mês	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	Procace	PSA	PVSA	Total Geral
set-19	R\$ 369,08	R\$ 63,63	R\$ 292,19	R\$ 905,84	R\$ 287,73	R\$ 607,89	R\$ 385,58
out-19	R\$ 608,69	R\$ 163,60	R\$ 415,59	R\$ 410,80	R\$ 248,34	R\$ 584,79	R\$ 375,47
nov-19	R\$ 571,72	R\$ 212,75	R\$ 354,81	R\$ 425,07	R\$ 268,55	R\$ 442,73	R\$ 349,16
dez-19	R\$ 1.088,45	R\$ 116,15	R\$ 416,31	R\$ 432,42	R\$ 308,00	R\$ 384,84	R\$ 366,34
jan-20	R\$ 646,80	R\$ 370,05	R\$ 364,15	R\$ 434,32	R\$ 290,44	R\$ 295,59	R\$ 348,20
fev-20	R\$ 342,23	R\$ 373,78	R\$ 320,63	R\$ 395,97	R\$ 308,19	R\$ 335,97	R\$ 328,41

Esse conjunto de dados mostra que as agricultoras protagonizam processos econômicos, ocupando-se de uma enorme quantidade de atividades. Produzem para o autoconsumo, realizam doações e trocas de sua produção e, ao mesmo tempo, buscam qualificar sua capacidade de organização produtiva e sua inserção em mercados. Protagonizam, portanto, uma intensa vida econômica, desconsiderada e desconhecida pelo senso comum, por agentes de Estado e formuladores/as de políticas públicas.

O uso das Cadernetas Agroecológicas como instrumento político e pedagógico da assessoria técnica, apoiado pelo Programa Semear Internacional, possibilitou desvelar essa densa contribuição econômica das agricultoras, tendo a economia feminista como lente analítica do trabalho protagonizado por elas. No entanto boa parte das atividades realizadas pelas agricultoras não são convertidas em transações financeiras e, por este motivo, são ocultadas das análises econômicas.

Desse modo, afirma-se que as estratégias de enfrentamento à pobreza no meio rural, como as executadas pelo FIDA, precisam incorporar ações afirmativas para a superação das desigualdades de gênero, especialmente para a construção da autonomia pessoal, política e econômica das mulheres. Ademais, devem reconhecer o papel econômico protagonizado pelas agricultoras, contribuindo assim para dar visibilidade à enorme quantidade de trabalho e riquezas produzidos por elas, ainda negligenciados pelo Estado e pela sociedade.



“



A caderneta começou a fazer parte da minha vida e da minha família a partir do projeto Pró-Semiárido, com reuniões para discutir sobre a participação da mulher na produção. E, a partir daí vem vindo o incentivo. A cada reunião tinha uma discussão interessante e aí veio pra gente fazer um desenho de um mapa com o que a gente tinha no quintal e quando eu fui colocar eu imaginava que eu não tinha muita coisa, quando eu coloquei no papel eram inúmeras as coisas que eu tinha no meu quintal, então isso foi começando a chamar a minha atenção a me puxar para que eu viesse para a realidade e fizesse as minhas notas. E que aquilo era uma coisa interessante que eu não tinha descoberto, o tanto de coisa que eu tinha no meu quintal e não percebia. Então a caderneta e o mapa vieram sim para incentivar produção da família. As pessoas que estão nos acompanhando neste projeto, elas nos incentivam e nos dão força. Que é importante a gente ver o que a gente faz, o que a gente produz no nosso quintal. A caderneta mudou muita coisa e a partir daí eu fui percebendo que era importante anotar um detalhe dali, um detalhe de acolá que tudo fazia a diferença. Eu comecei a enxergar também que o que eu produzia fazia diferença. Eu não chegava a feira pra comprar o pimentão porque eu tinha no meu quintal... o ovo, todos os dias tinha aquele momento glorioso de ir no galinheiro pegar o ovo. Então isso mudou muito a minha vida, a caderneta veio para orientar as pessoas que estão neste projeto e nos fortalece, assim quando a gente está muito estressada, agoniada aquilo ali nos deixa viva... traz felicidade, né! Sem falar que na hora que quando a gente está fazendo alguma coisa as crianças chegam ajuda e isso é muito gratificante.”

Edvania de Jesus Andrade, 38 anos.

Assentamento Novo Paraíso, Bahia – Projeto Pró Semiárido.



04 A contribuição das Cadernetas Agroecológicas

na promoção da segurança alimentar e nutricional no semiárido nordestino

Este capítulo busca incitar uma reflexão crítica sobre as práticas de consumo, venda, troca e doação de alimentos agroecológicos, no intuito de analisar seus impactos sobre a segurança alimentar e nutricional das mulheres agricultoras e suas famílias, com base nos dados extraídos e sistematizados durante o período de implementação das Cadernetas Agroecológicas (agosto 2019 – fevereiro 2020) com 879 mulheres agricultoras em seis projetos apoiados pelo FIDA em sete estados do Nordeste.

Para realizar este exercício, partimos de uma compreensão ampla e englobante de segurança alimentar e nutricional. Ao olhar para os dados que revelam a evolução nas práticas de consumo de alimentos agroecológicos ao longo desse período, nosso entendimento é que a alimentação é mais que a ingestão de nutrientes, uma vez que as escolhas alimentares dependem de fatores culturais e das particularidades de cada contexto sociopolítico. A alimentação adequada e saudável deriva de sistemas agroalimentares socialmente e ambientalmente sustentáveis, que estão em construção dentro das comunidades e dos grupos sociais que representam “os/as beneficiários/as” dos seis projetos apoiados pelo FIDA no Brasil, na região semiárida do Nordeste.

Em um país como Brasil, com grau elevado de sociobiodiversidade, a diversificação das fontes alimentares – especialmente nas categorias classificatórias de frutas, legumes e verduras – é um fator preponderante que favorece a garantia de uma nutrição adequada aos padrões estabelecidos.

As cadernetas agroecológicas conseguiram “jogar luz” naquilo que estava à sombra, mostrando os valores dos alimentos produzidos no espaço do quintal, tanto no que se refere ao processo de prevenção de doenças em função das práticas de autoconsumo, que constituem o que poderíamos nomear de uma espécie de “economia indireta”, quanto no que se diz respeito às práticas de troca e doação, que são outras formas de proporcionar a circulação dos produtos alimentícios e possibilitar uma maior diversificação da dieta alimentar em outras famílias da comunidade local.



As diversas caras dos quintais produtivos

Historicamente, os quintais têm sido protagonizados pelas mulheres rurais e urbanas, sendo vistos como uma mera extensão da “casa”, sem o potencial de gerar benefícios expressivos no plano produtivo, embora sempre tenham sido componentes de uma rede local de abastecimento que garante o autoconsumo e ameniza, de forma incisiva, os impactos da insegurança alimentar e nutricional no âmbito territorial.

Um dos objetivos do uso das cadernetas agroecológicas é justamente dar visibilidade para as múltiplas funções que os quintais vêm desempenhando nas vidas das famílias dentro de um dado território, que abarcam seus aportes dentro do que poderíamos considerar um novo modelo de desenvolvimento agrário, sendo um lócus privilegiado para estreitar vínculos inter e intrapessoais, e gerar aportes monetários e não monetários, além de propagar inovações nas práticas agrícolas e alimentares.



O uso e acompanhamento das Cadernetas na nossa comunidade está ajudando no nosso trabalho. Hoje tenho no meu quintal o cultivo de hortaliças, plantas medicinais e frutíferas como acerola, umbu, seriguela, caju e descobrimos como cultivar até outras. E a gente consegue fazer nossas polpas, sucos e doces deliciosos. Além disso, quando não produzimos, compramos de um amigo ou amiga e é mais uma geraçãozinha de renda pra todas (...) É um projeto maravilhoso e que tem nos fortalecido principalmente nesse momento de pandemia.”

Francisca de Deus, presidenta da associação de São José de Cocos/Ipiranga - Piauí.

Projeto Viva o Semiárido.



Os quintais podem ser compreendidos como espaços que compõem um “sistema” a partir de suas diversas zonas de manejo (PACHECO, 1997), constituindo-se locais de grande diversidade ecológica e de fundamental importância dentro dos Plano de Trabalho dos Projetos apoiados pelo FIDA no Brasil.

VIII

Representam a principal fonte de alimentos para algumas políticas públicas de compras, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o que tem garantido melhoras significativas na qualidade da alimentação fornecida para equipamentos públicos, como escolas, asilos e hospitais.

I

Podem ser considerados espaços privilegiados de sociabilidade que possibilitam a transmissão de conhecimentos tradicionais por meio de práticas de troca e doação de sementes, mudas e alimentos.

II

Representam campos de experimentação para observar a aclimação de novas espécies e para testar a eficácia de técnicas para cultivos e criação animal.

III

Constituem-se “farmácias vivas”, uma vez que a maior parte dos quintais, além de abrigar um amplo leque de alimentos, contém plantas medicinais, muitas das quais são utilizadas nos remédios caseiros (chás, xaropes, tinturas).

IV

São espaços pedagógicos que permitem aprendizados a partir do “saber-fazer”, na lida constante com a natureza, seus ciclos e condições ambientais mutáveis.

V

São lugares que, a partir do contato direto com as plantações, possibilitam um momento de repouso para cada um/a, além de propiciar a convivência social entre familiares e vizinhos de diversas gerações, o que, especialmente para as mulheres, tem sido extremamente importante em função da falta de oportunidades no âmbito comunitário para lazer e descanso.

VII

Tem sido comprovado que, diante das mudanças climáticas, os quintais são sistemas de produção ambientalmente mais sustentáveis e mais resilientes aos efeitos decorrentes.

VI

São sistemas que promovem um processo de inovação no campo agroecológico, pelo fato de depender de fontes de conhecimento e tecnologias locais, em geral compatíveis com as práticas dos grupos sociais.



Aqui está as várias faces dos Quintais produtivos. Elas revelam a multifuncionalidade na vida das comunidades rurais.

No anexo 3 encontra-se a tabela completa com a Lista com a Diversidade da Produção das Agricultoras Agroecológicas.

É preciso enfatizar a importância do consumo de alimentos in natura produzidos de forma local, culturalmente referenciados e de elevado valor nutritivo, como frutas, legumes e verduras, grãos integrais, leguminosas, sementes e castanhas, os quais preservam completamente os nutrientes.

Também, o padrão alimentar enquadrado como saudável pressupõe maior complementariedade entre os grupos alimentares, definidos de acordo com suas características nutricionais ou biológicas. Os grupos alimentares são:

1. Alimentos com alta concentração de carboidratos, como os grãos, pães, massas, tubérculos e raízes;
2. Frutas, legumes e verduras com alto índice de vitaminas e sais minerais; e
3. Os alimentos ricos em proteínas, a maior parte de origem animal, com atenção especial para os cereais integrais, as leguminosas e as sementes e castanhas (BRASIL, 2008).

Uma questão que deve ser considerada nesta reflexão é que estes fatores biológicos e nutricionais precisam ser conjugados com fatores culturais e da sazonalidade. É preciso levar em consideração os alimentos que espontaneamente crescem em determinadas épocas do ano, de acordo com as condições ambientais, como também entender o valor dos alimentos que fazem parte do conjunto de tradições culturais de cada povo.

Além disso, é importante lembrar que os hábitos alimentares devem se tornar um dos marcos constitutivos dos grupos sociais, uma vez que a alimentação representa o patrimônio cultural das comunidades, herdado a partir da transmissão de conhecimentos de geração a geração – processo de transmissão transgeracional no qual as mulheres desempenham papel fundamental.

No caso dos povos e comunidades tradicionais, é essencial levar em consideração os fatores que interferem na identidade étnica e racial, justamente porque as escolhas alimentares constituem representações coletivas de sua tradição, ao mesmo tempo em que seus significados se transformam ante os processos de interação social.

Outra consideração diz respeito à biodiversidade, um princípio primordial de segurança alimentar e nutricional, especialmente no contexto do Brasil, que, de acordo com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, é o país que detém a maior biodiversidade de flora e fauna do planeta. Ainda de acordo com o Instituto, são mais de 103.870 espécies animais e 43.020 espécies vegetais conhecidas pela ciência no território nacional. Estima-se que no Brasil existam pelo menos 312 frutas que constituem espécies nativas, muitas das quais estão nos quintais e pomares das famílias do Semiárido brasileiro. É fundamental destacar que, mesmo diante das condições restritivas vividas em função das flutuações climáticas e da seca, que se prolonga desde 2012, tem sido possível cultivar este amplo leque de espécies, muitas das quais têm se propagado por causa das práticas de doação e troca entre as famílias que habitam o bioma nestes sete estados do Nordeste – Ceará, Bahia, Sergipe, Piauí, Pernambuco, Alagoas e Paraíba.



*De que modo os quintais já se constituem o lócus privilegiado de propagar a sustentabilidade das práticas alimentares e agrícolas – algo que foi revelado nas anotações das mulheres que lideram tais espaços?
De que modo essas mulheres lideram a tomada de decisões sobre o que plantar e o que colher, o que vai para venda nos mercados e o que compõe os pratos da alimentação diária?*



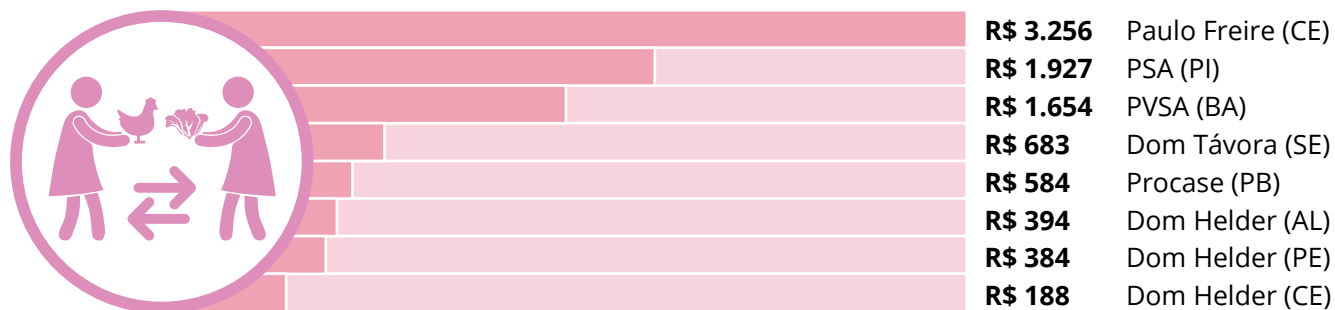
No Nordeste, constata-se uma enorme riqueza das tradições alimentares, refletida nas receitas culinárias que as mulheres que participam dos Projetos apoiados pelo FIDA criam e inovam no seu cotidiano, e que são trocadas entre si, por meio das conversas que transcorrem na vizinhança ou nos encontros, oficinas e “rodas de conversa” que são proporcionados pelas organizações parceiras que prestam serviços de assistência técnica e extensão rural (ATER). Muitas dessas receitas contam com variações dos alimentos, como “mandioca” e seus derivados, ou fazem pleno uso da variedade de frutas encontradas nos quintais e pomares, por meio da fabricação de polpas, geleias e doces.

Muitas formas criativas de aproveitar integralmente os alimentos, de modo que os desperdícios sejam evitados, são reveladas nos depoimentos de cada uma das agricultoras que protagonizam essas práticas agrícolas e alimentares, além de serem presentes no conjunto de informações fornecidas pelos registros feitos nas cadernetas agroecológicas.

A troca de alimentos, sementes e mudas entre as mulheres na comunidade, embora sejam práticas que tendem a ser subnotificadas e, portanto, não chegam a ser anotadas por todas, testemunham o anseio expresso por essas mulheres agricultoras, de “passar para frente” essa riqueza socioambiental nos seus territórios e contribuir para a promoção da segurança alimentar e nutricional. Na medida em que os quintais, em um dado território, sejam repletos de alimentos saudáveis e variados – representando todos os grupos e tipos de alimentos e, também, sendo emblemáticos das tradições culturais – é possível ter condições de alimentar e nutrir, de forma saudável, todas as famílias que moram ali, pensando além das fronteiras e muros que separam as casas para englobar a comunidade local e o território (que abarca comunidades próximas) na íntegra.

No uso das cadernetas com as mulheres dos projetos FIDA no Brasil, foi possível perceber essa cultura de troca e doação conforme mostra o infográfico abaixo, que traz o retrato dos meses de agosto de 2019 a fevereiro de 2020.

Relações socioeconômicas referentes à troca por Projeto/estado



Há uma revolução silenciosa acontecendo nos espaços pelos quais as mulheres agricultoras transitam e disseminam seus conhecimentos, herdados de suas mães e avós. São nos quintais e nos ambientes que os rodeiam – nos quais plantas alimentícias e medicinais são coletadas – que se abre espaço para a sustentabilidade dessas tradições alimentares no futuro. Tradições cultivadas a partir do engajamento das mulheres e de outros membros da família na plantação e colheita, tendo como base os métodos e princípios da agroecologia, que propõe uma visão mais sistêmica da natureza. Inegavelmente, as mulheres desempenham um papel primordial na sustentação da abordagem agroecológica, aproveitando de todos os insumos e recursos que circulam por tais espaços e dos esforços de todos os seres humanos que participam da gestão das terras e dos seus frutos.

“



Minha caderneta agroecológica veio me incentivar a eu plantar a minha horta, para que meu consumo seja desses produtos orgânicos, sem agrotóxicos, que veio me trazer uma criatividade pois eu estou tendo uma alimentação saudável, eu já estou tendo também plantas medicinais e vem me deixando feliz, porque eu estou fazendo aquela coisa que tanto eu desejava. Eu estou realizando um sonho, porque era o meu sonho ter uma cisterna de produção para que eu pudesse ter meus canteiros, para que eu tivesse minhas hortaliças, para que eu tivesse os meus produtos orgânicos para ter minha alimentação boa, mas não só para mim, eu compartilho também as minhas hortas, plantas e frutas com os meus vizinhos, eu vendo, isso para mim está me deixando mais feliz de conseguir uma coisa dessa, e graças a Deus, hoje eu estou com a caderneta nas mãos e realizando meu sonho. A caderneta agroecológica está me ensinando bastante, para que eu possa conseguir ver algo que antes eu não tinha!”

Maria Neide Gomes de Souza, 43 anos, reside no Sítio Proeza, próximo a comunidade de Santa Cruz no Território Rural Construindo um Futuro Melhor, no município de Casa Nova – BA.

Projeto Pró Semiárido.

Olhando para os dados alimentares das cadernetas

Para entender a relação entre o que é produzido e o que é consumido e definir os principais traços dos “hábitos alimentares” das 642 mulheres e seus familiares que fizeram uso das CAs e responderam aos questionários, é preciso utilizar um modelo de sistematização com categorias classificatórias que sejam de fácil manejo e compreensão. O sistema de classificação para a sistematização dos produtos alimentícios nas CAs primeiramente priorizou a divisão de alimentos em grupos, de acordo com sua origem (origem animal x origem vegetal x origem mista).



Hoje vejo o tanto que eu produzo, porque quando eu termino de preencher a ficha do mês eu vejo o tanto que eu consumi, troquei ou vendi. Antes só dava valor às coisas compradas de fora, sendo que a maioria das coisas que consumimos em casa eu tiro do meu quintal.”

Vilma Alves, 58 anos, da comunidade Pau Preto, Parambu, Ceará.

Projeto Paulo Freire.

Também houve a diferenciação dos alimentos classificados de acordo com a finalidade e o tipo de processamento empregado na sua produção, estabelecendo uma distinção entre “alimentos in natura” ou “minimamente processados” e “produtos alimentícios” ultraprocessados⁹.



Uma consideração importante para a análise das práticas de “consumo” de alimentos agroecológicos é que, de modo geral, os alimentos consumidos não foram registrados com a mesma precisão e assiduidade que os alimentos que foram vendidos. O fato de que a maior parte dos valores reportados diz respeito à venda dos produtos seguida dos valores referentes ao consumo, doação e, com menor participação, produtos trocados, nos remete à possibilidade da subnotificação das práticas não monetárias.

⁹ Este modo de classificação dos alimentos se enquadra com as orientações do Ministério da Saúde, que, em 2014, atualizou e publicou o Guia Alimentar Para a População Brasileira (GAPB). Buscando superar uma visão estritamente biologicista, o Guia adota o conceito ampliado de alimentação adequada e saudável (AAS), construído a partir do enfoque intersetorial de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN). Alguns subsídios das orientações do GAPB foram incorporados no processo classificatório que orientou a sistematização dos dados das Cadernetas Agroecológicas. Uma questão explorada mais a fundo no sistema classificatório proposto por GAPB envolve os “graus” de processamento dos alimentos, uma vez que são divididos nas seguintes categorias: (i) minimamente processados; (ii) alimentos processados; e (iii) alimentos ultraprocessados.

Existe de fato um desafio maior para registrar hábitos de consumo (e de doação e troca), em parte porque a prática de anotar os produtos vendidos é mais comum na rotina de algumas agricultoras, que vem construindo mecanismos para controle dos fluxos de entrada e saída de recursos financeiros, no intuito de facilitar a gestão da economia familiar e da economia dos empreendimentos, no caso de projetos produtivos efetivados no plano coletivo.

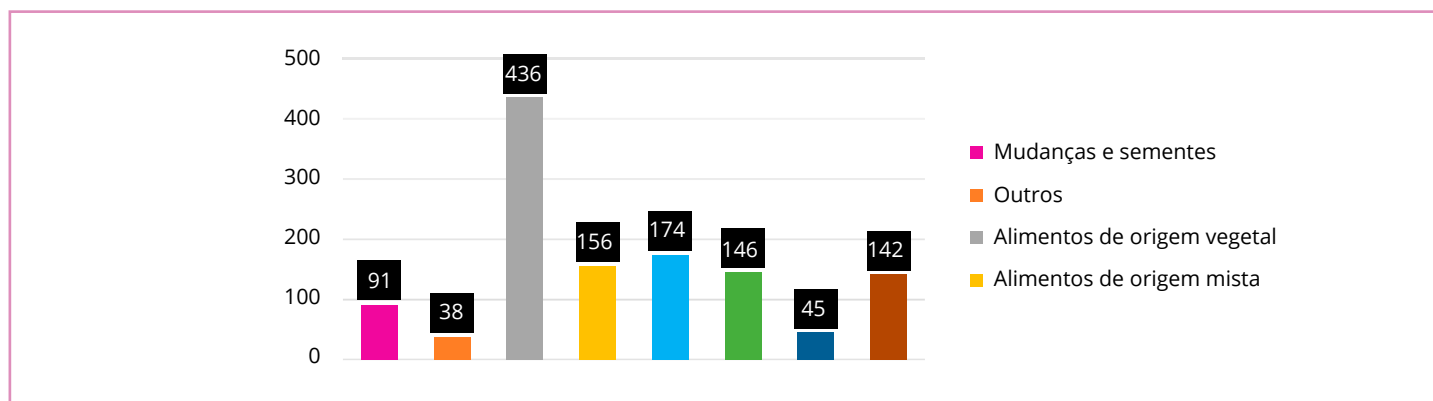
Essa prática de fazer anotações associadas com a venda foi reforçada ainda mais no contexto dos “Planos de Negócio” (PNs) e “Planos de Investimento” (PIs)¹⁰, muitos dos quais exigem mecanismos de planejamento financeiro para fazer as licitações e conseguir o controle dos gastos para prestar contas da forma devida.



Foi registrado o total de 1.228 tipos de produtos, sendo a maior parte alimentos de origem animal e vegetal.

Olhando para as anotações das cadernetas, verifica-se que os alimentos de origem vegetal representam aproximadamente 36% do total, equivalente a 436 diferentes tipos de produtos, seguido por alimentos de origem mista, correspondendo a 18% (156 diferentes tipos de produtos); as plantas e preparos medicinais: 17% (146 diferentes tipos de produtos); e os alimentos de origem animal: 14% (142 diferentes tipos de produtos), como exposto no Gráfico 1.

Gráfico 1. Diversidade de produtos: quantidade sem repetição



¹⁰ Os projetos apoiados pelo FIDA incentivam o fortalecimento das atividades produtivas – como avicultura, ovinocultura, quintais produtivos – por meio de pequenos investimentos em “planos de negócio” ou “planos de investimento”. Esses projetos produtivos são gerenciados de forma coletiva a partir da atuação das associações e visam a consolidar os processos de organização social.

Dentro desse amplo valor, ainda pode-se expandir o olhar e verificar por projeto, conforme os gráficos seguintes.

Gráfico 2. Diversidade de produtos no PDHC II: 269 tipos sem repetição

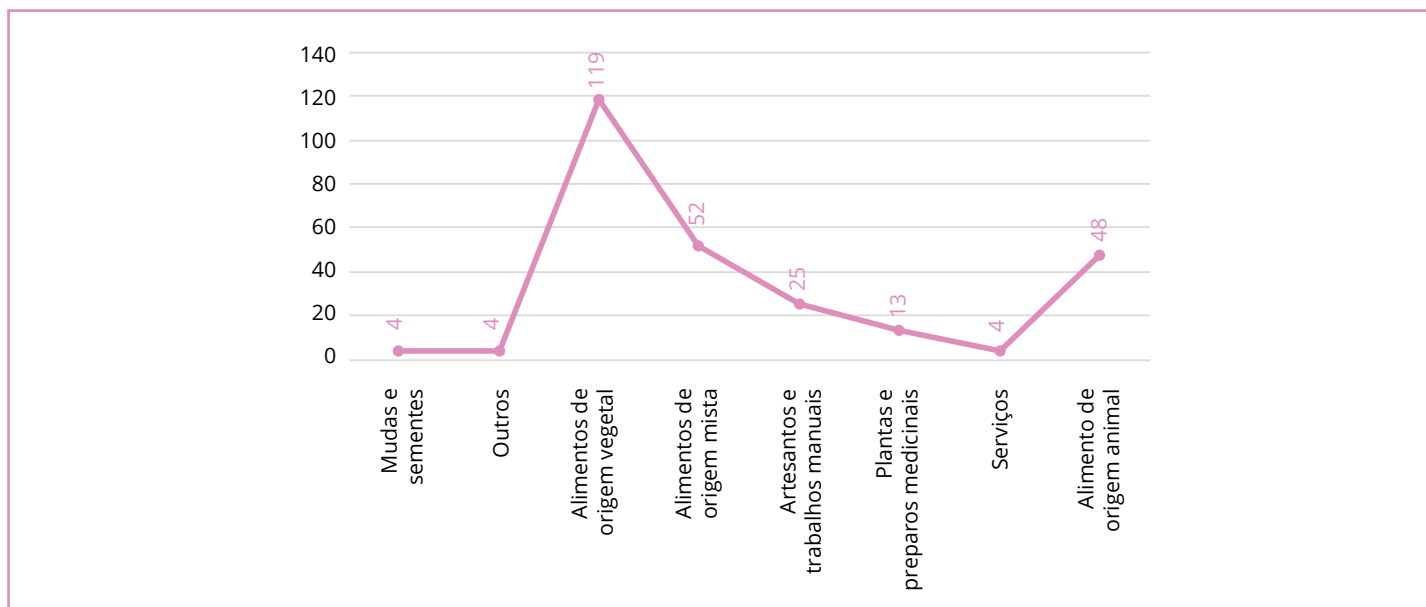


Gráfico 3. Diversidade de produtos no Dom Távora : 205 tipos sem repetição

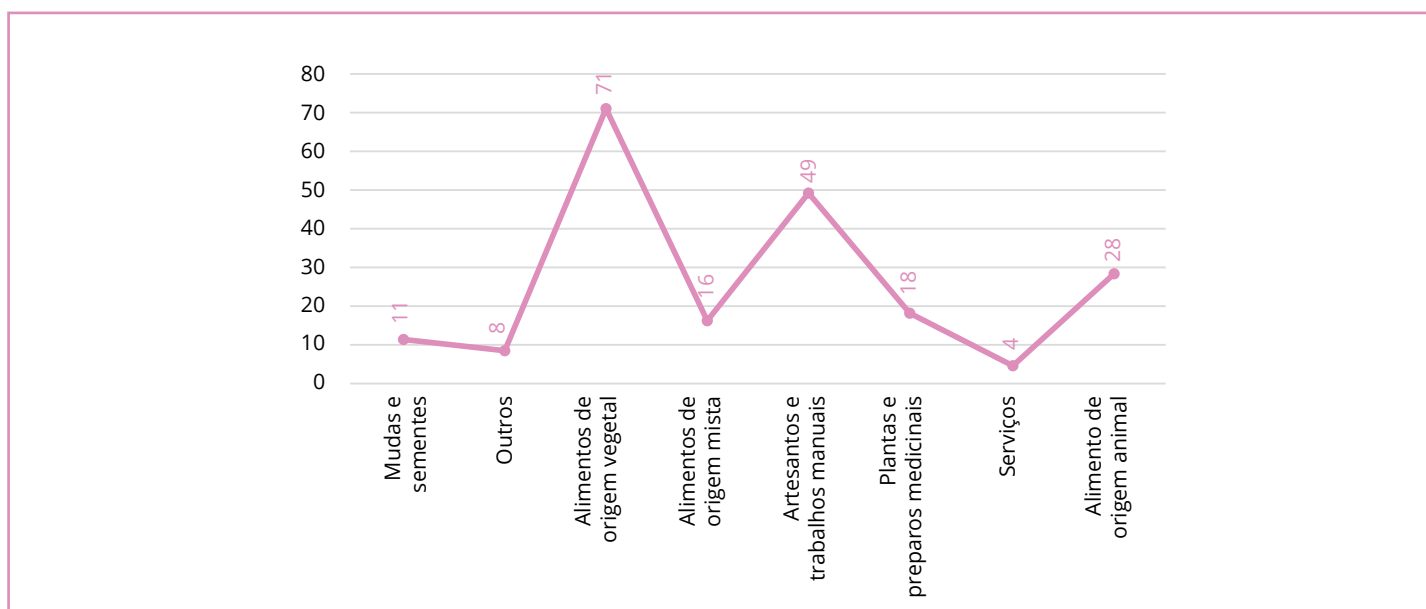


Gráfico 4. Diversidade de produtos no Paulo Freire : 551 tipos sem repetição

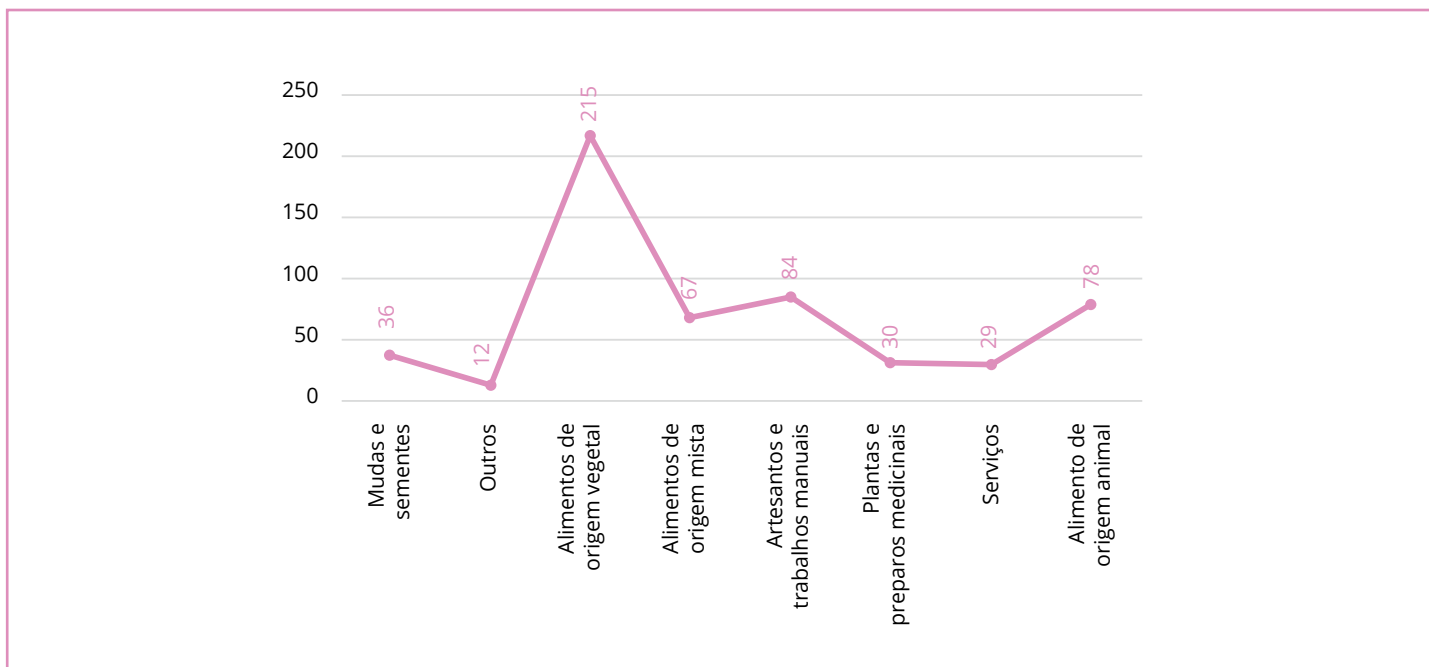


Gráfico 5. Diversidade de produtos no PROCASE : 144 tipos sem repetição

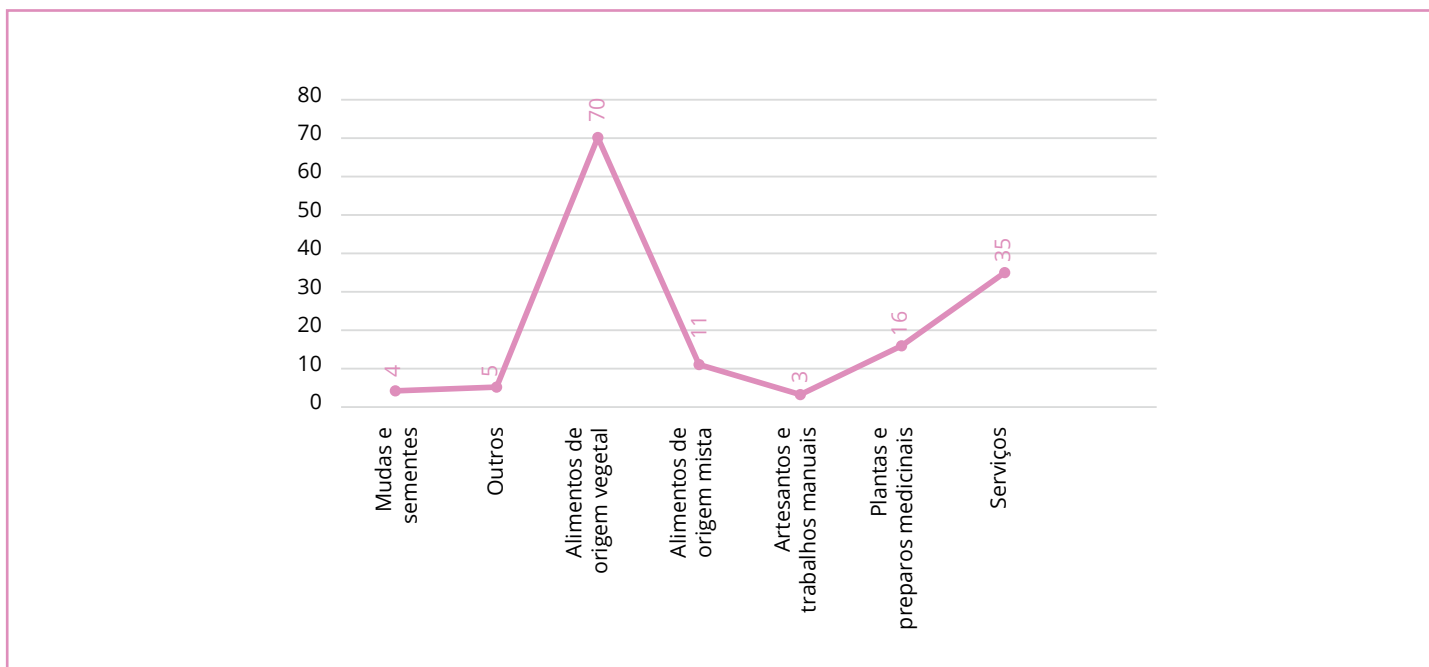
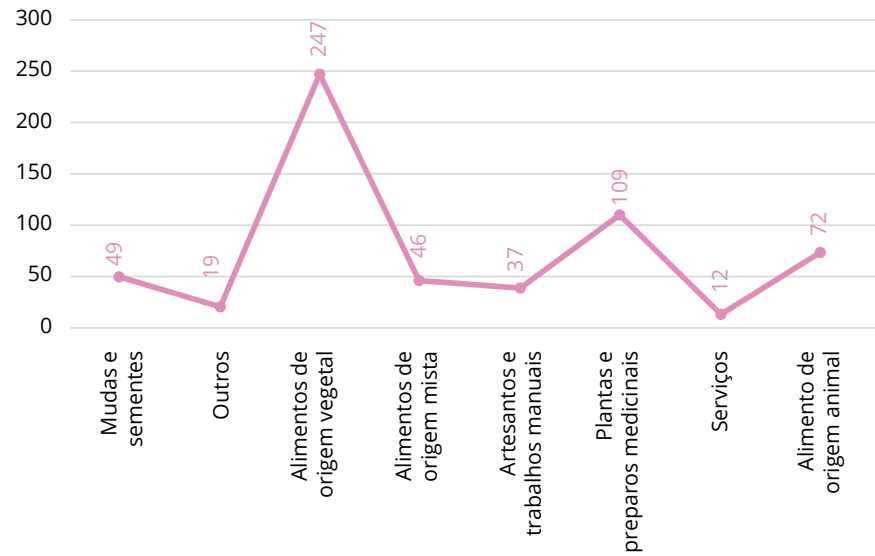
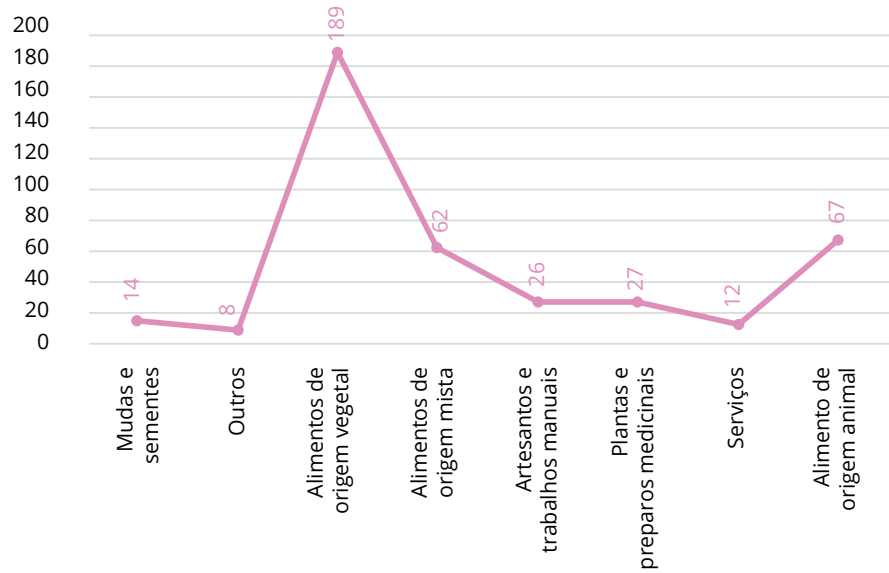
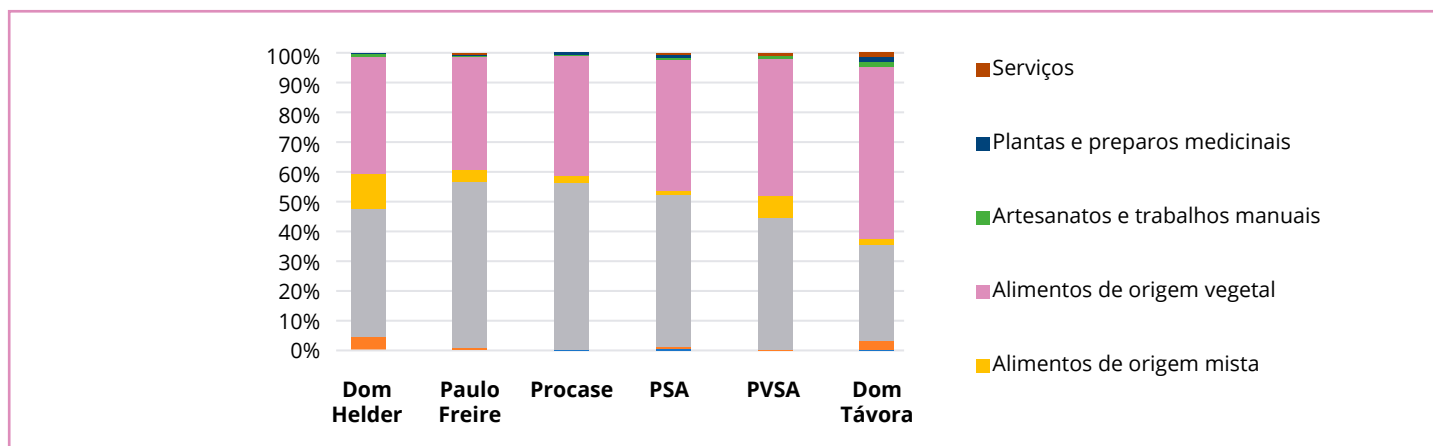


Gráfico 6. Diversidade de produtos no Pró Semiárido: 591 tipos sem repetição**Gráfico 7.** Diversidade de produtos no Projeto Viva o Semiárido: 405 tipos sem repetição

De olho mais aberto ainda sobre os produtos consumidos

Tirando os produtos vendidos e focando nas relações socioeconômicas não monetárias (troca, doação e consumo), observamos que a maior parte dos produtos é de origem vegetal, seguidos por produtos de origem animal.

Gráfico 8. Grupos de produtos na esfera das relações socioeconômicas não monetárias por projeto



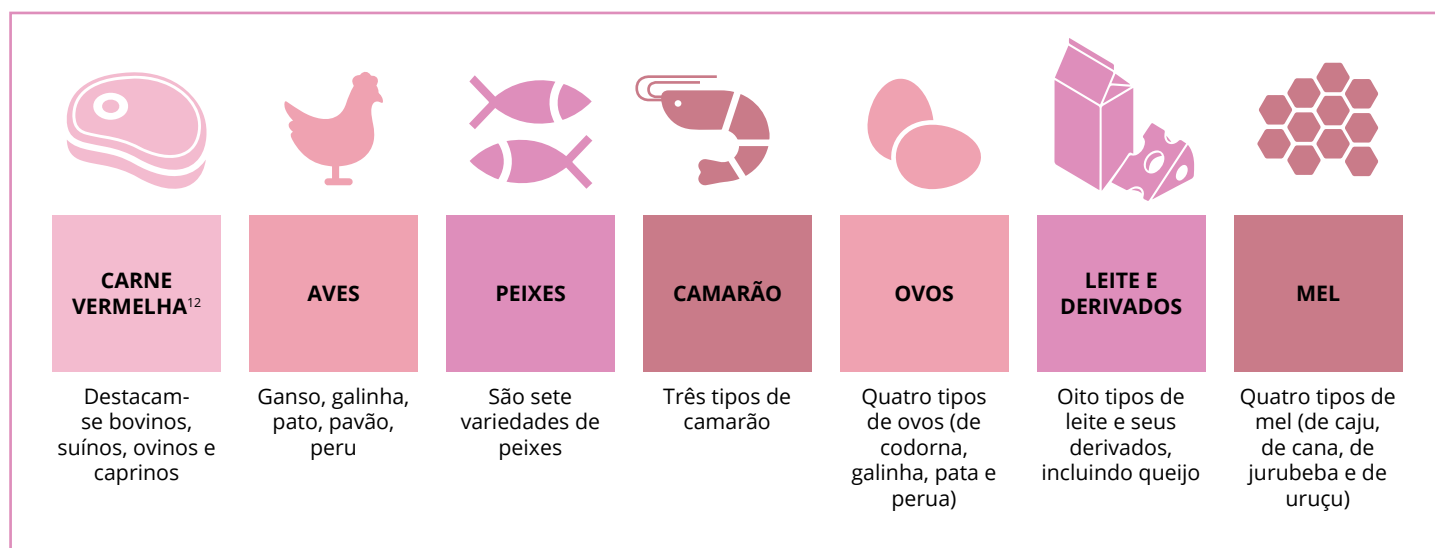
Análise da diversidade de produtos agroecológicos anotados nas cadernetas

A diversidade dos alimentos é um dos princípios fundantes da Segurança Alimentar e Nutricional, o que tem muito a ver com os modos de produção da maior parte das famílias do Semiárido nordestino, baseados nos princípios da agroecologia¹¹, que prioriza a diversidade das espécies e complementariedade entre elas a partir de uma abordagem holística e sistêmica. Na medida em que o prato apresente alimentos diversificados (de várias cores, texturas e sabores), de acordo com os alimentos que sejam “da época” e que refletem as tradições daquela região, território e comunidade, além de ser servido na quantidade necessária – três refeições básicas por dia –, há maior chance de alcançar um estado pleno de Segurança Alimentar e Nutricional.

¹¹ Parte-se aqui de uma conceituação mais abrangente da agroecologia, que vai além de uma mera substituição tecnológica ou de insumos, abarcando as diversas manifestações de organização social, econômica e política. A compreensão das organizações que atuam na perspectiva da agroecologia é a de que esta não se refere apenas a práticas agrícolas, mas integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos, a fim de compreender o efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade (ALTIERI, 1998). Um dado importante dessa concepção é a valorização das culturas, das tradições, dos conhecimentos e das experiências dos/as agricultores/as como ponto de partida para a indução de processos de inovação tecnológica. Outro aspecto que diferencia a agroecologia de outros modelos da agricultura é sua postura crítica perante o viés economicista que tem predominado os estudos agronômicos, em uma tentativa de recuperar uma visão mais holista e sistêmica dos processos produtivos que tem como base a perspectiva de “sistemas de produção” ou “agrossistemas.”

Portanto a primeira questão que deve ser ressaltada ao analisar os dados é a diversidade dos alimentos, que está presente em todas as categorias alimentares, mas que se torna mais expressiva no caso daqueles de origem vegetal: frutas, legumes, verduras.

Ao analisar os produtos de origem animal, percebe-se uma ampla gama de tipos ou variedades que se enquadram em cada categoria classificatória, o que demonstra a pujança da atividade de “criação animal” dentro das propriedades rurais.



Na tipologia construída, a diversidade de alimentos de origem vegetal que são consumidos, doados, trocados e comercializados se torna mais evidente ao examinar mais de perto as variedades de cada tipo de alimento, o que se relaciona também com as diferentes formas de processamento recebido pela mesma espécie – com casca, debulhado ou seco, e assim por diante.

As leguminosas incluem o feijão-verde, feijão-de-corda, fradinho, macassar, guandu e também as lentilhas, ervilhas secas, fava e grão-de-bico. Foram identificados 29 tipos de feijão e 7 variedades de fava, enquanto, na categoria de sementes¹³, merece destaque a produção e o uso de três tipos de gergelim na alimentação das famílias e nas práticas de doação, troca ou venda.

¹² A diversidade da criação animal é bastante evidente nas comunidades rurais, o que é um reflexo do incentivo oferecido por meio dos “planos de negócio” (PNs) ou “planos de investimento” (PIs) nos diversos projetos, desde o início do seu ciclo de implementação. Destaca-se a criação de suínos, ovinos, caprinos e bovinos.

¹³ Sementes são caracterizadas como a parte da planta responsável por gerar novas plantas e alimentos. São, em geral, alimentos fontes de fibras, vitaminas do complexo B e gorduras consideradas “boas” para a saúde.

Dentre os legumes, foram identificadas as seguintes variedades:



No que tange às verduras, ressaltam-se duas variedades de couve.

As frutas, que representam a categoria de alimentos de maior variedade – são ao todo 56 frutas identificadas –, apresentam as seguintes variedades:

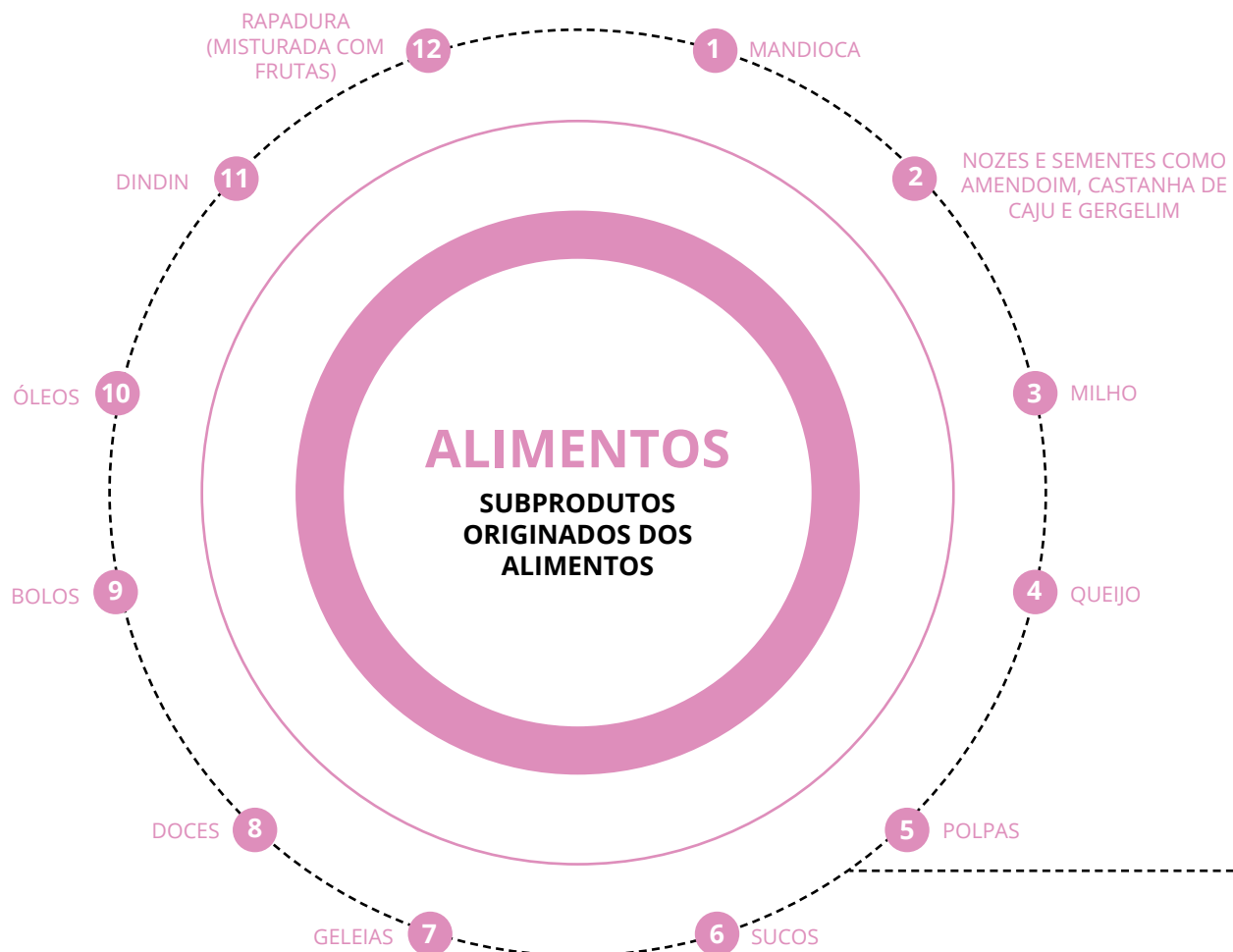


¹⁴ É importante salientar que botanicamente, tomate é considerado “um fruto”; isto é, faz parte da categoria classificatória de “frutas.” Estudos mostram que a berinjela, a abobora, o pepino, a pimentão, entre outros alimentos que podemos considerar como legumes, também são formalmente considerados “frutas.” Tecnicamente, fruta representa o ovário amadurecido de uma planta, onde ficam as sementes.

O aproveitamento integral dos alimentos é outro indicador de SAN. Nesse sentido, a seguir, apresentaremos algumas considerações sobre as estratégias utilizadas pelas mulheres rurais para aproveitar dos alimentos, como seu processamento “mínimo” e a criação de diversas “variedades” ou “subprodutos”.

O processamento dos alimentos in natura – que envolve procedimentos físicos, como a adição de calor, a prensagem ou a trituração, além das técnicas biológicas, como a fermentação e maturação – possibilita potencializar sua utilização na alimentação diária. Por ser um grau mínimo de processamento, há menos alterações em seus nutrientes, o que é um fator de risco no caso de estágios mais avançados de beneficiamento dos alimentos.

O infográfico abaixo demonstra os diferentes produtos derivados de determinados alimentos – um reflexo da diversidade inerente às práticas culinárias.



1

MANDIOCA

Onze subprodutos registrados: massa puba, goma de tapioca, bolinho de tapioca, purê de macaxeira, farinha de mandioca, sorvete de macaxeira, beiju (seco e recheado)¹⁵, biscoito de polvilho, pão de macaxeira, brevidade.

2

NOZES E SEMENTES COMO AMENDOIM, CASTANHA DE CAJU E GERGELIM

Catorze subprodutos registrados: paçoca (de castanha, de amendoim e de gergelim); patê de caju; pé-de-moleque (amendoim); doces (de amendoim, gergelim e castanha); farinha de amendoim; farinha de gergelim; castanha de caju (assada ou cristalizada); dindin de castanha; barra de cereais; manzape.

3

MILHO

Dez subprodutos registrados: pamonha, pipoca, polenta, cuscuz, xerém, milho de mungunzá, pão de milho, sequilho, farinha de fubá, farinha de cuscuz.

4

QUEIJO

Oito subprodutos registrados: pão de queijo, bolinhos de queijo, rosca de queijo; e quatro tipos/variedades: queijo coalho, queijo de cabra, queijo de manteiga, requeijão.

5

POLPAS

Doze tipos registrados: polpa de acerola, polpa de buriti, polpa de cajá, polpa de caju, polpa de coco, polpa de goiaba, polpa de graviola, polpa de laranja, polpa de manga, polpa de maracujá, polpa de seriguela, polpa de umbu.

6

SUCOS

Vinte tipos registrados: suco de abacaxi, acerola, caju, cana, carambola, couve, goiaba, graviola,

7

GELEIAS

Três tipos: geleia de goiaba, geleia de maracujá, geleia de jerimum-de-leite.

8

DOCES

Trinta e Três tipos: doce cristalizado do maracujá, doce cristalizado de caju, doce de banana (cristalizado e simples), doce de abacaxi, doce de amendoim, doce de batata, doce de buriti, doce de cacau, doce de caju, doce de calda, doce de castanha, doce de coco, doce de gergelim, doce de goiaba, doce de groselha, doce de jaca, doce de jerimum, doce de mamão, doce de mamão com coco, doce de manga, doce de melancia, doce de umbu, cocada de coco, cocada de licuri, creme de coco, leite condensado de licuri, sorvete de macaxeira, rabo de tatu, paçoca (de castanha, de amendoim e de gergelim), pé de moleque.

9

BOLOS

Doze tipos: abacaxi, banana, batata, canela, cenoura, coco, jaca, jerimum, laranja, macaxeira, milho e nata.

10

ÓLEOS

Quatro tipos: coco, babaçu, licuri e pequi.

11

DINDIN¹⁶

Seis tipos: castanha, coco, goiaba, licuri, manga e tamarindo.

12

RAPADURA (MISTURADA COM FRUTAS)

Três tipos: coco, jaca e mamão.

¹⁵ Os beijus citados pelas agricultoras têm diversos recheios: coco, licuri, banana ou goiaba e podem ser de textura seca ou mole.

¹⁶ Dindin é um suco congelado e vendido em saco plástico.



Depois que chegou a caderneta eu não me preocupo... De primeiro eu tinha uma preocupação... eu pensava que eu tava produzindo, o que eu tava vendendo... Tinha hora que eu não sabia nem o que eu tava produzindo, porque eu sou líder do lugar, eu vivo andando muito, passo a semana fora, mas depois da caderneta me ajudou até nesse ponto de quando eu saio meu esposo e a minha filha já sabem o que eles consumiram do quintal, anota no caderno, e aí quando eu chego eu só tenho a preocupação de passar pra Caderneta e depois, no final da semana ou no final do mês, se eu quiser, como a gente se interessa muito em saber o que a gente produziu naquele determinado período... pronto, a gente só vai lá na caderneta. Então a minha caderneta pra mim se tornou um instrumento de trabalho. Além dela ser um instrumento de controle do meu trabalho, ela passou a ser um instrumento de trabalho mesmo, ela passou a ser um documentário, porque daqui a 1 ano, 2, pra frente, eu vou querer saber, talvez, o que eu produzi e vendi em 2019, 2020, o que foi que eu comi. E aí tá lá, meu documentário tá lá guardado com muito amor e com muito carinho. A caderneta agroecológica pra mim é um controle do meu trabalho, da minha vida e da minha família. E é isso. Pra mim foi muito importante essa caderneta agroecológica. Foi uma ideia interessante, essa ideia de ela vim pra nós. Eu tenho muito prazer em ajudar também, tem umas 20 mulheres comigo aqui na associação e na comunidade que eu ajudo a escrever porque elas não sabem escrever.”

Maria Francisca Gomes Silva, comunidade Fornos/Picos.

Projeto Viva o Semiárido, Piauí.

No que tange ao processamento dos alimentos, observa-se o aproveitamento de uma grande variedade de frutas em diversos tipos de “derivados” e “subprodutos.” Isso é uma comprovação do seu alto valor nutricional, uma vez que as frutas contêm muitas vitaminas e sais minerais que são fundamentais para fortalecer o sistema imunológico e proteger contra diversas doenças e afecções.

Em suma, é inegável que o total de 56 frutas utilizadas em diversos produtos processados é um reflexo da sociobiodiversidade encontrada nos quintais do Semiárido que, embora historicamente tenha sido visto como um lugar de carência, apresenta sinais de abundância e vitalidade, o que se reflete tanto na riqueza das espécies cultivadas quanto nas inovações introduzidas nos arranjos produtivos a partir de uma abordagem agroecológica.

Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCS)

Outra questão que merece destaque nas anotações das cadernetas agroecológicas é o consumo, a doação e a troca das plantas alimentícias não convencionais (PANCS) – plantas rústicas que são adaptadas ao clima, com baixa necessidade de água e adubação. Este acrônimo para plantas alimentícias não convencionais foi popularizado apenas nos últimos dez anos na comunidade científica e na mídia, mas, para muitas famílias, essas plantas rústicas e nativas que “nascem em qualquer lugar”, sendo confundidas em algumas ocasiões com “mato”, têm servido ao longo dos anos como fontes ricas de vitaminas e sais minerais.

Recebem diversas nomeações, de acordo com a região e o bioma, e merecem destaque por sua contribuição na melhora do quadro nutricional e no combate a doenças,

como é o caso de ora-pro-nóbis ou “orabrobó”, que, além de ser utilizada para combate da anemia em função do seu teor elevado de ferro, representa uma grande fonte de “proteína” alternativa animal.

Nas anotações das CAs, foram identificadas cinco espécies de PANCS: caruru de palma, um prato típico em que se utiliza a palma; palma (in natura); pequi; batata-de-purga; ora-pro-nóbis; e beldroega.



Ora-pro-nóbis é uma excelente fonte de proteína, já que pode concentrar de 17 a 32% de proteína em matéria seca

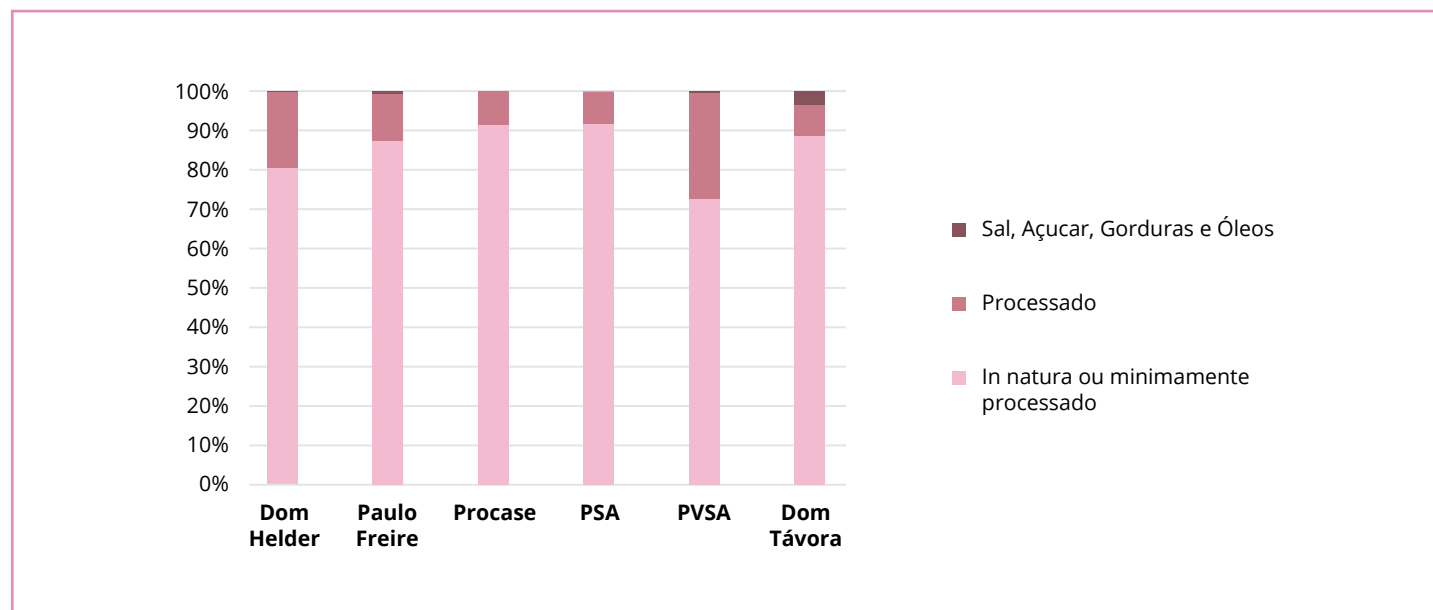
É provável que existam mais espécies de PANCS que não foram identificadas, mas estas tendem a ser vistas como parte da paisagem, como se fossem “mato” e, portanto, não são consideradas como parte das práticas culinárias. Percebe-se que muitas espécies encontradas nos quintais que têm sido identificadas nos mapas da sociobiodiversidade podem ser compreendidas como alimentos subvalorizados e pouco utilizados na culinária, enquadrando-se nesta categoria classificatória de PANCS. Cabe salientar que, na região semiárida, perante condições climáticas incertas com longos períodos de seca, a resistência dessas plantas e sua capacidade de crescer sem tantos condicionantes pode ser um grande aliado na promoção de segurança alimentar e nutricional nessas comunidades.

Valores nutricionais: alimentos in natura versus alimentos processados

Os alimentos in natura representam a maior parte do valor dos alimentos produzidos – 85% do total das relações não monetárias e 70% de tudo o que é comercializado. Em ambos os casos, o percentual restante é de domínio dos alimentos processados.

O Gráfico 9 mostra a pequena proporção de alimentos processados em comparação com alimentos in natura ou minimamente processados – estes sendo bastante expressivos na esfera das relações “não monetárias” (troca, doação e consumo).

Gráfico 9. Processamento de alimentos na esfera das relações econômicas não monetárias por projeto



Encontre no anexo 4 as informações detalhadas sobre o Processamento de alimentos na esfera das relações econômicas monetárias e não monetárias por projeto

Outro dado importante é que os alimentos processados aparecem mais na esfera da comercialização – de 22% a 45% nos seis Projetos.

Em relação à esfera econômica não monetária (consumo, doação e troca), o Gráfico 4 demonstra a análise efetivada dos hábitos alimentares das mulheres beneficiárias e seus familiares, que aponta que os alimentos in natura, que podem ser considerados mais saudáveis, são mais utilizados para consumo, troca e doação.

As práticas extrativistas

*“Que seu remédio seja seu alimento,
e que seu alimento seja seu remédio.”
(Hipócrates)*

Foram identificadas 116 plantas, muitas das quais são alimentícias que contêm propriedades medicinais e são utilizadas pelas mulheres rurais, cuja uma parte exerce diversas funções aliadas ao ofício de “agricultora”, atuando também como “curandeiras”, “raizeiras”, “benzedeiras” e “parteiras” na comunidade, com o principal objetivo de fabricar remédios caseiros, como chás, xaropes e tinturas. Muitas destas plantas – alimentícias ou puramente medicinais – são cultivadas e coletadas não apenas nos quintais, mas também nas áreas próximas, como a mata, a capoeira e as pastagens.

Em geral, as práticas extrativistas mostram que há outros espaços que servem como fontes de segurança alimentar e saúde, uma vez que 61,2% das agricultoras que registraram suas práticas nas cadernetas extraem bens naturais da Caatinga. Entre as 56 agricultoras que se declararam quilombolas, 43% extraem bens da Caatinga, enquanto 34% utilizam as pastagens, 25%, as matas e, também 25%, as capoeiras. Além disso, mais da metade das agricultoras quilombolas (52%) pratica o extrativismo em mais de um local, mostrando o hábito de transitar entre mata e capoeira, caatinga e pastagens, para encontrar as plantas indicadas para finalidades medicinais ou alimentares.

É importante lembrar que as práticas extrativistas fazem parte dos modos de vida dos povos tradicionais. Portanto, ao olhar para os dados que têm sido sistematizados, não é de nos surpreender que a identidade étnica e racial tenha uma interseção com o extrativismo. Também, não devemos estranhar quando olhamos frontalmente para o papel que as mulheres têm desempenhado historicamente – um papel diferenciado na preservação dos conhecimentos e práticas ligados a estes bens naturais.

Também é importante sublinhar a categoria de mudas e sementes, na qual foram identificados 91 tipos que, geralmente, fazem parte das práticas de doações e trocas.

Essa forma de propagar a diversificação das espécies não deve ser subestimada, uma vez que, ao introduzir novas mudas e sementes nos quintais, os espaços produtivos terão mais condições de abastecer as famílias, satisfazendo suas necessidades alimentares. Dentro das “mudas e sementes”, que são os objetos doados ou trocados com frequência entre as mulheres agricultoras e seus/suas vizinhos/as, destacam-se a presença de frutíferas como o umbu, a seriguela e o maracujá, além de variedades de hortaliças, legumes e plantas medicinais.



Transformar a vida das mulheres do campo e da cidade é também papel da Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER, como uma política de direitos para todas e todos. Tornar visível os espaços de atuação das mulheres e suas contribuições para a produção e reprodução das vidas é reafirmar o importante papel da mulher dentro de uma sociedade historicamente desigual. Para o Emater - PI, as Cadernetas Agrocológicas, têm se mostrado fundamentais para esse processo de visibilidade. Como instrumento político pedagógico representam desafios, tendo em vista seu caráter inovador além de ser gratificante celebrar os resultados alcançados e enfrentar os desafios propostos, novas ações, novas estratégias, um novo pensar sobre a atuação da ATER”.

Márcia Mendes, Diretoria de Educação e Extensão Rural do Emater Piauí.

A comercialização de produtos agroecológicos também impacta a qualidade de vida das pessoas

Da mesma forma que alegamos que as práticas de reciprocidade (doação e troca) contribuem para cultivar um estado alimentar e nutricional elevado nas famílias dessas comunidades, também apostamos na hipótese de que a venda de alimentos saudáveis, produzidos a partir de técnicas agroecológicas, especialmente as que envolvem o contato direto entre produtoras e consumidores/as, contribui para aumentar o nível de consciência acerca dos valores (nutricionais, sociais e culturais) embutidos nos alimentos comprados.

No final, a venda de produtos agroecológicos contribui para elevar o grau de segurança alimentar e nutricional não apenas nas comunidades beneficiadas diretamente pela atuação dos Projetos, mas também no público mais amplo que procura e adquire tais produtos. Nesse sentido, é interessante observar o grau de diversidade de produção média de acordo com os mercados acessados, que podem ser classificados como “circuitos curtos” de comercialização, como feiras, venda em casa, na comunidade ou porta a porta, como mostra a Tabela 2.

Tabela 2. Diversidade de produção média e valor mensal médio da produção vendida de acordo com os mercados acessados

Mercados acessados	Diversidade de produção média (venda)	Valor mensal médio da produção vendida
Feira convencional	8	R\$ 422,13
Venda em casa	5	R\$ 167,90
Venda na comunidade	4	R\$ 214,21
Feira convencional, venda em casa	7	R\$ 314,30
Venda em casa, venda na comunidade	6	R\$ 131,62
Venda em casa, venda porta a porta	7	R\$ 219,38
Venda em casa, venda porta a porta, venda na comunidade	9	R\$ 273,56



Os dados mostram o peso dos circuitos curtos de comercialização, uma vez que 575 agricultoras que responderam ao questionário afirmaram que fazem vendas em casa, enquanto o restante das entrevistadas declarou vender na comunidade e na feira convencional.

Ao analisar os tipos de produtos alimentícios que têm sido vendidos nesses espaços (casa, comunidade, feira), cabe salientar que a maior parte dos produtos são de origem vegetal in natura, seguido por produtos de origem animal e produtos de processamento mínimo (exemplo: beijus e tapiocas variadas).

No caso de venda em casa, os produtos de origem vegetal in natura constituem 47% do total da produção comercializada, enquanto as vendas na comunidade são constituídas por 55% do total da produção vendida.

Ao constatar que os alimentos in natura ultrapassam as outras categorias no processo de venda, observa-se que há maior valor nutricional nos alimentos comprados. Isso demonstra de que modo as práticas de venda – especialmente nestes espaços de comercialização – têm interferido significativamente nas práticas de consumo. Essa informação é extremamente relevante para nossa análise, até porque partimos do pressuposto de que a ligação entre produção e consumo representa um dos princípios primordiais tanto do movimento agroecológico quanto do movimento de segurança alimentar e nutricional, constituindo dois polos estreitamente imbricados dentro dos sistemas agroalimentares. É preciso buscar estratégias para que uma produção assentada em bases ecológicas, sem agrotóxicos e com maiores cuidados com a preservação dos seus nutrientes atinja um público mais amplo, de modo que a transformação dos hábitos alimentares não apenas se restrinja a quem produz, mas também englobe aqueles que consomem.

Embora as feiras tenham sido enquadradas no terceiro lugar como espaço de venda, indubitavelmente elas desempenham um papel ímpar no estreitamento de laços entre produtores/as e consumidores/as, o que é um elemento-chave dos processos de educação e reeducação alimentar, a partir da socialização e convivência entre diversos atores sociais. Os circuitos curtos de comercialização, como as feiras, facilitam a disseminação de hábitos alimentares saudáveis para outros grupos sociais, ao mesmo tempo que favorecem a interlocução direta das mulheres com os espaços de comercialização e com os/as consumidores/as, sem a ação intermediária de atravessadores/as, de modo que se amplie sua autonomia econômica e política. São espaços onde informações valiosas são trocadas acerca dos valores associados aos alimentos saudáveis e naturais, visando à qualidade dos alimentos vendidos e consumidos.

Outra questão importante a ser ressaltada nesta reflexão é que o uso das cadernetas agroecológicas reforça a inserção das mulheres nos espaços de comercialização, uma vez que, paulatinamente, a partir do simples ato de registrar sua produção, elas percebem o valor econômico dos produtos oriundos do quintal e seu potencial de venda, além de destacarem, em seus discursos e atos, o aporte de tais alimentos para a segurança alimentar e nutricional em todos os sentidos (sociais, nutricionais, culturais e ambientais). Como podemos ver nos gráficos a seguir, existem produtos que se destacam por seu volume e, conseqüentemente, por seu valor de venda, o que impacta diretamente na condição econômica das mulheres (lista completa no Anexo 3).

Gráfico 10. Produtos com maior valor total dos projetos Dom Helder e Paulo Freire (Ceará) e os valores associados (R\$)

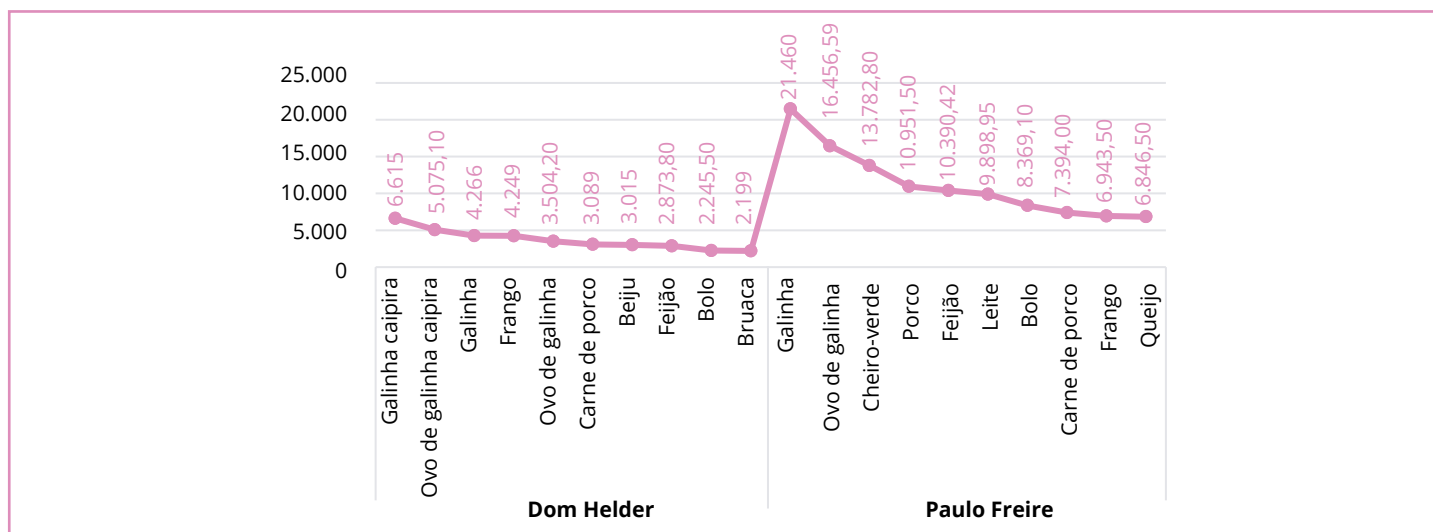


Gráfico 11. Produtos com maior valor total do projeto Dom Helder (Alagoas) e os valores associados (R\$)

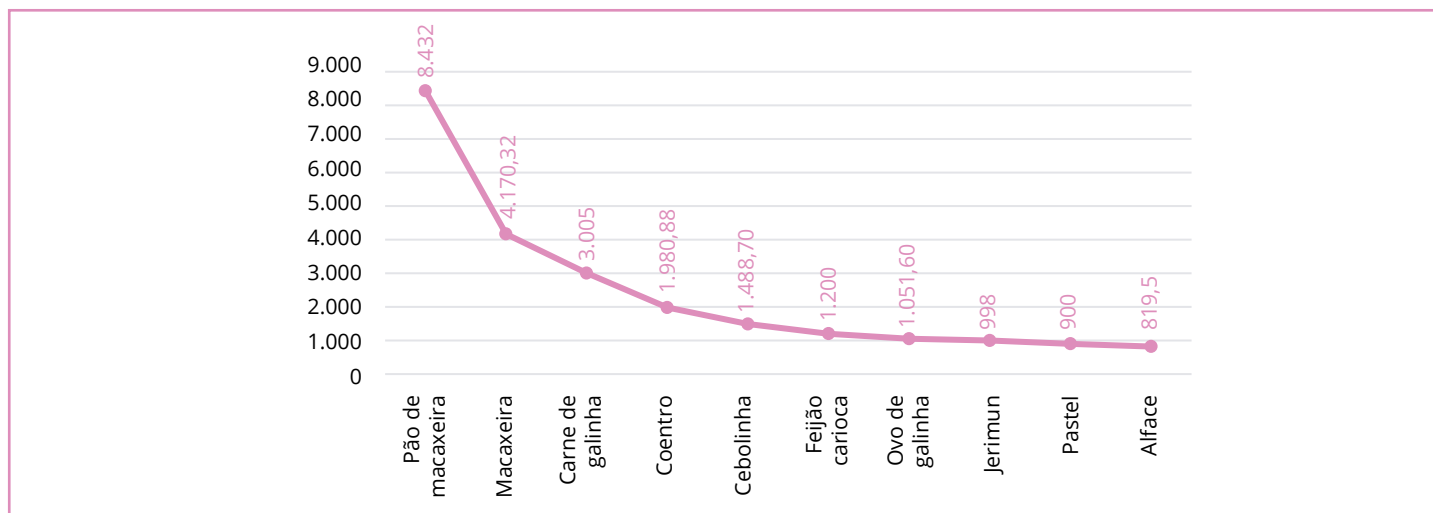


Gráfico 12. Produtos com maior valor total do projeto Dom Helder (Pernambuco) e os valores associados (R\$)



Gráfico 13. Produtos com maior valor total do projeto Dom Távora (Sergipe) e os valores associados (R\$)

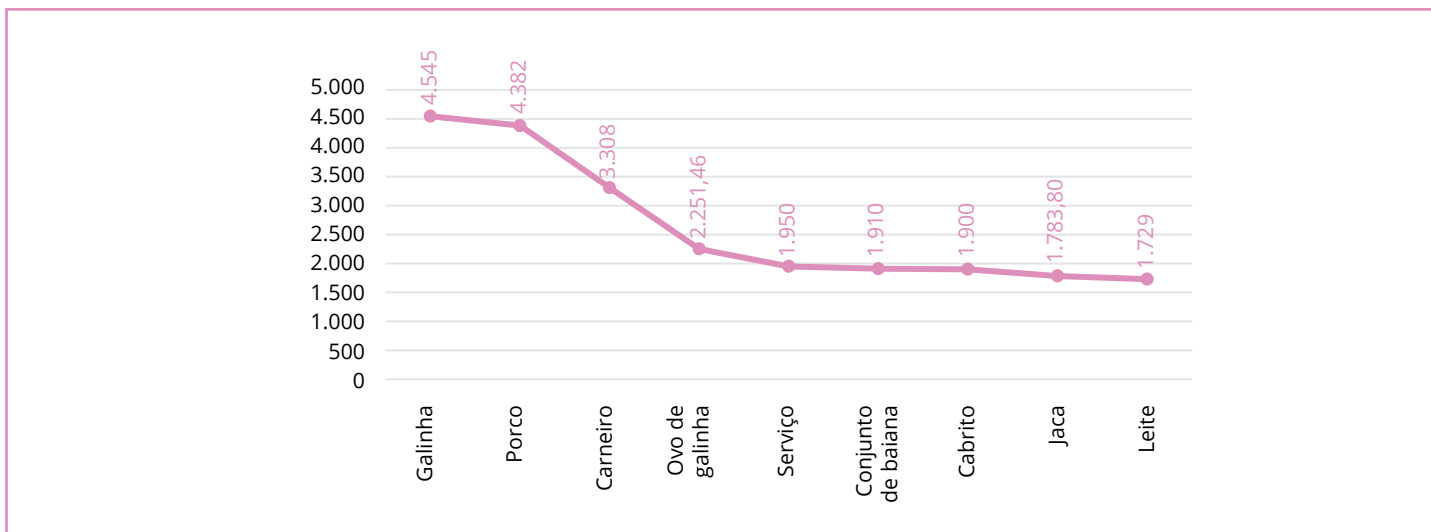


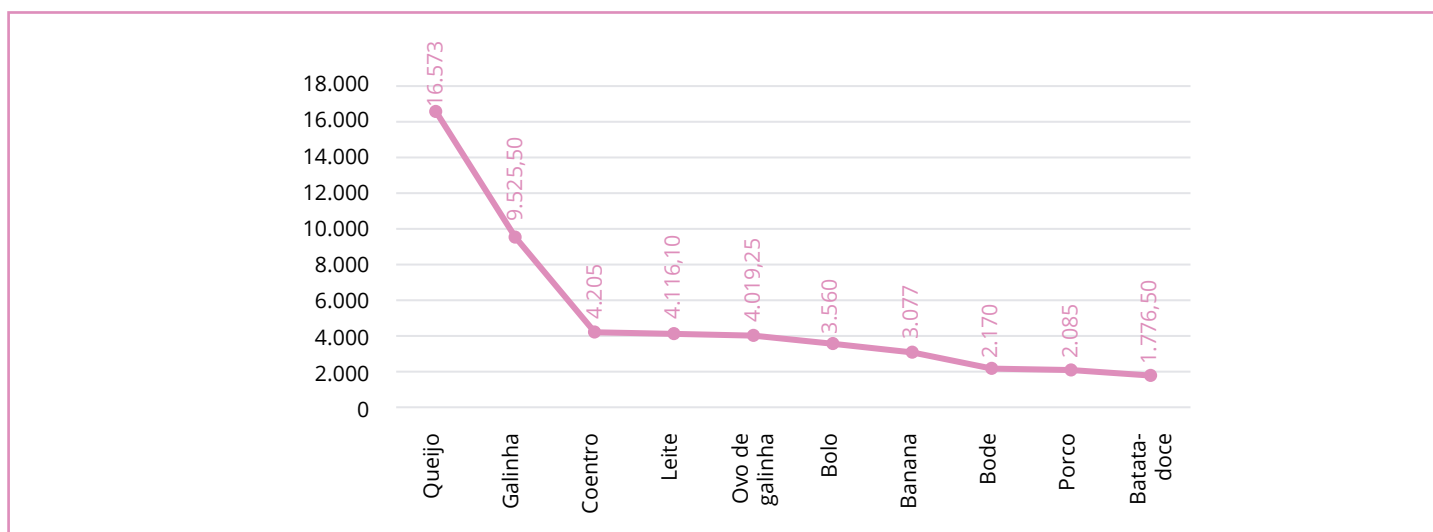
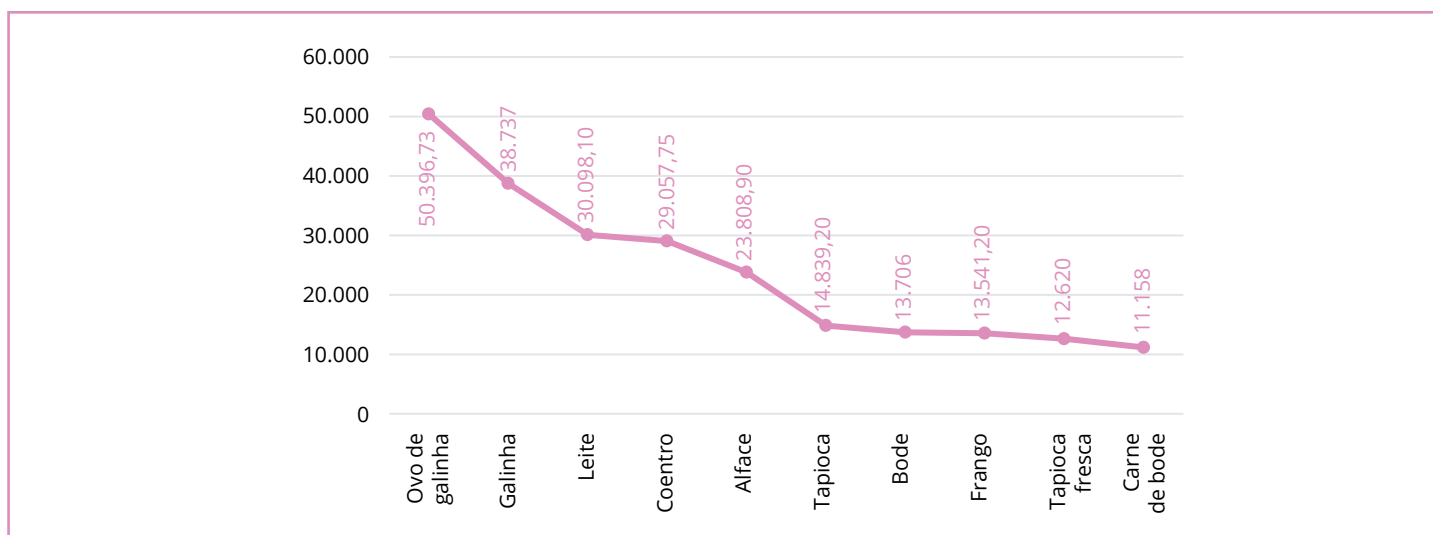
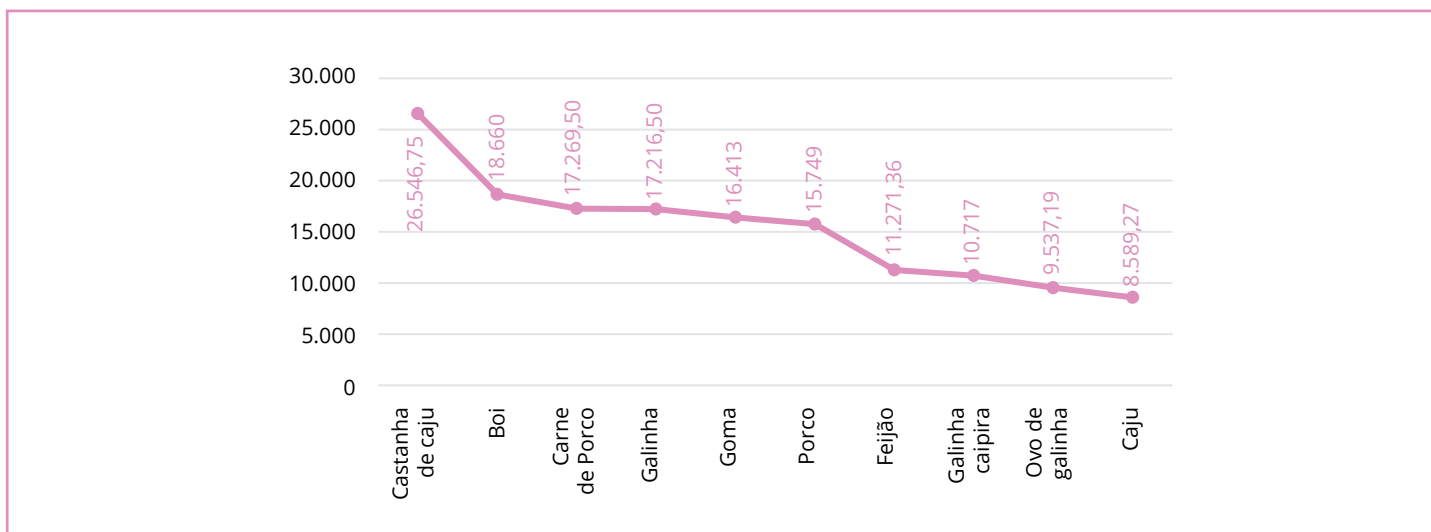
Gráfico 14. Produtos com maior valor total do projeto Procace (Paraíba) e os valores associados (R\$)**Gráfico 15.** Produtos com maior valor total do projeto PSA (Bahia) e os valores associados (R\$)

Gráfico 16. Produtos com maior valor total do projeto PVSA (Piauí) e os valores associados (R\$)



Alguns fatores têm favorecido o fortalecimento das práticas de autoconsumo e melhoras significativas nos hábitos alimentares das famílias na área de abrangência dos Projetos apoiados pelo FIDA, os quais podem ser aferidos pelas CAs e os instrumentos associados a ela, como os mapas da sociobiodiversidade. Um desses aspectos é o viés agroecológico, que se exprime nas abordagens de muitas das organizações que prestam assistência técnica às comunidades rurais no contexto dos PIs ou PNs. Uma vez que a agroecologia, enquanto modelo que norteia intervenções nos processos produtivos, aposta na diversificação das espécies dentro de todos os espaços de produção como um dos seus princípios fundantes, não resta dúvida de que tal esquema referencial contribui significativamente para garantir uma alimentação saudável e equilibrada a partir de práticas do autoconsumo.

Em particular, o quintal, que historicamente foi relegado ao plano de invisibilidade dentro das propriedades rurais, passa a constituir um espaço de produção agroecológica que não apenas gera renda, mas que, ao mesmo tempo, na medida em que aumenta e diversifica a produção, contribui significativamente para mudanças nos padrões alimentares das famílias envolvidas. Esse processo de ressignificação do quintal lança luz nas contribuições das mulheres como

portadoras de saberes e práticas ligados à preservação da biodiversidade e das tradições alimentares, uma vez que são elas que cultivam uma ampla gama de alimentos no quintal ou buscam nas áreas próximas as plantas alimentícias com alto valor nutricional e/ou com princípios ativos de cura. É no cerne dessas ações que elas são motivadas pelo anseio de cuidar daqueles que são mais vulneráveis dentro do âmbito familiar (com destaque para idosos e crianças), que testemunhamos a espinha dorsal do que poderíamos chamar da “economia de cuidados” – uma ética que norteia todas as condutas que elas vão tecendo ao nível familiar e comunitário.



É importante ressaltar a capacidade da Caderneta Agroecológica de fomentar uma consciência crítica e um novo olhar sobre as práticas de produção, doação, troca e consumo de alimentos. Nesse sentido, enquanto ferramenta político-pedagógica, ela pode ser considerada um instrumento que incentiva a transformação dos sujeitos engajados no seu uso, sendo uma força propulsora de mudanças nas suas atitudes, condutas, comportamentos e hábitos.

Essa transformação na consciência a partir do uso das cadernetas agroecológicas – que ocorre quando se registra e, logo em seguida, quando se reflete sobre o que foi registrado – se evidenciou de modo acentuado no campo das relações não monetárias.

Esse exemplo explicita de que maneira as cadernetas agroecológicas precisam ser compreendidas como componentes de um processo pedagógico contínuo, que se enraíza justamente nos espaços coletivos – rodas de conversa, oficinas, encontros – onde as mulheres trocam conhecimentos, visões de mundo e práticas inovadoras.

É justamente nestes espaços que nasce dentro das mulheres que protagonizam estes processos a vontade de se organizar e fazer parte de organizações de base comunitária sem perder sua autonomia de ação. Logo este processo de auto-organização das mulheres rurais é um dos desdobramentos mais valiosos do trabalho com as Cadernetas Agroecológicas. Esses grupos de mulheres, que vêm surgindo e se consolidando ao longo do processo de implementação das Cadernetas, caminham de mãos dadas com as estruturas organizativas mais abrangentes e englobantes, como as associações comunitárias.

A reflexão crítica sobre o que se registra ou deixa de registrar provoca nas mulheres participantes a vontade de reformular suas posições e inaugurar novas ações no presente e no futuro próximo. Essas ações, geradas no interior dos coletivos e que visam tanto à garantia da segurança alimentar e nutricional quanto à preservação da agrobiodiversidade, são direcionadas não apenas para elas, mas também para as futuras gerações. Assim, representam sementes jogadas em uma terra fértil que abrem novos percursos no campo da organização sociopolítica.



Essa transformação na consciência a partir do uso das cadernetas agroecológicas se evidenciou de modo acentuado no campo das relações não monetárias, como se percebe na situação retratada abaixo na comunidade de Cacimba Nova, Sergipe.

As mulheres acompanhadas pela equipe de ATER do Projeto Dom Távora, envolvidas com a implementação das CAs, relataram que perceberam nitidamente que não tinham mais o costume de “trocar” e, por este motivo, a coluna de “troca” ficava em branco.

Elas relatam que esse vazio na coluna da “troca” foi um dos motivos de retomar uma prática que tinha deixado de ser vivida por suas famílias e, a partir daí, elas começaram a socializar de forma mais intensa os alimentos que cada uma tinha no seu quintal e os produtos alimentícios deles derivados (licores, geleias, polpas, bolos).

Isso gerou uma proposta formulada por elas, a partir de uma roda de conversa: realizar o que elas chamavam de “feiras de trocas” para promover o intercâmbio entre produtos periodicamente no âmbito local e regional, dentro do viés da “economia solidária.”



Aqui na minha propriedade a gente planta de tudo um pouquinho. Planto alface, couve, pimentão, abóbora... de tudo a gente tem um pouco aqui. Já há algum tempo eu plantava e agora a minha produção está aumentando mais porque através de uns canteiros agroecológicos que eu tenho a gente aumenta mais a produção né?! E aí o fundamental nisso tudo é que através da caderneta agroecológica a gente consegue ter um controle melhor do que a gente planta, do que a gente consome, do que a gente doa, vende ou troca. Porque antigamente eu não prestava muita atenção nisso não, se eu consumisse uma dúzia de ovos, pra mim não tinha diferença nenhuma porque eu não anotava nada, se eu colhesse um pé de alface, um pimentão ou qualquer coisa da minha horta pra mim tanto fazia, agora não! A caderneta agroecológica pra mim é uma ferramenta que a gente tem que é muito importante porque na caderneta tem aquelas quatro colunas onde anoto tudo isso. E também através da caderneta eu percebi que o trabalho da gente está sendo muito valorizado, porque antigamente ninguém dava muito valor ao trabalho da mulher. Mesmo que ela ajudasse o marido na horta ou na roça, seja onde for... aí só tinha aquele ditado né: ‘minha mulher não trabalha não, só fica em casa’, mas depois da caderneta as coisas modificaram porque a gente está provando que a gente tem valor e que o nosso trabalho é valorizado. E, quando chega no final do mês que a gente vai somar a nossa caderneta, a gente vê o quanto que a gente economizou e lucrou também, o quanto que a gente vendeu e o quanto que a gente doou. Então na verdade a gente está ajudando também a nossa família. A gente está consumindo alimento de boa qualidade, ao mesmo tempo que você também está fazendo a solidariedade porque se o seu vizinho não tem você está doando pra ele também. No meu caso aqui eu consumo, dou ‘pros’ meus filhos e tem meus netos também que adoram tudo o que é produzido aqui. Alface, ovo... tudo o que eu produzo aqui eu divido com a minha família. Está de parabéns quem criou a caderneta porque é como eu digo, ela é nosso instrumento de trabalho é a planilha da mulher. É onde você coloca tudo que tem na propriedade. E, você chega a se surpreender com o tanto de coisa que você produz e, que nem você mesma dava valor.”

Rosângela de Oliveira Silva, Povoado Lagoa da Onça, Andorinha, Renascer da Caatinga, Bahia.
Projeto Pró-Semiárido.



05 As transformações vividas pelas mulheres rurais do semiárido brasileiro

e o questionamento à divisão sexual do trabalho

Ao observarmos indicadores sociais como trabalho (e suas formas de organização), a participação política e tomada de decisões, o acesso à renda, a terra, à água, a direitos básicos (como saúde, educação), índices de violências doméstica e sexista etc., e considerarmos que as relações sociais de gênero se diferenciam em relação à lógica do patriarcado, percebemos o quanto a vida das mulheres é marcada por profundas desigualdades de poder tanto em relação à família quanto nos espaços públicos e na relação com o Estado¹⁷.

A esta lógica juntam-se outras formas de opressão, como as de classe, raça, geração, etnia, sexualidade, religião, cidadania etc. que, juntas, configuram

um sistema de opressão complexo e muitas vezes difuso, descrito por Collins (2016) como um sistema interseccional de opressões, ou seja, todas estas questões estão intimamente relacionadas e se retroalimentam, formando um sistema de opressão bem mais complexo¹⁸.

Entender como esse sistema se legitima culturalmente é fundamental para desconstruir as relações de opressão e poder a que as mulheres estão submetidas, mas também possibilita repensar políticas públicas (e seus arranjos institucionais), projetos sociais de desenvolvimento e novas metodologias que contribuam para as transformações na vida das mulheres rurais e suas famílias.



Entende-se por patriarcado os sistemas sociais em que a figura do homem tem poder sobre a mulher, e o masculino tem uma valorização em relação ao feminino. É um referencial androcêntrico na estruturação social e na prática das relações sociais¹⁹.

¹⁷ Em estudo sobre as mudanças ocorridas na vida das mulheres rurais, entre os anos de 2003 e 2009, Cintrão e Siliprandi (2011) demonstram, a partir da análise da Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD), quanto ao acesso às políticas públicas, a terra e aos recursos naturais e às novas questões trazidas pelo movimento sociais, que ainda há muito a conquistar para que as mulheres rurais tenham condições de exercerem sua cidadania plena. Para saber mais, cf. Heredia e Cintrão (2006), Butto (2011) e Araújo (2011).

¹⁸ Collins (2016) trabalha com as opressões de raça, classe, gênero, sexualidade e nação, por considerar que elas se inter-relacionam, construindo reciprocamente sistemas de poder. Utiliza o termo “interseccionalidade” para explicar a sobreposição simultânea de múltiplas formas de opressão, considerando que as mulheres têm histórias únicas nas intersecções dos sistemas de poder. Embora diferentes momentos socio-históricos se amparem em formas e intensidades diferentes de opressão – podendo haver contextos em que o machismo é mais estruturante que o racismo, ou vice-versa –, a tese da natureza interligada da opressão permeia há tempo o pensamento feminista negro.

¹⁹ Para saber mais, cf. Kergoat (2009) e Saffioti (2004, 2009).

Esse é um caminho que nos permite construir estratégias que assegurem o reconhecimento das mulheres como sujeitos políticos e ao acesso a direitos fundamentais, como viver sem violência, enfrentamento à pobreza, acesso à educação e saúde e à possibilidade de que elas mesmas construam sua autonomia de forma plena.

É nesse marco que o projeto proposto pelo Programa Semear Internacional (PSI), em parceria com o Centro de Tecnologia Alternativa da Zona da Mata (CTA-ZM), o Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (GT de Mulheres da ANA) e o GT para equidade de gênero dos projetos FIDA Brasil, se configura um importante estudo. A partir da implementação do uso da metodologia das Cadernetas Agroecológicas com os projetos apoiados pelo PSI no Semiárido brasileiro, podemos desvelar e visibilizar a importância do trabalho das mulheres rurais que participaram do projeto.

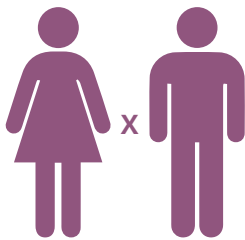
Assim, duas questões nos orientaram para esta análise. A primeira é buscar compreender como a divisão sexual do trabalho figura como um dos impeditivos à participação das mulheres rurais nos espaços públicos e políticos, ao acesso à renda,

a políticas públicas etc., contribuindo para o não reconhecimento destas como trabalhadoras ativas e sujeitos de direito pleno.

A segunda questão surge como desdobramento da primeira, num processo contínuo de formação (reuniões, oficinas e seminários) desenvolvido pelas organizações parceiras. Nesse sentido, nos perguntamos: como, a partir do reconhecimento de todo o trabalho desenvolvido pelas mulheres rurais (além dos domésticos e de cuidados²⁰), elas conseguem transformar suas vidas, participar dos espaços públicos e serem reconhecidas como sujeitos fundamentais para a agroecologia, para a economia e para a reprodução da vida?

E por que estas questões foram e são motivadoras de pesquisas, reflexões coletivas e ações políticas? Por que ainda é necessário “insistir” com este debate?

Porque é necessário problematizar as condições materiais, sociais e culturais de mulheres e homens para compreender de que forma as mulheres são reconhecidas socialmente e conseguem, coletivamente, questionar e superar as condições de desigualdade, que se manifestam, por exemplo, pela desvalorização do trabalho feminino no meio rural.



A divisão sexual do trabalho

É a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo e é adaptada historicamente e a cada sociedade. Essa divisão social do trabalho segue dois princípios organizadores: separação e hierarquização, mantendo uma característica-chave: homem na esfera produtiva e mulher na esfera reprodutiva [...]. As relações sociais organizam, denominam e hierarquizam as divisões da sociedade: privado – público, trabalho manual – trabalho intelectual, capital – trabalho, divisão internacional do trabalho etc. As modalidades materiais dessas bicategorias são centrais nas relações sociais; a divisão social do trabalho entre os sexos é ponto [de disputas] fundamental nas relações sociais de sexo. (KERGOAT, 1996, p.4).

²⁰ Os trabalhos de cuidados são todas as atividades desenvolvidas a partir das práticas de cuidar das crianças e idosos, e parte, sobretudo, da relação que as mulheres desenvolvem com os afetos, o amor e a dedicação. São parte das atividades “naturalmente femininas” e, por esta razão, não são reconhecidos como trabalho quando se realiza no âmbito doméstico. É um trabalho fundamental para que as pessoas se desenvolvam de forma plena, com segurança emocional e desenvolvam capacidades de se relacionar com outros. Para saber mais, cf. Hirata (2010).

Mulheres rurais e a relação com o trabalho

Há uma ideia, ainda bastante comum, de que as mulheres rurais trabalham “apenas” nas casas e nos espaços ao redor das casas (como os quintais, terreiros, pátios etc.). Essa é ainda uma visão muito forte e que determina, por exemplo, a exclusão das mulheres em projetos produtivos e que as reafirma como “ajudantes” dos maridos e dos pais.

Na realidade, as mulheres rurais estão presentes em todas as atividades da propriedade, desenvolvendo diversas tarefas, como ordenha dos animais, plantio, buscar lenha, buscar água, pescar, colher frutos da mata, beneficiar alimentos e fibras, fazer artesanato, colheita, capina, limpeza de terrenos etc. Mesmo assim, elas não são reconhecidas e geralmente são alijadas da decisão sobre o uso dos recursos e das

escolhas produtivas e econômicas, o que leva a um comprometimento da sua autonomia pessoal e financeira (SILIPANDRI; CITRÃO, 2011).

Assim, um dos pressupostos desta publicação é olhar os espaços do agroecossistema, ou os subsistemas que o compõem, como espaços onde também se materializam as relações de poder e que neles podemos reconhecer todo o trabalho desenvolvido pelas mulheres e o quanto contribuem para sua reprodução econômica, ambiental e social.

Como parte da metodologia do uso das Cadernetas Agrocológicas, foi proposto que as mulheres construíssem os Mapas da Sociobiodiversidade, retratando os agroecossistemas e a divisão sexual do trabalho. O objetivo deste exercício é visualizar, a partir da percepção das mulheres, os espaços protagonizados por elas no agroecossistema e onde trabalham, sendo desenhados e indicados por elas.



Os desafios “do mundo privado”, ou como desvelar esse universo?

Outra questão que se apresenta como consequência desse caminho teórico e metodológico é problematizar a ideia de família e do ambiente doméstico. A família é reconhecida como um núcleo organizador do trabalho e sujeito central da produção e reprodução da agricultura familiar, da cultura e do modo de viver e ser.

O espaço doméstico²¹ da casa, ou privado, é o espaço central da família, sendo ainda fortemente regido pelas relações de poder, e que subordinam as mulheres e jovens às relações de opressão, de desigualdade e de violência.

A ideia de do homem “chefe de família” e a mulher “dona de casa” é baseada na cultura do poder patriarcal

(pátrio poder ou o poder do homem sobre mulher e filhos), e rege muitas das práticas sociais no meio rural, sobretudo nas relações de trabalho, em que as mulheres estão sujeitas a uma rígida divisão sexual do trabalho, que limita e determina o que é trabalho de mulher e trabalho de homem. Segundo Melo e Di Sabatto (2006):

“No mundo rural, a percepção que as mulheres têm de seu trabalho é definida socialmente como um jeito de ser mulher. Sempre enredada com as lidas domésticas, cujas tarefas não se expressam em relações monetárias e são, por conseguinte, esquecidas e desvalorizadas pela sociedade. A dimensão da invisibilidade do trabalho feminino no campo pode ser visualizada, inicialmente, pela proporção de mulheres ocupadas sem remuneração, que é significativamente mais elevada na agropecuária, em comparação com os demais setores da economia. Nesta atividade, as mulheres geralmente exercem a produção para o autoconsumo não usufruem do mesmo status do trabalho masculino” (p. 48-49).



Depois do uso da caderneta melhorou muito a minha vida, na produção do meu quintal. Também melhorou na organização de anotações como no doar e troca e consumo porque eu achava que não era renda. Vejo também que eu trabalho mais que o esposo. Que a renda da casa e o sustento saem mais do meu trabalho. Também estou sempre procurando conseguir políticas públicas não só pra mim, mas também pra outras mulheres. Incentivando elas a tomar mais atitudes nos quintais como em companheirismos com o esposo. Porque elas trabalham também só, e muitas vezes não são visualizadas por elas e por parte da família. Melhorou também minhas vendas porque hoje eu que coloco o preço e não o comprador.”

Simone Oliveira, 36 anos, Quilombo Jardim – Quiterianópolis, Ceará.

Projeto Paulo Freire.

²¹ Entende-se por espaço doméstico não só os limites da casa, como no caso das mulheres urbanas, mas incluem-se nesta categoria os quintais e roçados para as mulheres rurais. A esse respeito, cf. Carneiro (1987), Paulilo (1987) e Heredia (1979).



As mulheres no mundo dedicam 12,5 bilhões de horas, a cada dia, para limpar a casa, cozinhar e cuidar de crianças e idosos, e isso, para as mulheres rurais, é mais marcante, segundo relatório da OXFAM Brasil (2020).

Uma das consequências diretas e mais comuns desse modelo é o não reconhecimento e valorização de todo o trabalho realizado pelas mulheres, o que causa diversas consequências para suas vidas, como cansaço, pobreza, desânimo, depressão, baixa autoestima, infelicidade, entre outras adversidades.

Segundo Jordana de Jesus (2018), em pesquisa sobre trabalho doméstico no Brasil e que aborda a transferência de tempo destinado em casa para os cuidados com outros indivíduos, as mulheres são responsáveis por mais de 85% dos afazeres domésticos e destinam mais horas para a realização desses afazeres especificamente, por esse motivo elas também teriam rendimentos maiores que os homens.

Para a autora, a discussão sobre a valorização do trabalho doméstico contribui para legitimação dessa atividade como um tipo de trabalho e para o reconhecimento de uma economia considerada por muito tempo como invisível e não produtiva. Em sua análise, mais que simplesmente observar o tempo gasto com atividades domésticas, esse serviço, se valorado, poderia chegar ao equivalente a 10,4% do produto interno bruto (PIB) nacional, o que resultaria numa maior contribuição das mulheres para a economia.



Mais horas de trabalho, menos remuneração

Vários fatores contribuem para as diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Por exemplo, em 2016, as mulheres dedicavam, em média, 18 horas semanais a cuidados de pessoas ou afazeres domésticos, 73% a mais do que os homens (10,5 horas). Essa diferença chegava a 80% no Nordeste (19 horas contra 10,5 horas) (PNAD, IBGE, 2016).

Ainda há poucos dados sobre essa temática. Pesquisas como esta permitem que nos aproximemos um pouco mais de tal realidade e que tenhamos maior conhecimento sobre o trabalho desenvolvido pelas mulheres rurais, o uso do tempo destinado às diversas atividades que desempenham e as consequências diretas em sua vida. Construir dados acerca dessa realidade permite não somente compreender, mas também incidir politicamente para a transformação social e ressignificação do trabalho feminino no meio rural brasileiro.

Uma questão importante e pouco discutida sobre esse sistema é que existe uma apropriação direta desse trabalho, em forma de trabalho não pago, que é fundamental para a reprodução do sistema e lucro sobre o trabalho e vida das mulheres e jovens²². É claro que não é fácil abordar essa discussão, porque a família é a unidade primeira de socialização. É no estar em família que também nos sentimos seguros/os. Não queremos destruir a família, mas precisamos discutir que a família precisa mudar.

²² Ainda segundo o mesmo estudo da Oxfam (2020), esse trabalho não pago gera, indiretamente, US\$ 10,8 trilhões por ano (em um cálculo bastante conservador).

A crítica sobre esse conceito se centra na contestação da ideia de um modelo único e estático de família. Questiona a ideia da divisão de papéis, fundamentada sobre as naturezas masculina (provedor da renda da família e encarregado das relações com a sociedade) e feminina (esposa/mãe que se consagra à vida doméstica e aos cuidados das pessoas, exercendo sua função afetiva no âmbito da família). Nessa abordagem a contribuição das mulheres para a produção econômica da sociedade é excluída (DEVREUX, 2009). E, para as agricultoras familiares, isso é ainda mais delicado, porque a família também é o espaço da produção e da reprodução.

Então nos perguntamos: como pensar a divisão sexual do trabalho, a invisibilidade do trabalho doméstico e de

cuidados, a sobrecarga de trabalho das mulheres rurais, quando todos os espaços se confundem, se misturam, como o espaço da agricultura familiar?

Como repensar a família rural, se esta também é a base do modo de produção agrícola tão importante para o meio rural brasileiro e mundial?

Como trazer esta discussão para as comunidades e povos tradicionais? Que modelo de família está querendo construir?

Como podemos dividir justamente os trabalhos domésticos e de cuidados e reconhecer a importância do trabalho das mulheres rurais para a produção e reprodução, para a segurança alimentar e para a vida?



Quanto a minha experiência da Caderneta, pra mim está sendo muito positivo, pois a Caderneta tem uns dados muito interessantes sobre o consumir, o trocar e o vender. São itens bem interessantes, pois a gente enquanto mulher nos quintais produtivos, a gente tem essa questão de doar e de trocar, principalmente a troca de sementes, que a gente faz, e isso não era contabilizado na nossa renda e com a Caderneta isso veio para contabilizar e saber também que isso é uma forma de renda que entra nas nossas casas, principalmente o consumir. Por que às vezes o esposo pensa que consumir os alimentos que vem dos nossos quintais não é nada, mas quando a gente vai colocar na ponta do lápis tem uma diferença grande no final do mês, nas contas, na hora de pagar. Para mim, a Caderneta está sendo uma ferramenta revolucionária, e quando a gente coloca na ponta do lápis tudo que a gente consome, tudo que dá, gente troca e tudo que a gente vende dá uma soma muito significativa no final do mês.”

Jaciara Ladislau Leobino, município Sento Sé, comunidade Andorinhas, Bahia.

Projeto Pró Semiárido.



06 As agricultoras agroecológicas do semiárido brasileiro

e a divisão sexual do trabalho doméstico

Os dados aqui apresentados correspondem à sistematização de 642 questionários de caracterização social (QCS) que foram aplicados com as mulheres participantes da pesquisa, em seis projetos apoiados pelo FIDA no Brasil em sete estados do Nordeste do Brasil e que são apoiados pelo FIDA por meio da ação direta do Programa de Gestão do Conhecimento do FIDA no Brasil, o Programa Semear Internacional.

Observaremos algumas categorias que nos permitem refletir sobre as condições objetivas da vida dessas mulheres, entrecruzando com as questões produtivas e de acesso à renda e participação política. É por meio de dados como este que se pode pensar como a injusta divisão sexual do trabalho e o trabalho de cuidados

pesam nos seus cotidianos e são um impeditivo a participação política e acesso efetivo à renda.

Sobre a percepção delas sobre o trabalho, reafirma ainda a dificuldade de separação entre trabalhos domésticos e de cuidados e os outros tipos de trabalhos que elas desenvolvem no agroecossistema. Outra questão é o não reconhecimento da importância dos diferentes trabalhos desenvolvidos pelas mulheres, o que contribui para a manutenção dos sistemas de opressão patriarcal. As mulheres participantes da pesquisa desenvolvem o trabalho agrícola como principal atividade, mas também exercem trabalhos diversos como artesanato, faxina, venda de cosméticos, costura, feitiço de vassouras, panelas e cerâmicas, sabão e sabonetes etc.

Do universo de mulheres agricultoras:



45

anos é a média de idade

60%

são casadas e 16% em relação de união estável

< 4%

(menos de 4%) declarou morar só, sendo que a co-habitação, quando não é com cônjuge e filhos(as) (maioria dos casos), se manifesta também com sobrinhos, pais ou avós

43%

têm até dois filhos(as), 40% entre dois e cinco filhos(as), e 10% têm mais de seis filhos(as)

57%

das entrevistadas têm filhos(as) com idade igual ou superior a quinze anos, e 35% têm filhos(as) menores de dez anos

80,6%

das agricultoras declarou não trabalhar "fora de casa"

Os dados exemplificam muito bem a realidade da vida das mulheres rurais no Brasil, na medida em que esse sistema exclui as mulheres rurais de diversos espaços e participação de projetos e políticas públicas, uma vez que, “ao gastarem mais horas na realização das funções domésticas, quando comparamos aos homens, essas mulheres dispõem de menos tempo para investir em sua educação, lazer e participação social e política” (SCHOTTZ et al., 2015).

Quando perguntadas sobre quem é responsável pelo trabalho doméstico e de cuidados, do universo de mulheres pesquisadas:



85%

dos casos é a própria agricultora a principal responsável pelas atividades domésticas

< 7%

(menos de 7%) do total dos casos, a agricultora divide o trabalho com outra mulher do domicílio ou essas atividades são assumidas por essas outras mulheres, predominantemente mães e filhas da agricultora

82%

dos casos, existe algum filho ou filha de catorze anos ou mais que participa do trabalho doméstico

2%

dos casos, os homens da família protagonizam o trabalho doméstico

Quando observamos os dados de cada projeto, na Tabela 1, sobre a realidade das mulheres no que se refere à divisão do trabalho doméstico e de cuidados, percebemos que a realidade pouco se distingue, o que nos ajuda a compreender como o sistema patriarcal organiza e orienta as práticas sociais nas famílias rurais, independentemente dos estados. Esses dados nos permitem pensar estratégias para enfrentarmos institucionalmente essa realidade e construir metodologias que permitam fortalecer as mulheres rurais, dialogar com suas famílias e propor novos arranjos sociais, mais justos e solidários.

Tabela 1. Principal responsável pelo trabalho doméstico

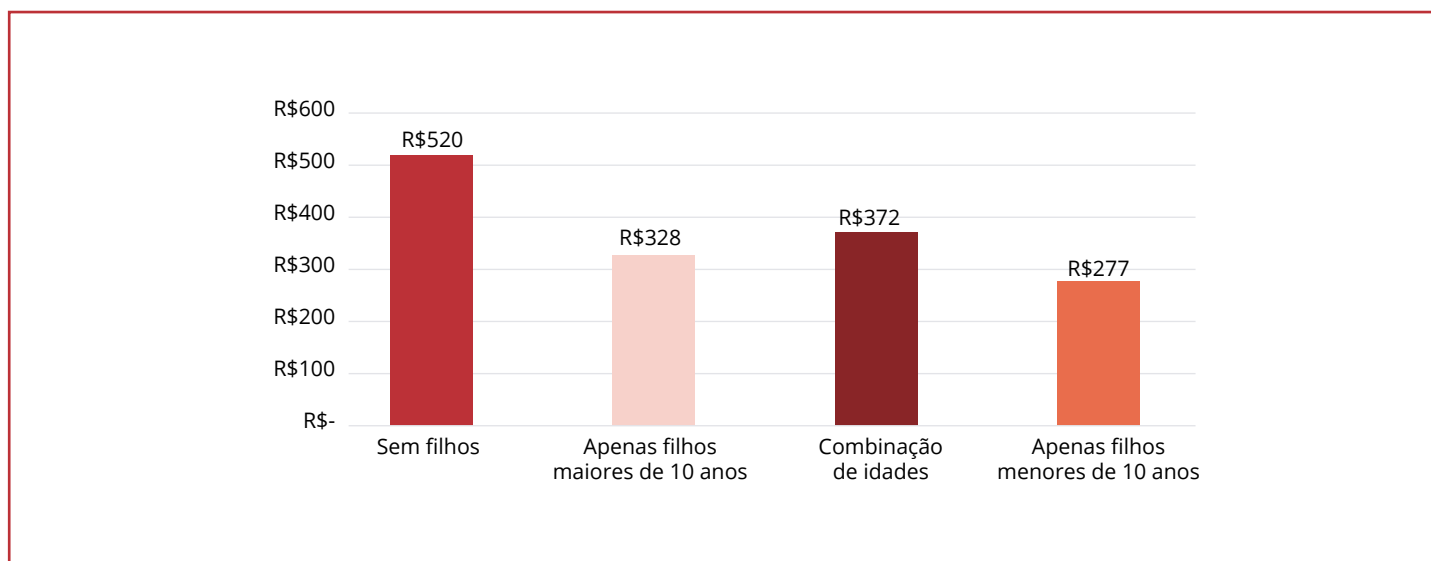
Principal responsável pelo trabalho doméstico	Procace	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
A própria agricultora	72,73%	85,71%	81,16%	86,36%	84,10%	91,89%
Mulheres da família	18,18%	14,29%	4,35%	9,09%	5,81%	5,41%
Integrantes da família, incluindo homens	0,00%	0,00%	4,35%	0,91%	2,45%	0,00%
Não responderam	9,09%	0,00%	10,14%	3,64%	7,65%	2,70%

Quando entrecruzamos o valor mensal médio da produção das agricultoras, de acordo com a existência e idade dos filhos, os dados são emblemáticos da injusta divisão sexual do trabalho que as mulheres vivenciam, o que nos possibilita pensar o trabalho de cuidados sendo exclusivo das mulheres.

Ao cruzarmos os dados, vemos que as mulheres sem filhos têm maior renda, em contraposição às que têm filhos menores de dez anos, que têm as menores rendas. Uma questão interessante é olhar para a combinação de idades dos filhos na mesma família, ou seja, mulheres que têm filhos maiores e menores de dez anos, o que nos permite pensar sobre os rearranjos domésticos no campo do trabalho dos cuidados, normalmente repassados para as filhas maiores.

Mesmo assim, a questão da maternidade e do trabalho de cuidados com filhos pequenos ainda se mostra um impeditivo para que as mulheres tenham acesso a maior renda, como ilustrado no Gráfico 1.

Gráfico 1. Valor mensal médio da produção das agricultoras de acordo com a existência e idade dos filhos

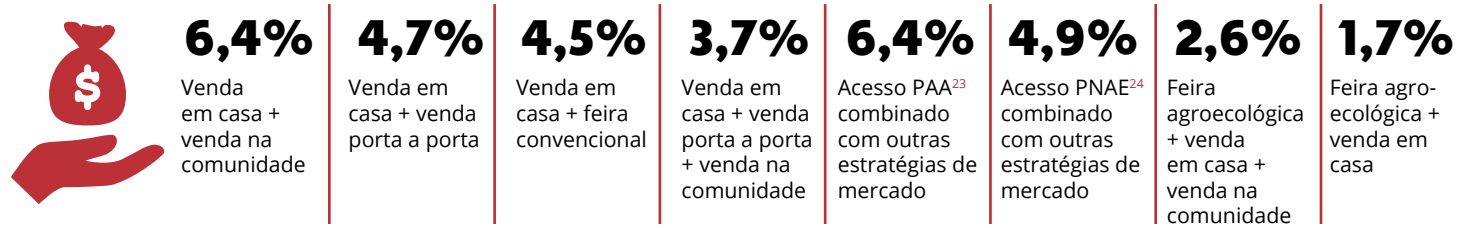


Destacamos a importância de projetos do FIDA com os cuidados com as crianças para que as mães possam participar dos eventos, como é o caso do projeto Cirandas Infantis, do Projeto Pró-Semiárido (PSA), na Bahia, desenvolvido de forma institucional como uma maneira de enfrentar as desigualdades de gênero e trazer a divisão sexual do trabalho para o centro do debate e das ações educativas.

A ciranda das crianças é uma ação estratégica que envolve três gerações: crianças, jovens cirandeiras/os e os adultos. Procura garantir condições de igualdade de participação de mulheres e homens dentro de suas comunidades, ressalta o potencial de jovens que se transformam em cirandeiras/os e, finalmente, integra as crianças camponesas ao processo formativo vivenciado por seus pais e/ou cuidadores, de modo que sejam preparados para ser futuras lideranças nos territórios rurais.

No que diz respeito ao acesso a mercados, os dados sistematizados correspondem a 575 mulheres das 642 que responderam ao questionário. A diferença entre elas é que as 67 mulheres restantes não acessam nenhum mercado.

A partir dos dados, é interessante notar que a estratégia central das mulheres é a venda em casa (60%), seguida da venda na comunidade (36%). Há, ainda, combinações diversas de formas de acesso a mercados. Destacamos que a venda em casa é a única estratégia de comercialização presente em todas as combinações, como demonstrado a seguir.



Se pensarmos sobre o acúmulo do trabalho doméstico, é compreensível a decisão das mulheres em comercializar seus produtos em casa ou na comunidade, pois a proximidade com a casa possibilita conciliar as diversas responsabilidades domésticas e de cuidados que lhes são atribuídas.

A participação em mais de um mercado exige mais tempo dedicado a essas atividades, o que se desdobra em mais trabalho. Isso pode ser determinante nas escolhas. Mesmo assim, esta é uma das estratégias mais importantes e eficazes para a construção de sua autonomia. Apesar dos entraves e das dificuldades vividas, que vão desde conciliação com as tarefas domésticas e de cuidados, transporte para seus produtos às dificuldades diversas para acessarem projetos para mercados institucionais (como PAA e PNAE), elas conseguem acessar mais de um mercado.

Esta estratégia, além de gerar renda, possibilita que elas saiam de casa, adquiram conhecimentos e novas práticas sociais de negociação, troca e venda, configurando um importante espaço de socialização e aprendizado para as mulheres. Destacamos que a venda na feira convencional é a que gera mais renda e onde há maior variedade de produtos. Mesmo assim, é a forma de mercado menos acessada pelas mulheres.

Podemos questionar: quais razões levam as mulheres a preterirem esse espaço de comercialização? Como esta pode ser uma ação estratégica para enfrentar as desigualdades de gênero nos projetos técnicos e produtivos?

²³ Programa de Aquisição de Alimentos.

²⁴ Programa Nacional de Alimentação Escolar.

“



Sou beneficiária do Projeto Dom Távora através do investimento feito em caprinocultura de leite e faço parte do grupo que está desenvolvendo e aplicando as Cadernetas Agroecológicas e vejo esta ferramenta com grande valor para as mulheres pois nos mostra como nosso trabalho diário em nossas casas, nos quintais e nos projetos produtivos e a importância do trabalho das mulheres e sua contribuição financeira na renda familiar. Auxilia na valorização da produção de alimentos saudáveis e também nos dar um norte nos mostrando o valor do nosso trabalho financeiro nas anotações e percebemos o que a gente deixou de comprar, aquilo que trocou, o que podemos vender. Eu vejo as Cadernetas Agroecológicas como um ferramenta importantíssima para nós mulheres pois muitas de nós acha às vezes que nosso trabalho não tem valor; desenvolvemos um trabalho muito importante. Só porque não circula dinheiro em nossas mãos a todo momento não que dizer que nosso trabalho não tem valor. As Cadernetas Agroecológicas com as anotações vemos que isto não é verdade pois deixamos de comprar muitas coisas o que é agregado a nossa renda familiar.”

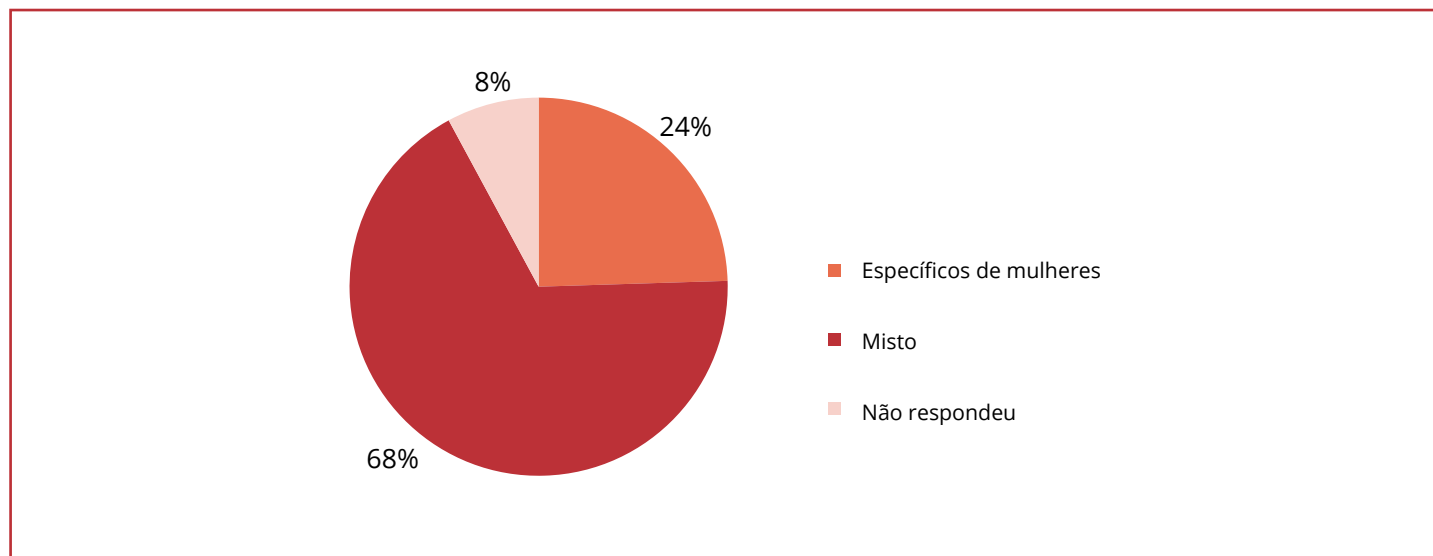
Agricultora **Ana Maria de Oliveira Souza Santos**.
Comunidade Cacimba Nova, município de Poço Verde, Sergipe.

Projeto Dom Távora.

Mulheres rurais e a participação nos espaços políticos e sociais no semiárido brasileiro

Observando o Gráfico 2, percebe-se a participação das mulheres em grupos ligados aos projetos FIDA como “produtivos ou de interesses”.

Gráfico 2. Percentual de grupos produtivos/de interesse só de mulheres



55%

das mulheres afirmam participar de algum grupo, sendo que 33% destes são grupos é formal

24%

são grupos compostos só por mulheres

68%

é misto (ou seja, composto por homens e mulheres)

48%

declararam que participam de alguma associação

45%

declaram que participam de sindicatos, exercendo inclusive cargos de liderança, tanto nas associações quanto nos sindicatos

A participação social e política é uma importante ação para transformar as relações de gênero no meio rural. A Tabela 2 nos mostra os dados por cada projeto.

Grupo produtivo	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Específico de mulheres	22,22%	25,00%	36,73%	44,44%	10,70%	42,86%
Misto	77,78%	75,00%	53,06%	55,56%	77,01%	57,14%
Não responderam	0,00%	0,00%	10,20%	0,00%	12,30%	0,00%

Percebe-se que essa tem sido uma estratégia usada pelas organizações que prestam assessoria técnica, pois há uma significativa participação das mulheres em algum tipo de organização política, inclusive ocupando cargos de liderança.

O que os dados revelam, a partir da realidade de cada projeto, é que a maior participação ainda se dá em grupos mistos, sindicatos e associações. Apontam também que existem dificuldades para o fortalecimento da auto-organização das mulheres em espaços específicos, e isso se apresenta como um desafio metodológico e político para cada organização envolvida.

Os grupos produtivos de mulheres rurais (formais ou informais) são reconhecidos espaços de fortalecimento das mulheres e uma importante estratégia de organização produtiva e de acesso a mercados. Mesmo com diversas dificuldades enfrentadas, se configuram como espaços de auto-organização e construção de autonomia, conforme Bruno e Jalil (2013).

Direitos são para mulheres e homens. Responsabilidades também!²⁵

Temos muito que avançar para transformar as relações sociais de gênero e, assim, modificar as relações de poder, sobretudo para uma nova ordem social e cultural, e para uma justa divisão sexual do trabalho entre os membros da família. Mas sabemos também que muitas famílias têm conseguido progredir para um novo modelo de organização do trabalho doméstico e de cuidados, em que as mulheres não são mais as únicas responsáveis. Esse também é um debate que deve ser incorporado de forma institucional, como objetivo para a construção de políticas públicas e projetos que levam em conta as especificidades de gênero no meio rural brasileiro.

O uso de metodologias como a da Caderneta Agroecológica permite reconhecer e visibilizar o trabalho das mulheres e sua contribuição social e econômica para a reprodução da agricultura familiar e o cuidado com a vida, aqui percebida de forma plena. Projetos assim são um importante passo para o enfrentamento a essas questões, que devem ser assumidas como um princípio ético e político para todas as ações que busquem enfrentar a pobreza, a fome e as desigualdades que ainda estruturam as sociedades.

O projeto demonstra que precisamos assumir esse desafio de forma coletiva (projetos parceiros, organizações e movimentos sociais, grupos de mulheres, comunidade e as famílias), para superar as desigualdades entre homens e mulheres e as formas de violência que se materializam no espaço doméstico.

Reconhecer a importância do trabalho doméstico e de cuidados assumido pelas mulheres e toda a sobrecarga de trabalho sobre suas vidas é um importante passo para fortalecer a participação das mulheres rurais nos espaços públicos e políticos, seu maior acesso à renda, a políticas públicas, já que passam a ter mais tempo para outras atividades que também são fundamentais para a autonomia, com seu reconhecimento como trabalhadoras ativas e sujeitos de direito pleno.

O desafio comum a todos os sujeitos é reconstruir as relações sociais a partir do respeito, do amor, do cuidado como uma ação social (e não apenas das mulheres) e do bem comum, que nos levem a repensar nossa relação com a natureza e com o meio ambiente ao nosso redor. Um mundo sem violências e expropriações passa, primeiramente, por uma reconstrução das relações sociais no espaço doméstico, na casa, com um novo modelo de família, pelo reconhecimento do trabalho das mulheres, da renda gerada por elas e pelo atendimento às suas demandas de assessoria e financiamento de sua produção. Só assim conseguiremos dar sentido às ações para a construção de modelos de desenvolvimento rural sustentável e dignos para as populações e mulheres do Semiárido brasileiro.

²⁵ Para saber mais: <<https://www.facebook.com/peladivisaojustadotrabalhodomestico/>> ou <<https://www.youtube.com/watch?v=ov0Ar44SuzA>>. Acesso em: 5 jun. 2020.

Caderneta agroecológica

Por Josefa Santos

Minhas queridas amigas
Escute o que vou falar
Abra a cartilha de noite
Não se esqueça de assinar

Aquilo que você vendeu
E aquilo que você trocou
Aquilo que você comeu
E aquilo que você doou

Isso é bonito de ver
na "mordenalidade";
Ver as mulheres organizadas
com a sua contabilidade.



*Agricultora dona Josefa Santos -
Sítio Alto - Sergipe.
Projeto Dom Távora.*



São necessárias muitas mãos para construir uma grande rede de mulheres

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Censo 2010)²⁶, no Brasil 29.830.007 pessoas vivem nas áreas rurais, das quais 15.696.816 são homens (53%) e 14.133.191 são mulheres (47%). Destaca-se ainda que a região Nordeste do Brasil mantém a maior concentração de população rural, chegando a 28%, seguida das regiões Norte, com 26%, Sul, com 14%, Centro-Oeste, com 10%, e Sudeste, com 7%. Ainda de acordo com o Censo, dos 5,07 milhões de estabelecimentos rurais, 77% são classificados como da agricultura familiar, sendo predominantes também nas regiões Nordeste e Norte do Brasil.

Dessa forma, nos parece correto afirmar que é fundamental discutir questões que marcam e definem a vida no meio rural brasileiro, dando especial destaque à Agricultura Familiar e à vida das mulheres rurais. Esse exercício nos possibilita repensar os modelos de desenvolvimento voltados para essa população, gerar novos dados e construir novos indicadores sociais e econômicos que reconheçam as desigualdades de gênero como algo que deve ser enfrentado efetivamente.

Movida por esta questão, a Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste²⁷ elaborou a “Campanha pela divisão justa do trabalho doméstico: direitos são para mulheres e homens, responsabilidades também”,

como um dos recursos para provocar esta discussão junto às famílias rurais e organizações que prestam assessoria técnica com enfoque de gênero. Entendemos que a injusta divisão sexual do trabalho, a invisibilidade e o não reconhecido do trabalho executado pelas mulheres é um dos principais impeditivos para que possam acessar políticas públicas, projetos produtivos, participar de espaços públicos (como feiras, sindicatos, associações) e serem reconhecidas como sujeitos políticos, como apresentamos ao longo do texto.

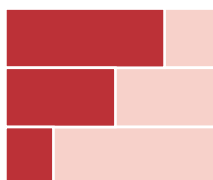


FICAR EM CASA É QUESTÃO
DE SAÚDE, **DIVIDIR TAREFAS** E
VIVER SEM VIOLÊNCIA TAMBÉM

²⁶ Censo 2010 – IBGE. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8>>. Acesso em: 19 maio 2020.

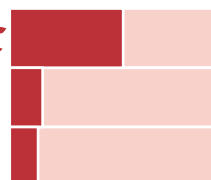
²⁷ A Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste é composta por um amplo leque de atores sociais. Entre eles estão três universidades Federais; 22 ONGs do campo agroecológico; três movimentos sociais feministas, como o Movimento da Mulher Trabalhadora Rural (MMTR-NE), o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC); e dois movimentos mistos, como o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A Rede foi fundada em 2014 e atua a partir de ações articuladas com atores nos territórios da região Nordeste do Brasil nos seguintes eixos temáticos: elaboração e proposição de políticas públicas; construção de metodologias participativas; análises e sistematização de experiências e processos de formação e capacitação de grupos de mulheres, juventudes, povos e comunidades tradicionais, especialmente no contexto do sistema de ATER, visando a sua qualificação.

É a partir desse contexto que se torna fundamental problematizar o trabalho das agricultoras agroecológicas como mulheres que desenvolvem atividades agrícolas e não agrícolas voltadas para a reprodução de seus grupos familiares e de proximidade, a partir de práticas sustentáveis (sociais, ambientais, econômicas e ecológicas) em seus agroecossistemas, que desenvolvem relações sociopolíticas e econômicas com diferentes atores fundamentais para os processos de transição agroecológica e para a reprodução da vida. Elas são portadoras de conhecimentos ancestrais, que ressignificam e transformam suas práticas a partir das necessidades e mudanças ambientais e culturais (TELLES et al., 2018), e participam da atividade de uso das cadernetas reconhecendo sua contribuição para a economia da família (ou da agricultura familiar). Elas assumem, como questão metodológica e política, o olhar para as relações sociais de produção e reprodução, materializadas em espaços distintos dentro do agroecossistema²⁸, dando ênfase especial aos espaços protagonizados pelas mulheres, no que tange à tomada de decisões sobre produção, formas de manejo, acesso a tecnologias, crédito etc.



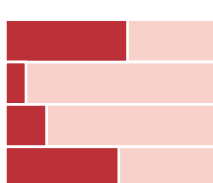
EM RELAÇÃO À COR OU ORIGEM ÉTNICA

75% das agricultoras podem ser consideradas mulheres negras
53% se autodeclararam pardas;
22% se autodeclararam pretas.



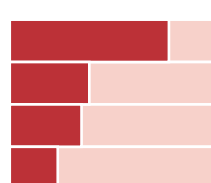
EM RELAÇÃO A TERRA

Pouco mais da metade (**54%**) possui terra própria;
18% possuem documentação em seu nome;
12% acessam a terra por comodato.



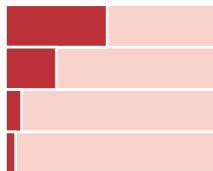
EM RELAÇÃO À CATEGORIA

64% se identificam como agricultoras familiares;
9% como assentadas;
16% como quilombolas;
57% das agricultoras extraem bens naturais da caatinga.



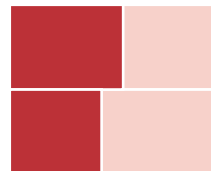
EM RELAÇÃO AO ACESSO À ÁGUA

73% das agricultoras possuem cisterna de beber;
39% possuem cisterna de produção;
31% possuem poço artesiano;
21% recebem água por meio de caminhão pipa.



EM RELAÇÃO À ESCOLARIDADE

48% têm ensino fundamental incompleto;
22% completaram o ensino médio;
8% têm ensino técnico ou superior;
4% são analfabetas.



EM RELAÇÃO ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS ACESSADAS

55% acessam o Programa Bolsa Família (PBF);
40% acessam o Serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER).

²⁸ Para Silliprandi (2009), o agroecossistema é definido como um tipo específico de ecossistema modificado pela ação humana por meio das atividades agrícolas. É a unidade geográfica delimitada (ainda que variável quanto a sua extensão) onde se dão complexas relações entre práticas agrícolas e o ecossistema original. Para entender essas relações, é necessário analisar não apenas os fenômenos ecológicos que ali ocorrem (bioquímicos, agrônômicos), mas também as interações entre os seres humanos.



Meu nome é Francilda, trabalho com Assistência Técnica Sistemática (ATS) do Projeto Viva o Semiárido (PVSA) e tenho prazer de falar que fui uma das escolhidas para fazer o acompanhamento das mulheres que foram contempladas com as Cadernetas Agroecológicas. Esse acompanhamento das cadernetas tem sido pra mim um grande desafio, desafio esse que me fez crescer, tanto como profissional quanto como pessoa. Na verdade tem sido uma verdadeira troca de conhecimento. Ali eu pude perceber a realidade da vida das agricultoras. Antes delas receberem as Cadernetas para fazerem suas anotações, elas não faziam ideia que seus quintais eram realmente produtivos e que gerava renda também, renda que ajudam no sustento das famílias das mesmas. Eu pude perceber que as agricultoras gostaram muito da ideia de fazer anotações de tudo o que produzem nos seus quintais, como também do que elas doam pros vizinhos, trocam também, e o que comercializam. Pude notar o interesse das mesmas em aumentar o plantio nos quintais para que tivessem mais coisas para comercializar e com isso aumentar a renda da família. Algumas delas ainda sofrem com o problema de falta de água, porém, mesmo assim, trabalhando com a água que chega em carros pipa, elas não desistem de produzir seus alimentos. Os quintais estão lá todos bonitinhos, cheio de plantas frutíferas, de hortas... as hortaliças todas bonitinhas. A tudo isso meu Muito Obrigada!”

Francilda Lima/Emater – Avance – Projeto Viva o Semiárido.

Cara amiga eu vou falar, preste muita atenção vou falar dessa cartilha que chegou na região a cartilha é o livro de toda anotação que tira do seu quintal, pra saber sua produção sua produção é anotada de tudo que você tem o que consome, o que dá e o que vende também tudo isso é anotado pra saber o que tem este livro tem valor com muita categoria é uma cartilha muito boa pra ajudar as família as família não sabia o valor do seu quintal hoje, com essa cartilha, tudo ficou mais legal ela melhorou bastante a nossa situação da mulher agricultora de toda região, agora a gente sabe o valor da produção nós plantava as hortaliça, não sabia o que dava, não agora a gente já sabe, melhorou a situação na cartilha é anotado o valor e o total das nossas hortaliças que temos no quintal eu vendo minhas verduras, que é de boa qualidade você anota o valor e também a unidade pra saber valorizar a nossa propriedade esta foi uma boa ideia que eu gostei de ouvir falar quando esta cartilha veio para tudo anotar porque você não esquece de tudo que vai plantar e ,no uso do quintal, a produção que vai dar eu faço tudo isso e tudo tenho que anotar para no final do mês eu saber o que vai dar a renda do seu quintal pra poder se basear o lucro e o valor que nós temos que anotar a caderneta agroecológica é o controle da produção pra controlar o quintal e a nossa produção é livro de registro para a sua organização a caderneta é aprendizagi pra todos agricultor vender e ter o total sem saber o seu valor sem pensar nos alimento, segurança alimentar das suas hortaliças que as mulher vão plantar alimentação saudavi que nós temos que anotar nós temos que registrar toda confirmação de todo nosso quintal e da nossa produção pra saber valorizar a nossa região as mulheres agricultoras são elas as guardiãs das suas caderneta e também anotações



Sou Maria Araújo, da comunidade de pauzinhos, do território O Amanhã, no município de Campo Formoso na Bahia e faço parte do projeto Pró-Semiárido.



07 A trajetória do grupo de trabalho para equidade de gênero

nos projetos fida no Brasil

O Grupo de Trabalho para Equidade de Gênero nos Projetos FIDA Brasil surge em 2017, em razão de demandas oriundas das missões de supervisão realizadas pelo FIDA junto aos projetos, tendo sido uma das proposições sugeridas para apoiar as ações de execução. Outra proposta apresentada à época, para fortalecer os trabalhos já desenvolvidos para a promoção da igualdade de gênero, foi a publicação do estudo intitulado *Resultados do diagnóstico em gênero dos projetos apoiados pelo FIDA no Brasil* (Weitzman, Rodica. FIDA. 2017)²⁹.

A publicação trouxe, ainda, novas sugestões, como a necessidade de investir em um processo de sistematização das inovações metodológicas, que pudesse contribuir para o empoderamento das mulheres rurais nos projetos. Isso fortaleceria ainda mais o processo de transversalização do enfoque de gênero no conjunto dos projetos apoiados pelo FIDA. Restou evidente que muitos projetos experimentavam desafios parecidos, e que a socialização destes processos seria fundamental para tentar resolvê-los. Assim, o Programa Semear Internacional, uma doação do FIDA para promover a Gestão do Conhecimento no Brasil, tratou de promover um encontro entre todas as assessorias em gênero dos projetos, para que

pudessem discutir esse diagnóstico, oportunizando a troca de experiências, desafios e soluções.

Em paralelo, foi realizado também um encontro para analisar a situação de vários Grupos de Mulheres nos Semiáridos Nordeste, na tentativa de mapear os processos de funcionamento desses grupos e as questões comuns. A criação de Grupos de Mulheres faz parte de um processo de auto-organização, que prioriza atividades educativas e de reflexão-ação, em um contexto em que predominam as desigualdades de gênero e a dominação masculina. O objetivo comum é o de criar um espaço de diálogo para que as mulheres reflitam sobre o processo histórico de dominação que vivenciam e, a partir disso, possam assumir transformações em suas vidas. Neste momento, nascia o *GT para Equidade de Gênero nos Projetos FIDA Brasil*, com o propósito de gerar mudanças para quase duzentas mil mulheres – beneficiárias das ações dos projetos FIDA no Brasil

Hoje, o *GT de Gênero do FIDA Brasil* é composto, basicamente, pelas seis assessoras de gênero, raça, etnia e geração de cada projeto, por duas consultoras do Programa Semear Internacional e pelas consultoras do FIDA para assuntos ligados a equidade de gênero.

²⁹ A publicação está disponível no site do Programa Semear Internacional <http://portalsemear.org.br/publicacoes>



O grupo se reúne, presencialmente, duas vezes por ano, para promover perspectivas de atividades integradas. Ao trocar ideias, partindo das necessidades e interesses das agricultoras, o GT reflete sobre as diferentes temáticas que correspondem à vida da mulher rural, da mulher negra, indígena, pescadora, quilombola, fundo de pasto, artesã e outras várias mulheres, ampliando seu olhar para feminismos diversos.

Mulheres que fazem ou já fizeram parte das atividades desenvolvidas pelo GT, pelo Semear Internacional e pelos Projetos, e que são mantidas como referências, como o exemplo de Rita Preta, uma louceira e quilombola da região de Santa Luzia, interior

da Paraíba, que deixou o Quilombo do Talhado em direção à cidade, sem abandonar a arte da fabricação de louças de barro. Com depoimentos fortes e uma história inspiradora, o PROCASE, por meio de sua assessora de Gênero, Maria do Carmo, apoiou a produção do curta metragem³⁰ dirigido pelo Semear Internacional, que mostra como a atitude de Rita Preta mudou a vida de uma comunidade inteira.

Já no Estado do Piauí, há a história da Associação de Mulheres Agricultoras de Itainópolis (Amai), que começou na década de 1990. De lá, saíram duas associadas que ocuparam espaços de poder relevantes: Dona Francisca, eleita primeira mulher presidente

³⁰ Assista o curta no portal do Semear Internacional <http://portalsemear.org.br/videos/rita-preta-da-paraiba/>

do Sindicato de Trabalhadores Rurais, e Dona Teresa, primeira agricultora a se eleger vereadora no município. Para elas, isso fortaleceu o grupo e mostrou o reconhecimento do trabalho que elas vinham realizando, nas hortas, nos sindicatos, nas vendas e na inovação. Essas mulheres estão no livro *Mulheres que florescem o Semiárido Nordeste*³¹, que contou com o apoio da assessora de Gênero do Projeto Viva o Semiárido, Sarah Luiza. Aliás, todas as cartilhas, livros e vídeos produzidos pelo Programa Semear Internacional com articulação do GT de Gênero apresentam experiências de mulheres que têm lutado para terem seus trabalhos reconhecidos e valorizados, enfrentando o patriarcado e o machismo cotidiano.

Nesta mesma publicação citada, é apresentada a comunidade de Poço Redondo, município de Tabira, a 395 quilômetros de Recife, por meio de um grupo chamado Guerreiras do Pajeú II. O grupo é composto por vinte mulheres do sertão de Pernambuco, que consomem e vendem tudo que produzem na comunidade. O Projeto Dom Helder Camara (PDHC) trabalhou todos esses processos produtivos e organizativos de forma articulada, compreendendo como fundamentais os seguintes temas: associativismo, cooperativismo, gestão participativa, acesso às políticas públicas, agroecologia, segurança alimentar, juventude, gênero, raça e etnia.

“Difusão de Experiências” é o termo utilizado para dizer o que se quer fazer com essas histórias inspiradoras das mulheres, vale dizer, disseminar, propagar, revelar, transmitir, externar, anunciar, comunicar, irradiar, semear. E é exatamente o que acontece no livro *Riquezas do Semiárido*³², que traz onze histórias que narram o desenvolvimento da agricultura familiar nas regiões semiáridas, escritas por técnicos, técnicas, beneficiários e beneficiárias dos projetos apoiados pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) no Brasil.

³¹ Leia e faça o download do livro no portal do Semear Internacional <http://portalsemear.org.br/publicacoes/mulheres-que-florescem-o-semiarido-nordestino/>

³² Leia e faça o download do livro no portal do Semear Internacional <http://portalsemear.org.br/publicacoes/riquezas-do-semiarido-historias-de-sucesso-impulsionadas-pelas-acoes-do-fida-no-nordeste-brasileiro/>



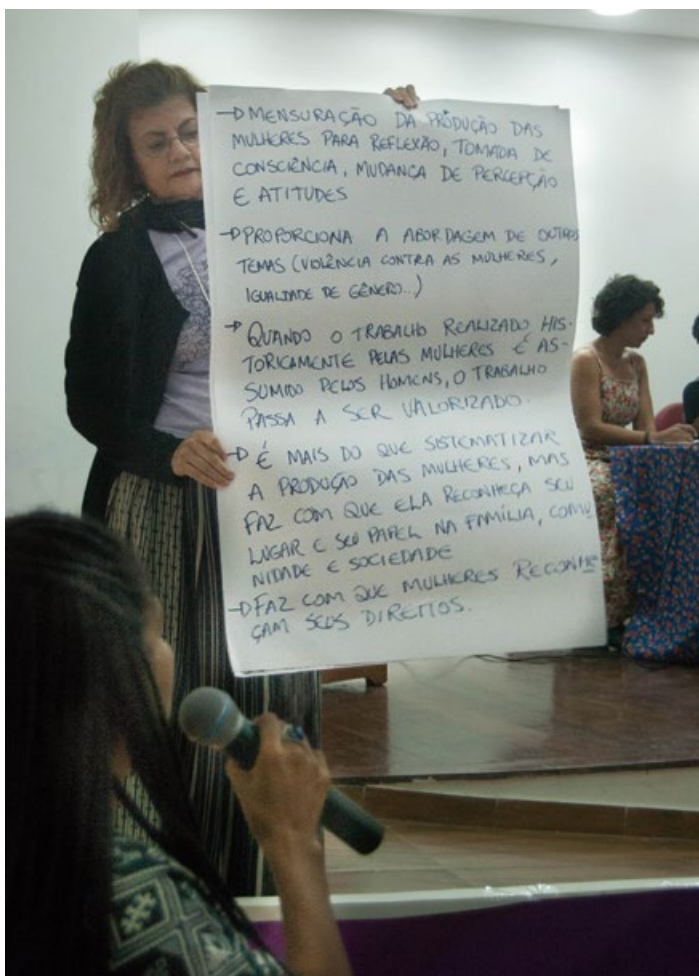
Nesta publicação, é possível conhecer, por exemplo, a história inspiradora da Associação de Bordadeiras e Moradores do Povoado Nova Brasília e sua Tradição da Renda Richelieu, que contou com o apoio da assessora em gênero, Amarize Soares, em Sergipe. A presidente da Associação, Kelly de Melo, conta que, com a chegada do Projeto Dom Távora, o grupo está conseguindo alcançar os objetivos pretendidos, como aumentar a renda das mulheres, promover a sucessão do artesanato, produzir em maior quantidade, e conseguir um mercado fixo para venda dos produtos, além de modernizar seus equipamentos.

Tais processos de comunicação geraram mais inquietações no GT do FIDA, servindo de combustíveis para a mobilização e para o desenvolvimento de outras atividades. É quando surge, ainda em 2018, a oportunidade de conhecer os *Resultados do uso das Cadernetas Agroecológicas*, uma metodologia utilizada por mulheres de outras regiões do Brasil, num processo articulado com o Governo Federal, o CTA Zona da Mata e o GT de Mulheres da ANA, como mencionado no início desta publicação. Era o início do processo que levaria as famosas Cadernetas Agroecológicas para os projetos apoiados pelo FIDA na região semiárida do Brasil, concretizando mais uma ação orquestrada pelo Gt de gênero. Com esse intuito, foram realizados diversos seminários, formações, reuniões, encontros, parcerias e acordos.

Como não existe uma maneira única de ser mulher, também não existiu uma maneira única de usar as Cadernetas com quase mil mulheres, que conformam experiências distintas, relatos diversos e mudanças contínuas. Acompanhar o uso de uma ferramenta em sete estados diferentes, cento e onze municípios e mais de quatrocentas comunidades é como acompanhar diferentes e enriquecedoras experiências.

A incorporação das mudanças não acontecem apenas com as agricultoras, mas, também, com as equipes gestoras que se aprofundam em temas relevantes: divisão sexual do trabalho doméstico, feminismo, violência doméstica, agroecologia, quintais produtivos, comercialização dos produtos na própria comunidade, participação da mulher na renda familiar, produção de





especiarias, plantas medicinais e ornamentais, entre outros. Estes temas foram incorporados nos processos de formação, e foram alimentados pelas anotações das mulheres, que “despertam consciência” sobre a realidade vivida por elas.

Fortalecendo esse ideal, a assessora de Gênero do Projeto Paulo Freire, no Ceará, Francisca Sena apresenta o exemplo da agricultora Emília Oliveira, 53 anos, que mora na comunidade Bonito, em Ipu. Uma liderança local que coordena um grupo de artesãs e integra a Associação dos agricultores familiares e pescadores de Bonito. Após a formação sobre as Cadernetas, em Fortaleza, Emília buscou apoio da prefeitura local e fez cópias do material de formação para realizar, ela própria, outras oficinas de formação com as companheiras da sua comunidade. Hoje, todas as mulheres do grupo anotam nas Cadernetas sua produção completa em artesanatos, peixes, vegetais e bolos.

Um outro exemplo de destaque que surge a partir do uso das Cadernetas vem da Bahia, onde é executado o Pró-Semiárido, atualmente o maior projeto do FIDA no Brasil, que conta com a assessora de Gênero Elizabeth Siqueira. Atuando em 32 municípios, o PSA contratou os serviços de dez entidades de Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) para acompanhar as agricultoras no aperfeiçoamento do trabalho diário e implementação do processo metodológico para uso das Cadernetas. Neste sentido, as Cadernetas se mostraram um potente instrumento para pensar e qualificar a ATER que vem sendo implementada junto aos Projetos parceiros do FIDA.

Para uma ação de ATER contextualizada não se pode mais falar apenas de uma ATER para a agricultura familiar, mas de uma ATER que reconheça os diversos sujeitos que a compõem, como as mulheres e as juventudes. É importante que esta onda de transformação aponte para um questionamento cuidadoso sobre qual a ATER que queremos? Essa mudança vai se desdobrar na necessidade de qualificação e formação das equipes técnicas e na melhoria da relação com o público beneficiário, como mais próxima, comprometida e sendo percebida como um vetor para que as comunidades e públicos conquistem suas autonomias.

A partir disso, será possível dar respostas a outras questões que marcam a vida social, como machismo, racismo, sexualidade, gênero, feminismo, divisão justa do trabalho doméstico, violência de gênero, participação, autonomia e empoderamento.

É nessa direção que caminha o trabalho conjunto do GT de Gênero do FIDA, com as demais áreas dos projetos, MeA, Quintais Produtivos, Social e Produtivo, das Associações de Mulheres e Agricultoras Rurais e das inúmeras Redes de Mulheres que atuam em solidariedade. Para que mais mulheres se identifiquem com os movimentos feministas, é necessário incorporar suas lutas, vozes, necessidades e pontos de vista em um plano de igualdade. É necessário que todas as esferas, públicas e privadas, estejam atentas a estas necessidades e particularidades.

A metodologia de trabalho com as cadernetas é integradora, e para que tudo fosse possível contou-se com o forte apoio das equipes de Monitoramento e Avaliação de cada um dos seis projetos nos sete Estados.

Foi por meio dos trabalhos realizados, desde os processos de recebimento dos registros das cadernetas, a organização e análise dos dados e por fim, o envio das planilhas padronizadas pelas equipes de monitoramento e avaliação (M&A), contribuindo assim, com a implementação das cadernetas agroecológicas nos Projetos do FIDA no Brasil.

Vale destacar, a importância do M&A neste processo das cadernetas, à medida que é implementado, propicia a reflexão, a geração de aprendizagens, conhecimento e colaboração para retroalimentar e fortalecer a gestão dos projetos FIDA no Brasil.

Assim, a metodologia da Caderneta Agroecológica possibilita um empoderamento das mulheres beneficiárias, mas, sobretudo, uma transformação nas práticas de ATER e nas relações entre a equipe técnica e as mulheres e entre as mulheres e suas famílias. São mudanças que geram transformações institucionais e políticas fundamentais para o fortalecimento dos projetos de desenvolvimento rural no semiárido brasileiro. Quando as mulheres começam a se transformar, a mostrar a sua movimentação, exigem que os homens e toda a sociedade se movimentem também, construindo, diariamente, relações de gênero mais igualitárias.



Caderneta Agroecológica – Grande Ferramenta

Por Marcilene Ribeiro de Araújo

Ela chegou pra ajudar
Somar, dividir e multiplicar
É bom mais precisa melhorar
Não ser significado de trabalho
aumentar

Estou falando da caderneta
Fazendo união com a caneta
Nosso quintal valorizar
Pequena quantidade contabilizar

Falamos de trabalhos
Com aumento de resultados
É com a soma que é valorizado
O calor que deixa meus braços
queimados

Contabilizou na caderneta
O pouco guardado na gaveta
Juntou tudo no mês
Me surpreendi mais uma vez
Soma do mês é apurado não é
salário mas é valorizado

Surpresa pra mim foi
A galinha vale mais que um boi
Descobri no meu quintal
É lento meu trabalho braçal

A diária não deu tá somar
Mas o valor eu pôde anotar
Ela veio bem planejada
Com ela podem ser marcadas o que
come, o que vende, troca ou dá
No final é só somar

Depois de dividir
Ao anotar pôde descobrir
O mínimo fica mais
Nossa vida é um jogo de sinais

A qui vou finalizar
Na minha caderneta vou anotar
Quanto vale o meu poema
Não foi possível, que pena

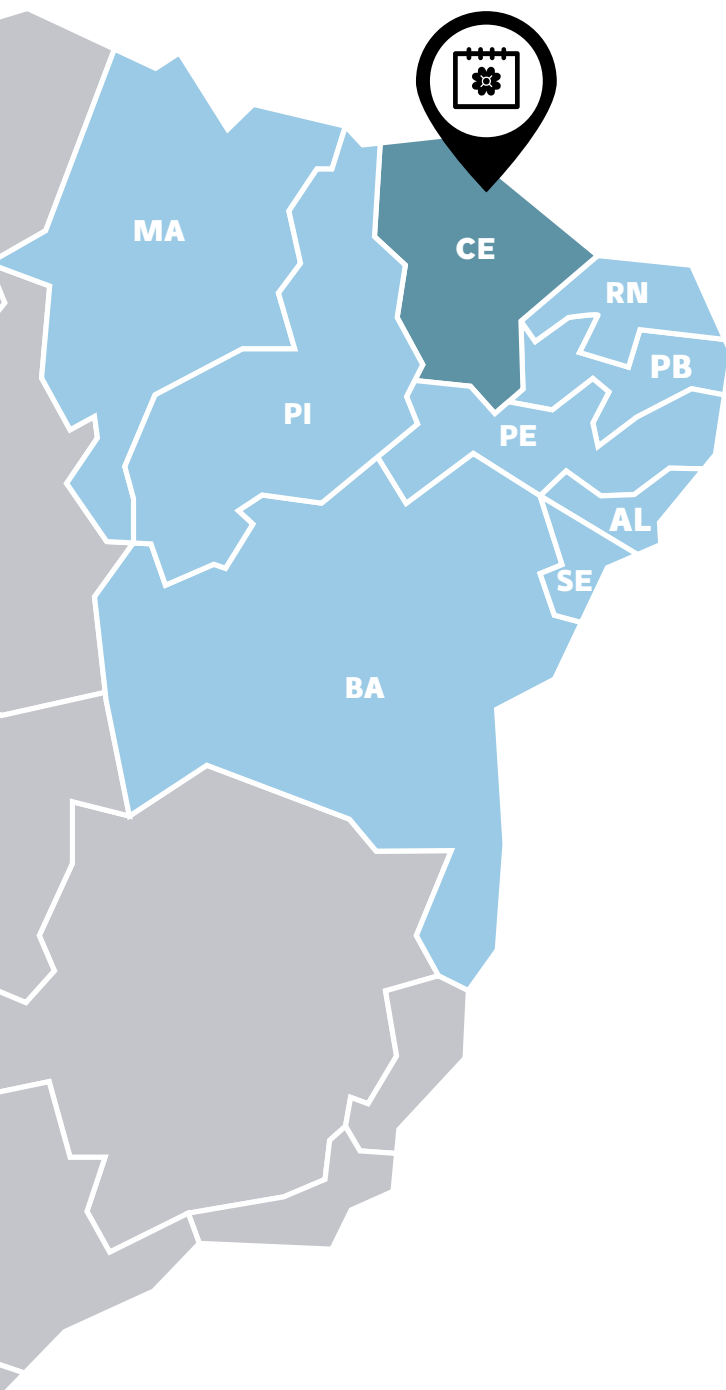
A caderneta agroecológica nós deixa
com uma rica lógico mínima tem
que anotar
Para o máximo chegar

É de pequeno que se cresce
É do anoitecer que amanhece
É do início que chega ao fim
Vamos anotar mais um pouquim



*Autora: Marcilene
Ribeiro de Araújo,
Piauí – Projeto Viva
o Semiárido.*





As Cadernetas Agroecológicas na experiência do Projeto Paulo Freire – Ceará

O Projeto Paulo Freire (PPF), da Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Estado do Ceará (SDA), é executado a partir da ação de sete organizações não-governamentais contratadas para prestar Assessoria Técnica Contínua (ATC) em 31 municípios distribuídos em três territórios: Cariri, Inhamuns e Sobral: Centro de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (Cactus), Instituto Flor do Piqui, Cáritas Diocesana de Crateús, Centro de Pesquisa e Assessoria Esplar, Centro de Estudos e Assistência às Lutas do/a Trabalhador/a Rural (Cealtru), Centro de Estudos do Trabalho e Assessoria ao Trabalhador (CETRA) e Instituto Antônio Conselheiro de Apoio, Assessoria e Pesquisa para o Desenvolvimento Humano (IAC).

A Comissão de Gênero e Raça/Etnia, animada pela especialista em gênero do PPF, também tem atuação relevante para dinamizar o processo das cadernetas agroecológicas. A implementação tem sido desenvolvida a partir de uma articulação em rede envolvendo esses sujeitos, com a realização de várias atividades formativas, de planejamento, monitoria e avaliação das atividades nesse processo. Em alguns momentos, envolvemos nas formações e nos debates a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), ampliando as reflexões e partilhando as dificuldades, resultados, aprendizados e desafios desse processo. O Grupo de Trabalho de Equidade de Gênero dos projetos apoiados pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e pelo Programa Semear Internacional (PSI) tem sido fundamental desde a concepção do Projeto para partilha dos processos e reflexões sobre os resultados, as dificuldades e os desafios dessa caminhada.

Além da formação inicial com as agricultoras, algumas técnicas já realizaram outros encontros, inclusive no território de Sobral, onde houve a experiência de reunir 36 mulheres, a partir da articulação de duas ATC: IAC e Cealtru. Atualmente, nesse período de isolamento social por causa do COVID19, o acompanhamento das mulheres vem sendo feito de forma virtual através de WhatsApp e de reuniões. Como forma de potencializar a experiência das mulheres no uso das cadernetas, realizamos, entre outros: dois encontros de agricultoras experimentadoras (dez/2019); três agricultoras e uma técnica participaram do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia (nov./2019); Feira da Agricultura Familiar com Mulheres Agricultoras (mar./2019); publicação do Boletim Floriô sobre as Cadernetas Agroecológicas; roda de conversa para refletir sobre os resultados das cadernetas (jan./2020).

AS AGRICULTORAS DO CEARÁ E O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL E INCIDÊNCIA POLÍTICA A PARTIR DO USO DAS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS

Muitas das mulheres participantes das cadernetas agroecológicas já são lideranças em suas comunidades e associações, mas essa atividade tem ampliado seus conhecimentos a partir das suas anotações. Hoje percebem com mais facilidade e têm mais fundamentos para explicar a importância das mulheres na

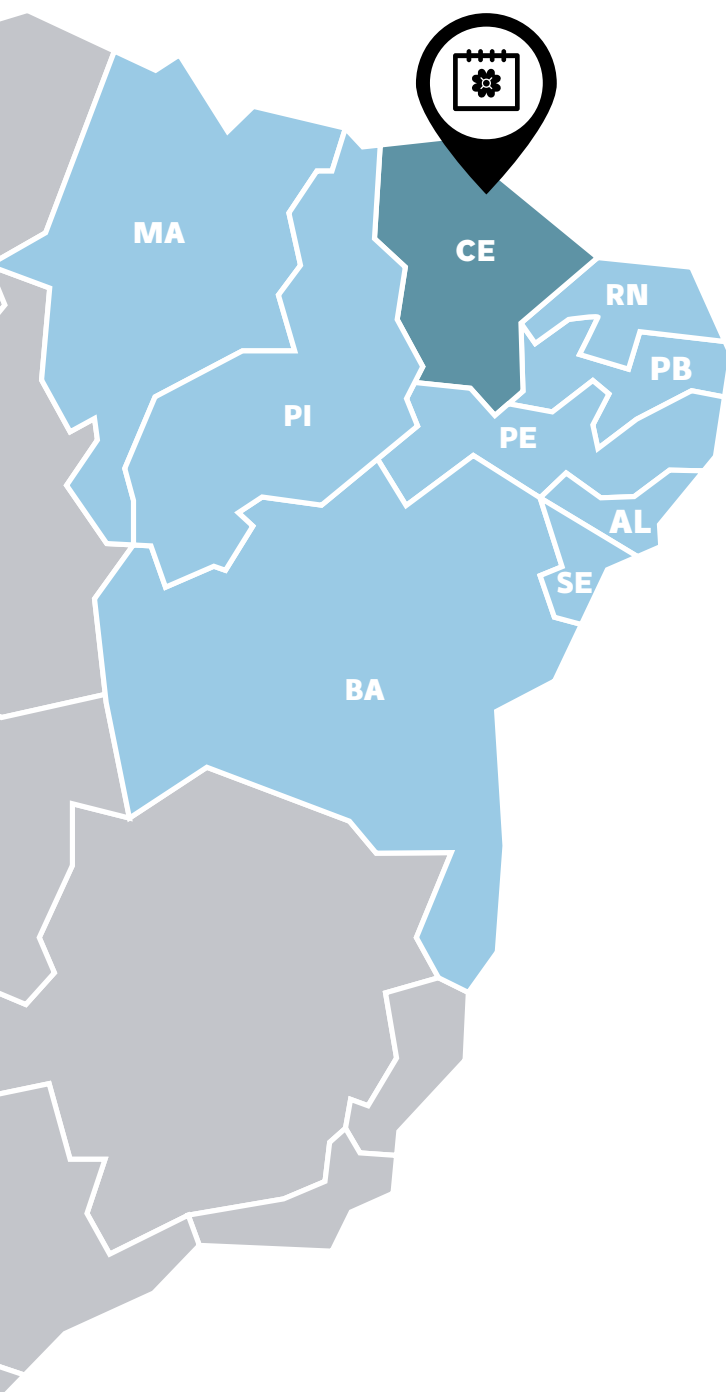
qualidade de vida do campo, na vida comunitária e no desenvolvimento do território.

Mulheres têm utilizado as anotações das cadernetas como embasamento para terem mais confiança e segurança na sua participação política em casa, na associação, na comunidade, demandando seus direitos às prefeituras. Algumas delas, individual ou coletivamente, têm buscado acessar políticas públicas para si, para outras mulheres e para suas comunidades.

Por meio do empoderamento das mulheres, proporcionado não só pelo uso das Cadernetas Agroecológicas, mas pelas diversas ações do PPF, é possível visualizar um crescimento individual e coletivo das mulheres camponesas, enquanto protagonistas da sua história, que têm se tornado mais independentes e realizadas, potencializando engajamento social, qualificação do seu trabalho seja no plantio, no manejo do solo, na recuperação de áreas e produção diversificada. As mulheres do Ceará mudaram seu olhar para a implementação dos Planos de Investimento Produtivo, o que vem gerando maior participação na execução do Projeto por parte delas, como nas reuniões, nos processos de compras e entrega de materiais, na apresentação de demandas para a assessoria técnica, a exemplo de orientações e formações sobre técnicas de compostagem.



Escrito por: Francisca Maria Rodrigues Sena. Educadora popular, assistente social e mestra em Políticas Públicas e Sociedade. Especialista em Gênero e Raça/Etnia do Projeto Paulo Freire, desenvolvido pela Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Estado do Ceará. Faz parte do GT de Equidade de Gênero dos Projetos apoiados pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) no Brasil.



Processo de implementação das Cadernetas Agroecológicas junto às mulheres agricultoras atendidas pelo PDHC II no estado do Ceará

O processo de implementação das Cadernetas Agroecológicas no sertão central do Ceará, nos municípios de Quixadá, Quixeramobim, Santa Quitéria e no noroeste do estado, no município do Ipu, se deu por meio da execução do Projeto Dom Helder Câmara II (PDHC II), a partir da assessoria técnica do Centro de Estudos do Trabalho e Assessoria ao Trabalhador (Cetra) e do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (Cactus).

Inicialmente, entre os dias 4 e 6 de setembro de 2019, foi realizado o Encontro Estadual de Formação para o uso das Cadernetas Agroecológicas, com os projetos apoiados pelo FIDA no estado, PDHC e Projeto Paulo Freire (PPF), contando com o apoio da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Agrário do Ceará (SDA-CE). O objetivo foi ampliar as capacidades das equipes técnicas para a implementação do uso das Cadernetas Agroecológicas com mulheres beneficiárias do PDHC e do PPF; preparar as equipes técnicas do PPF e do PDHC II e as agricultoras para aplicar os questionários socioeconômicos, facilitar a construção dos mapas da sociobiodiversidade e implementar o uso das cadernetas agroecológicas entre as mulheres das comunidades; definir estratégias de acompanhamento do projeto das Cadernetas Agroecológicas e construir um cronograma para seu desenvolvimento.

Foi realizado um amplo processo de formação com todas as agricultoras envolvidas, no sentido de apresentar a forma de utilização das cadernetas e esclarecer possíveis dúvidas. No decorrer do processo, todas as agricultoras receberam visitas técnicas individuais e acompanhamento aos subsistemas. Foram realizadas atividades periódicas de monitoramento entre a coordenação e as técnicas para esclarecer dúvidas, compartilhar as dificuldades e construir estratégias de forma coletiva, já que o acompanhamento ocorre de forma conjunta com as ações do PDHC.

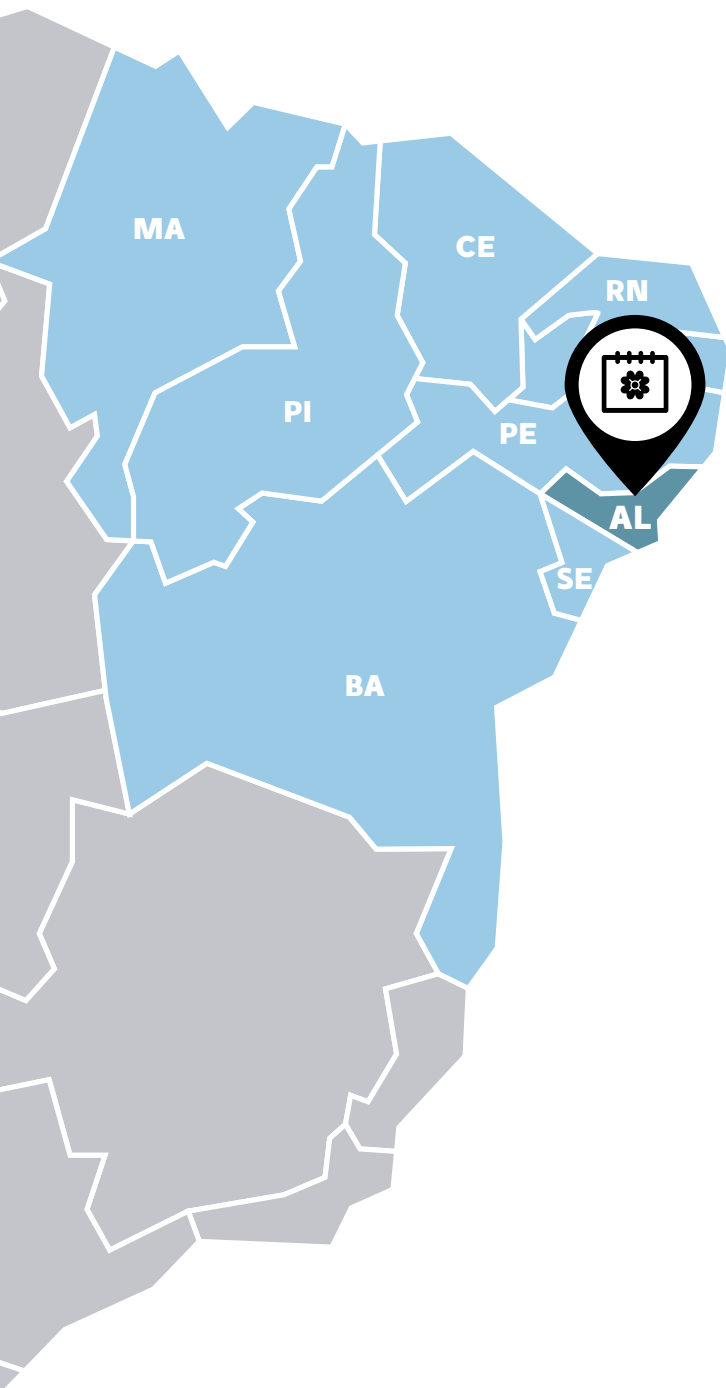
AS AGRICULTORAS DO CEARÁ E O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL E INCIDÊNCIA POLÍTICA A PARTIR DO USO DAS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS

Em sua grande maioria, as mulheres agricultoras já participavam de alguma associação, cooperativa ou grupo misto. Porém percebe-se maior incidência dessa participação após o período de acompanhamento da Caderneta, que, em seu momento de formação, tanto individual como coletivo, contribuiu para uma maior visibilidade da mulher nesses espaços. Embora não houvesse recursos provenientes do projeto para implementação, como plano de investimentos, observa-se que muitas agricultoras incrementaram ainda mais os quintais produtivos e aumentaram a diversidade das suas produções. Esse aumento da participação das mulheres nos coletivos mistos e associações ocorreu principalmente nos processos de comercialização solidária, como as feiras agroecológicas municipais de Quixeramobim, Quixadá e Santa Quitéria.

Foram estabelecidas relações com a Fundação Palmares, os sindicatos dos trabalhadores/as rurais dos municípios, instituições parceiras, Rede de Agricultores/as Agroecológicos, Rede de Feiras Agroecológica e Solidária do Ceará. Em algumas comunidades, destaca-se o processo para além do método individual de anotação nas cadernetas. Houve incidência maior em processos coletivos com as demais agricultoras da comunidade, em que podemos apontar, por exemplo, o quilombo Mearim, em Quixeramobim, cuja comunidade se envolveu em todo o processo, fortalecendo a luta pelo reconhecimento como comunidade quilombola. A fundação Palmares iniciou com eles todo um debate legal sobre o reconhecimento, trazendo a discussão de um projeto produtivo coletivo.



*Maria Evany Pompeu de Amorim.
Assistente Social, especialista em Políticas Públicas.
Consultora do IICA para o Projeto Dom Helder Camara II
no Estado do Ceará em 2019.*



Processo de implementação das Cadernetas Agroecológicas junto às mulheres agricultoras atendidas pelo Projeto Dom Hélder Câmara II no estado de Alagoas

A implementação das Cadernetas Agroecológicas no Estado de Alagoas iniciou com a participação no “1º Seminário para a Formação no uso das Cadernetas Agroecológicas nos Projetos Apoiados pelo FIDA no Brasil”, ocorrido no período de 3 a 5 de julho de 2019 em Recife (PE) realizado pelo Programa Semear Internacional. O evento teve o objetivo de sensibilizar e ampliar as capacidades das equipes técnicas para a implementação do uso das cadernetas agroecológicas com mulheres beneficiárias dos projetos apoiados pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA).

No Estado de Alagoas, a metodologia de uso e aplicação das Cadernetas Agroecológicas beneficia agricultoras familiares nos municípios de Água Branca, Delmiro Gouveia, Piranhas, Mata Grande, Pariconha, Santana do Ipanema, Poço das Trincheiras, São José da Tapera, Senador Rui Palmeira, Jacaré dos Homens, Monteirópolis, Olho D´Água das Flores, Palmeira dos Índios, Lagoa da Canoa, Girau do Ponciano, Craíbas, Tanque D´Arca e Traipu, inseridas em ações do PDHC II.

Iniciou-se o processo de multiplicação da metodologia de uso e aplicação das Cadernetas Agroecológicas com a capacitação de vinte e cinco técnicos de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) que realizam assessoria técnica por meio do Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (EMATER-AL). A multiplicação dos conteúdos envolveu a construção de mapas da sociobiodiversidade, a aplicação de questionários socioeconômicos e as atividades práticas na

sistematização das planilhas durante o acompanhamento e monitoramento do uso das cadernetas pelas agricultoras beneficiadas no PDHC-AL.

Para a Gerente de ATER da EMATER-AL, Graça Seixas, a capacitação dos agentes de ATER trouxe uma valorização no trabalho dos técnicos e das agricultoras beneficiadas no PDHC: “a Caderneta é muito significativa para as agricultoras, elas identificam o seu trabalho, a sua importância na contribuição da renda da família e passaram a entender o processo como resultado do seu esforço, da sua mão de obra e o seu quintal produtivo como gerador de renda. Isso as motivou a produzir mais e a reforçar a relação com os técnicos e suas atividades”.

A estratégia definida pelos agentes de ATER durante o processo de capacitação foi a de conscientizar as agricultoras da importância do registro e do conhecimento da sua produção como instrumento de formação e empoderamento, da valorização do seu trabalho e, principalmente, da continuidade da produção agroecológica em seus quintais produtivos.

AS AGRICULTORAS DE ALAGOAS E O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL E INCIDÊNCIA POLÍTICA A PARTIR DO USO DAS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS

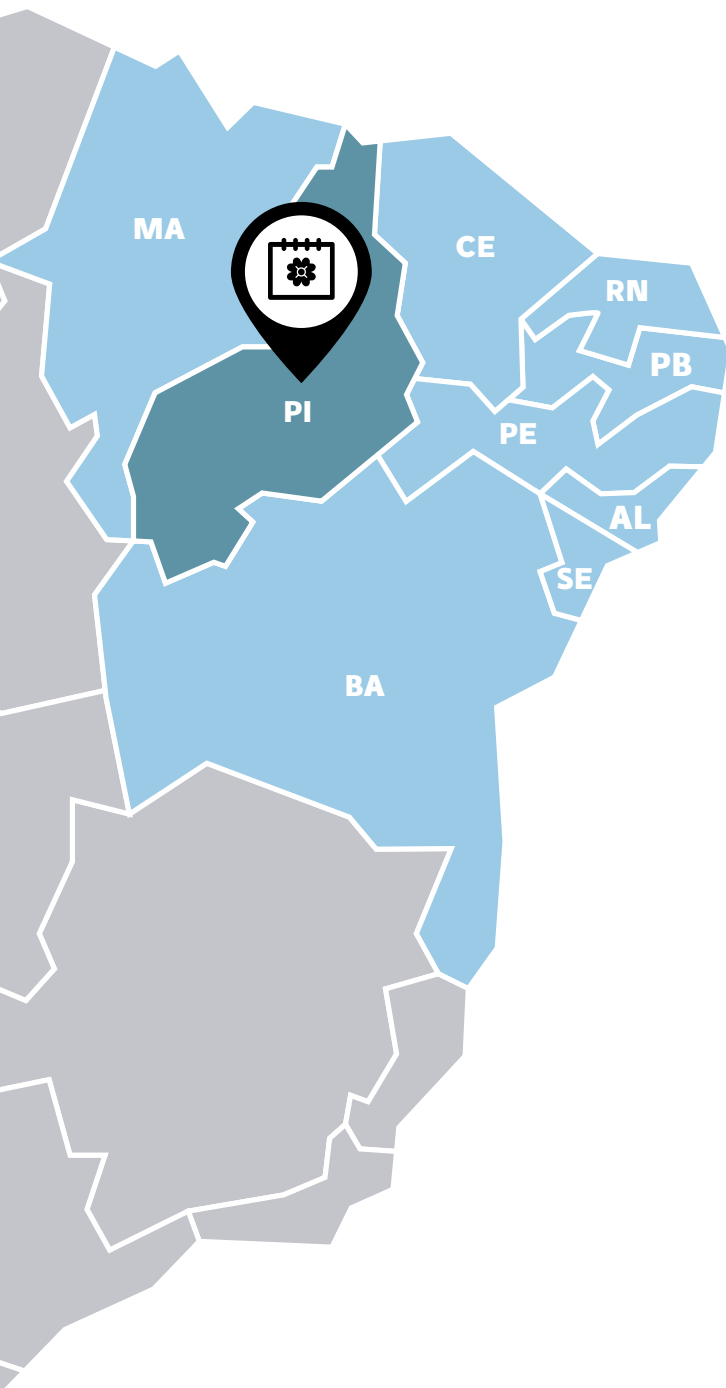
O reflexo do uso das CAs na incidência política e na forma de pensar uma ATER feminista e mais inclusiva para as mulheres é evidente por meio da sensibilização das equipes técnicas, processo que está ocorrendo em Alagoas, como se pode observar nos depoimentos da equipe técnica.

Para a técnica Anne Dayanne, “a capacitação na metodologia de uso das Cadernetas Agroecológicas foi de suma importância para mostrar a finalidade das cadernetas e seus objetivos. Quanto à aplicação junto às agricultoras, as cadernetas vieram complementar um trabalho que já realizávamos com as mulheres rurais de visibilidade da sua produção, mostrando para elas mesmas o seu valor na propriedade e na renda da família. Sem falar no estímulo constante da produção agroecológica”.

Segundo o técnico da EMATER-AL, Naciel da Silva Campos, do município de Traipu (AL): “para mim, técnico de ATER, a caderneta é um instrumento significativo, pois também traz o sorriso da mulher que entende e visualiza seu papel no seio familiar. Quando estamos realizando o acompanhamento do uso da Caderneta, notamos que a agricultora tem entendido seu papel na participação da família, coloca sua carga emocional naquele trabalho e percebe a sua importância e significância no retrato familiar. É maravilhoso acompanhar a realização desse trabalho de valorização das mulheres rurais”.



*Escrito por: Cláudia Yoná.
Consultora em Desenvolvimento Rural
Sustentável no PDHC II.*



A experiência com as Cadernetas Agroecológicas pelo PVSA/PI

No Piauí, o Projeto Viva o Semiárido (PVSA), uma ação do governo do estado, por meio da Secretaria de Agricultura Familiar (SAF) em parceria com o FIDA, apoiou desde o início essa iniciativa, compreendendo a importância do trabalho com as Cadernetas Agroecológicas para colaborar com a visibilidade do trabalho e da contribuição das mulheres agricultoras familiares. Para isso, foi definida uma equipe de consultoras, técnicas e agricultoras que seriam multiplicadoras desse trabalho, a partir da participação e formação realizadas no Seminário Regional, em Recife. Esse grupo foi composto por consultoras do PVSA (das áreas de gênero, quintais produtivos e monitoramento e avaliação); uma consultora da Unidade Regional de Gestão do Projeto (URGP), no território de Guaribas; duas técnicas das entidades de Assistência Técnica Sistemática (ATS), no Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Piauí (Emater-PI), e da Cooperativa de Produção e Serviços de Técnicos Agrícolas do Piauí e Associados (Cootapi); e quatro agricultoras.

A sugestão das mulheres e dos grupos produtivos que participariam da ação com as Cadernetas se deu a partir do diálogo entre essa equipe e a coordenação do PVSA, seguindo os seguintes critérios: serem grupos ou associações específicas de mulheres ou com maioria de mulheres; aquelas que estivessem trabalhando para o fortalecimento dos quintais produtivos; distribuição nos cinco territórios de atuação do PVSA (Itaim, Guaribas, Sambito, Oeiras e Serra da Capivara).

Para dar início aos trabalhos com as cadernetas agroecológicas no Piauí, foi realizado um processo de formação das agricultoras que farão parte da ação, assim como de algumas lideranças, técnicas da ATS e representantes das URGP. Aconteceram treze oficinas nos cinco territórios do estado, envolvendo cerca de 160 mulheres, com o objetivo de capacitar para o preenchimento, a animação, a coleta de dados das Cadernetas Agroecológicas, tratando ainda

temas referentes a gênero, valorização e visibilização do trabalho das mulheres, agroecologia e quintais produtivos. Nesse momento, todas as participantes desenham os mapas da sociobiodiversidade as áreas de produção de sua responsabilidade.

A partir desse momento de formação realizado nas próprias comunidades, as agricultoras que se comprometeram com o preenchimento e a participação das ações previstas receberam suas Cadernetas, deram início às anotações. Assim, estava formado o grupo de 143 mulheres que usariam as Cadernetas Agroecológicas por um ano (até agosto de 2020), acompanhadas por três ATS (Emater, Cootapi e Emplanta³³), localizadas em onze municípios (São Raimundo Nonato, Oeiras, Bela Vista do Piauí, Picos, Jaicós, Geminiano, Campo Grande, Itainópolis, Betânia do Piauí, Queimada Nova, Ipiranga do Piauí). Segue como desafio ampliar os processos formativos para equipes de assistência técnica e para as agricultoras; intensificar as ações coletivas com os grupos e o acompanhamento mais sistemático, para além da sistematização dos dados.

AS AGRICULTORAS DO PIAUÍ E O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL E INCIDÊNCIA POLÍTICA A PARTIR DO USO DAS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS

Como a escolha das mulheres e dos grupos que participariam do trabalho com as Cadernetas se deu com base nos processos organizativos já existentes, grupos produtivos ou associações de mulheres que eram beneficiárias do PVSA com Planos de Inclusão Produtiva (PIP), a expectativa era que esses espaços fossem fortalecidos. Segundo depoimentos das próprias mulheres e de técnicas da ATS, de maneira geral, o envolvimento com as Cadernetas tanto criou uma identidade coletiva em torno das “mulheres das cadernetas” quanto têm contribuído para que elas se aproximem, se apoiem e se animem para a execução dos seus projetos produtivos. Elas relatam que estão mais fortalecidas ao perceberem o quanto produzem de alimentos saudáveis, tanto para consumo como

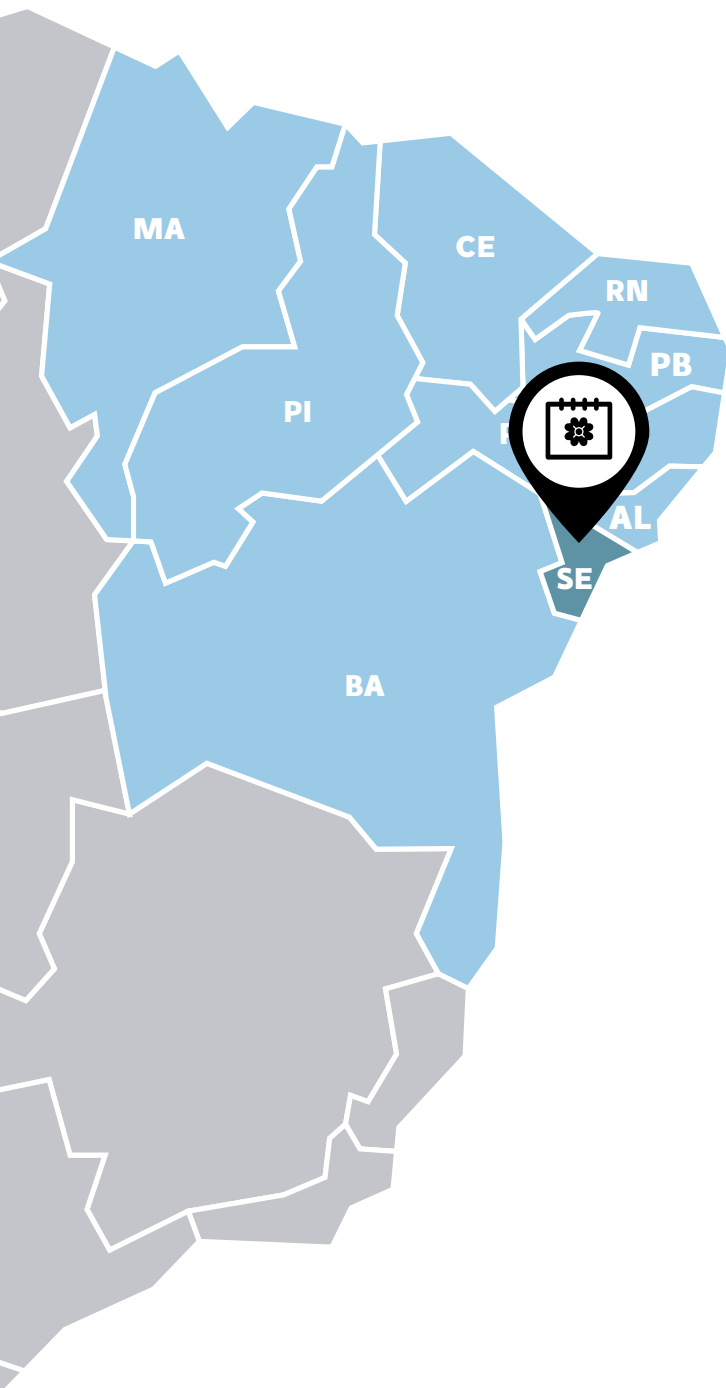
para venda, e o aporte que têm dado para a renda das famílias, o que faz que desejem aumentar essa produção, principalmente nos quintais produtivos.

O fortalecimento da organização social local das mulheres que estão executando projetos dos quintais produtivos da Associação dos Moradores e Pequenos Produtores do Piauí (Ampepi), mobilizado e articulado pelo Movimento de Pequenos/as Agricultores/as (MPA), e o grupo de mulheres da comunidade Fornos, em Picos, merece destaque. O primeiro grupo, que está trabalhando com a tecnologia do reuso de água cinza, tem tido as Cadernetas como um instrumento de fortalecimento da organização dos grupos nas comunidades, mas também do próprio MPA, que tem acompanhado de perto o preenchimento das cadernetas, a execução do projeto e somando ações de formação sobre temas como agroecologia e violência contra as mulheres. Já durante a pandemia causada pelo COVID 19, foi realizada um assembleia que debateu sobre a conjuntura e a violência, envolvendo várias agricultoras das cadernetas. Percebe-se, até o momento, que o aumento da incidência política tem se dado mais nas associações comunitárias e com o Projeto Viva o Semiárido acompanhando a execução dos PIPs.



*Escrito por: Sarah Luiza de Souza Moreira /
Consultora em Gênero, Raça/Etnia e Geração
do Projeto Viva o Semiárido.*

³³ Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Piauí (Emater-PI); Cooperativa de Produção e Serviços de Técnicos Agrícolas do Piauí e Associados (Cootapi); Empresa de Planejamento e Assistência Técnica Agropecuária (Emplanta).



Cadernetas Agroecológicas no Projeto Dom Távora

O arranjo institucional para a implantação das Cadernetas Agroecológicas no estado de Sergipe foi estabelecido pelo Projeto Dom Távora (PDT), por meio da Secretaria de Estado da Agricultura, Desenvolvimento e da Pesca (SEAGRI-SE) onde está localizada a Unidade Estadual de Gestão do Projeto (UEGP), representada pela Coordenação de Desenvolvimento de Capacidades (Codeca), em parceria com a Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro), e suas quatro Unidades Locais de Gestão do Projeto (ULGP), com a participação de treze Associações Comunitárias.

A Codeca formou um Grupo Técnico das Cadernetas Agroecológicas, composto pela equipe de Capacitação, Consultores de assistência técnica e Monitoramento e Avaliação (M&A), agricultoras e técnicos da Emdagro para criar as diretrizes da instrumentalização e implementação das cadernetas agroecológicas no projeto Dom Távora.

As formações foram realizadas em três etapas:

- Sensibilização e Mobilização: a equipe capacitada no Curso das Cadernetas Agroecológicas em Recife realizou a programação e implementação desta atividade;
- Formação dos Técnicos: os técnicos de ATER e os consultores do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) foram formados pela equipe da Coordenação de Desenvolvimento de Capacidades para serem multiplicadores e realizar o acompanhamento das agricultoras com o registro das cadernetas;
- Formação das Agricultoras: a equipe da coordenação das cadernetas e os técnicos formados, facilitaram a capacitação das agricultoras. As formações foram realizadas pela equipe de Desenvolvimento de Capacidades, por intermédio dos técnicos da Emdagro e consultores do PNUD.

A implantação das Cadernetas Agroecológicas tem contribuído para auto-organização dos grupos de mulheres que utilizam esse instrumento político-pedagógico.

Nas treze comunidades onde estão implantadas as cadernetas, já tinham seus Planos de Negócio construídos, assim, a relação entre os processos organizativos aconteceu na contribuição para o fortalecimento desses negócios na medida em que as mulheres descobrem que, quanto mais estiverem organizadas, melhor resultado conseguirão em sua atividade produtiva.

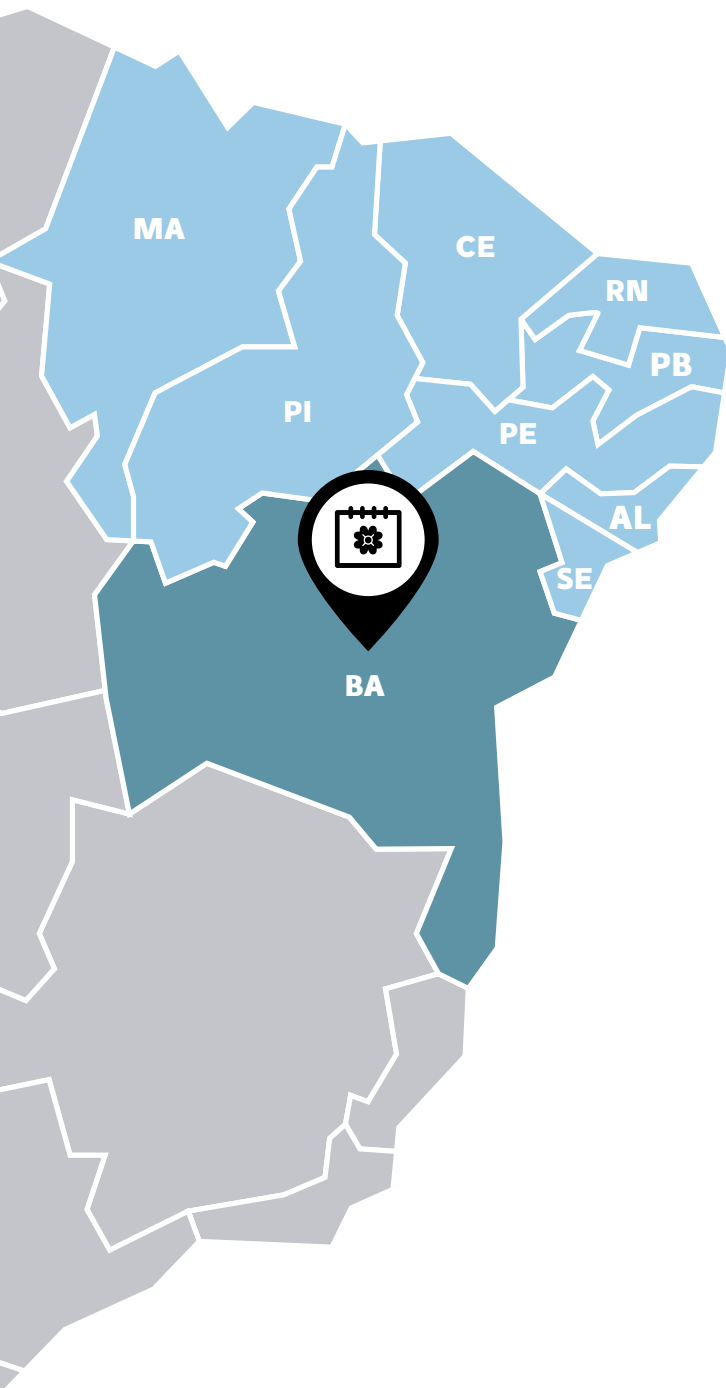
Das treze comunidades que estão implantando as Cadernetas Agroecológicas, doze têm lideranças mulheres à frente das associações.

As mulheres já identificaram que as cadernetas contribuem para dar visibilidade ao seu trabalho, empoderamento e elevação da sua autoestima, porém ainda não participam de instituições no âmbito local para interferência na elaboração e monitoramento de políticas públicas. Contudo vale destacar que algumas mulheres que estão aplicando a metodologia das cadernetas já assumem papel de líder em suas comunidades. Inclusive as comunidades Quilombolas, das quais podemos citar a agricultora Xifronese Santos, da comunidade Caraíbas, que ocupa o cargo de presidente da Federação Estadual das Comunidades Quilombolas de Sergipe e Maria Gressi de Santana Silveira, agricultora do quilombo Mocambo, situado em Aquidabã, que ocupa atualmente a presidência da Associação do Território dos Remanescentes do Quilombo de Mocambo do município de Aquidabã.



Escrito por Amarize Soares Cavalcante (foto da esquerda), Consultora de Gestão Social, e Wilnara Amorim (foto da direita), Consultora de Monitoramento e Avaliação, com apoio da Equipe do Projeto Dom Távora.





Caderneta Agroecológica no Projeto Pró-Semiárido: mulheres avançam

O Pró-Semiárido (PSA) é um dos projetos da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) – empresa pública do Estado da Bahia vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) – em parceria com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA). Sua área de abrangência compreende 32 municípios da região semiárida do centro-norte do estado, que fazem parte de cinco dos 27 Territórios de Identidades³⁴: Sertão do São Francisco, Piemonte Norte do Itapicuru, Sisal, Piemonte da Diamantina e Bacia do Jacuípe; todos com baixo índice de desenvolvimento humano (IDH). A Unidade de Gestão do Projeto (UGP) do Pró-Semiárido é composta pela equipe técnica de funcionários da CAR e de contratados pela Fundação Luís Eduardo Magalhães (Flem), entidade gerenciadora de suporte à implementação das ações do projeto.

Em janeiro de 2018, por meio de edital, contratou os serviços de Assessoria Técnica Contínua (ATC) de dez entidades da sociedade civil: Irpaa, Sasop, Coopercuc, Coopeser, COFASPI, Appj, Idesa, Cactus, Aresol e Sajuc³⁵, que já atuavam na região semiárida, com experiências comprovadas e trabalhos reconhecidos nas comunidades rurais da região.

Em novembro de 2018, foi iniciado o processo de sensibilização e apresentação da Caderneta Agroecológica (CA) como estratégia de ação de gênero a ser utilizada no PSA. Essa oficina teve como facilitadora Elisabeth Cardoso,

³⁴ Estratégia geográfica de atuação governamental. Veja em: Seplan, Territórios de Identidade: <<http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

³⁵ Irpaa – Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada; Cofaspi – Cooperativa de Assistência Agricultura Familiar Sustentável do Piemonte; Coopeser – Cooperativa de Consultoria Pesquisa e Serviços de Apoio ao Desenvolvimento Rural Sustentável; APPJ – Associação de Pequenos Produtores de Jabuticaba; Coopercuc – Cooperativa da Agricultura Familiar de Curaçá, Uauá e Canudos; Sasop – Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais; Idesa – Instituto de Desenvolvimento Social e Agrário do Semiárido; Cactus – Associação de Assessoria Técnica; Aresol – Associação Regional dos Grupos Solidários de Geração de Renda; Sajuc – Serviço de Assistência Socioambiental do Campo e Cidade.

coordenadora do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), entidade que criou a Caderneta Agroecológica para dar visibilidade ao trabalho das agricultoras familiares. Participaram dessa primeira oficina de formação para agentes de assistência técnica e extensão rural (ATER) realizada durante a 9ª Feira Baiana da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Febasf), os/as técnicos/as do PSA e da Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (Bahiaterr), órgão também vinculado à SDR, e os/as técnicos/as das dez entidades de ATC. Vale ressaltar que outro grande momento de formação para alguns/as técnicos/as da equipe do PSA foi participar nos dias 3, 4 e 5 de julho de 2019, na Universidade Federal Rural de Recife (UFRPE), em Recife (PE), do Seminário sobre a utilização das Cadernetas Agroecológicas pelos projetos FIDA, promovido pelo Programa Semear Internacional, com participação de todos os Projetos Fida no Brasil.

AS AGRICULTORAS DA BAHIA E O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL E INCIDÊNCIA POLÍTICA A PARTIR DO USO DAS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS

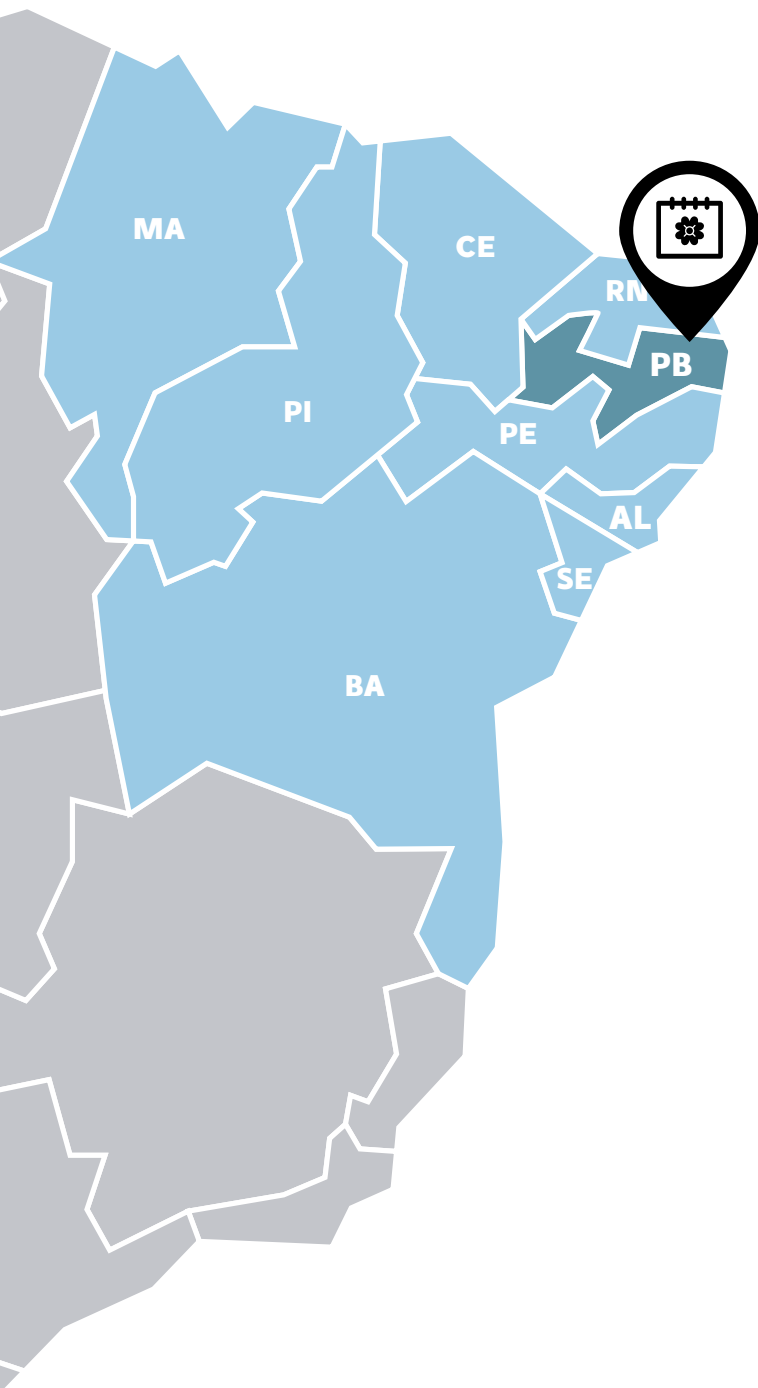
As Cadernetas Agroecológicas foram apresentadas em todos os grupos de interesses do Projeto PSA, porém foram distribuídas apenas para as mulheres agricultoras que tiveram interesse em participar dessa ação. Não foi a equipe técnica do Projeto que escolheu as mulheres para participar, mas elas mesmas aceitaram a proposta de preencher a Caderneta com assiduidade e participar do processo metodológico de oficinas e rodas de aprendizagens com a frequência requerida. As rodas de aprendizagem são uma metodologia que proporciona momentos de construção de novos saberes. Nessas rodas, elas são as protagonistas, trocam experiências, expõem os trabalhos que realizam nos agroecossistemas e conhecem de que forma a caderneta pode contribuir no fortalecimento e valorização do papel das mulheres camponesas na construção do conhecimento agroecológico.

Os encontros de sensibilização e formação com os grupos e núcleos de mulheres, e com as técnicas e técnicos, bem como as rodas de aprendizagem versaram sobre relações de gênero, divisão sexual do trabalho, feminismo como condição para a agroecologia e a Campanha da Divisão Justa do Trabalho Doméstico.

As próprias mulheres revelam a importância desse processo desencadeado com a rotina de anotação na Caderneta para sua vida, seu crescimento e autonomia pessoal e coletiva, sua autoconsciência como mulher e agricultora agroecológica, seu valor e dignidade. Todo esse processo foi fortalecido também com as visitas para aplicação dos Questionários de Caracterização Socioeconômicos (QCS) e as oficinas para confecção dos mapas da sociobiodiversidade. Ao participar desses momentos, elas trocam informações e saberes, sementes, mudas e produtos, e vão construindo laços de afetividade, de identidade, de companheirismo e cumplicidade, chegando a confidenciar entre si sonhos e segredos. É perceptível, pelos técnicos e técnicas, também por lideranças das entidades, que com as CAs as mulheres têm se tornado mais confiantes e participativas, o que fortalece a organização dos grupos, da família, das associações comunitárias e dos movimentos sociais. O uso da caderneta possibilitou, a algumas mulheres rurais, maior consciência da importância de participar dos espaços organizacionais e maior engajamento nos espaços públicos, como os grupos de interesses produtivos do Pró-Semiárido, nos grupos de mulheres, da Rede Mulher do Território Sertão do São Francisco e nas associações comunitárias.



Escrito por: Ana Elizabeth Souza Silveira de Siqueira (Beth Siqueira). Engenheira Agrônoma, Especialista em Associativismo e mestra em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Assessora de Gênero, Raça/Etnia e Geração do Projeto Pró-Semiárido.



Adoção das Cadernetas Agroecológicas (CAS) no Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú – Procace Paraíba

O Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó, Curimataú e Médio Sertão (Procace) resulta de parceria entre o Governo do Estado da Paraíba e o FIDA, executado pela Secretaria de Estado da Agricultura Familiar e Desenvolvimento do Semiárido (Seafds), com atuação em 56 municípios em 5 territórios rurais, na região semiárida do estado.

É coordenado pela Unidade de Gerenciamento do Projeto (UGP), conta com cinco Unidades Regionais de Gestão do Projeto (URGPs), nos territórios do Cariri Ocidental, Cariri Oriental, Curimataú, Médio Sertão e Seridó.

Essa valiosa iniciativa foi alcançada mediante o investimento nas atividades de formação com técnicas/os e as agricultoras multiplicadoras, que, em conjunto, assumiram as atividades de mobilização e de suporte aos grupos de mulheres nas comunidades. Optou-se por priorizar as capacitações com as técnicas e agricultoras, robustecendo o grupo que participou da formação para as Cadernetas Agroecológicas (CAS), no Seminário que aconteceu no Recife, no mês de julho de 2019 organizado pelo PSI- Programa Semear Internacional.

Mesmo em fase de encerramento do Procace, a decisão de apoiar o uso desta ferramenta teve o propósito de disponibilizar às beneficiárias do Projeto uma metodologia de registro da produção das agricultoras e instrumento de empoderamento obtidos por meio do uso das CAS. A adoção das CAS foi pactuada no espaço do Grupo de Trabalho (GT) de Focalização, composto por representação

das coordenações territoriais (URGPs) do Procase e da UGP, componentes do corpo técnico de duas organizações de Assessoria Técnica contratada e uma técnica voluntária. Com esse coletivo, facilitado pela assessora de gênero, foram analisadas as condições para dar seguimento às atividades de capacitação visando à adoção das Cadernetas, e ratificou-se que estas, avaliadas como adequada ferramenta para fortalecer os resultados das atividades das agricultoras, deveriam ser adotadas na Paraíba.

Reforçando a parceria de adesão às Cadernetas, a Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), do governo do estado, que atendia a ações de apoio em três territórios (Curimataú, Médio Sertão e Seridó), foi a Assessoria Técnica que demandou capacitações específicas para suas equipes técnicas e passou a apoiar as agricultoras nos territórios do Seridó e do Médio Sertão. Equipes de campo ficaram muito interessadas na adoção da ferramenta, em particular por permitir documentar a produção das agricultoras e comprovar sua condição junto ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Dirigentes da empresa também aderiram à proposta das Cadernetas e foram efetivadas capacitações para as equipes de várias gerências regionais.

AS AGRICULTORAS DA PARAÍBA E O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL E INCIDÊNCIA POLÍTICA A PARTIR DO USO DAS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS

Os conteúdos trabalhados no processo formativo se voltaram a compreender as dinâmicas da agricultura familiar e camponesa, nas perspectivas das mulheres

rurais, realçando a organização dos trabalhos produtivos e reprodutivos no campo e o(s) lugar(es) destinado(s) às mulheres, em contraponto ao que é efetivamente experienciado no cotidiano da vida no mundo rural, em particular pelas agricultoras.

Para analisar e apreender essas relações e vivências, estudaram-se temas como agricultura familiar e camponesa; divisão sexual do trabalho e divisão justa do trabalho doméstico; trabalho produtivo e reprodutivo; feminismos; agroecologia; violência contra as mulheres; machismo; patriarcalismo; relações de poder; a invisibilidade das atividades das mulheres agricultoras, entre outros assuntos abordados.

A posição atual é que a CA continua sendo adotada, valendo destacar que a falta da Assessoria Técnica permanente continua sendo o maior desafio para assegurar a assiduidade dos registros. O período de estiagem também contribui para a descontinuidade das anotações de alguns coletivos.

O Projeto PB Sustentável, parceria do Governo do Estado da Paraíba com o Banco Mundial, que iniciou suas atividades em 2019 no estado, foi mobilizado pela assessoria de gênero e enviou técnica e gerente para participar da capacitação no Seminário do Recife. A partir dessa inserção, a equipe incluiu a proposta de adotar as Cadernetas em seu programa de equidade de gênero que vai ser executado com as agricultoras beneficiadas com os investimentos produtivos que estão sendo disponibilizados aos 222 municípios do estado, em todas as regiões da Paraíba. Este é um resultado que poderá ser robusto e se identifica como desdobramentos da iniciativa apoiada pelo Procase.



*Escrito por: Maria do Carmo Soares D'Oliveira.
Assessoria de Gênero, Geração, Raça e Etnia
do Projeto PROCASE.*

Caderneta Agroecológica

Por Daniela Bento

Vou falar das cadernetas
De nome agroecológica
Vem lá da Zona da Mata
Redefinindo a lógica
A produção feminina,
Será epistemológica.

Busquei no fundo da mente
Um jeito bom de dizer
Dessa nova ferramenta
Que alarga o conviver
Todas juntas numa roda
Ressignifica o fazer.

Anas, Marias, Marlenes
Passando a registrar
Toda a sua produção
Do quintal ou do bordar
Perceberam a valia
De todo seu praticar.

Consumo, troca e venda
Ganhou nova atenção
O que antes não se via
Tem uma nova visão
Não sendo despercebida
Gerou valorização.

Em Sergipe, cadernetas
Também foram aplicadas
E com registros diários
Foram então ratificadas
As feitura femininas
As ações amplificadas.
Na doação tão presente
Mais que solidariedade
O alimento produzido
Gerando cumplicidade
Na feitura das mulheres,
Ação de sororidade.

Trazendo autonomia
Com a capacitação
A ater bem afinada
Promoveu transformação
Na mente revigorada
Mora a revolução.

Nosso Agradecimento
Ao Fida por investir
Dom Távora, Semear
Pela prática introduzir
Caderneta agroecológica
Novo Método a seguir.



*Daniela Bento – Consultora
PNUD/ Projeto Dom Távora,
Cadeira N° 13 – Academia
Sergipana de Cordel - ASC.*



A percepção das mulheres rurais ligadas aos projetos apoiados pelo FIDA no Brasil sobre as principais conquistas evidenciadas com o uso das cadernetas agroecológicas



EMPODERAMENTO DAS MULHERES

FORTALECIMENTO DOS GRUPOS DE MULHERES



DIVERSIDADE DE ALIMENTOS E NUTRIÇÃO

MELHORIA NA RENDA E IMPACTO ECONÔMICO



UMA NOVA ATER MAIS FEMINISTA É POSSIVEL



EMPODERAMENTO DAS MULHERES

PROJETO PAULO FREIRE – CEARÁ

- As mulheres passam a ter mais influência e consciência do seu papel na chefia da família, historicamente marcada pelo machismo. Elas estão mais conscientes do seu trabalho, da sua importância e dos resultados que ele produz. Inclusive, percebem que as atividades domésticas historicamente assumidas pelas mulheres, invisibilizadas e desvalorizadas, também são trabalho: a faxina, o conserto da rede de pesca, o tratamento dos peixes para consumo etc.
- Mudança no olhar das mulheres sobre a sua produção. Há maior autopercepção delas em relação a sua produção agrícola e não agrícola e a sua participação na renda familiar.

PROJETO PRO SEMIÁRIDO – BAHIA

- Maior protagonismo das mulheres rurais na busca da autonomia econômica própria e familiar.
- Autorreconhecimento, autovalorização e resgate da autoestima, por meio do que as mulheres adquiriram ou como fortaleceram seu sentimento de competência e de poder.

PROJETO DOM HELDER CÂMERA II – ALAGOAS E CEARÁ

- Nota-se também melhor nível de independência financeira por comercializar alguns produtos de seus quintais e, em alguns casos, melhor entendimento do núcleo familiar, pois houve melhora na reorganização do trabalho doméstico.
- Com o decorrer dos meses, as mulheres passaram a ser geradoras de renda com o poder de negociar e destinar, em casa, o que é feito com o dinheiro.

PROJETO DOM TÁVORA – SERGIPE

- Elevação da autoestima das mulheres.

PROJETO VIVA O SEMIÁRIDO – PIAUÍ

- Em muitos casos, o restante da família, marido e filhas/os, também passaram a reconhecer essa contribuição, apoiando mais esse trabalho, inclusive nas anotações das cadernetas.

PROJETO PROCASE – PARAÍBA

- Oportunidade de refletirem sobre a abrangência e importância de suas atividades produtivas.
- Compreensão de que os trabalhos das mulheres não são apenas “ajuda”, mas que se trata de trabalho intenso e valioso, para o que não tinham as ferramentas para enxergar e comprovar.



FORTALECIMENTO DOS GRUPOS DE MULHERES

PAULO FREIRE – CEARÁ

- O envolvimento das mulheres no preenchimento das cadernetas e o contato com as outras mulheres têm contribuído para a sua saúde física e mental. Em meio ao envolvimento das mulheres nas atividades, elas vão se fortalecendo e se dando conta de que já se sentem mais felizes e saudáveis. Algumas relatam ter diminuído ou abandonado o uso de remédios.
- O processo das Cadernetas confere visibilidade às mulheres como sujeito produtivo, político e econômico. Isso contribui para o empoderamento e a autonomia das mulheres. Associado a outras ações dos Projetos, o processo tem favorecido o protagonismo das mulheres nos territórios em relação a sua produção e comercialização.
- As mulheres vêm despertando o interesse em estudar e aprender a ler e escrever, direito fundamental tão violado entre mulheres rurais que não tiveram condições de estudar na infância e na adolescência.

PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO – BAHIA

- Fortalecimento dos grupos de mulheres enquanto espaços coletivos de reflexão e do exercício de tomada de decisão, em se conscientizarem de sua própria capacidade de lutar por seus interesses e de influenciar outras pessoas.
- A consciência de que trabalham e não “ajudam” os maridos, o que leva a uma mudança de mentalidade, resultando em um comportamento de autoconfiança.
- As mulheres estão em processo de empoderamento pessoal, em decorrência da sua participação nas atividades de formação, troca de conhecimentos e informações, saberes e experiências, mas principalmente ao perceber a importância de anotar e contabilizar sua produção.
- A auto-organização das mulheres para o planejamento e prática da produção nos quintais, com maior controle do que consome, vende, doa e troca.

PROJETO DOM HELDER CÂMARA II – CEARÁ

- Percepção do impacto direto do trabalho realizado pelas mulheres para a família e a comunidade (as mulheres doam parte do seu tempo à vida coletiva).

PROJETO DOM HELDER CÂMARA II – ALAGOAS

- O uso da Caderneta trouxe melhor organização da propriedade, tornando a casa de uma produtora o ponto de visitação de agricultores da região que buscam aprimorar suas técnicas e conhecimentos.

DOM TÁVORA – SERGIPE

- Resgate do sentimento de solidariedade por meio do ato de doar ou trocar, gerando companheirismo e união.

PROJETO VIVA O SEMIÁRIDO – PIAUÍ

- Aumento da organização coletiva das mulheres, da participação na associação comunitária, na execução dos Planos De Inclusão Produtiva (PIPs), com maior relação cotidiana de apoio mútuo e de trocas de experiências entre elas.

PROCASE – PARAÍBA

- O entendimento de que sem feminismo não há agroecologia, de que é preciso considerar a vida e

as condições das mulheres para que haja práticas agroecológicas de verdade.



DIVERSIDADE DE ALIMENTOS E NUTRIÇÃO

PAULO FREIRE CEARA

- Os quintais produtivos passaram a ser ressignificados, reconhecidos e valorizados pelas mulheres, o que vem permitindo a construção e a maior visibilidade de suas práticas e seus conhecimentos agroecológicos, potencializando a agrobiodiversidade, a agroecologia, a soberania e a segurança alimentar e nutricional. Da mesma forma, as mulheres vêm se interessando e adotando novas práticas agroecológicas aprendidas com outras mulheres e com as equipes técnicas. As formações e as trocas de experiências têm animado e fortalecido as mulheres a expandir e diversificar as espécies de sua unidade produtiva com autonomia.
- Os registros das cadernetas fornecem dados que permitem perceber a quantidade e a variedade do que é autoconsumido da produção da família. Parte significativa da produção das mulheres é consumida pela sua própria família, desmistificando a ideia de que as famílias não consomem o que produzem. Isso revela um aspecto importante que está relacionado à segurança alimentar e nutricional.

PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO – BAHIA

- A importância majoritária dos alimentos de origem animal para as relações não monetárias (consumo, doação e troca) na região semiárida.
- Visibilidade ao papel das mulheres agricultoras, que vai muito além da esfera reprodutiva, pois, ao se dedicarem ao agroecossistema e ao “quintal”, elas têm contribuído para a existência de uma

enorme variedade de sementes, alimentos, plantas medicinais e saberes essenciais; confirmando sua contribuição na garantia da soberania e segurança alimentar e na conservação da agrobiodiversidade.

- Evidência de grande diversidade de produtos, mesmo com a subnotificação.
- O quintal como espaço produtivo de grande valor e relevância para a produção de alimentos saudáveis e de boa qualidade.

PROJETO DOM HELDER CÂMARA II – CEARÁ

- O trabalho de anotações nas Cadernetas Agroecológicas permitiu uma maior visibilidade da participação das mulheres para o fortalecimento da agricultura familiar, além de permitir também uma grande variedade de sementes, alimentos, plantas e uma enorme diversidade biológica em seus quintais.
- Visibilidade, por parte das agricultoras, de uma maior introdução na mesa das famílias de produtos livres de agrotóxicos.
- Crescimento no cultivo de plantas medicinais e práticas tradicionais de medicação caseira a partir dos quintais. As mulheres revelaram que os registros diários permitiram a elas identificar a variedade de sementes, alimentos e plantas que cultivavam e consumiam.

PROJETO DOM HELDER CÂMARA II – ALAGOAS

- O registro da produção mostrou a diversidade de culturas geradas nas pequenas propriedades, tais como plantas medicinais, morangos, pimentas; produtos beneficiados, como pães de mandioca, pizza, tortas, bolos e broas; além de tubérculos e a criação de pequenos animais.

PROJETO VIVA O SEMIÁRIDO – PIAUÍ

- Entre tantos resultados do trabalho com as Cadernetas Agroecológicas, o principal tem sido um aumento substancial da percepção das próximas mulheres da quantidade e qualidade de alimentos produzidos por elas, da sua contribuição para a geração de renda e economia familiar e local, reconhecendo os quintais produtivos como o principal espaço de produção de alimentos saudáveis, com grande diversidade tanto para o autoconsumo quanto para a comercialização e as trocas solidárias.

PROCASE – PARAÍBA

- Verificar o quanto contribuem com alimento de boa qualidade para suas famílias e o quanto teriam de gastar, se não fossem seus quintais, suas hortas e os arredores de sua casa. Ter o registro da renda conseguida.
- O fortalecimento da agroecologia, o alcance da produção de alimentos, de chás, de xaropes, os cuidados com a terra, com os animais e com a vida.
- Contribuição para a segurança alimentar e nutricional de suas famílias e das famílias consumidoras.



MELHORIA NA RENDA E IMPACTO ECONÔMICO

PAULO FREIRE – CEARÁ

- As cadernetas representam um instrumento de monitoria e avaliação dos resultados e impactos do Projeto. O processo proporciona a identificação e evidenciação não apenas dos dados registrados nas cadernetas, mas da própria análise feita pelas mulheres participantes e equipes técnicas.

PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO – BAHIA

- Constatado que a agricultora tem o conhecimento, o domínio e o controle do valor da sua renda mensal.
- Percepção da importância e do valor monetário do que é produzido no quintal para consumo, doação e troca, quantia que a família economiza, evidenciando a contribuição econômica da mulher agricultora para a família e a comunidade.

PROJETO DOM HELDER CÂMARA – CEARÁ

- O registro da produção para comercialização nas feiras feito na Caderneta permitiu às mulheres um autorreconhecimento social e econômico importante sobre o seu trabalho.

- Maior percepção de que as trocas e doações com outras mulheres, a partir de seus quintais, levavam à não aquisição de produtos fora de casa.

PROJETO DOM HELDER CÂMARA II – ALAGOAS

- O uso das cadernetas trouxe um balanço geral da produção e a oportunidade de realizar um planejamento controlado, gerando melhor organização administrativo-financeira.

DOM TÁVORA – SERGIPE

- No processo de registro da produção nas cadernetas, as mulheres identificaram que doar ou trocar os produtos tem um preço que deve ser computado em sua renda.
- Entende que seu trabalho tem valor significativo na renda familiar.

PROCASE – PB

- O principal ganho é que as agricultoras passaram a visualizar, reconhecer e se apropriar dos resultados dos seus trabalhos, a partir da experiência com a adoção de uma ferramenta que possibilita registrar a destinação e os ganhos adquiridos com suas atividades produtivas.
- Verificar a significativa variedade de produtos que são disponibilizados a partir dos seus cultivos e criações.



UMA NOVA ATER MAIS FEMINISTA É POSSÍVEL

PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO – BAHIA

- O processo de implementação e o resultado do uso das CAs despertaram na equipe técnica um maior entendimento sobre as atividades produtivas desenvolvidas pelas mulheres.

- A percepção pelos/as técnicos/as de campo de fatores que interferem diretamente no planejamento da produção, como pragas, alterações climáticas ou mesmo doenças na família da agricultora, possibilita a eles qualificar suas estratégias de intervenção.
- A importância de ter assessoramento técnico contínuo, com profissionais qualificados e com formação interdisciplinar, para desconstruir a visão tradicional da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) convencional, de um sistema difusionista de conhecimentos e práticas preestabelecidas.

PROJETO DOM HELDER CÂMARA II – CEARÁ

- Por ocasião da Pandemia de Covid-19, além da suspensão temporária dos contratos de ATER pela Anater, o trabalho de anotações nas Cadernetas sofreu as dificuldades decorrentes dessas situações. Ainda assim, algumas agricultoras conseguiram enviar os dados por meio de WhatsApp para as técnicas residentes nos municípios.

PROJETO VIVA O SEMIÁRIDO – PIAUÍ

- Para as Assistências Técnicas Sistemáticas, os relatos mostram que a atuação com as Cadernetas contribuiu para que a assistência técnica passasse a visibilizar e valorizar mais os quintais produtivos e o trabalho e a produção das mulheres, sendo, para muitas, uma nova forma de fazer ATER.
- Com essa mudança de olhar e com os dados gerados pelas cadernetas, as equipes acreditam que é possível pensar novas políticas públicas para as mulheres rurais no estado.

PROCASE – PARAÍBA

- Alguns grupos de mulheres avançaram na adoção e outros não conseguiram suporte técnico para criar uma dinâmica capaz de permitir a apropriação da ferramenta disponibilizada. O insuficiente apoio por parte de uma assessoria técnica sistemática se constitui o principal impedimento à continuidade nos registros com um número maior de agricultoras.

Caderneta Agroecológica

Por Eliana Teles

A caderneta agroecologia
Veio para a gente alertar
Abrir os nossos olhos
Para poder nos mostrar
A força que a mulher tem
E o quanto pode brilhar

Uma ferramenta de poder
Entregue em nossa mão
Para mudar a nossa vida
Em forma de anotação
Um incentivo maior
Para a nossa produção

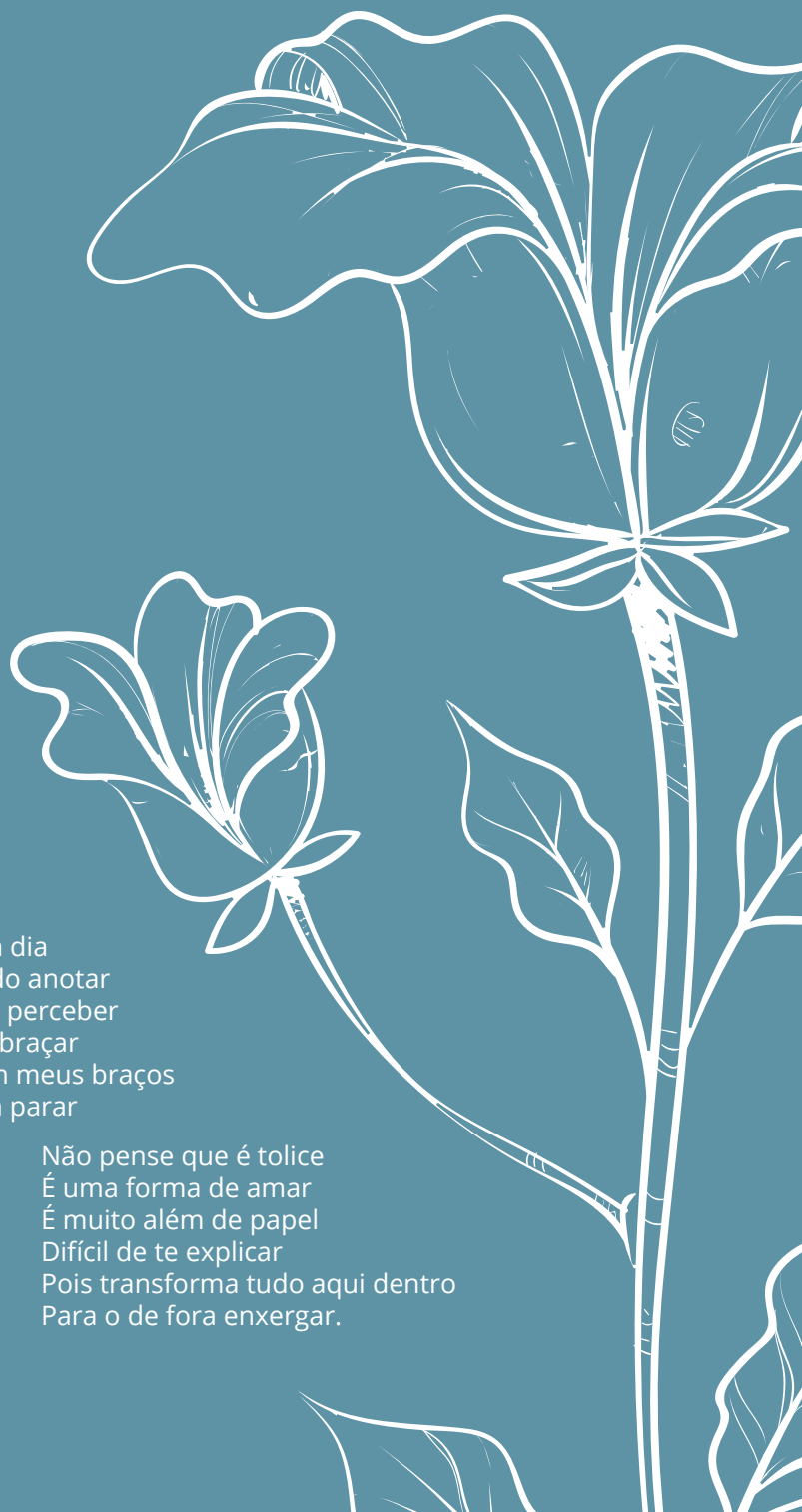
Segurar ela nas mãos
Faz a gente entender
Sábias foram as pessoas
Que vieram à criar você
Mas sorte quem tem é nós
De em tuas linhas escrever

No fim de cada dia
Eu vou correndo anotar
E as vezes sem perceber
Me pego a te abraçar
Balançando em meus braços
E sorrindo sem parar

Não pense que é tolice
É uma forma de amar
É muito além de papel
Difícil de te explicar
Pois transforma tudo aqui dentro
Para o de fora enxergar.



*Nome: Eliana Teles.
Comunidade: Guritiba.
Município: Santana do Cariri.
ATC: Instituto Flor do Piqui.
Projeto Paulo Freire - CE.*





1. Bibliografia para a metodologia das cadernetas

Alves, L., Alvarenga, C., Cardoso, E., Castro, N., Saori, S., & Telles, L. (2018). Caderneta Agroecológica e os quintais: sistematização da produção das mulheres rurais no Brasil. Viçosa, MG: Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata.

Cardoso, E., Jalil, L., Telles, L., Alvarenga, C., & Weitzman, R. (2019). Guia metodológico da caderneta agroecológica. Recife, PE: EDUFRPE.

Carrasco, C. (Ed.). (2013). Mujeres y economía: nuevas perspectivas para viejos y nuevos problemas (2a ed.). Barcelona: Icaria Editorial. 2013.

Hirata, H., & Kergoat, D. (2008). A divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França e Japão. In A. O. Costa, B. Sorj, C. Bruschini & H. Hirata (Orgs.), Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais (pp. 263-278). Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.

Menasche, R., Marques, F. C., & Zanetti, C. (2008). Autoconsumo e segurança alimentar: a agricultura familiar a partir dos saberes e práticas da alimentação. Revista de Nutrição, 21, 145-158.

Nobre, M. (2012). Censo Agropecuário 2006 – Brasil: uma análise de gênero. In A. Butto, I. Dantas & K. Hora (Orgs.), As mulheres nas estatísticas agropecuárias:

experiências em países do Sul (pp. 41-118). Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Perrot, M. (2005). Ecos de uma história silenciosa das mulheres: as mulheres ou os silêncios da história. Bauru, SP: EDUSC.

Siliprandi, E., & Cintrão, R. (2011). As mulheres agricultoras no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Segurança Alimentar e Nutricional, 18(2), 13-32.

Weitzman, Rodica. Resultados do diagnóstico em gênero dos projetos apoiados pelo FIDA no Brasil : dezembro 2017 / Rodica Weitzman. – Brasília : Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) : Divisão da América Latina e Caribe (LAC), 2018.

2. Referências sobre economia

Fondo Internacional de Desarrollo Agrícola. (2011). Informe sobre la pobreza rural 2011: nuevas realidades, nuevos desafíos: nuevas oportunidades para la reneración del mañana. Recuperado de https://www.ifad.org/documents/38714170/39150184/Rural+Poverty+Report+2011_s.pdf/38d738ed-a005-42b8-ba40-5964a4009533

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Censo demográfico: características da população e dos domicílios. Resultados do universo, 2010. Recuperado de <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1378>

Mello, J., Andrade B. T., Melchiori, C. E., & Oliveira, Y. R. (2015). A inclusão produtiva rural do Brasil Sem Miséria: estratégias e primeiros resultados. p. 17 – 31. In J. Mello (Org.), *Cadernos de Estudos Desenvolvimento Social em Debate* (Vol. 23, pp. 17-31). Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Recuperado de <https://fpabramo.org.br/acervosocial/estante/cadernos-de-estudos-desenvolvimento-social-em-debate-no-23-inclusao-produtiva-rural-no-brasil-sem-miseria-o-desafio-da-superacao-da-pobreza-no-campo/>

Melo, H. P., & Di Sabatto, A. (2009). Gênero e trabalho rural – 1993 a 2006. In A. Butto (Org.), *Estatísticas rurais e economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres* (pp. 31-120). Brasília, DF: MDA.

Mendonça, L. K., Távira, G., Ferreira, E., Lange, R., Oliveira, L. P., Molina, C., & Hora, K. (2015). A construção de uma política de assistência técnica e extensão rural para superação da extrema pobreza. p. 50 – 69. In J. Mello (Org.), *Cadernos de Estudos Desenvolvimento Social em Debate* (Vol. 23, pp. 50-69). Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Recuperado de <https://fpabramo.org.br/acervosocial/estante/cadernos-de-estudos-desenvolvimento-social-em-debate-no-23-inclusao-produtiva-rural-no-brasil-sem-miseria-o-desafio-da-superacao-da-pobreza-no-campo/>

Oliveira, V., Arzabe, C., & Oliveira, M. (2020). *Mulheres Rurais: Censo Agro 2017*. Recuperado de <https://www.embrapa.br/documents/10180/1645386/Mulheres+Rurais+-+Censo+Agro+2017/fc59f4c6-c94d-6b78-887d-5a64b1a70a7d>

Pujol, M. (1992). *Feminism and anti-feminism in early economic thought*. Vermont: Edward Elgar.

Telles, L. (2018). *Desvelando a economia invisível das agricultoras agroecológicas: a experiência das mulheres de Barra do Turvo, SP* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG.

3. Referências bibliográficas sobre segurança alimentar e nutricional

Almada, E., & Souza, M. (2017). *Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural*. Belo Horizonte, MG: EdUEMG.

Altieri, M. (1998). *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS.

Amon, D., & Menasche, R. (2008). Comida como narrativa da memória social. *Sociedade e Cultura*, 11(1), 13-21.

Braga, V. (2004). Cultura alimentar: contribuições da antropologia da alimentação. *Saúde em Revista*, 6(13), 37-44.

Brandão, C. R. (1981). *Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro, RJ: Graal.

BRASIL. (2004). Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea). *Princípios e diretrizes de uma Política de Segurança Alimentar e Nutricional*. In *Textos de Referências da 2ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional* (pp. xx-xx). Brasília, DF: Consea.

Brasil. (2008). *Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável*. Brasília, DF: Ministério da Saúde.

Brasil. (2014). *Guia Alimentar para a População brasileira* (2a ed.). Brasília, DF: Ministério da Saúde.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2011). *Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009: análise do consumo alimentar pessoal no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE.

Mintz, S. (2001). Comida e antropologia: uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16(47), 31-41.

Monteiro, C. A. Mondini, L., Souza, A. L. M., & Popkin, B. M. (2000). Da desnutrição para a obesidade: a transição nutricional no Brasil. In C. A. Monteiro (Ed.), *Velhos e novos males da saúde no Brasil: a evolução do país e suas doenças* (2a ed. pp. 248-255). São Paulo, SP: Hucitec..

Mussuoi, E. M., & Pinheiro, S. L. G. (2002). Desafios para a pesquisa e socialização do conhecimento em agroecologia: uma reflexão a partir das experiências das instituições públicas de pesquisa e extensão rural em Santa Catarina. *Cadernos de Textos do Encontro Nacional de Agroecologia*, 42-47.

Pacheco, M. E. (1997). Sistemas de produção: uma perspectiva de gênero. *Revista Proposta*, 25(71), 30-38.

Weitzman, R. (2005). As interfaces entre Segurança Alimentar Nutricional, Agroecologia e Gênero na prática dos movimentos sociais e na elaboração de políticas públicas. In *Caderno de textos da 3ª Conferência Estadual de SAN-MG* (pp. 32-36). Belo Horizonte, MG.

Weitzman, R. (2008). Educação popular em segurança alimentar e nutricional: uma metodologia de formação com enfoque de gênero. Belo Horizonte, MG: Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas.

Weitzman, R. (2013). As práticas alimentares "tradicionais" no contexto dos povos indígenas de Minas Gerais. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 21(1), 140-159.

Weitzman, R. (2016). Mineiros em movimento: flutuação dos significados das práticas alimentares e agrícolas a partir do fluxo rural-urbano. *Sociedade e Cultura*, 18, 13-28.

Sites pesquisados:

ECycle. (2020). O que são alimentos in natura, processados e ultraprocessados. Recuperado de <https://www.ecycle.com.br/3907-alimentos-in-natura-processados-ultraprocessados>

Ministério do Meio Ambiente. (2017, 22 maio). Hoje é o Dia Internacional da Biodiversidade. Recuperado de <https://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/8934-hoje-e-o-dia-mundial-da-biodiversidade>

Pensamento Verde. (2014). Conheça as principais frutas nativas do Brasil. Recuperado de <https://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/conheca-principais-frutas-nativas-brasil/>

Saúde Brasil. (2017). Mais alimentos in natura e minimamente processado, menos obesidade e doenças. Recuperado de <https://saudebrasil.saude.gov.br/ter-peso-saudavel/mais-alimentos-in-natura-e-minimamente-processado-menos-obesidade-e-doencas>

4. Referências sobre divisão sexual do trabalho

Araújo, C. (2011). As mulheres e o poder político: desafios para a democracia nas próximas décadas. In L. L. Barsted & J. Pitanguí, *O progresso das mulheres no Brasil 2003–2010* (pp. xx-xx). Rio de Janeiro, SP: CEPia.

Bruno, R., & Jalil, L. (2013). Razões da participação das mulheres rurais em grupos produtivos. In D. P. Neves & L. S. Medeiros (Orgs.), *Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos* (pp. xx-xx). Niterói, RJ: Alternativa.

Butto, Andrea. Políticas para as mulheres rurais: autonomia e cidadania. In A. Butto & I. Dantas (orgs.), *Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural* (pp. xx-xx). Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Brumer, A., & Anjos, G. (2008). Gênero e reprodução social na agricultura familiar. *Revista Nera*, 11(12), 6-17. Recuperado de <http://www.mstemdados.org/sites/default/files/1396-4020-1-PB.pdf>.

Carneiro, M. J., & Levinas, Lena. (1987). Espaço adquirido-espço permitido no contexto da Reforma agrária. Relatório do 12º Encontro Temático – APIPSA. Campinas, 1987.

Carneiro, M. G. R., Machado A. C., Esmeraldo, G. G. S. L., & Souza, N. R. (2013). Quintais produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável local na perspectiva da agricultura familiar (o caso do Assentamento Alegre, município de Quixeramobim/CE). *Revista Brasileira de Agroecologia* 8, 135-147, 2013.

Carrasco, C. (2012). Estatísticas sob suspeita: proposta de novos indicadores com base na experiência das mulheres (J. V. Perez, trad.). São Paulo, SP: Sempreviva Organização Feminista.

Cintrão, R., & Siliprandi, E. (2011). O progresso das mulheres rurais. In L. L. Barsted & J. Pitanguy (Orgs.), *O progresso das mulheres no Brasil 2003-2010* (pp. xx-xx). Rio de Janeiro, RJ: CEPia.

Cisne, M. (2015). *Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social* (2a ed.). São Paulo, SP: Outras Expressões.

Collins Hill, P. (2016). Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, 31(1), 99-127. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>

Devreux, A. M. (2009). Contra o modelo único de família. In H. Hirata, H. et al., *Dicionário crítico do feminismo* (pp. 96-101). São Paulo, SP: Editora Unesc.

Federeci, Silvia. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo, SP: Elefante.

Heredia, B. (1979). *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

Heredia, B. M. A., & Cintrão, R. P. (2006). *Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. O Progresso das Mulheres no Brasil*. Brasília, DF: Unifem.

Hirata, H. (2010). Teorias e práticas do care: estado suscito da arte, dados de pesquisa e pontos em debate. In N. Faria & R. Moreno (Org.), *Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres* (pp. 42-56). São Paulo, SP: SOF

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2006). *Censo Agropecuário 2006*. Rio de Janeiro, RJ: MDA.

Jalil, L. et al. (2017). *Rede feminismo e agroecologia do nordeste*. Recife, PE: [s.n.], 2017.

Jesus, J. C. (2018) *Trabalho doméstico não remunerado no Brasil : uma análise de produção, consumo e transferência*. Belo Horizonte, MG: UFMG. Recuperado de https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FACE-B27PW9/1/ppgdemografia_jordanacristinajesus_tesedoutorado.pdf

Kergoat, D. (1996). *Relações sociais de sexo e a divisão sexual do trabalho*. In D. E. Meyer, V. R. Waldow & M. J. M. Lopes (Orgs.), *Gênero e saúde* (pp. xx-xx). São Paulo, SP: Artes Médicas.

Lopes Neto, A. A., Feital, A., Lopes, I. L., Almeida, A., & Telles, L. (2015). *Caderneta agroecológica empoderando mulheres, fortalecendo a agroecologia*. *Revista Agriculturas*, 12(4), xx-xx.

Melo, H. P., & Di Sabatto, A. (2006). *Situação das mulheres trabalhadoras rurais e as políticas públicas no Brasil*. In Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, *Gênero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul* (pp. xx-xx). Brasília, DF: MDA.

Moraes, L. et al. *Metodologias, trabalho e uso do tempo: compreendendo a rotina de mulheres rurais*. Rio de Janeiro, RJ, 2020.

Oakley, E. (2004). *Quintais domésticos: uma responsabilidade cultural*. *Revista Agriculturas*, 1(1), 37-39. Recuperado de <http://aspta.org.br/wpcontent/uploads/2014/10/Artigo-12-Quintais-dom%C3%A9sticos-uma-responsabilidadecultural.pdf>

Pacheco, M. E. (2002). A questão de gênero no desenvolvimento agroecológico. Recuperado de file:///C:/Users/Win10/Downloads/A_Questao_genero_agroecologia.pdf

Paulilo, M. I. (1987). O peso do trabalho leve. *Revista Ciência Hoje*, 5(28), 64-70.

Santos, G. (2012). Os quintais produtivos e as mulheres: espaços de construção de autonomia e transição agroecológica (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

Saffioti, H. I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo.

Saffioti, H. I. B. (2009). Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra à mulher. Recuperado de: <https://ssp.rs.gov.br/upload/arquivos/201611/01115825-20121031105350ontogenese-e-filogenese-do-genero>

Schottz, V., Maronhas, M., & Cardoso, E. (2015). É trabalho, não é ajuda! Um olhar feminista sobre o trabalho das mulheres na Agroecologia. *Revista Agriculturas: Experiências em Agroecologia*, 12(4), 48-53.

Siliprandi, E., & Cintrão, R. (2011). As mulheres agricultoras e sua participação no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). In A. Butto & I. Dantas (Orgs.), *Autonomia e Cidadania: Políticas de Organização Produtiva para as Mulheres no Meio Rural* (pp. 153-191). Brasília, DF: Ministério de Desenvolvimento Agrário.

Telles, L. et al. Cadernetas Agroecológicas e a contribuição econômica das agricultoras agroecológicas no Brasil. In G. P. Z. Sánchez, G. Catacora-Vargas & E. Siliprandi, *Agroecología en Femenino: reflexiones a partir de nuestras experiencias* (pp. xx-xx). [S.l.]: Socla.



Tabelas com o número de agricultoras que realizaram as anotações nas Cadernetas Agroecológicas, por comunidade, município, estado e Projeto

Alagoas				
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras
PDHC II	AL	Água Branca	Comunidade - Sítio Pilãozinho	1
			Povoado Mandacaru	1
		Arapiraca	Comunidade Cangandu	1
			Comunidade Pé Leve Velho	1
		Craíbas	Povoado Lagoa da Malhada	2
		Girau do Ponciano	Povoado Algodão	2
		Inhapi	Assentamento Delmiro Gouveia	2
			Comunidade Poço Grande	2
		Jacaré dos Homens	Comunidade Garrote	1
		Lagoa da Canoa	Povoado Chã do Pau D´Arco	2
			Povoado Mata Limpa 1	1
		Monteirópolis	Comunidade Lagoa das Ovelhas	1
		Olho D'Água das Flores	Comunidade Bananeira	1
		Palmeira dos Índios	Comunidade Indígena Aldeia Coité	1
			Comunidade Quilombo de Tabacaria	1
		Pariconha	Comunidade Serra dos Vitórios	1
		Piranhas	Comunidade Poço Doce II	1
		Poço das Trincheiras	Comunidade Saco do Ramalho	2
		Santana do Ipanema	Comunidade Serrote dos Bois	1
		Senador Rui Palmeira	Povoado - Sítio Barriguda	1
		Tanque D'Arca	Povoado Boa Vista	1
		Traipu	Comunidade Quilombola Mumbaça	1
		Total de agricultoras no estado de Alagoas		

Ceará						
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras		
PDHC II	CE	Ipu	Engenho dos Belem	4		
		Quixadá	Bom Jardim	3		
			Quilombo Sitio Veiga	1		
			Quilombo Sítio Veiga	1		
			Vila Rica	2		
		Quixeramobim	Aroeiras	1		
			Fazenda Onça	1		
			Lages	2		
			Mearim I	2		
			Patos	6		
			Salgadinho	1		
		Santa Quitéria	Armador	1		
			Boa Sorte	2		
			Ipueiras	2		
			Lagoa Grande	2		
			Picos de Baixo	2		
			São Damião dos Cassimiros	1		
		Total agricultoras PDHC II				34
		Paulo Freire	CE	Aiuaba	Comunidade Gerimum	1
					Comunidade Minador	1
Antonina do Norte	Comunidade Macambira			1		
Araripe	Comunidade Chapada do Carmo			1		
	Comunidade Guaribas			1		
	Comunidade Nascente			2		
	Nascente do Brejo			2		
Assaré	Comunidade Carrancudo			1		
	Comunidade Charcão/Izar			1		
	Comunidade Laços			2		
	Comunidade Novo Tamboril			2		
	Comunidade Prazeres/Laços			1		
	Comunidade Varjota	1				

Ceará				
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras
Paulo Freire	CE	Campos Sales	Sítio Cajazeiras	1
			Sítio Varzinha	1
		Coreaú	Comunidade Feitoria	3
		Hidrolândia	Comunidade Tartaruga	2
		Ipu	Comunidade Bonito	2
			Comunidade Dois Riachos	1
			Comunidade Espraiado	1
			Comunidade Olho D'água Velho	1
			Comunidade Santa Rosa	1
			Comunidade Várzea da Curicaca	2
			Sítio São Cristóvão	1
		Ipueiras	Comunidade Areias	2
			Comunidade Arraial	2
			Comunidade Bacupari	1
			Comunidade Chapada	1
			Comunidade Guaribas/Bacupari	1
			Comunidade Lagoa do Canto	2
		Massapê	Comunidade Frecheiras/Abraão/Cavalo Morto/ Santa Maria	3
			Comunidade São Braz/Bom Jesus/Engenho	2
		Nova Olinda	Comunidade Chiquitoso	3
			Comunidade Pedra Branca	1
		Parambú	Comunidade Pau Preto	2
			Comunidade Serra do Cipó	2
			Comunidade Serra do Escondido	3
		Pires Ferreira	Comunidade Santa Tereza II	3
			Comunidade Tabuleiro	2
		Potengi	Comunidade Alto Alegre	1
			Comunidade Melancias	2

Ceará				
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras
Paulo Freire	CE	Quiterianópolis	Comunidade Baixa Grande	1
			Comunidade Bom Princípio	3
			Comunidade Cipoeiro	2
			Comunidade Malhada dos Malaquias	1
			Comunidade Riacho	2
			Quilombo Jardim	6
		Reriutaba	Comunidade Altamira	1
			Comunidade Cabaceira	2
			Comunidade Lagoa Grande	2
			Comunidade Primeira Várzea	2
			Comunidade Riacho das Flores	3
			Comunidade Sombrio	2
		Salitre	Comunidade Lagoa dos Paulinos	1
			Comunidade Olho D'Água	1
			Comunidade Serra	2
		Santana do Cariri	Comunidade Encruzilhada	1
			Comunidade Encruzilhada/Peixoto	1
			Comunidade Guritiba	2
			Comunidade Mororó	1
			Comunidade Vale do Buriti	1
			Sítio Lírio	3

Ceará				
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras
Paulo Freire	CE	Sobral	Assentamento São João	3
			Comunidade Água Doce	1
			Comunidade Aracatiaçu	1
			Comunidade Bom Jesus	3
			Comunidade Boqueirão	2
			Comunidade Casa Forte	2
			Comunidade Contendas	2
			Comunidade Lages	1
			Comunidade Maracajá	1
			Comunidade Morro Branco	1
			Comunidade Riacho do Gabriel	4
			Comunidade Santa Luzia	1
			Comunidade São Mateus/Contendas	1
			Comunidade Vassouras	1
			Sítio Croatá	1
			Sítio São Francisco	2
			Tauá	Comunidade Açudinho
		Comunidade Barreiros		1
		Comunidade Pendência 2		1
		Comunidade Pitombeira		4
		Comunidade Santa Luzia		2
		Comunidade Santana		1
		Comunidade Santana/Sítio São Vicente	1	
Total agricultoras Projeto Paulo Freire				145
Total de agricultoras no estado do Ceará				179

Pernambuco				
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras
PDHC II	PE	Agrestina	ÁGUA BRANCA	1
		Bezerros	Frutuoso	1
			Guaribas	1
		Cumarú	RODRIGUES	1
			Sítio Jurema	1
		Cupira	QUILOMBO SAMBAQUIM	2
		Gravatá	Sítio Candeeiro II	1
		Orobó	Figueiras	1
			Sítio Manibú	2
			Sítio Mulugú	1
		Riacho das Almas	Sítio Graciana	1
		Salgadinho	Sítio Massaranduba	1
		Santa Maria do Cambucá	Sítio Baixo	1
			Sítio Pacaré	1
		Taquaritinga do Norte	Oiti	1
		Vertente do Lério	Sítio Malembá	1
			Sítio Salvado	1
		Total de agricultoras no estado do Pernambuco		

Sergipe						
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras		
Dom Távora	SE	Aquidabã	Assentamento José Félix de Sá	8		
			Mocambo (Quilombola)	12		
		Caraíbas	Caraíbas	6		
		Japoatã	Ladeirashas A	5		
		Nossa Senhora Aparecida	Catuabo	10		
		Pacatuba	Padre Nestor	10		
			Rancho	3		
			Poço Verde	Cacimba Nova	9	
		Poço Verde	Saco do Camisa	6		
			São José	5		
		Simão Dias	Povoado Lagoa Grande	8		
		Tobias Barreto	Povoado Nova Brasília	10		
		Total de agricultoras no estado do Sergipe				92

Paraíba				
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras
Procase	PB	Alcantil	CASACO/Comunidade Lagoa de Jucá	2
		Barra de Santana	Assentamento Mandacarú	1
			Mocois	1
			Mororó	12
		Boqueirão	CASACO	1
		Caturité	CASACO	2
			Mucunã	1
		Congo	Sítio Santa Rita	1
			Sítio Santa Rita de Cima	5
		Cubati	Assent Nova Esperança/São Domingos	8
		Nova Palmeira	Quixaba	1
		Picuí	Quixaba	4
		Remígio	As Margaridas/Assent Oziel Pereira	4
		Santa Luzia	Saco dos Goitis	2
		Sumé	Assentamento Mandacarú	10
Total de agricultoras no estado da Paraíba				55

Bahia				
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras
PSA	BA	Andorinha	Comunidade de Fundo de Pasto Barriga Mole	1
			Comunidade de Fundo de Pasto Lagoa da Onça	1
			Comunidade Salgado	1
		Antônio Gonçalves	Comunidade Baixinha	1
			Comunidade Fecho de Pasto Brejão da Grotá	1
			Comunidade Quilombola de Bananeira dos Pretos	2
		Caém	Comunidade Alagadiço	3
			Comunidade Quilombola de Várzea Queimada	2
			Comunidade Tigre	1
			Comunidade Várzea Dantas	2

Bahia				
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras
PSA	BA	Caldeirão Grande	Comunidade de Quixaba	1
			Comunidade Quilombola de Raposa	7
			Comunidade São João	3
		Campo Alegre de Lourdes	Comunidade Baixão do Nazario	1
			Comunidade Cacimba Nova	1
			Comunidade Carolino	1
			Comunidade Estreito	2
			Comunidade Lagoa da Onça	1
			Comunidade Lagoa do Pedro	1
			Comunidade Lagoa do Vicente	1
			Comunidade Lagoa Formosa	1
			Comunidade Malhada	2
			Comunidade Miliam	1
			Comunidade Ramalho	1
			Comunidade São Gonçalo	2
			Comunidade Tanque	1
			Comunidade Velame	1
			Comunidade Zé Carlos	1
			Campo Formoso	Comunidade de Fundo de Pasto Alvaça
		Comunidade de Fundo de Pasto Baixão		1
		Comunidade de Fundo de Pasto Baixinha		1
		Comunidade de Fundo de Pasto Boa Vista dos Pauzinhos		1
		Comunidade de Fundo de Pasto Borda da Mata		3
		Comunidade de Fundo de Pasto Varzinha		2
		Comunidade de Fundo de Pasto Vila dos Pauzinhos		1
		Comunidade Oliveira		1
		Comunidade Quilombola Buraco		2

Bahia				
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras
PSA	BA	Campo Formoso	Comunidade Quilombola Lagoa Branca	1
			Comunidade Quilombola Patos III	1
			Comunidade Quilombola Pedras	1
			Comunidade Quilombola Poço da Pedra	1
			Comunidade Quilombola Tabua	1
			Comunidade Sítio do Meio	1
			Comunidade Sumidouro	1
			Comunidade Tanque	1
			Povoado Algodões	1
			Povoado Rancho do Padre	1
		Capim Grosso	Comunidade Barro Vermelho	3
			Comunidade Barro Vermelho / Desistente	1
			Comunidade Barro Vermelho / Falecida	1
			Comunidade Volta	6
			Comunidade Volta / Desistente	3
		Casa Nova	Comunidade Baraúna	3
			Comunidade Deus me Leve	2
			Comunidade Mucambo	1
		Curaçá	Assentamento Novo Horizonte	1
			Comunidade de Fundo de Pasto Cerca de Pedra	1
			Comunidade de Fundo de Pasto de Caladinho	1
			Comunidade de Fundo de Pasto Fazenda Barrocas	1
			Comunidade de Fundo de Pasto Ferrete	1
		Filadélfia	Comunidade de Massaroca	1
			Comunidade Quilombola de Barreira	1
			Comunidade Quilombola Riachão	3
			Comunidade Quilombola Riacho das Pedrinhas	1

Bahia				
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras
PSA	BA	Filadélfia	Comunidade Quilombola Riacho do Silva	1
			Fazenda Algodões	3
			Fazenda Periquito	1
			Fazenda Riachão	2
			Povoado Carrapato	1
		Itiúba	Fazenda Alagadiço do Mel	1
			Fazenda Maria dos Santos	2
			Fazenda Maria dos Santos / Desistente	1
			Povoado Alto do São Gonçalo	3
			Povoado de Anselmo / Desistente	1
			Projeto de Assentamento Novo Paraíso	2
			Projeto de Assentamento Sitio do Meio - Agrovila 01	1
		Jacobina	Assentamento Formigueiro	2
			Comunidade Barroco de Cima	3
			Comunidade Inchu	3
			Comunidade Malhadinha de Fora	1
			Comunidade Pau Darquinho	1
			Comunidade Pau Ferro	1
			Comunidade Várzea da Naninha	1
			Comunidade Várzea Nova	3
			Comunidade Velame de Baixo	1
		Jaguarari	Comunidade de Fundo de Pasto Poço das Queimadas	1
			Comunidade de Fundo de Pasto Traíra	1
			Comunidade de Fundo de Pasto Volta do Pilar	1
			Comunidade Várzea Grande	1
			Fazenda Malhada da Areia	3
		Juazeiro	Assentamento Fonte Viva	2
			Assentamento São Francisco	2

Bahia				
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras
PSA	BA	Juazeiro	Assentamento São Francisco - Juazeiro	1
			Comunidade Atrás da Serra	1
			Comunidade de Fundo de Pasto de Canoa	1
			Comunidade de Fundo de Pasto José Pires	1
			Comunidade de Fundo de Pasto Lotero	2
			Comunidade de Fundo de Pasto Mulungú	1
			Comunidade de Fundo de Pasto Olho D'água	2
			Comunidade de Fundo de Pasto Seriema	2
			Comunidade de lagoa do Bastião	1
			Comunidade Gangorra II	2
			Comunidade Lagoa do Bastião	2
			Comunidade Santa Helena	1
			Comunidade Serra Grande	2
			Comunidade Sobradinho	1
			Miguel Calmon	Assentamento Produtores Rurais União da Serra
		Comunidade Mucambo da Serra		3
		Comunidade Pai Afonso		2
		Comunidade Pai Afonso/ Desistente		2
		Comunidade Tubatinga		2
		Mirangaba	Povoado Macaúbas	2
			Comunidade Dionísia	1
			Comunidade Junco	3
			Comunidade Olhos D'água	1
			Comunidade Paranazinho	2
			Comunidade Ponto Alegre	3
			Comunidade Riacho	1
		Comunidade Umbiguda	1	
		Ourolândia	Assentamento Lagoa de Dentro	6

Bahia				
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras
PSA	BA	Ourolândia	Assentamento Santa Luzia	4
			Assentamento Vila Nova	9
			Comunidade Papagaio	1
		Pilão Arcado	Comunidade Agreste	1
			Comunidade Boca da Caatinga	1
			Comunidade Brejo Carrasco	1
			Comunidade Brejo da Capoeira	1
			Comunidade Brejo do Urubu	1
			Comunidade Brejo Piqui	1
			Comunidade Caixeiro	1
			Comunidade Caldeirão do Boi	3
			Comunidade Carnaúba	1
			Comunidade Jatobá	4
			Comunidade Lagoa Comprida	2
			Comunidade Lagoa de Cima	4
			Comunidade Mosquito	1
			Comunidade Paiol	1
			Comunidade Retiro	2
			Comunidade Saco	1
			Comunidade SITIO MOSQUITO	1
			Comunidade Tamanduá	2
		Pindobaçu	Comunidade de Feicho de Pasto Lutanda	1
			Comunidade de Frieiras	3
			Comunidade Grota Ferreira	1
			Projeto de Assentamento Nova Canaã	2
		Ponto Novo	Comunidade Cornicha	1
			Comunidade Mamota	2
			Comunidade Várzea da Onça	1
			Povoado Caiçara	1
			Projeto de Assentamento Pajeú	2
Queimadas	Fazebda Várzea do Curral	1		
	Fazenda Gentil	3		

Bahia				
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras
PSA	BA	Queimadas	Fazenda Lagedo	1
			Fazenda Limpo dos Bois	1
			Fazenda Santo Euzebio	1
			Fazenda Tiririca	1
			Lameiro da Sussuarana	1
			Povoado de Cancelas	2
			Povoado de Riacho da Onça	1
		Quixabeira	Comunidade Capitão	4
			Comunidade Pimenteira	3
			Comunidade Pintado	2
			Comunidade Várzea Nova	2
			Povoado Baixa Grande	6
			Povoado Ramal	3
		Remanso	Assentamento Vila Aparecida	1
			Comunidade Campo Maior	2
			Comunidade de Fundo de Pasto Algodão dos Ribeiros	1
			Comunidade de Fundo de Pasto Caititu	1
			Comunidade de Fundo de Pasto de Algodões dos Ribeiros	1
			Comunidade de Fundo de Pasto Lagoa do Garrote	2
			Comunidade de Fundo de Pasto Negros	2
			Comunidade de Fundo de Pasto Serrote	4
			Comunidade Mandu	1
			Comunidade Pau D'Arco	3
			Comunidade Sanharó	1
		Saúde	Comunidade Canabrava	5
			Comunidade de Genipapinho	2
			Comunidade Itacurubé	1
			Comunidade Itacurubi	3
			Comunidade Porteiras	1

Bahia				
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras
PSA	BA	Saúde	Comunidade Quilombola Grota das Oliveiras	3
		Senhor do Bonfim	Comunidade Canaveira	1
			Comunidade Garrote	1
			Comunidade Queimado	1
			Comunidade Sítio da Umburana	1
			Povoado de Caco de Telha	1
			Projeto de Assentamento Serra Verde	1
		Sento Sé	Assentamento Antonio Guilhermino Pontiguá	1
			Comunidade Andorinhas	2
			Comunidade Brejo de Fora	1
			Comunidade de Fundo de Pasto Cruz	1
			Comunidade de Fundo de Pasto Lages	1
			Comunidade de Fundo de Pasto Riacho Santo Antônio	2
			Comunidade de Fundo de Pasto Sítio	1
			Comunidade de Pescadores Pascoal/Limoeiro	1
			Comunidade Poço do Angico	1
		Serrolândia	Comunidade Caraíba	2
			Comunidade Várzea Bonita	2
			Comunidade Várzea do Uruçu	2

Bahia						
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras		
PSA	BA	Sobradinho	Assentamento Terra Nossa	1		
			Assentamento Vale da Conquista	2		
		Uauá	Comunidade de Fundo de Pasto Curundundum	1		
			Comunidade de Fundo de Pasto Escondido	1		
			Comunidade de Fundo de Pasto Fazenda Caldeirão Lalaus	1		
			Comunidade de Fundo de Pasto Lages das Aroeiras	1		
			Comunidade de Fundo de Pasto Marrua	1		
			Comunidade de Fundo de Pasto Rio do Rancho	2		
			Comunidade de Fundo de Pasto Serra da Besta	2		
			Umburanas	Comunidade Barriguda do Hipólito	2	
		Comunidade Barriguda do Lima		5		
		Comunidade Barriguda do Luiz		1		
		Comunidade de Caraíba		2		
		Várzea Nova	Comunidade Boa Esperança	3		
			Comunidade Boa Vista	1		
			Comunidade Giló	2		
			Comunidade Riacho dos Maias	2		
		Total de agricultoras no estado da Bahia				370

Piauí				
Projeto	UF	Município	Comunidade/Assentamento	Nº de agricultoras
PVSA	PI	Bela Vista do Piauí	Comunidade Quilombola Amarra Negro	10
		Betânia do Piauí	Serra do Inacio	8
		Campo Grande	AMPEPI - Urupeu	10
			AMPEPI Serra do Campo Grande	2
			Serra do Jatobá	2
		Francisco Santos	AMPEPI - Serra dos Morros	6
			Assentamento Boa Viagem	4
			Assentamento União	1
			Comunidade Barreiros	2
			Comunidade Chupeiro	3
			Comunidade Diogo	3
			Diogo 1	3
			Santo Antônio	1
		Ipiranga do Piauí	AMOR Jardim	8
			São José dos Cocos	11
		Itainópolis	AMAI - Baixas	1
			AMAI - Barriguda	1
			AMAI - Barrocas	2
			AMAI - Boiadas	1
			AMAI - Junco	1
			AMAI - Lagoa Cavallo	1
			AMAI - Lagoa dos Cavalos	1
			AMAI - Morro do Milho	1
			AMAI - Tombador	1
			AMAI - Trapia	4
		AMAI - Vila Borbosa	1	
		Oeiras	Canto Fazenda Frade	9
		Picos	Comunidade Fornos	20
		Queimada Nova	Comunidade Quilombola Tapuio	8
		São Raimundo Nonato	APASPI - Assentamento Novo Zabelê	10
Total de agricultoras no estado do Piauí				136



Valor Total da Produção
por Relações Socioeconômicas por Projeto

Dom Helder - Em termos percentuais, relativo ao valor total de cada relação econômica				
Classificação	Doação			
	AL	CE	PE	Total
Alimentos de origem animal	5,32%	40,77%	49,14%	30,35%
Alimentos de origem vegetal	26,71%	30,62%	50,74%	32,14%
Alimentos de origem mista	67,97%	20,11%	0,00%	32,96%
Artesanatos e trabalhos manuais	0,00%	7,78%	0,00%	4,16%
Outros	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Serviços	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Plantas e preparos medicinais	0,00%	0,57%	0,13%	0,32%
Mudas e sementes	0,00%	0,15%	0,00%	0,08%
Total Geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Dom Helder - Em termos percentuais, relativo ao valor total de cada relação econômica				
Classificação	Troca			
	AL	CE	PE	Total
Alimentos de origem animal	0,00%	18,54%	100,00%	43,32%
Alimentos de origem vegetal	3,17%	81,46%	0,00%	17,19%
Alimentos de origem mista	96,83%	0,00%	0,00%	39,49%
Artesanatos e trabalhos manuais	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Outros	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Serviços	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Plantas e preparos medicinais	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Mudas e sementes	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Total Geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Dom Helder - Em termos percentuais, relativo ao valor total de cada relação econômica				
Classificação	Venda			
	AL	CE	PE	Total
Alimentos de origem animal	20,90%	57,53%	50,91%	45,50%
Alimentos de origem vegetal	47,07%	18,74%	42,13%	33,23%
Alimentos de origem mista	31,92%	11,56%	0,59%	14,09%
Artesanatos e trabalhos manuais	0,11%	11,53%	0,00%	5,09%
Outros	0,00%	0,00%	6,24%	1,77%
Serviços	0,00%	0,41%	0,00%	0,18%
Plantas e preparos medicinais	0,00%	0,24%	0,06%	0,12%
Mudas e sementes	0,00%	0,00%	0,07%	0,02%
Total Geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Dom Helder - Em termos percentuais, relativo ao valor total de cada relação econômica				
Classificação	Consumo			
	AL	CE	PE	Total
Alimentos de origem animal	23,91%	52,16%	44,04%	46,41%
Alimentos de origem vegetal	66,86%	38,99%	38,96%	41,73%
Alimentos de origem mista	9,23%	7,84%	0,34%	5,23%
Artesanatos e trabalhos manuais	0,00%	0,33%	0,00%	0,18%
Outros	0,00%	0,10%	16,66%	6,14%
Serviços	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Plantas e preparos medicinais	0,00%	0,58%	0,00%	0,31%
Mudas e sementes	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Total Geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Dom Helder - Em termos monetários absolutos				
Classificação	Doação			
	AL	CE	PE	Total
Alimentos de origem animal	198,00	2.479,70	777,20	3.454,90
Alimentos de origem vegetal	993,35	1.862,70	802,50	3.658,55
Alimentos de origem mista	2.528,00	1.223,45		3.751,45
Artesanatos e trabalhos manuais		473,20		473,20
Outros				
Serviços				
Plantas e preparos medicinais		34,45	2,00	36,45
Mudas e sementes		9,00		9,00
Total Geral	3.719,35	6.082,50	1.581,70	11.383,55

Dom Helder - Em termos monetários absolutos				
Classificação	Troca			
	AL	CE	PE	Total
Alimentos de origem animal		35,00	384,00	419,00
Alimentos de origem vegetal	12,50	153,80		166,30
Alimentos de origem mista	382,00			382,00
Artesanatos e trabalhos manuais				
Outros				
Serviços				
Plantas e preparos medicinais				
Mudas e sementes				
Total Geral	394,50	188,80	384,00	967,30

Dom Helder - Em termos monetários absolutos				
Classificação	Venda			
	AL	CE	PE	Total
Alimentos de origem animal	5.459,10	23.805,20	13.607,00	42.871,30
Alimentos de origem vegetal	12.297,76	7.756,50	11.260,50	31.314,76
Alimentos de origem mista	8.338,00	4.783,25	157,00	13.278,25
Artesanatos e trabalhos manuais	30,00	4.770,00		4.800,00
Outros			1.667,00	1.667,00
Serviços		168,00		168,00
Plantas e preparos medicinais		98,00	16,00	114,00
Mudas e sementes			18,00	18,00
Total Geral	26.124,86	41.380,95	26.725,50	94.231,31

Dom Helder - Em termos monetários absolutos				
Classificação	Consumo			
	AL	CE	PE	Total
Alimentos de origem animal	914,50	10.854,90	6.253,70	18.023,10
Alimentos de origem vegetal	2.556,75	8.115,05	5.532,00	16.203,80
Alimentos de origem mista	353,00	1.630,85	48,00	2.031,85
Artesanatos e trabalhos manuais		68,50		68,50
Outros		20,00	2.365,00	2.385,00
Serviços				
Plantas e preparos medicinais		121,25		121,25
Mudas e sementes		1,00		1,00
Total Geral	3.824,25	20.811,55	14.198,70	38.834,50

Dom Távora - Em termos percentuais, relativo ao valor total de cada relação econômica				
Classificação	Doação	Troca	Venda	Consumo
Alimentos de origem animal	20,93%	61,93%	33,42%	34,28%
Alimentos de origem vegetal	63,51%	13,18%	16,98%	58,11%
Alimentos de origem mista	1,56%	0,00%	9,30%	2,12%
Artesanatos e trabalhos manuais	3,67%	20,50%	27,06%	0,63%
Outros	6,44%	0,00%	5,42%	1,82%
Serviços	0,83%	0,00%	7,73%	1,62%
Plantas e preparos medicinais	2,43%	0,00%	0,10%	1,18%
Mudas e sementes	0,62%	4,39%	0,00%	0,23%
Total Geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Dom Távora - Em termos monetários absolutos				
Classificação	Doação	Troca	Venda	Consumo
Alimentos de origem animal	1.010,10	423,00	13.987,27	6.212,09
Alimentos de origem vegetal	3.065,50	90,00	7.105,60	10.529,78
Alimentos de origem mista	75,50		3.891,00	385,00
Artesanatos e trabalhos manuais	177,00	140,00	11.327,00	114,00
Outros	311,00		2.270,00	330,00
Serviços	40,00		3.234,00	294,00
Plantas e preparos medicinais	117,50		43,00	214,00
Mudas e sementes	30,00	30,00		42,00
Total Geral	4.826,60	683,00	41.857,87	18.120,88

Paulo Freire - Em termos percentuais, relativo ao valor total de cada relação econômica				
Classificação	Doação	Troca	Venda	Consumo
Alimentos de origem animal	43,83%	44,33%	37,77%	60,03%
Alimentos de origem vegetal	46,93%	38,00%	33,45%	35,50%
Alimentos de origem mista	6,01%	3,10%	12,83%	3,11%
Artesanatos e trabalhos manuais	1,59%	1,57%	9,48%	0,17%
Outros	0,15%	1,54%	0,70%	0,53%
Serviços	0,23%	6,14%	5,07%	0,34%
Plantas e preparos medicinais	0,62%	0,80%	0,33%	0,28%
Mudas e sementes	0,63%	4,53%	0,37%	0,05%
Total Geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Paulo Freire - Em termos monetários absolutos				
Classificação	Doação	Troca	Venda	Consumo
Alimentos de origem animal	12.236,05	1.443,90	50.190,25	57.993,34
Alimentos de origem vegetal	13.100,10	1.237,55	44.443,50	34.294,12
Alimentos de origem mista	1.678,50	101,00	17.051,10	3.000,10
Artesanatos e trabalhos manuais	444,50	51,00	12.599,75	161,60
Outros	42,00	50,00	925,50	510,00
Serviços	65,00	200,00	6.735,00	331,00
Plantas e preparos medicinais	172,50	26,00	443,50	266,65
Mudas e sementes	176,00	147,50	488,00	50,00
Total Geral	27.914,65	3.256,95	132.876,60	96.606,81

Procace - Em termos percentuais, relativo ao valor total de cada relação econômica				
Classificação	Doação	Troca	Venda	Consumo
Alimentos de origem animal	37,24%	36,67%	55,40%	63,22%
Alimentos de origem vegetal	55,22%	63,16%	28,52%	34,03%
Alimentos de origem mista	4,31%	0,00%	10,93%	2,28%
Artesanatos e trabalhos manuais	0,00%	0,00%	1,24%	0,10%
Outros	0,00%	0,00%	2,94%	0,00%
Plantas e preparos medicinais	2,64%	0,17%	0,74%	0,37%
Mudas e sementes	0,58%	0,00%	0,22%	0,00%
Total Geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Procace - Em termos monetários absolutos				
Classificação	Doação	Troca	Venda	Consumo
Alimentos de origem animal	1.528,55	214,25	34.454,00	10.307,05
Alimentos de origem vegetal	2.266,45	369,00	17.733,35	5.547,50
Alimentos de origem mista	177,00		6.799,00	372,00
Artesanatos e trabalhos manuais			774,00	16,00
Outros			1.830,00	
Plantas e preparos medicinais	108,50	1,00	461,00	60,50
Mudas e sementes	24,00		137,00	
Total Geral	4.104,50	584,25	62.188,35	16.303,05

PSA - Em termos percentuais, relativo ao valor total de cada relação econômica				
Classificação	Doação	Troca	Venda	Consumo
Alimentos de origem animal	40,14%	39,33%	38,61%	53,46%
Alimentos de origem vegetal	53,78%	49,04%	48,74%	42,01%
Alimentos de origem mista	1,46%	1,22%	3,78%	1,28%
Artesanatos e trabalhos manuais	0,85%	1,91%	1,79%	0,29%
Outros	0,69%	3,71%	5,07%	0,93%
Serviços	0,01%	0,00%	0,20%	0,68%
Plantas e preparos medicinais	1,51%	0,56%	0,56%	1,15%
Mudas e sementes	1,56%	4,24%	1,24%	0,20%
Total Geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

PSA - Em termos monetários absolutos				
Classificação	Doação	Troca	Venda	Consumo
Alimentos de origem animal	15.692,23	742,43	116.266,76	91.556,01
Alimentos de origem vegetal	21.024,52	925,85	146.772,60	71.942,90
Alimentos de origem mista	570,00	23,00	11.394,75	2.197,30
Artesanatos e trabalhos manuais	332,50	36,00	5.393,50	500,50
Outros	269,00	70,00	15.264,00	1.585,00
Serviços	2,00		616,00	1.172,50
Plantas e preparos medicinais	590,40	10,50	1.700,80	1.968,81
Mudas e sementes	609,50	80,00	3.729,00	341,50
Total Geral	39.090,15	1.887,78	301.137,41	171.264,52

PVSA - Em termos percentuais, relativo ao valor total de cada relação econômica				
Classificação	Doação	Troca	Venda	Consumo
Alimentos de origem animal	42,00%	31,22%	42,87%	45,31%
Alimentos de origem vegetal	48,73%	48,77%	47,11%	45,15%
Alimentos de origem mista	5,25%	0,73%	2,97%	8,05%
Artesanatos e trabalhos manuais	0,45%	0,18%	0,99%	1,12%
Outros	0,19%	0,00%	2,59%	0,00%
Serviços	2,71%	15,54%	2,44%	0,10%
Plantas e preparos medicinais	0,43%	1,51%	1,03%	0,27%
Mudas e sementes	0,23%	2,06%	0,00%	0,00%
Total Geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

PVSA - Em termos monetários absolutos				
Classificação	Doação	Troca	Venda	Consumo
Alimentos de origem animal	11.859,51	516,30	75.785,63	44.660,85
Alimentos de origem vegetal	13.761,41	806,70	83.274,26	44.500,40
Alimentos de origem mista	1.482,40	12,00	5.246,00	7.934,15
Artesanatos e trabalhos manuais	127,00	3,00	1.756,00	1.102,00
Outros	55,00		4.583,00	
Serviços	766,50	257,00	4.306,00	99,00
Plantas e preparos medicinais	120,50	25,00	1.820,50	264,20
Mudas e sementes	65,50	34,00	7,00	
Total Geral	28.237,82	1.654,00	176.778,39	98.560,60

Anexo 3



Lista com a Diversidade da Produção
das Agricultoras Agroecológicas

A

Abacate
Abacaxi
Abafador de Comida
Abobrinha
Açafrão
Açaí
Acarajé
Acelga
Acerola
Ácido Muriático
Açúcar
Adesivos de Unha
Agrião
Água De Alevante
Água de Caju
Água de Coco
Água Sanitária
Alcanfor
Alecrim
Alecrim Seco
Alevante
Alface
Alface Crespa
Alface e Coentro
Alfavaca
Alfinim
Algaroba
Algodão
Alho
Alho Poró
Alho Verde

Alisamento de Cabelo
Almeirão
Almoço
Almoço (Galinha)
Almofada
Almofada Bordada
Almofada Pintada
Amaciante
Amendoim
Americano
Amora
Anador
Angu
Aracticunzeiro
Aranto
Aricum
Aroeira
Arranjo
Arranjo de Flor
Arroz
Arroz com Creme de Galinha
Arroz da Terra
Arruda
Artesanato
Assado de Porco
Ata
Atemoia
Aula Particular
Ave
Ave Caipira
Avoador
Avon
Azeitona Preta

B

Babosa
Bacupari
Bacuri
Baião
Bainha de Calça
Banana
Banana Café
Banana Coruda
Banana da Terra
Banana D'Água
Banana D'Água Verde
Banana Maçã
Banana Noa
Banana Pacovã
Banana Pão
Banana Passa
Banana Prata
Banana Três Quinas
Banana Verde
Banha de Porco
Barra de Cereal
Bata
Batata
Batata Doce
Bauru
Beijinho
Beiju
Beiju Colorido
Beiju com Ovo
Beiju de Coco
Beiju de Forno

Beiju Mole
Beiju Mole Recheado com Frango
Beiju Recheado
Beiju Recheado com Coco
Beiju Recheado com Frango
Beiju Recheado com Licuri
Beiju Recheado com Queijo e Presunto
Beiju Seco
Beiju Seco Recheado
Beiju Seco Recheado com Banana
Beiju Seco Recheado com Coco
Beiju Seco Recheado com Goiaba
Beldroega
Benzetacil
Berinjela
Beterraba
Beterraba e Cenoura
Bezerro
Biscoito
Biscoito Amanteigado
Biscoito de Polvilho
Biscoito de Tapioca
Biscoito Delícia
Biscoito Frito
Biscoito Polvilho
Bisteca
Blusa
Blusa Bordada
Blusa de Crochê
Bode
Boi
Boldo
Bolinho
Bolinho de Chuva
Bolinho de Queijo
Bolinho de Tacho
Bolinho de Tapioca
Bolo
Bolo Confeitado
Bolo Corredor
Bolo de Abacaxi
Bolo de Aniversário
Bolo de Banana
Bolo de Batata
Bolo de Canela
Bolo de Cenoura

Bolo de Chocolate
Bolo de Coco
Bolo de Coco Molhado
Bolo de Goma
Bolo de Jaca
Bolo de Jerimum
Bolo de Laranja
Bolo de Leite
Bolo de Macaxeira
Bolo de Massa Puba
Bolo de Milho
Bolo de Nata
Bolo de Ninho
Bolo de Ovo
Bolo de Pote
Bolo de Sal
Bolo de Tacho
Bolo de Tapioca
Bolo Decorado
Bolo Doce
Bolo Fofo
Bolo Formigueiro
Bolo Frito
Bolo Grude
Bolo Liso
Bolo Mole
Bolo Pé de Moleque
Bolo Pudim
Bolo Recheado
Bolo Rosca
Bolsa
Bombom
Boneca
Bordado
Borrega
Borrego
Bovino
Brevidade
Brigadeiro de Coco
Brilhantina
Brinco
Brócolis
Bruaca
Buchada
Buchada de Bode
Buchada de Boi
Buchada de Ovelha

Buriti

C
Cabaça
Cabeça de Porco
Cabra
Cabra Viva
Cabrito
Cachorro Quente
Cactus
Cadeira
Café
Café Torrado
Cajá
Cajarana
Caju
Caju Cristalizado
Caju Seco
Caju sem Castanha
Cajuá
Cajuí
Cajuína
Calça
Calcinha
Calcinha de Crochê
Calda Inseticida
Caldo
Caldo de Cana
Caldo de Carne
Caldo de Macaxeira
Calêndula
Camapu
Camará
Camarão
Camarão Pitu
Camarão Sossego
Cambucá
Caminho de Mesa de Crochê
Caminho de Mesa Pintado
Camisa
Camisa para Bebê
Camomila
Cana de Macaco
Cana-De-Açúcar
Canela
Caneta

Canja	Cavaquinho	Chá de Manjeriçã
Canja de Galinha	Caxi	Chá de Marmeleiro
Canjica	Caxixi	Chá de Mastruz
Canudinho	Cebola	Chá de Miroró
Capa de Liquidificador de Crochê	Cebola Branca	Chá de Pata de Vaca
Capa Fina Chapéu de Palha	Cebola Verde	Chá de Pau de Rato
Capa para Sofá	Cebolinha	Chá de Pereira
Capão	Cebolinha Palha	Chá de Poejo
Capim	Cenoura	Chá de Postumeira
Capim Santo	Centro de Mesa	Chá de Pustemeira
Capote	Cera	Chá de Quebra Pedra
Caprino	Cesta de Palha	Chá de Raiz de Babosa
Caprino Vivo	Chá	Chá de Salsa
Cará	Chá de Açafreão	Chá de Seriguela
Cará Tilápia	Chá de Alecrim	Chá de Tamarindo
Carambola	Chá de Amora	Chá de Vick
Cariru de Palma	Chá de Anador com Hortelã	Chá Preto
Carne	Chá de Angélica	Chá Preto com Hortelã
Carne Bovina	Chá de Arruda	Chapéu
Carne Caipira	Chá de Boldo	Chapéu de Palha
Carne Caprina	Chá de Cabeludinha	Chapéu de Palha de Carnaúba
Carne de Bode	Chá de Cajá	Chaveiro
Carne de Cabra	Chá de Calêndula	Cheiro de Cidreira
Carne de Caju	Chá de Camélia	Cheiro Verde
Carne de Carneiro	Chá de Camomila	Chicha
Carne de Galinha	Chá de Canela	Chicória
Carne de Guiné	Chá de Canela de Velho	Chips de Macaxeira
Carne de Ovelha	Chá de Capim Limão	Chouriço de Porco
Carne de Pato	Chá de Capim Nagô	Chuchu
Carne de Porco	Chá de Capim Santo	Coalhada
Carne Ovina	Chá de Casca da Catingueira	Coalhada Escorrida
Carneiro	Chá de Erva Cidreira	Coberta
Carneiro Vivo	Chá de Erva de Mocó	Coberta de Casal
Carrancudo	Chá de Erva Doce	Coberta de Solteiro
Cartela Doação da Sorte	Chá de Eucalipto	Coca
Caruru	Chá de Flor de Catingueira	Cocá
Carvão	Chá de Flor de Losna	Cocada
Casca de Cajueiro	Chá de Flor de Pau de Rato	Cocada de Licuri
Casca de Licuri	Chá de Folha de Laranja	Coco
Casca de Romã	Chá de Gengibre	Coco Amarelo
Cascalho de Macaxeira	Chá de Goiaba	Coco D'Água
Castanha	Chá de Hortelã	Coco Seco
Castanha Assada	Chá de Hortelã com Capim Santo	Coco Verde
Castanha com Casca	Chá de Hortelã Graúdo	Codorna
Castanha de Caju	Chá de Laranja	Coentro
Castanha de Caju Assada	Chá de Limão	Colar
Castração Suína	Chá de Malvão	Colar de Sementes

Colcha
 Colcha Bordada
 Colcha de Cama
 Colher de Pau
 Colherzinha
 Colônia
 Colorau
 Cominho
 Compota
 Condessa
 Condimento
 Confecção
 Confecção de Avental
 Confrei
 Conjunto Colher de Pau e Luva
 Conjunto Colher de Pau e Pano de Prato
 Conjunto de Baiana
 Conjunto de Baiana Bordado
 Conjunto de Banheiro Bordado
 Conjunto de Banheiro de Crochê
 Conjunto de Cama
 Conjunto de Cozinha
 Conjunto de Cozinha Bordado
 Conjunto de Crochê
 Conjunto de Crochê Infantil
 Conjunto de Livro e Colher
 Conjunto de Tapete
 Conjunto Masculino
 Conjunto Masculino Bordado
 Conserto de Barra de Calça
 Conserto de Linha de Pesca
 Conserto de Rede de Pesca
 Conserto de Roupa
 Conserto de Vestido
 Conserto de Zipper
 Corante
 Coronha
 Cortadinho de Couve
 Cortadinho de Palma
 Cortina
 Costura
 Costura de Shorts
 Couve
 Couve Manteiga
 Couve-Flor
 Coxinha

Cozido
 Cravinho
 Creme com Arroz
 Creme de Cabelo
 Creme de Coco
 Creme de Galinha
 Creme de Pé
 Criação
 Crochê
 Croeira
 Cueca
 Cúrcuma
 Curimatã
 Cuscuz
 Cuscuz com Sarapatel

D

Dendê
 Derivado
 Derivado da Mandioca
 Derivados do Maracujá
 Descanso de Panela
 Desinfetante
 Detergente
 Detergente Caseiro
 Diária
 Diária de Lavagem de Roupa
 Diária de Serviço
 Diária de Serviço - Pegar Feijão
 Diária de Trabalho Doméstico
 Dindim
 Dindim de Castanha
 Dindim de Coco
 Dindim de Goiaba
 Dindim de Licuri
 Dindim de Manga
 Dindim de Tamarindo
 Dinheiro
 Dipirona
 Doce
 Doce Cristalizado de Banana
 Doce Cristalizado de Caju
 Doce de Abacaxi
 Doce de Amendoim
 Doce de Banana
 Doce de Batata

Doce de Buriti
 Doce de Cacau
 Doce de Caju
 Doce de Calda
 Doce de Castanha
 Doce de Coco
 Doce de Gergelim
 Doce de Goiaba
 Doce de Groselha
 Doce de Jaca
 Doce de Jerimum
 Doce de Leite
 Doce de Leite Caroçudo
 Doce de Leite Granulado
 Doce de Mamão
 Doce de Mamão com Coco
 Doce de Mamão com Leite
 Doce de Manga
 Doce de Melancia
 Doce de Umbu
 Doces e Salgados

E

Endro
 Erva Cidreira
 Erva de Preá
 Erva Doce
 Ervas Medicinais
 Escova de Cabelo
 Espinafre
 Espinhaço Caprino
 Esteira
 Esteira de Palha
 Esterco
 Eucalipto

F

Farinha
 Farinha de Borra
 Farinha de Castanha
 Farinha de Cuscuz
 Farinha de Macaxeira
 Farinha de Macaxeira Lavada
 Farinha de Pipoca
 Farinha de Puba

Farinha de Tapioca
 Farinha de Trigo
 Farinha Mandi
 Farinha para Ração
 Farofa com Galinha Caipira
 Farofa de Gergelim
 Fava
 Fava Branca
 Fava de Olho Preto
 Fava Mulatinho
 Fava Mulatinho Vermelha
 Fava Seca
 Fava Vermelha
 Fava Vovó
 Feijão
 Feijão Andú
 Feijão Andú Seco
 Feijão Arreio
 Feijão Brabo
 Feijão Branco
 Feijão Branco de Corda
 Feijão Canapu
 Feijão Carioca
 Feijão com Carne
 Feijão da Bahia
 Feijão de Corda
 Feijão de Corda com Casca
 Feijão de Corda Debulhado
 Feijão de Corda Seco
 Feijão de Moita
 Feijão Macassar
 Feijão Maduro
 Feijão Mulatinho
 Feijão Pardo
 Feijão Pingo de Ouro
 Feijão Preto
 Feijão Rabo de Calango
 Feijão Roxo
 Feijão Santo Inácio
 Feijão Seco
 Feijão Sempre Verde
 Feijão Valério
 Feijão Verde
 Feijão Verde de Corda
 Feijão Vermelho
 Feijoada
 Feijão

Fígado
 Fígado Caprino
 Fígado de Bode
 Fígado de Porco
 Filé
 Flor
 Flor de Mamão
 Folha de Abacate
 Folha de Acerola
 Folha de Algodão
 Folha de Alho
 Folha de Amora
 Folha de Babosa
 Folha de Beterraba
 Folha de Cajá
 Folha de Canela
 Folha de Cebola
 Folha de Cenoura
 Folha de Colônia
 Folha de Graviola
 Folha de Laranja
 Folha de Laranjeira
 Folha de Louro
 Folha de Mastruz
 Folha de Oiticica
 Folha de Pitanga
 Folha de Seriguela
 Folha de Umbuzeiro
 Folha Santa
 Forragem Animal
 Forragem animal (Palma)
 Frango
 Frango Caipira
 Frango de Capoeira
 Frango Índio
 Frangote
 Franguinho
 Frasqueira
 Fruta
 Fruta de Palma
 Fubá
 Fuçura de Bode
 Fuçura de Ovelha

G

Gabiraba

Gaiola
 Galinha
 Galinha Abatida
 Galinha Caipira
 Galinha Caipira com Farofa
 Galinha com Farofa
 Galinha Cozida
 Galinha D'Angola
 Galinha D'Angola Viva
 Galinha de Capoeira
 Galinha de Garrafa Pet
 Galinha Viva
 Galinhão
 Galo
 Galo Caipira
 Galo de Capoeira
 Ganso
 Garrafa
 Garrafada Medicinal
 Garrafão
 Garrote
 Geléia de Goiaba
 Geléia de Maracujá
 Gengibre
 Genipapo
 Gerbra
 Gergelim
 Gergelim Branco
 Gergelim Preto
 Girana
 Goiaba
 Goiabada
 Goma
 Goma de Tapioca
 Goma Fresca
 Goma Seca
 Graviola

H

Hamburguer
 Hamburguer X-Salada
 Hamburguer X-Tudo
 Hibisco
 Hidratação
 Hidratante
 Hortaliça

Hortelã
Hortelã Graúdo
Húmus
Húmus de Minhoca



Inseticida
Insulina
Iogurte
Iogurte Natural



Jabuticaba
Jaca
Jambo
Janta
Jarro
Jarro com Muda
Jarro de Planta
Jerimum
Jerimum de Leite
Jiló
Jurubeba



Lambedor
Laranja
Laranja Pera
Latinha (Artesanato)
Leitão
Leite
Leite Coalhado
Leite Condensado
Leite Condensado de Licuri
Leite de Cabra
Leite de Ovelha
Leitoa
Lençol
Lençol Casal
Lençol Solteiro
Lenha
Leucena
Licor
Licuri

Lima
Limão
Limão Cravo
Limão Galego
Limão Siciliano
Limpa Alumínio
Limpa Piso
Língua de Porco
Língua de Vaca
Linguíça de Porco
Losna
Louro



Maçã
Macacão
Macarrão
Macasada
Macaxeira
Macaxeira Branca
Macaxeira Cacau
Macaxeira com Galinha
Macaxeira Naja Branca
Macaxeira Naja Preta
Macaxeira Preta
Macaxeira Rosinha
Malva
Malvão
Malvarisco
Mamão
Mamão Papaya
Mamona
Mandacaru
Manga
Manga Espada
Manga Manguita
Manga Pão
Manga Rosa
Manga Tommy
Mangaba
Mangalô
Manjericão
Manteiga
Manteiga da Terra
Manteiga de Gado
Manteiga de Garrafa

Manzape
Maracujá
Maracujá Amarelo
Maracujá da Caatinga
Maracujá de Boi
Maracujá do Mato
Maracujá Nativo
Maracujá Peroba
Maracujina
Marmota
Marran
Marran Caprina
Massa de Buri
Massa de Canela
Massa de Macaxeira
Massa de Milho
Massa de Pipoca
Massa de Tapioca
Massa de Trigo
Massa Puba
Mastruz
Maxixão
Maxixe
Maxixe de Rama
Meada de Linha
Mel
Mel com Favo
Mel de Caju
Mel de Cana
Mel de Jurubeba
Mel de Uruçu
Melado
Melancia
Melão
Melão Caxi
Melão Pepino
Melissa
Menta
Meracilina
Mexerica
Mexerica Poca
Milho
Milho Assado
Milho de Mungunzá
Milho de Pipoca
Milho em Grão
Milho em Palha

Milho Nigeiro
 Milho Seco
 Milho Verde
 Milindro
 Minhoca
 Mini Coxinha
 Mirra
 Misto
 Misto Quente
 Mocotó
 Moeira de Pimenta
 Molho
 Molho de Pimenta
 Molho de Pimenta com Leite
 Molho de Tomate
 Morango
 Moringa
 Moringa Desidratada
 Moringa em Pó
 Mororó
 Mostarda
 Mousse de Manga
 Mousse de Maracujá
 Mousse de Umbu
 Muda
 Muda de Abacate
 Muda de Abacaxi
 Muda de Acerola
 Muda de Alecrim
 Muda de Alface
 Muda de Antúrio
 Muda de Aranto
 Muda de Aroeira
 Muda de Árvore
 Muda de Ata
 Muda de Babosa
 Muda de Banana
 Muda de Beterraba
 Muda de Boldo
 Muda de Cacau
 Muda de Cactus
 Muda de Caju
 Muda de Calêndula
 Muda de Capim Santo
 Muda de Caraíba
 Muda de Coentro
 Muda de Coqueiro

Muda de Couve
 Muda de Crote
 Muda de Erva Cidreira
 Muda de Goiaba
 Muda de Goiabeira
 Muda de Graviola
 Muda de Hortaliça
 Muda de Hortelã
 Muda de Ipê
 Muda de Ipê Amarelo
 Muda de Ipê Roxo
 Muda de Kalanchoe
 Muda de Laranja
 Muda de Leucena
 Muda de Limão
 Muda de Macaxeira
 Muda de Malva
 Muda de Mamão
 Muda de Manga
 Muda de Mangaba
 Muda de Manjeriçã
 Muda de Maracujá
 Muda de Maxixe
 Muda de Morango
 Muda de Novalgina
 Muda de Ora-pro-nóbis
 Muda de Palmeira
 Muda de Pimenta
 Muda de Pinha
 Muda de Pitanga
 Muda de Planta Ornamental
 Muda de Poejo
 Muda de Romã
 Muda de Rosa
 Muda de Roseira
 Muda de Salsinha
 Muda de Seriguela
 Muda de Suculenta
 Muda de Tamarindo
 Muda de Tangerina
 Muda de Tomate
 Muda de Umbu
 Muda de Uva
 Muda Frutífera
 Muda Pingo de Ouro
 Mudas Diversas
 Mudas Nativas

Mungunzá
 Mutirão

N

Nabo
 Nanice
 Nata
 Necessaire
 Nescau
 None
 Novalgina

O

Óleo de Angico
 Óleo de Argan
 Óleo De Babaçu
 Óleo de Coco
 Óleo de Coco Babaçu
 Óleo de Licuri
 Óleo de Mamona
 Óleo de Pequi
 Olho de Sogra
 Oliveira
 Omelete
 Ora-pro-nóbis
 Ouricuri
 Ovelha
 Ovelha Viva
 Ovino
 Ovo
 Ovo de Codorna
 Ovo de Galinha
 Ovo de Galinha Caipira
 Ovo de Galinha D'Angola
 Ovo de Galinha de Capoeira
 Ovo de Pata
 Ovo de Perua

P

Paçoca
 Paçoca de Castanha
 Paçoca De Gergelim
 Pai Pedro
 Palha de Carnaúba

Palma
 Palma (Forragem)
 Palma de Banana
 Palma de Santa Rita
 Pamonha
 Panelada
 Pano
 Pano da Costa
 Pano de Bandeja
 Pano de Copo
 Pano de Fogão
 Pano de Geladeira
 Pano de Geladeira Pintado
 Pano de Prato
 Pano de Prato de Crochê
 Pano de Televisão
 Pão
 Pão com Mortadela
 Pão de Banana
 Pão de Batata
 Pão de Ló
 Pão de Macaxeira
 Pão de Milho
 Pão de Queijo
 Pão de Queijo de Tapioca
 Passadeira
 Passadeira Bordada
 Pastel
 Pata
 Pata de Vaca
 Patê de Caju
 Pato
 Pau de Rato
 Pavão
 Pé de Porco
 Peça de Artesanato
 Pé-De-Moleque
 Peito de Frango
 Peixe
 Peixe Cará
 Peixe Curimatã
 Peixe Pará
 Peixe Tambaqui
 Peixe Tilápia
 Peixe Traíra
 Peixe Xira
 Pele de Bode

Penicilina
 Pepino
 Pepino de Cabaça
 Pepino do Mato
 Pequi
 Perfume
 Peroba
 Peru
 Perua
 Peso de Porta
 Peta
 Picão
 Picolé
 Picolé de Coco
 Picolé de Manga
 Pime de Carne
 Pimenta
 Pimenta Biquinho
 Pimenta de Cheiro
 Pimenta de Gosto
 Pimenta De Macaco
 Pimenta Dedo De Moça
 Pimenta Do Reino
 Pimenta e Cheiro Verde
 Pimenta em Conserva
 Pimenta Gigante
 Pimenta Malagueta
 Pimenta Roxa
 Pimentão
 Pimentão Amarelo
 Pimentão Colorido
 Pimentão Pequeno
 Pimentinha
 Pimentinha de Cheiro
 Pimentinha De Gosto
 Pimentinha, Couve, Coentro
 Pinto
 Pinto Caipira
 Pipoca de Saquinho
 Pique-Nique Goiaba
 Pique-Nique Umbú
 Pitanga
 Pitaya
 Pitomba
 Pizza
 Pizza de Calabresa
 Planta

Plantas
 Plantas Medicinais
 Pó de Café
 Pó de Palha de Carnaúba
 Poejo
 Polenta de Milho
 Polpa de Acerola
 Polpa de Buriti
 Polpa de Cajá
 Polpa de Caju
 Polpa de Coco
 Polpa de Fruta
 Polpa de Goiaba
 Polpa de Graviola
 Polpa de Laranja
 Polpa de Manga
 Polpa de Maracujá
 Polpa de Seriguela
 Polpa de Umbu
 Porca
 Porção De Galinha
 Porco
 Porco Caipira
 Porco Vivo
 Porta Jóia
 Porta Papel Higiênico
 Porta Retrato
 Prato Americano
 Preparo Medicinal Caseiro com Mel
 Protetor (Cosmético)
 Protetor de Porta
 Puba
 Pudim
 Pulga da Batata
 Pulseira
 Purê de Macaxeira
 Puxa Saco

Q
 Quebra Facão
 Quebra Pedra
 Quebradinha
 Queijo
 Queijo Coalho
 Queijo de Cabra
 Queijo de Manteiga

Quiabo
 Quiboa (Água Sanitaria Caseira)
 Quindim
 Quioiô

R

Rabanete
 Rabo de Tatu
 Ração
 Rapadura
 Rapadura De Coco
 Rapadura de Jaca
 Rapadura De Mamão
 Rede
 Rede De Boneca
 Rede de Crochê
 Rede de Pesca
 Rede de Tecido
 Remédio Caseiro
 Remendo De Pneu
 Repolho
 Requeijão
 Requeijão De Leite De Cabra
 Romã
 Rosa
 Rosa Da Turquia
 Rosca
 Rosca De Goma
 Rosca de Queijo
 Roupa
 Roupa Masculina Bordada
 Rúcula

S

Sabão
 Sabão De Coco
 Sabão De Soda
 Sabão em Barra
 Sabão Líquido
 Sabonete
 Sabugueiro
 Saia
 Sal
 Salada
 Salgadinho

Salgado
 Salpicão
 Salsinha
 Sapatinho
 Sapoti
 Sarapatel
 Semente
 Semente de Alface
 Semente de Aroeira
 Semente de Cabaça
 Semente de Coentro
 Semente de Corona
 Semente de Feijão
 Semente de Graviola
 Semente de Jerimum
 Semente de Melancia
 Semente de Milho
 Semente de Pimentão
 Semente de Quiabo
 Semente de Tomate
 Sequilho
 Sequilhos
 Seriguela
 Serviço
 Serviço de Cabeleireira
 Serviço de Cuidar das Plantas
 Serviço de Faxina
 Serviço de Faxina (Mensal)
 Serviço de Frete
 Serviço de Frete (Moto)
 Serviço de Lavagem de Roupa
 Serviço de Limpeza
 Serviço de Manicure
 Serviço De Marcar Rifa
 Serviço de Plantio
 Serviço de Salão de Beleza
 Serviço de Terreiro
 Serviço de Varrer Terreiro
 Sete Dores
 Shampoo
 Shampoo De Babosa
 Shorts
 Shorts Bordado
 Shorts de Crochê
 Shorts em Crochê
 Sonho
 Sorvete

Sorvete de Macaxeira
 Souplast
 Substrato
 Suco
 Suco de Abacaxi
 Suco De Acerola
 Suco De Caju
 Suco De Cana
 Suco De Carambola
 Suco de Couve
 Suco De Goiaba
 Suco De Graviola
 Suco De Laranja
 Suco De Limão
 Suco de Maçã
 Suco de Mamão
 Suco De Manga
 Suco De Maracujá
 Suco de Maracujá do Mato
 Suco De Maracujina
 Suco De Peroba
 Suco de Seriguela
 Suco De Tamarindo
 Suco de Umbu
 Suco E Bolo
 Suco Verde
 Suculenta
 Suíno
 Suíno Vivo
 Suporte de Panela de Palha

T

Tamarindo
 Tamborete
 Tanchagem
 Tangerina
 Tansagem
 Tapete
 Tapete De Banheiro
 Tapete de Crochê
 Tapete de Linha
 Tapete De Malha
 Tapete de Retalho
 Tapioca
 Tapioca com Coco
 Tapioca de Forno

Tapioca De Frango
 Tapioca Fresca
 Tapioca Granulada
 Tapioca Seca
 Tecido de Roupa
 Tempero
 Tempero De Coentro
 Tintura de Angico
 Tintura de Ypê Roxo
 Tioio
 Toalha
 Toalha Banquete Bordada
 Toalha De Banho
 Toalha de Mesa
 Tomatão
 Tomate
 Tomate Cajá
 Tomate Cereja
 Tomate Grande
 Tomate Miúdo
 Tomate Uva
 Tomatinho
 Toquinho
 Torresmo de Porco
 Torta
 Torta de Abacaxi
 Torta De Banana
 Torta de Carne
 Torta de Frango
 Torta de Legume

Torta de Tapioca
 Tortetele
 Tortilete
 Toucinho De Porco
 Trabalho
 Trabalho de Cozinheira
 Trabalho de Cuidadora de Idoso
 Trabalho Doméstico
 Traje de São Francisco
 Trigo
 Tripa de Porco
 Trufa
 Turbante

U

Umbu
 Umburana
 Umburana De Cheiro
 Umbuzada
 Urucum
 Uva

V

Vagem
 Vagem de Moringa
 Vaso de Cimento
 Vassoura
 Vassoura De Palha

Vassoura De Palha De Coco
 Vassoura de Vasculhar
 Vassoura Palito
 Vatapá
 Venda de Mel (Lucro)
 Venda de Roupa (Lucro)
 Venda de Sabonete Natura (Lucro)
 Verdura
 Vestido
 Vestido de Crochê
 Vick
 Visita Técnica
 Visita Turística
 Vitamilho
 Vitamina
 Vitamina de Banana
 Vitamina de Goiaba

X

Xarope
 Xarope de Angico
 Xarope De Ervas
 Xarope de Unha de Gato
 Xerém
 Xerém com Galinha
 Xerém com Sarapatel
 Xuxa de Pena para Cabelo

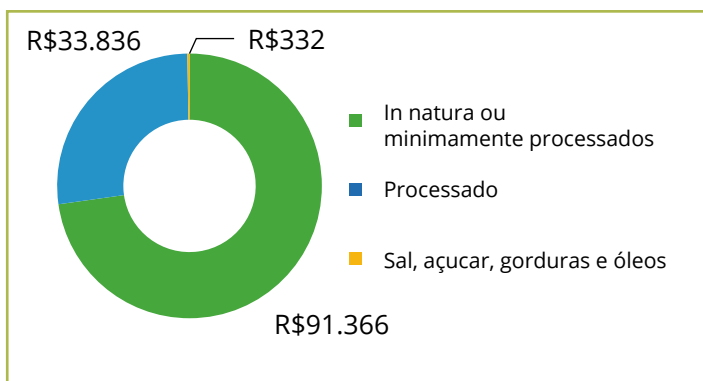
Anexa 4



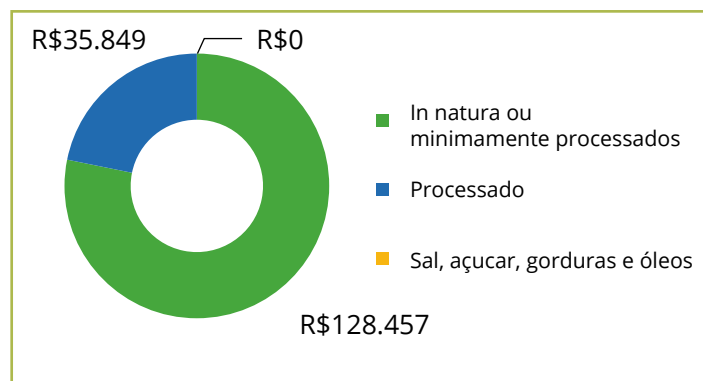
Processamento de alimentos na esfera das relações econômicas não monetárias por projeto

Projeto Pró Semiárido – Bahia

Relações econômicas não monetárias

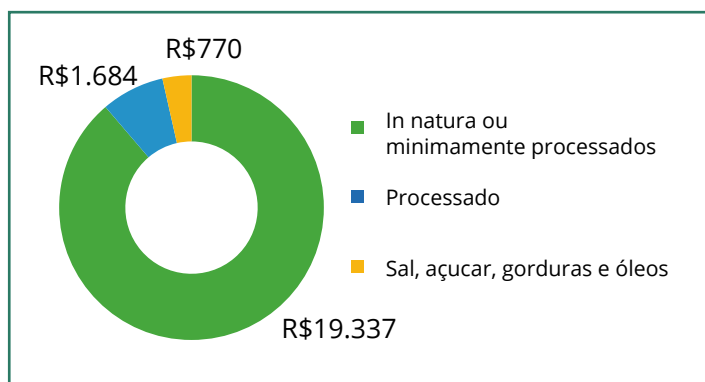


Comercialização

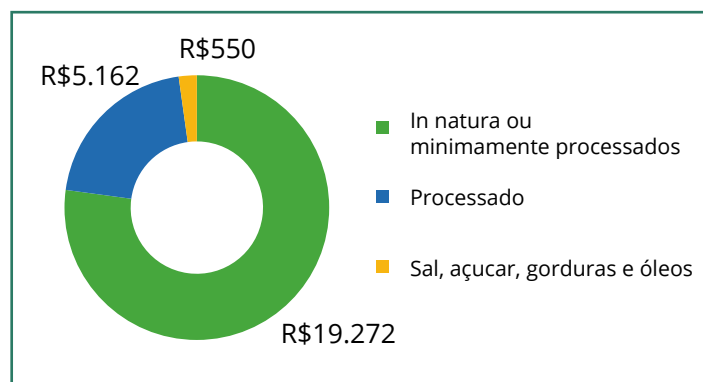


Projeto Dom Távora – Sergipe

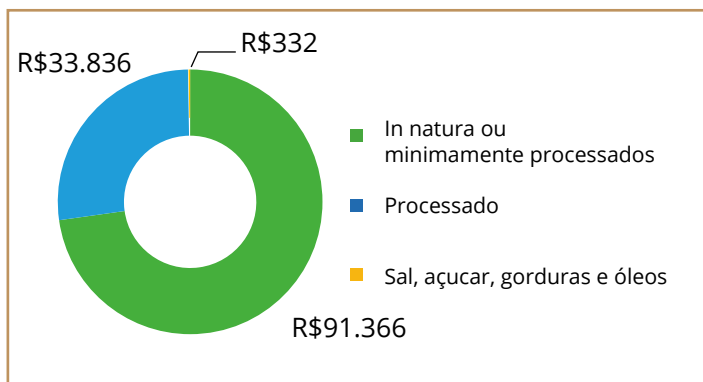
Relações econômicas não monetárias



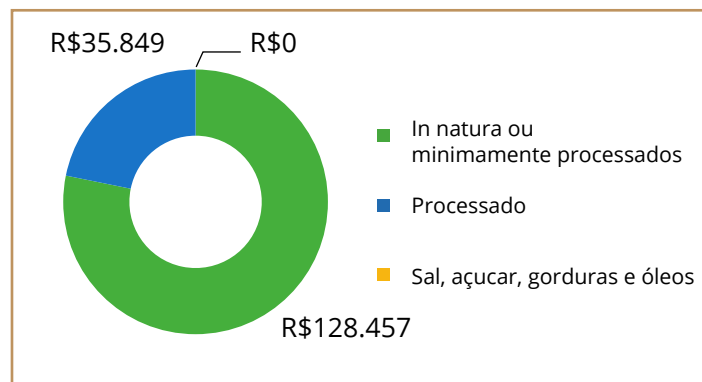
Comercialização



Relações econômicas não monetárias

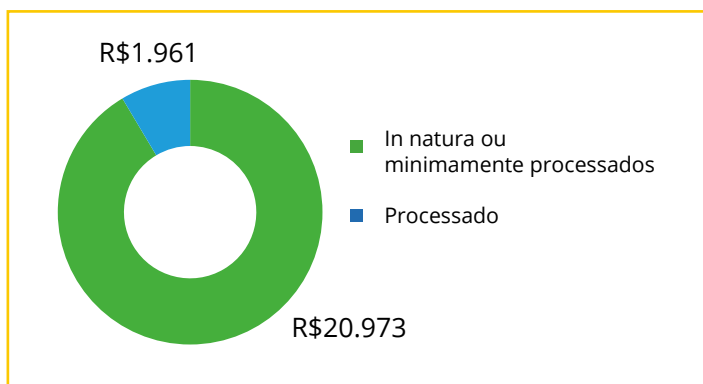


Comercialização

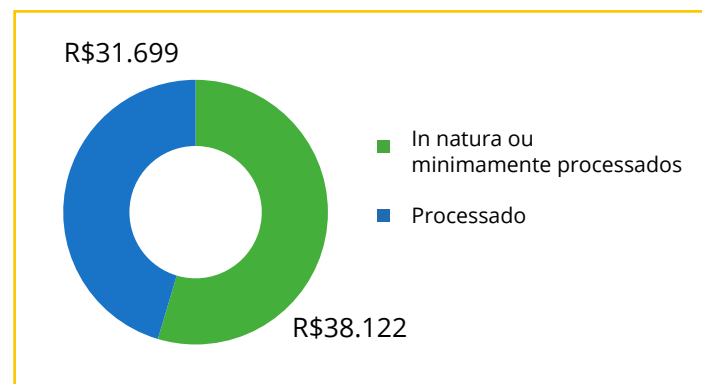


Projeto PROCASE - Paraíba

Relações econômicas não monetárias

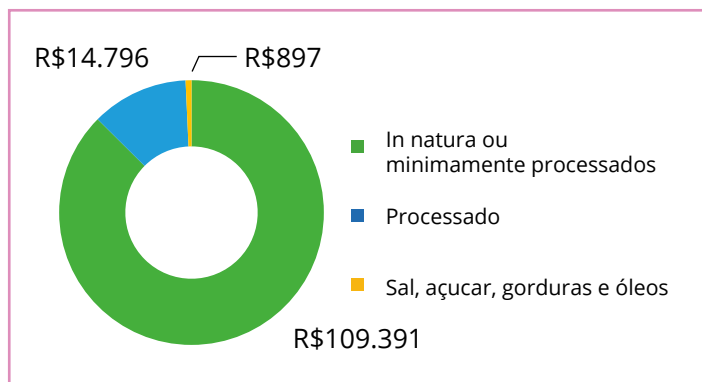


Comercialização

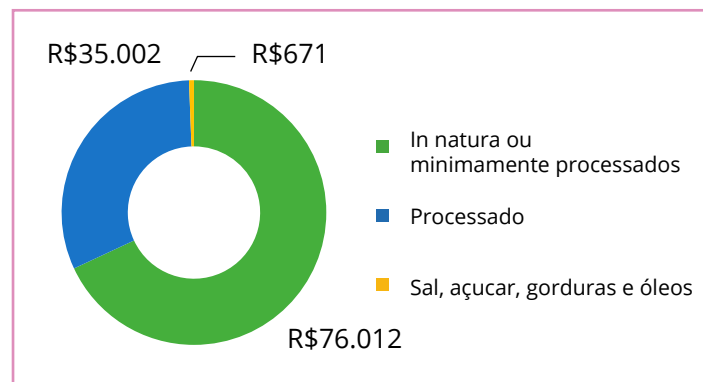


Projeto Paulo Freire - Ceará

Relações econômicas não monetárias

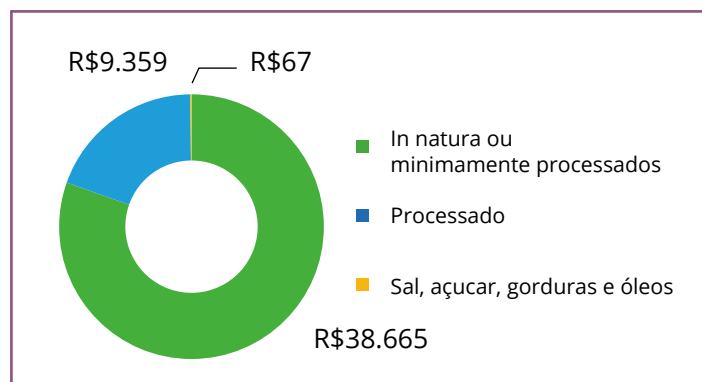


Comercialização

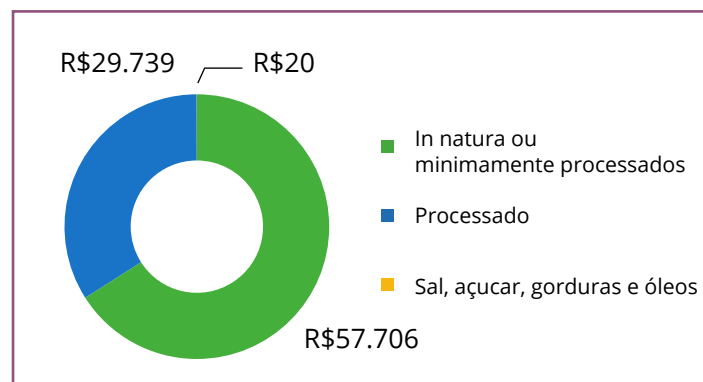


Projeto Dom Helder Camara II

Relações econômicas não monetárias



Comercialização





Produção por comunidade

Dom Helder - Alagoas						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Água Branca	Comunidade - Sítio Pilãozinho	R\$ 34,00			R\$ 167,00	R\$ 201,00
	Povoado Mandacaru	R\$ 119,00	R\$ 84,00		R\$ 4.222,00	R\$ 4.425,00
Arapiraca	Comunidade Cangandu	R\$ 20,50	R\$ 128,50		R\$ 2.064,00	R\$ 2.213,00
	Comunidade Pé Leve Velho	R\$ 1,75	R\$ 36,00		R\$ 1.325,00	R\$ 1.362,75
Craíbas	Povoado Lagoa da Malhada	R\$ 846,00	R\$ 301,00		R\$ 2.034,50	R\$ 3.181,50
Girau do Ponciano	Povoado Algodão	R\$ 488,00	R\$ 2.473,00	R\$ 362,00	R\$ 7.080,50	R\$ 10.403,50
Inhapi	Assentamento Delmiro Gouveia	R\$ 188,00			R\$ 124,60	R\$ 312,60
	Comunidade Poço Grande	R\$ 28,00			R\$ 39,70	R\$ 67,70
Jacaré dos Homens	Comunidade Garrote	R\$ 48,00	R\$ 13,80		R\$ 750,00	R\$ 811,80
Lagoa da Canoa	Povoado Chã do Pau D´Arco	R\$ 22,00	R\$ 21,00		R\$ 291,00	R\$ 334,00
	Povoado Mata Limpa 1		R\$ 55,00		R\$ 75,00	R\$ 130,00

Monteirópolis	Comunidade Lagoa das Ovelhas	R\$ 166,75	R\$ 1,75		R\$ 82,00	R\$ 250,50
Olho D'Água das Flores	Comunidade Bananeira	R\$ 15,00			R\$ 17,00	R\$ 32,00
Palmeira dos Índios	Comunidade Indígena Aldeia Coité	R\$ 612,25	R\$ 291,30	R\$ 20,00	R\$ 3.267,56	R\$ 4.191,11
	Comunidade Quilombo de Tabacaria	R\$ 772,50	R\$ 173,00		R\$ 4.033,00	R\$ 4.978,50
Pariconha	Comunidade Serra dos Vitórios	R\$ 1,00			R\$ 6,00	R\$ 7,00
Piranhas	Comunidade Poço Doce II	R\$ 36,00				R\$ 36,00
Poço das Trincheiras	Comunidade Saco do Ramalho	R\$ 13,00	R\$ 12,00		R\$ 17,00	R\$ 42,00
Santana do Ipanema	Comunidade Serrote dos Bois	R\$ 27,00	R\$ 2,00		R\$ 235,50	R\$ 264,50
Senador Rui Palmeira	Povoado - Sítio Barriguda	R\$ 12,00	R\$ 18,50		R\$ 61,00	R\$ 91,50
Tanque D'Arca	Povoado Boa Vista	R\$ 113,00	R\$ 55,50		R\$ 98,00	R\$ 266,50
Traipu	Comunidade Quilombola Mumbaça	R\$ 260,50	R\$ 53,00	R\$ 12,50	R\$ 134,50	R\$ 460,50

Dom Helder - Ceará						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Ipu	Engenho dos Belem	R\$ 2.941,25	R\$ 217,20		R\$ 583,00	R\$ 3.741,45
Quixadá	Bom Jardim	R\$ 1.005,40	R\$ 521,50	R\$ 119,80	R\$ 5.151,80	R\$ 6.798,50
	Quilombo Sítio Veiga	R\$ 963,50	R\$ 286,00		R\$ 1.085,00	R\$ 2.334,50
	Vila Rica	R\$ 1.595,60	R\$ 904,50		R\$ 10.320,50	R\$ 12.820,60
Quixeramobim	Aroeiras	R\$ 799,70	R\$ 427,40		R\$ 1.410,00	R\$ 2.637,10
	Fazenda Onça	R\$ 790,40	R\$ 183,00		R\$ 1.440,70	R\$ 2.414,10
	Lages	R\$ 865,00	R\$ 894,00	R\$ 20,00	R\$ 3.902,50	R\$ 5.681,50
	Mearim I	R\$ 4.802,25	R\$ 1.077,85	R\$ 4,00	R\$ 482,75	R\$ 6.366,85
	Patos	R\$ 2.348,80	R\$ 578,40		R\$ 9.439,40	R\$ 12.366,60
	Salgadinho	R\$ 450,00	R\$ 95,00		R\$ 138,00	R\$ 683,00
Santa Quitéria	Armador	R\$ 498,50	R\$ 188,00	R\$ 10,00	R\$ 624,00	R\$ 1.320,50
	Boa Sorte	R\$ 597,75	R\$ 148,00	R\$ 35,00	R\$ 405,00	R\$ 1.185,75
	Ipueiras	R\$ 672,70	R\$ 246,55		R\$ 792,80	R\$ 1.712,05
	Lagoa Grande	R\$ 634,10	R\$ 138,00		R\$ 344,00	R\$ 1.116,10
	Picos de Baixo	R\$ 1.530,00	R\$ 115,00		R\$ 1.263,00	R\$ 2.908,00
	São Damião dos Cassimiros	R\$ 318,10	R\$ 62,10		R\$ 3.998,50	R\$ 4.378,70

Dom Helder - Pernambuco						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Agrestina	Água Branca	R\$ 151,00	R\$ 17,00			R\$ 168,00
Bezerros	Frutuoso	R\$ 118,00	R\$ 28,00			R\$ 146,00
	Guaribas	R\$ 173,50	R\$ 145,00		R\$ 184,00	R\$ 502,50
Cumarú	Rodrigues	R\$ 369,00	R\$ 80,00		R\$ 2.090,00	R\$ 2.539,00
	Sítio Jurema	R\$ 1.097,00	R\$ 92,00		R\$ 1.532,00	R\$ 2.721,00
Cupira	Quilombo Sambaquim	R\$ 587,50	R\$ 47,00		R\$ 312,00	R\$ 946,50
Gravatá	Sítio Candeeiro II	R\$ 91,00			R\$ 1.692,00	R\$ 1.783,00
Orobó	Figueiras	R\$ 481,00			R\$ 2.500,00	R\$ 2.981,00
	Sítio Manibú	R\$ 259,00	R\$ 47,00		R\$ 5.245,00	R\$ 5.551,00
	Sítio Mulugú	R\$ 2.862,00				R\$ 2.862,00
Riacho das Almas	Sítio Graciana	R\$ 655,60	R\$ 26,00	R\$ 4,00	R\$ 946,00	R\$ 1.631,60
Salgado	Sítio Massaranduba	R\$ 1.056,00		R\$ 380,00	R\$ 1.410,00	R\$ 2.846,00
Santa Maria do Cambucá	Sítio Baixo	R\$ 2.728,50				R\$ 2.728,50
	Sítio Pacaré	R\$ 1.151,00	R\$ 70,00			R\$ 1.221,00
Taquaritinga do Norte	Oiti	R\$ 400,60	R\$ 58,70		R\$ 62,00	R\$ 521,30
Vertente do Lério	Sítio Malembá	R\$ 752,00	R\$ 557,50		R\$ 4.919,50	R\$ 6.229,00
	Sítio Salvador	R\$ 1.296,00	R\$ 511,00		R\$ 7.203,00	R\$ 9.010,00

Dom Helder Total				
Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
R\$ 38.866,00	R\$ 11.481,05	R\$ 967,30	R\$ 95.601,31	R\$ 146.915,66

Dom Távora - Sergipe						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Aquidabã	Assentamento José Félix de Sá	R\$ 2.252,30	R\$ 115,50		R\$ 2.302,90	R\$ 4.670,70
	Mocambo (Quilombola)	R\$ 2.077,00	R\$ 299,50	R\$ 9,00	R\$ 2.328,50	R\$ 4.714,00
Caraíbas	Caraíbas	R\$ 610,00	R\$ 417,00	R\$ 4,00	R\$ 1.040,00	R\$ 2.071,00
Japoatã	Ladeirashas A	R\$ 777,50	R\$ 552,00	R\$ 42,00	R\$ 3.712,00	R\$ 5.083,50
Nossa Senhora Aparecida	Catuabo	R\$ 3.729,25	R\$ 997,50		R\$ 3.034,00	R\$ 7.760,75
Pacatuba	Padre Nestor	R\$ 2.768,86	R\$ 775,60	R\$ 135,00	R\$ 2.689,10	R\$ 6.368,56
	Rancho	R\$ 207,50	R\$ 96,00		R\$ 950,00	R\$ 1.253,50
Poço Verde	Cacimba Nova	R\$ 2.691,90	R\$ 747,50	R\$ 265,00	R\$ 8.998,50	R\$ 12.702,90
	Saco do Camisa	R\$ 698,00	R\$ 156,00	R\$ 140,00	R\$ 3.186,00	R\$ 4.180,00
	São José	R\$ 544,00	R\$ 152,50	R\$ 57,00	R\$ 2.824,00	R\$ 3.577,50
Simão Dias	Povoado Lagoa Grande	R\$ 831,07	R\$ 193,50	R\$ 5,00	R\$ 4.339,37	R\$ 5.368,94
Tobias Barreto	Povoado Nova Brasília	R\$ 940,50	R\$ 324,00	R\$ 26,00	R\$ 6.653,50	R\$ 7.944,00
Dom Távora Total		R\$ 18.127,88	R\$ 4.826,60	R\$ 683,00	R\$ 42.057,87	R\$ 65.695,35

Paulo Freire - Ceará						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Aiuaba	Comunidade Gerimum	R\$ 1.895,05	R\$ 918,50	R\$ 15,00	R\$ 4.681,00	R\$ 7.509,55
	Comunidade Minador	R\$ 589,72	R\$ 480,00		R\$ 196,00	R\$ 1.265,72
Antonina do Norte	Comunidade Macambira	R\$ 1.341,50	R\$ 377,00	R\$ 24,00	R\$ 2.429,00	R\$ 4.171,50

Paulo Freire - Ceará						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Araripe	Comunidade Chapada do Carmo	R\$ 661,50	R\$ 85,50	R\$ 20,00	R\$ 260,00	R\$ 1.027,00
	Comunidade Guaribas	R\$ 30,40	R\$ 9,00		R\$ 27,00	R\$ 66,40
	Comunidade Nascente	R\$ 400,20	R\$ 202,00		R\$ 1.299,00	R\$ 1.901,20
	Nascente do Brejo	R\$ 404,00	R\$ 246,00		R\$ 1.009,00	R\$ 1.659,00
Assaré	Comunidade Carrancudo	R\$ 1.047,25	R\$ 89,00		R\$ 50,40	R\$ 1.186,65
	Comunidade Charcão/Izar	R\$ 205,00	R\$ 56,00		R\$ 2.196,00	R\$ 2.457,00
	Comunidade Laços	R\$ 1.765,20	R\$ 1.796,80		R\$ 151,00	R\$ 3.713,00
	Comunidade Novo Tamboril	R\$ 1.758,90	R\$ 481,80		R\$ 1.360,50	R\$ 3.601,20
	Comunidade Prazeres/Laços	R\$ 2.105,40	R\$ 277,50		R\$ 426,00	R\$ 2.808,90
	Comunidade Varjota	R\$ 405,00	R\$ 127,25	R\$ 139,00	R\$ 475,00	R\$ 1.146,25
Campos Sales	Sítio Cajazeiras	R\$ 48,00	R\$ 108,00		R\$ 2.200,00	R\$ 2.356,00
	Sítio Varzinha	R\$ 5,00	R\$ 101,00		R\$ 668,00	R\$ 774,00
Coreaú	Comunidade Feitoria	R\$ 492,25	R\$ 297,40	R\$ 4,00	R\$ 1.270,55	R\$ 2.064,20
Hidrolândia	Comunidade Tartaruga	R\$ 1.165,50	R\$ 480,20	R\$ 170,00	R\$ 3.463,00	R\$ 5.278,70
Ipu	Comunidade Bonito	R\$ 977,40	R\$ 50,00		R\$ 1.241,60	R\$ 2.269,00
	Comunidade Dois Riachos	R\$ 752,00	R\$ 181,00	R\$ 46,00	R\$ 229,00	R\$ 1.208,00
	Comunidade Espreado	R\$ 541,85	R\$ 26,50		R\$ 1.078,00	R\$ 1.646,35
	Comunidade Olho D'água Velho	R\$ 114,00	R\$ 69,50	R\$ 57,50	R\$ 76,00	R\$ 317,00
	Comunidade Santa Rosa	R\$ 652,00	R\$ 279,00	R\$ 105,00	R\$ 1.404,00	R\$ 2.440,00

Paulo Freire - Ceará						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Ipu	Comunidade Várzea da Curicaca	R\$ 999,00	R\$ 78,00		R\$ 610,00	R\$ 1.687,00
	Sítio São Cristóvão	R\$ 342,25	R\$ 384,00		R\$ 79,00	R\$ 805,25
Ipueiras	Comunidade Areias	R\$ 1.149,35	R\$ 745,70	R\$ 16,00	R\$ 1.215,00	R\$ 3.126,05
	Comunidade Arraial	R\$ 1.655,00	R\$ 249,00	R\$ 143,00	R\$ 2.827,50	R\$ 4.874,50
	Comunidade Bacupari	R\$ 211,00	R\$ 189,00		R\$ 1.820,00	R\$ 2.220,00
	Comunidade Chapada	R\$ 114,50	R\$ 63,00	R\$ 3,00	R\$ 527,00	R\$ 707,50
	Comunidade Guaribas/ Bacupari	R\$ 184,00	R\$ 113,00	R\$ 14,00	R\$ 1.356,00	R\$ 1.667,00
	Comunidade Lagoa do Canto	R\$ 277,15	R\$ 92,00	R\$ 30,75	R\$ 344,00	R\$ 743,90
Massapê	Comunidade Frecheiras/ Abraão/Cavalo Morto/ Santa Maria	R\$ 1.419,20	R\$ 479,50		R\$ 1.602,00	R\$ 3.500,70
	Comunidade São Braz/Bom Jesus/ Engenho	R\$ 1.114,20	R\$ 734,00	R\$ 135,50	R\$ 832,00	R\$ 2.815,70
Nova Olinda	Comunidade Chiquitoso	R\$ 1.616,20	R\$ 335,20	R\$ 73,00	R\$ 4.078,30	R\$ 6.102,70
	Comunidade Pedra Branca	R\$ 88,50			R\$ 400,00	R\$ 488,50
Parambú	Comunidade Pau Preto	R\$ 3.983,50	R\$ 983,50	R\$ 5,00	R\$ 2.287,50	R\$ 7.259,50
	Comunidade Serra do Cipó	R\$ 1.716,10	R\$ 630,50	R\$ 122,50	R\$ 793,50	R\$ 3.262,60
	Comunidade Serra do Escondido	R\$ 3.848,15	R\$ 504,50	R\$ 124,00	R\$ 3.586,10	R\$ 8.062,75
Pires Ferreira	Comunidade Santa Tereza II	R\$ 1.664,95	R\$ 367,50	R\$ 14,40	R\$ 2.603,00	R\$ 4.649,85

Paulo Freire - Ceará						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Pires Ferreira	Comunidade Tabuleiro	R\$ 849,25	R\$ 447,00		R\$ 415,00	R\$ 1.711,25
Potengi	Comunidade Alto Alegre	R\$ 324,50	R\$ 146,50	R\$ 22,00	R\$ 3.832,50	R\$ 4.325,50
	Comunidade Melancias	R\$ 1.010,00	R\$ 290,00		R\$ 884,00	R\$ 2.184,00
Quiterianópolis	Comunidade Baixa Grande	R\$ 1.480,50	R\$ 119,50	R\$ 4,00	R\$ 261,00	R\$ 1.865,00
	Comunidade Bom Princípio	R\$ 1.025,25	R\$ 238,00	R\$ 20,00	R\$ 755,00	R\$ 2.038,25
	Comunidade Cipoeiro	R\$ 2.525,50	R\$ 229,00	R\$ 320,00	R\$ 640,00	R\$ 3.714,50
	Comunidade Malhada dos Malaquias	R\$ 388,00	R\$ 76,00		R\$ 74,00	R\$ 538,00
	Comunidade Riacho	R\$ 2.195,72	R\$ 341,00		R\$ 176,50	R\$ 2.713,22
	Quilombo Jardim	R\$ 5.752,25	R\$ 851,75	R\$ 188,00	R\$ 3.305,50	R\$ 10.097,50
Reriutaba	Comunidade Altamira	R\$ 422,10	R\$ 216,50	R\$ 6,00	R\$ 554,55	R\$ 1.199,15
	Comunidade Cabaceira	R\$ 2.229,45	R\$ 299,35	R\$ 7,00	R\$ 463,00	R\$ 2.998,80
	Comunidade Lagoa Grande	R\$ 305,00	R\$ 168,50		R\$ 1.367,50	R\$ 1.841,00
	Comunidade Primeira Várzea	R\$ 281,30	R\$ 113,00		R\$ 1.215,50	R\$ 1.609,80
	Comunidade Riacho das Flores	R\$ 1.847,40	R\$ 532,30	R\$ 408,30	R\$ 2.743,00	R\$ 5.531,00
	Comunidade Sombrio	R\$ 833,05	R\$ 786,40	R\$ 18,00	R\$ 4.645,00	R\$ 6.282,45
Salitre	Comunidade Lagoa dos Paulinos	R\$ 96,50	R\$ 44,50		R\$ 271,00	R\$ 412,00
	Comunidade Olho D'Água	R\$ 79,00	R\$ 73,00		R\$ 430,00	R\$ 582,00
	Comunidade Serra	R\$ 333,00	R\$ 11,00		R\$ 17,00	R\$ 361,00

Paulo Freire - Ceará						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Santana do Cariri	Comunidade Encruzilhada	R\$ 156,75	R\$ 61,00		R\$ 1.060,00	R\$ 1.277,75
	Comunidade Encruzilhada/Peixoto	R\$ 223,50	R\$ 335,00	R\$ 232,00	R\$ 3.321,60	R\$ 4.112,10
	Comunidade Guritiba	R\$ 433,50	R\$ 118,50	R\$ 122,00	R\$ 511,50	R\$ 1.185,50
	Comunidade Mororó	R\$ 20,00	R\$ 14,00		R\$ 64,00	R\$ 98,00
	Comunidade Vale do Buriti	R\$ 161,42	R\$ 85,50	R\$ 17,00	R\$ 2.826,00	R\$ 3.089,92
	Sítio Lírio	R\$ 1.941,50	R\$ 252,00	R\$ 68,00	R\$ 2.571,00	R\$ 4.832,50
Sobral	Assentamento São João	R\$ 589,00	R\$ 244,25	R\$ 135,00	R\$ 3.005,70	R\$ 3.973,95
	Comunidade Água Doce	R\$ 874,50	R\$ 219,00	R\$ 20,00	R\$ 3.572,10	R\$ 4.685,60
	Comunidade Aracatiaçu	R\$ 64,50	R\$ 61,50		R\$ 157,00	R\$ 283,00
	Comunidade Bom Jesus	R\$ 7.745,35	R\$ 2.070,50	R\$ 30,00	R\$ 7.850,70	R\$ 17.696,55
	Comunidade Boqueirão	R\$ 497,20	R\$ 75,60	R\$ 10,00	R\$ 533,50	R\$ 1.116,30
	Comunidade Casa Forte	R\$ 634,85	R\$ 169,50	R\$ 27,50	R\$ 2.840,80	R\$ 3.672,65
	Comunidade Contendas	R\$ 2.122,10	R\$ 389,50		R\$ 1.939,30	R\$ 4.450,90
	Comunidade Lages	R\$ 160,00	R\$ 42,00		R\$ 989,00	R\$ 1.191,00
	Comunidade Maracajá	R\$ 739,00	R\$ 57,80		R\$ 397,00	R\$ 1.193,80
	Comunidade Morro Branco	R\$ 1.118,80	R\$ 220,00	R\$ 72,00	R\$ 711,00	R\$ 2.121,80
	Comunidade Riacho do Gabriel	R\$ 2.866,20	R\$ 709,00	R\$ 97,00	R\$ 4.755,60	R\$ 8.427,80
	Comunidade Santa Luzia	R\$ 280,20	R\$ 233,20		R\$ 558,50	R\$ 1.071,90

Paulo Freire - Ceará						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Sobral	Comunidade São Mateus/Contendas	R\$ 597,20	R\$ 263,00		R\$ 1.252,70	R\$ 2.112,90
	Comunidade Vassouras	R\$ 406,50	R\$ 259,00		R\$ 3.668,50	R\$ 4.334,00
	Sítio Croatá	R\$ 646,40	R\$ 136,00		R\$ 1.612,50	R\$ 2.394,90
	Sítio São Francisco	R\$ 1.625,70	R\$ 616,30		R\$ 1.591,50	R\$ 3.833,50
Tauá	Comunidade Açudinho	R\$ 623,90	R\$ 56,40		R\$ 1.301,10	R\$ 1.981,40
	Comunidade Barreiros	R\$ 2.116,10	R\$ 1.035,50		R\$ 677,00	R\$ 3.828,60
	Comunidade Pendência 2	R\$ 1.799,05	R\$ 646,50	R\$ 89,00	R\$ 4.749,40	R\$ 7.283,95
	Comunidade Pitombeira	R\$ 3.657,60	R\$ 955,40	R\$ 46,50	R\$ 4.197,40	R\$ 8.856,90
	Comunidade Santa Luzia	R\$ 2.484,60	R\$ 502,10		R\$ 1.418,70	R\$ 4.405,40
	Comunidade Santana	R\$ 740,45	R\$ 159,45	R\$ 36,00	R\$ 866,50	R\$ 1.802,40
	Comunidade Santana/Sítio São Vicente	R\$ 1.567,50	R\$ 256,50		R\$ 676,00	R\$ 2.500,00
Paulo Freire Total		R\$ 96.611,31	R\$ 27.914,65	R\$ 3.256,95	R\$ 132.876,60	R\$ 260.659,51

Procace - Paraíba						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Alcantil	CASACO/ Comunidade Lagoa de Jucá	R\$ 550,00	R\$ 119,75	R\$ 2,25	R\$ 463,50	R\$ 1.135,50
Barra de Santana	Assentamento Mandacarú	R\$ 16,00	R\$ 4,00		R\$ 889,00	R\$ 909,00
	Mocois	R\$ 31,00	R\$ 14,00		R\$ 153,00	R\$ 198,00
	Mororó	R\$ 638,05	R\$ 238,25		R\$ 25.549,00	R\$ 26.425,30
Boqueirão	CASACO	R\$ 92,00			R\$ 70,00	R\$ 162,00
Caturité	CASACO	R\$ 570,95	R\$ 6,40		R\$ 2.380,00	R\$ 2.957,35
	Mucunã	R\$ 28,00	R\$ 24,00	R\$ 20,00	R\$ 948,75	R\$ 1.020,75
Congo	Sítio Santa Rita	R\$ 452,00	R\$ 223,00		R\$ 3.195,00	R\$ 3.870,00
	Sítio Santa Rita de Cima	R\$ 364,00	R\$ 75,30		R\$ 8.335,00	R\$ 8.774,30
Cubati	Assent Nova Esperança/São Domingos	R\$ 3.524,60	R\$ 804,30	R\$ 55,00	R\$ 7.404,50	R\$ 11.788,40
Nova Palmeira	Quixaba	R\$ 70,50			R\$ 54,00	R\$ 124,50
Picuí	Quixaba	R\$ 235,20	R\$ 154,00	R\$ 20,00	R\$ 499,00	R\$ 908,20
Remígio	As Margaridas/ Assent Oziel Pereira	R\$ 416,00	R\$ 227,00	R\$ 62,00	R\$ 3.532,00	R\$ 4.237,00
Santa Luzia	Saco dos Goitis	R\$ 3.051,25	R\$ 565,50	R\$ 109,00	R\$ 1.321,00	R\$ 5.046,75
Sumé	Assentamento Mandacarú	R\$ 6.263,50	R\$ 1.659,00	R\$ 316,00	R\$ 7.430,60	R\$ 15.669,10
Procace Total		R\$ 16.303,05	R\$ 4.114,50	R\$ 584,25	R\$ 62.224,35	R\$ 83.226,15

PSA - Bahia						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Andorinha	Comunidade de Fundo de Pasto Barriga Mole	R\$ 291,44	R\$ 103,65			R\$ 395,09
	Comunidade de Fundo de Pasto Lagoa da Onça	R\$ 368,50	R\$ 241,50		R\$ 129,50	R\$ 739,50
	Comunidade Salgado	R\$ 425,50	R\$ 150,00		R\$ 2.511,50	R\$ 3.087,00
Antônio Gonçalves	Comunidade Baixinha	R\$ 85,50	R\$ 43,70		R\$ 504,30	R\$ 633,50
	Comunidade Fecho de Pasto Brejão da Grota	R\$ 45,60	R\$ 47,00		R\$ 2.750,00	R\$ 2.842,60
	Comunidade Quilombola de Bananeira dos Pretos	R\$ 25,00	R\$ 34,00		R\$ 7.501,00	R\$ 7.560,00
Caém	Comunidade Alagadiço	R\$ 1.495,36	R\$ 637,00	R\$ 25,00	R\$ 997,50	R\$ 3.154,86
	Comunidade Quilombola de Várzea Queimada	R\$ 245,15	R\$ 45,19	R\$ 42,00	R\$ 123,00	R\$ 455,34
	Comunidade Tigre	R\$ 1.142,54	R\$ 380,24	R\$ 1,00	R\$ 24,00	R\$ 1.547,78
	Comunidade Várzea Dantas	R\$ 1.255,11	R\$ 219,20		R\$ 1.070,00	R\$ 2.544,31
Caldeirão Grande	Comunidade de Quixaba	R\$ 52,50	R\$ 8,50		R\$ 86,00	R\$ 147,00
	Comunidade Quilombola de Raposa	R\$ 4.791,50	R\$ 851,50	R\$ 20,00	R\$ 1.365,50	R\$ 7.028,50
	Comunidade São João	R\$ 482,50	R\$ 156,00	R\$ 73,00	R\$ 435,00	R\$ 1.146,50
Campo Alegre de Lourdes	Comunidade Baixão do Nazario		R\$ 240,00		R\$ 1.350,50	R\$ 1.590,50
	Comunidade Cacimba Nova	R\$ 372,35	R\$ 121,50		R\$ 211,50	R\$ 705,35

PSA - Bahia						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Campo Alegre de Lourdes	Comunidade Carolino	R\$ 1.012,25	R\$ 122,00	R\$ 13,00	R\$ 177,00	R\$ 1.324,25
	Comunidade Estreito	R\$ 4.583,40	R\$ 174,00		R\$ 296,00	R\$ 5.053,40
	Comunidade Lagoa da Onça	R\$ 284,00	R\$ 90,00		R\$ 235,00	R\$ 609,00
	Comunidade Lagoa do Pedro	R\$ 2.505,50	R\$ 195,50		R\$ 2.597,00	R\$ 5.298,00
	Comunidade Lagoa do Vicente	R\$ 783,50	R\$ 22,00	R\$ 5,50		R\$ 811,00
	Comunidade Lagoa Formosa	R\$ 964,50	R\$ 759,00		R\$ 113,00	R\$ 1.836,50
	Comunidade Malhada	R\$ 625,35	R\$ 616,70	R\$ 5,00		R\$ 1.247,05
	Comunidade Miliam	R\$ 1.028,40	R\$ 21,00			R\$ 1.049,40
	Comunidade Ramalho	R\$ 535,50	R\$ 222,50	R\$ 5,00	R\$ 328,30	R\$ 1.091,30
	Comunidade São Gonçalo	R\$ 385,50	R\$ 28,00		R\$ 50,00	R\$ 463,50
	Comunidade Tanque	R\$ 1.160,50	R\$ 181,00			R\$ 1.341,50
	Comunidade Velame	R\$ 225,85	R\$ 68,05			R\$ 293,90
	Comunidade Zé Carlos	R\$ 128,00	R\$ 30,00	R\$ 2,00	R\$ 34,00	R\$ 194,00
Campo Formoso	Comunidade de Fundo de Pasto Alvaça	R\$ 402,15	R\$ 142,25	R\$ 74,50	R\$ 349,00	R\$ 967,90
	Comunidade de Fundo de Pasto Baixão	R\$ 91,50	R\$ 9,00		R\$ 69,00	R\$ 169,50
	Comunidade de Fundo de Pasto Baixinha	R\$ 38,00				R\$ 38,00
	Comunidade de Fundo de Pasto Boa Vista dos Puzinhos	R\$ 352,10	R\$ 88,00		R\$ 804,00	R\$ 1.244,10

PSA - Bahia						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Campo Formoso	Comunidade de Fundo de Pasto Borda da Mata	R\$ 699,00	R\$ 181,50		R\$ 1.999,00	R\$ 2.879,50
	Comunidade de Fundo de Pasto Varzinha	R\$ 1.687,75	R\$ 18,00	R\$ 24,00	R\$ 142,00	R\$ 1.871,75
	Comunidade de Fundo de Pasto Vila dos Pauzinhos	R\$ 555,15	R\$ 87,00		R\$ 973,50	R\$ 1.615,65
	Comunidade Oliveira	R\$ 104,00	R\$ 212,00	R\$ 18,00	R\$ 1.205,00	R\$ 1.539,00
	Comunidade Quilombola Buraco	R\$ 1.058,90	R\$ 237,00		R\$ 622,50	R\$ 1.918,40
	Comunidade Quilombola Lagoa Branca	R\$ 105,95				R\$ 105,95
	Comunidade Quilombola Patos III	R\$ 1.040,00	R\$ 560,00		R\$ 2.781,00	R\$ 4.381,00
	Comunidade Quilombola Pedras	R\$ 186,00	R\$ 3,00		R\$ 4,00	R\$ 193,00
	Comunidade Quilombola Poço da Pedra	R\$ 238,90	R\$ 55,80		R\$ 222,00	R\$ 516,70
	Comunidade Quilombola Tabua	R\$ 641,60	R\$ 5,00		R\$ 138,00	R\$ 784,60
	Comunidade Sítio do Meio	R\$ 308,50	R\$ 154,00		R\$ 551,00	R\$ 1.013,50
	Comunidade Sumidouro	R\$ 44,00	R\$ 42,10			R\$ 86,10
	Comunidade Tanque	R\$ 53,70	R\$ 13,50			R\$ 67,20
	Povoado Algodões	R\$ 542,75	R\$ 100,50		R\$ 195,25	R\$ 838,50
	Povoado Rancho do Padre	R\$ 72,00	R\$ 1,00		R\$ 48,00	R\$ 121,00

PSA - Bahia						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Capim Grosso	Comunidade Barro Vermelho	R\$ 1.531,83	R\$ 258,66		R\$ 3.369,50	R\$ 5.159,99
	Comunidade Barro Vermelho / Desistente	R\$ 255,44	R\$ 16,00		R\$ 14,00	R\$ 285,44
	Comunidade Barro Vermelho / Falecida	R\$ 333,08	R\$ 14,00		R\$ 108,00	R\$ 455,08
	Comunidade Volta	R\$ 1.898,67	R\$ 415,74		R\$ 1.775,00	R\$ 4.089,41
	Comunidade Volta / Desistente	R\$ 465,64	R\$ 143,08		R\$ 321,00	R\$ 929,72
Casa Nova	Comunidade Baraúna	R\$ 5.092,00	R\$ 975,00	R\$ 20,00	R\$ 3.984,50	R\$ 10.071,50
	Comunidade Deus me Leve	R\$ 1.164,50	R\$ 347,80	R\$ 80,00	R\$ 949,50	R\$ 2.541,80
	Comunidade Mucambo	R\$ 637,80	R\$ 83,00	R\$ 116,50	R\$ 392,00	R\$ 1.229,30
Curaçá	Comunidade de Fundo de Pasto Cerca de Pedra	R\$ 886,20				R\$ 886,20
	Comunidade de Fundo de Pasto de Caladinho	R\$ 1.095,00			R\$ 1.500,50	R\$ 2.595,50
	Comunidade de Fundo de Pasto Fazenda Barrocas	R\$ 217,10	R\$ 56,00		R\$ 145,20	R\$ 418,30
	Comunidade de Fundo de Pasto Ferrete	R\$ 175,50	R\$ 176,15			R\$ 351,65
	Assentamento Novo Horizonte	R\$ 69,00			R\$ 180,00	R\$ 249,00
Filadélfia	Comunidade de Massaroca	R\$ 227,50	R\$ 102,00		R\$ 320,50	R\$ 650,00
	Comunidade Quilombola de Barreira	R\$ 537,50	R\$ 94,50		R\$ 2.633,00	R\$ 3.265,00

PSA - Bahia						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Filadélfia	Comunidade Quilombola Riachão	R\$ 1.362,00	R\$ 368,50	R\$ 28,00	R\$ 4.358,00	R\$ 6.116,50
	Comunidade Quilombola Riacho das Pedrinhas	R\$ 16,00	R\$ 14,00		R\$ 465,00	R\$ 495,00
	Comunidade Quilombola Riacho do Silva	R\$ 2.004,50	R\$ 1.391,50		R\$ 4.757,00	R\$ 8.153,00
	Fazenda Algodões	R\$ 1.028,00	R\$ 311,00		R\$ 5.580,00	R\$ 6.919,00
	Fazenda Periquito	R\$ 761,50	R\$ 275,00		R\$ 2.661,00	R\$ 3.697,50
	Fazenda Riachão	R\$ 604,50	R\$ 137,50	R\$ 36,00	R\$ 488,00	R\$ 1.266,00
	Povoado Carrapato	R\$ 626,50	R\$ 463,00	R\$ 160,00	R\$ 334,50	R\$ 1.584,00
Itiúba	Fazenda Alagadiço do Mel	R\$ 427,50	R\$ 3,00		R\$ 27,50	R\$ 458,00
	Fazenda Maria dos Santos	R\$ 64,50	R\$ 24,00		R\$ 390,00	R\$ 478,50
	Fazenda Maria dos Santos / Desistente	R\$ 475,50	R\$ 170,80		R\$ 528,00	R\$ 1.174,30
	Povoado Alto do São Gonçalo	R\$ 1.164,50	R\$ 477,00		R\$ 4.399,40	R\$ 6.040,90
	Povoado de Anselmo / Desistente	R\$ 82,20	R\$ 15,00		R\$ 565,00	R\$ 662,20
	Projeto de Assentamento Novo Paraíso	R\$ 1.337,91	R\$ 198,04		R\$ 634,00	R\$ 2.169,95
	Projeto de Assentamento Sitio do Meio - Agrovila 01	R\$ 639,50	R\$ 132,00		R\$ 2.259,00	R\$ 3.030,50
Jacobina	Assentamento Formigueiro	R\$ 558,46	R\$ 117,28	R\$ 47,73	R\$ 569,00	R\$ 1.292,47

PSA - Bahia						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Jacobina	Comunidade Barroco de Cima	R\$ 700,00	R\$ 80,50		R\$ 2.644,00	R\$ 3.424,50
	Comunidade Inchu	R\$ 1.673,25	R\$ 169,20		R\$ 2.883,00	R\$ 4.725,45
	Comunidade Malhadinha de Fora	R\$ 101,50	R\$ 59,00		R\$ 71,00	R\$ 231,50
	Comunidade Pau Darquinho	R\$ 425,00	R\$ 191,00		R\$ 595,00	R\$ 1.211,00
	Comunidade Pau Ferro	R\$ 677,00	R\$ 311,00	R\$ 40,00	R\$ 5.235,00	R\$ 6.263,00
	Comunidade Várzea da Naninha	R\$ 447,50	R\$ 6,00		R\$ 777,00	R\$ 1.230,50
	Comunidade Várzea Nova	R\$ 1.619,55	R\$ 359,00	R\$ 27,00	R\$ 2.548,00	R\$ 4.553,55
	Comunidade Velame de Baixo	R\$ 478,00	R\$ 206,50		R\$ 320,00	R\$ 1.004,50
Jaguarari	Comunidade de Fundo de Pasto Poço das Queimadas	R\$ 200,00			R\$ 2.350,00	R\$ 2.550,00
	Comunidade de Fundo de Pasto Traíra	R\$ 8,00			R\$ 1.765,00	R\$ 1.773,00
	Comunidade de Fundo de Pasto Volta do Pilar	R\$ 176,30	R\$ 134,00		R\$ 1.881,50	R\$ 2.191,80
	Comunidade Várzea Grande	R\$ 196,50	R\$ 36,00		R\$ 2.243,00	R\$ 2.475,50
	Fazenda Malhada da Areia	R\$ 1.454,90	R\$ 11,80		R\$ 979,00	R\$ 2.445,70
Juazeiro	Assentamento Fonte Viva	R\$ 1.706,10	R\$ 364,30	R\$ 12,00		R\$ 2.082,40
	Assentamento São Francisco	R\$ 1.884,50	R\$ 72,50		R\$ 2.850,00	R\$ 4.807,00

PSA - Bahia						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Juazeiro	Comunidade Atrás da Serra	R\$ 128,50	R\$ 17,50		R\$ 658,00	R\$ 804,00
	Comunidade de Fundo de Pasto de Canoa	R\$ 2.394,90	R\$ 90,40		R\$ 80,00	R\$ 2.565,30
	Comunidade de Fundo de Pasto Lotero	R\$ 2.049,41	R\$ 234,72		R\$ 5.122,00	R\$ 7.406,13
	Comunidade de Fundo de Pasto Mulungú	R\$ 195,50	R\$ 22,00		R\$ 279,00	R\$ 496,50
	Comunidade de Fundo de Pasto Olho D'água	R\$ 1.400,50	R\$ 422,50	R\$ 43,50	R\$ 502,00	R\$ 2.368,50
	Comunidade de Fundo de Pasto Seriema	R\$ 441,75	R\$ 82,00			R\$ 523,75
	Comunidade de lagoa do Bastião	R\$ 64,00				R\$ 64,00
	Comunidade Lagoa do Bastião	R\$ 710,98	R\$ 84,50			R\$ 795,48
	Comunidade Santa Helena	R\$ 406,75	R\$ 106,50		R\$ 1.997,50	R\$ 2.510,75
	Comunidade Serra Grande	R\$ 354,25	R\$ 165,50		R\$ 650,00	R\$ 1.169,75
	Comunidade Sobradinho	R\$ 800,00	R\$ 265,00		R\$ 720,00	R\$ 1.785,00
	Comunidade Gangorra II	R\$ 93,50	R\$ 148,00	R\$ 20,00	R\$ 225,00	R\$ 486,50
	Comunidade de Fundo de Pasto José Pires	R\$ 250,50	R\$ 7,00			R\$ 257,50
	Assentamento São Francisco - Juazeiro	R\$ 224,50	R\$ 29,50		R\$ 133,00	R\$ 387,00
Miguel Calmon	Assentamento Produtores Rurais União da Serra	R\$ 72,33	R\$ 23,00		R\$ 575,95	R\$ 671,28

PSA - Bahia						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Miguel Calmon	Comunidade Mucambo da Serra	R\$ 531,00	R\$ 179,50	R\$ 70,00	R\$ 4.179,50	R\$ 4.960,00
	Comunidade Pai Afonso	R\$ 570,42	R\$ 106,50		R\$ 1.165,75	R\$ 1.842,67
	Comunidade Pai Afonso/ Desistente	R\$ 193,50	R\$ 53,00		R\$ 98,00	R\$ 344,50
	Comunidade Tubatinga	R\$ 413,48	R\$ 60,00		R\$ 157,50	R\$ 630,98
	Povoado Macaúbas	R\$ 1.063,10	R\$ 349,00	R\$ 11,00	R\$ 16.877,00	R\$ 18.300,10
Mirangaba	Comunidade Dionísia	R\$ 77,00	R\$ 19,00		R\$ 499,00	R\$ 595,00
	Comunidade Junco	R\$ 920,30	R\$ 155,50		R\$ 1.851,50	R\$ 2.927,30
	Comunidade Olhos D'água	R\$ 83,00	R\$ 101,00		R\$ 1.121,00	R\$ 1.305,00
	Comunidade Paranazinho	R\$ 275,00	R\$ 85,50	R\$ 41,50	R\$ 606,00	R\$ 1.008,00
	Comunidade Ponto Alegre	R\$ 700,90	R\$ 288,00		R\$ 1.415,00	R\$ 2.403,90
	Comunidade Riacho	R\$ 355,50	R\$ 94,00		R\$ 153,00	R\$ 602,50
	Comunidade Umbiguda	R\$ 80,50	R\$ 262,00		R\$ 29,50	R\$ 372,00
Ouroândia	Assentamento Lagoa de Dentro	R\$ 4.740,76	R\$ 975,10	R\$ 45,00	R\$ 2.033,90	R\$ 7.794,76
	Assentamento Santa Luzia	R\$ 837,16	R\$ 592,30	R\$ 56,10	R\$ 1.485,70	R\$ 2.971,26
	Assentamento Vila Nova	R\$ 1.979,00	R\$ 194,00	R\$ 118,00	R\$ 4.413,50	R\$ 6.704,50
	Comunidade Papagaio	R\$ 225,00	R\$ 150,00		R\$ 1.725,00	R\$ 2.100,00
Pilão Arcado	Comunidade Agreste	R\$ 789,70	R\$ 147,40		R\$ 77,50	R\$ 1.014,60
	Comunidade Boca da Caatinga	R\$ 1.839,70	R\$ 212,00	R\$ 21,00	R\$ 521,00	R\$ 2.593,70

PSA - Bahia						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Pilão Arcado	Comunidade Brejo Carrasco	R\$ 225,00				R\$ 225,00
	Comunidade Brejo da Capoeira	R\$ 506,95	R\$ 41,90			R\$ 548,85
	Comunidade Brejo do Urubu	R\$ 877,65	R\$ 87,00		R\$ 25,00	R\$ 989,65
	Comunidade Brejo Piqui	R\$ 1.088,75	R\$ 34,00		R\$ 160,00	R\$ 1.282,75
	Comunidade Caixeiro	R\$ 359,70	R\$ 100,00		R\$ 90,00	R\$ 549,70
	Comunidade Caldeirão do Boi	R\$ 1.964,30	R\$ 396,00		R\$ 69,00	R\$ 2.429,30
	Comunidade Carnaúba	R\$ 572,35	R\$ 105,30	R\$ 12,00	R\$ 561,00	R\$ 1.250,65
	Comunidade Jatobá	R\$ 549,55	R\$ 113,50		R\$ 103,00	R\$ 766,05
	Comunidade Lagoa Comprida	R\$ 1.555,20	R\$ 472,80	R\$ 84,00	R\$ 1.487,00	R\$ 3.599,00
	Comunidade Lagoa de Cima	R\$ 3.669,63	R\$ 500,74	R\$ 6,00	R\$ 4.792,00	R\$ 8.968,37
	Comunidade Mosquito	R\$ 340,50	R\$ 71,00		R\$ 112,00	R\$ 523,50
	Comunidade Paiol	R\$ 357,05	R\$ 77,00	R\$ 4,00	R\$ 15,00	R\$ 453,05
	Comunidade Retiro	R\$ 925,27	R\$ 241,30		R\$ 6,00	R\$ 1.172,57
	Comunidade Saco	R\$ 195,00			R\$ 30,00	R\$ 225,00
	Comunidade SITIO MOSQUITO	R\$ 145,00	R\$ 49,00		R\$ 68,00	R\$ 262,00
Comunidade Tamanduá	R\$ 133,50	R\$ 14,00		R\$ 8,00	R\$ 155,50	
Pindobaçu	Comunidade de Feicho de Pasto Lutanda	R\$ 586,60	R\$ 192,50		R\$ 3.734,50	R\$ 4.513,60
	Comunidade de Frieiras	R\$ 1.210,90	R\$ 375,00		R\$ 8.264,00	R\$ 9.849,90

PSA - Bahia						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Pindobaçu	Comunidade Grotta Ferreira	R\$ 671,80	R\$ 293,50		R\$ 2.966,00	R\$ 3.931,30
	Projeto de Assentamento Nova Canaã	R\$ 1.508,00	R\$ 293,00		R\$ 2.291,00	R\$ 4.092,00
Ponto Novo	Comunidade Cornicha	R\$ 354,50	R\$ 362,75	R\$ 31,00	R\$ 669,10	R\$ 1.417,35
	Comunidade Mamota	R\$ 216,75	R\$ 207,50	R\$ 8,00	R\$ 1.148,75	R\$ 1.581,00
	Comunidade Várzea da Onça	R\$ 623,55	R\$ 182,80	R\$ 2,00	R\$ 312,00	R\$ 1.120,35
	Povoado Caiçara	R\$ 102,50	R\$ 90,00		R\$ 823,00	R\$ 1.015,50
	Projeto de Assentamento Pajeú	R\$ 883,50	R\$ 576,00		R\$ 11.794,00	R\$ 13.253,50
Queimadas	Fazebda Várzea do Curral	R\$ 132,50	R\$ 18,00		R\$ 9,00	R\$ 159,50
	Fazenda Gentil	R\$ 1.252,00	R\$ 37,00		R\$ 853,50	R\$ 2.142,50
	Fazenda Lagedo	R\$ 348,90	R\$ 13,00			R\$ 361,90
	Fazenda Limpo dos Bois	R\$ 92,50	R\$ 182,00		R\$ 493,00	R\$ 767,50
	Fazenda Santo Euzebio	R\$ 44,75	R\$ 71,50		R\$ 30,00	R\$ 146,25
	Fazenda Tiririca	R\$ 234,34	R\$ 216,00	R\$ 15,00		R\$ 465,34
	Lameiro da Sussuarana	R\$ 259,60	R\$ 67,10	R\$ 3,00	R\$ 1.737,00	R\$ 2.066,70
	Povoado de Cancelas	R\$ 543,00	R\$ 93,50	R\$ 4,00	R\$ 402,00	R\$ 1.042,50
	Povoado de Riacho da Onça	R\$ 585,75	R\$ 12,50		R\$ 450,00	R\$ 1.048,25
Quixabeira	Comunidade Capitão	R\$ 1.052,00	R\$ 319,50		R\$ 2.447,50	R\$ 3.819,00
	Comunidade Pimenteira	R\$ 402,00	R\$ 355,55		R\$ 762,50	R\$ 1.520,05
	Comunidade Pintado	R\$ 1.780,50	R\$ 118,00	R\$ 2,00	R\$ 2.493,00	R\$ 4.393,50
	Comunidade Várzea Nova	R\$ 738,40	R\$ 96,00			R\$ 834,40

PSA - Bahia						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Quixabeira	Povoado Baixa Grande	R\$ 2.343,75	R\$ 653,00		R\$ 2.939,40	R\$ 5.936,15
	Povoado Ramal	R\$ 918,08	R\$ 296,00		R\$ 544,00	R\$ 1.758,08
Remanso	Assentamento Vila Aparecida	R\$ 1.094,50	R\$ 66,90		R\$ 213,50	R\$ 1.374,90
	Comunidade Campo Maior	R\$ 381,60	R\$ 616,00		R\$ 352,00	R\$ 1.349,60
	Comunidade de Fundo de Pasto Algodão dos RIBEIROS	R\$ 356,50	R\$ 32,00	R\$ 2,00	R\$ 108,00	R\$ 498,50
	Comunidade de Fundo de Pasto Caititu	R\$ 1.539,80	R\$ 69,50	R\$ 19,20	R\$ 1.248,20	R\$ 2.876,70
	Comunidade de Fundo de Pasto de Algodões dos RIBEIROS	R\$ 151,50	R\$ 9,00		R\$ 397,50	R\$ 558,00
	Comunidade de Fundo de Pasto Lagoa do Garrote	R\$ 803,00	R\$ 69,50		R\$ 712,00	R\$ 1.584,50
	Comunidade de Fundo de Pasto Negros	R\$ 469,75	R\$ 162,00		R\$ 5.456,00	R\$ 6.087,75
	Comunidade de Fundo de Pasto Serrote	R\$ 1.886,34	R\$ 305,13		R\$ 688,25	R\$ 2.879,72
	Comunidade Mandu	R\$ 687,00	R\$ 217,00		R\$ 39,00	R\$ 943,00
	Comunidade Pau D'Arco	R\$ 3.749,70	R\$ 517,60	R\$ 50,00	R\$ 1.557,00	R\$ 5.874,30
	Comunidade Sanharó	R\$ 296,40	R\$ 68,00		R\$ 450,00	R\$ 814,40
	Saúde	Comunidade Canabrava	R\$ 882,50	R\$ 207,50		R\$ 4.907,00
Comunidade de Genipapinho		R\$ 920,00	R\$ 155,00		R\$ 770,00	R\$ 1.845,00

PSA - Bahia						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Saúde	Comunidade Itacurubé	R\$ 459,00	R\$ 50,00		R\$ 439,00	R\$ 948,00
	Comunidade Itacurubi	R\$ 389,00	R\$ 206,00	R\$ 15,00	R\$ 1.507,00	R\$ 2.117,00
	Comunidade Porteiras				R\$ 60,00	R\$ 60,00
	Comunidade Quilombola Grota das Oliveiras	R\$ 133,00	R\$ 137,50	R\$ 63,00	R\$ 3.897,95	R\$ 4.231,45
Senhor do Bonfim	Comunidade Canavieira	R\$ 2.348,25	R\$ 292,50		R\$ 22.732,50	R\$ 25.373,25
	Comunidade Garrote	R\$ 193,00	R\$ 8,00		R\$ 884,00	R\$ 1.085,00
	Comunidade Queimado	R\$ 128,42	R\$ 69,00		R\$ 1.928,50	R\$ 2.125,92
	Comunidade Sítio da Umburana	R\$ 56,00	R\$ 19,00		R\$ 1.140,50	R\$ 1.215,50
	Povoado de Caco de Telha	R\$ 293,50	R\$ 457,50		R\$ 239,50	R\$ 990,50
	Projeto de Assentamento Serra Verde	R\$ 212,00	R\$ 50,00	R\$ 8,00	R\$ 741,00	R\$ 1.011,00
Sento Sé	Assentamento Antonio Guilhermino Pontiguá	R\$ 457,25	R\$ 91,00	R\$ 65,25	R\$ 1.958,00	R\$ 2.571,50
	Comunidade Andorinhas	R\$ 473,50	R\$ 35,50		R\$ 6.109,50	R\$ 6.618,50
	Comunidade Brejo de Fora	R\$ 721,00			R\$ 101,45	R\$ 822,45
	Comunidade de Fundo de Pasto Cruz	R\$ 261,40	R\$ 130,00	R\$ 20,00	R\$ 469,50	R\$ 880,90
	Comunidade de Fundo de Pasto Lages	R\$ 2.335,30	R\$ 118,00	R\$ 4,00	R\$ 1.359,00	R\$ 3.816,30

PSA - Bahia						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Sento Sé	Comunidade de Fundo de Pasto Riacho Santo Antônio	R\$ 1.669,00	R\$ 12,00		R\$ 264,00	R\$ 1.945,00
	Comunidade de Fundo de Pasto Sítio	R\$ 522,60	R\$ 105,50		R\$ 405,50	R\$ 1.033,60
	Comunidade Poço do Angico	R\$ 836,50	R\$ 168,00	R\$ 6,00	R\$ 620,50	R\$ 1.631,00
	Comunidade de Pescadores Pascoal/Limoeiro	R\$ 434,75	R\$ 102,00		R\$ 1.127,50	R\$ 1.664,25
Serrolândia	Comunidade Caraíba	R\$ 354,60	R\$ 153,66		R\$ 630,00	R\$ 1.138,26
	Comunidade Várzea Bonita	R\$ 383,20	R\$ 306,32		R\$ 4.145,60	R\$ 4.835,12
	Comunidade Várzea do Uruçu	R\$ 189,95	R\$ 194,82		R\$ 1.478,70	R\$ 1.863,47
Sobradinho	Assentamento Terra Nossa	R\$ 599,50	R\$ 81,50		R\$ 1.918,00	R\$ 2.599,00
	Assentamento Vale da Conquista	R\$ 681,10	R\$ 248,75		R\$ 180,75	R\$ 1.110,60
Uauá	Comunidade de Fundo de Pasto Curundundum	R\$ 3.462,74			R\$ 447,00	R\$ 3.909,74
	Comunidade de Fundo de Pasto Escondido	R\$ 875,18	R\$ 303,54		R\$ 294,00	R\$ 1.472,72
	Comunidade de Fundo de Pasto Fazenda Caldeirão Lalaus	R\$ 941,65	R\$ 512,96		R\$ 1.331,16	R\$ 2.785,77
	Comunidade de Fundo de Pasto Lages das Aroeiras	R\$ 340,13	R\$ 39,14		R\$ 429,00	R\$ 808,27

PSA - Bahia						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Uauá	Comunidade de Fundo de Pasto Marrua	R\$ 752,32			R\$ 1.545,00	R\$ 2.297,32
	Comunidade de Fundo de Pasto Rio do Rancho	R\$ 688,40	R\$ 25,50		R\$ 204,00	R\$ 917,90
	Comunidade de Fundo de Pasto Serra da Besta	R\$ 2.240,30	R\$ 779,64		R\$ 1.692,85	R\$ 4.712,79
Umburanas	Comunidade Barriguda do Hipólito	R\$ 1.205,50	R\$ 333,00	R\$ 82,00	R\$ 1.992,00	R\$ 3.612,50
	Comunidade Barriguda do Lima	R\$ 2.538,00	R\$ 583,00		R\$ 3.158,00	R\$ 6.279,00
	Comunidade Barriguda do Luiz	R\$ 275,50	R\$ 103,00		R\$ 317,00	R\$ 695,50
	Comunidade de Caraíba	R\$ 841,50	R\$ 234,25	R\$ 96,00	R\$ 292,00	R\$ 1.463,75
Várzea Nova	Comunidade Boa Esperança	R\$ 1.607,50	R\$ 292,00	R\$ 25,00	R\$ 6.960,00	R\$ 8.884,50
	Comunidade Boa Vista	R\$ 376,60	R\$ 73,00		R\$ 168,00	R\$ 617,60
	Comunidade Giló	R\$ 198,50	R\$ 41,00		R\$ 133,00	R\$ 372,50
	Comunidade Riacho dos Maías	R\$ 975,80	R\$ 640,45		R\$ 5.204,50	R\$ 6.820,75
			R\$ 171.294,67	R\$ 39.138,05	R\$ 1.927,78	R\$ 301.287,41
PSA Total		R\$ 171.294,67	R\$ 39.138,05	R\$ 1.927,78	R\$ 301.287,41	R\$ 513.647,91

PVSA - Piauí						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Bela Vista do Piauí	Comunidade Quilombola Amarra Negro	R\$ 5.755,40	R\$ 1.499,40	R\$ 518,00	R\$ 4.930,25	R\$ 12.703,05
Betânia do Piauí	Serra do Inacio	R\$ 6.880,85	R\$ 1.606,00	R\$ 22,00	R\$ 16.980,00	R\$ 25.488,85
Campo Grande	AMPEPI - Urupeu	R\$ 7.017,00	R\$ 1.737,00		R\$ 4.857,50	R\$ 13.611,50
	AMPEPI Serra do Campo Grande	R\$ 1.974,50	R\$ 110,00	R\$ 12,00	R\$ 1.411,00	R\$ 3.507,50
	Serra do Jatobá	R\$ 884,00	R\$ 356,00		R\$ 489,00	R\$ 1.729,00
Francisco Santos	AMPEPI - Serra dos Morros	R\$ 6.822,85	R\$ 2.525,50	R\$ 110,00	R\$ 25.454,00	R\$ 34.912,35
	Assentamento Boa Viagem	R\$ 2.950,50	R\$ 533,22	R\$ 29,00	R\$ 934,00	R\$ 4.446,72
	Assentamento União	R\$ 323,00			R\$ 470,00	R\$ 793,00
	Comunidade Barreiros	R\$ 2.363,30	R\$ 961,00		R\$ 1.246,50	R\$ 4.570,80
	Comunidade Chupeiro	R\$ 5.730,50	R\$ 967,00	R\$ 22,00	R\$ 7.451,50	R\$ 14.171,00
	Comunidade Diogo	R\$ 4.888,05	R\$ 932,00		R\$ 8.722,00	R\$ 14.542,05
	Diogo 1	R\$ 1.371,85	R\$ 71,40		R\$ 234,00	R\$ 1.677,25
	Santo Antônio	R\$ 135,00	R\$ 20,00	R\$ 12,00	R\$ 4.500,00	R\$ 4.667,00
Ipiranga do Piauí	AMOR Jardim	R\$ 2.514,70	R\$ 517,00	R\$ 43,00	R\$ 2.303,95	R\$ 5.378,65
	São José dos Cocos	R\$ 4.786,05	R\$ 2.310,50	R\$ 5,00	R\$ 8.025,15	R\$ 15.126,70

PVSA - Piauí						
Município	Comunidade	Consumo	Doação	Troca	Venda	Total Geral
Itainópolis	AMAI - Baixas	R\$ 76,00				R\$ 76,00
	AMAI - Barriguda	R\$ 299,00	R\$ 21,00		R\$ 2.635,00	R\$ 2.955,00
	AMAI - Barrocas	R\$ 2.573,50	R\$ 719,80	R\$ 25,00	R\$ 1.372,50	R\$ 4.690,80
	AMAI - Boiadas	R\$ 193,50	R\$ 36,00	R\$ 12,00		R\$ 241,50
	AMAI - Junco	R\$ 430,50	R\$ 129,00		R\$ 1.060,00	R\$ 1.619,50
	AMAI - Lagoa Cavalo	R\$ 381,00	R\$ 121,50			R\$ 502,50
	AMAI - Lagoa dos Cavalos	R\$ 149,00	R\$ 82,00			R\$ 231,00
	AMAI - Morro do Milho	R\$ 551,95	R\$ 46,75		R\$ 86,00	R\$ 684,70
	AMAI - Tombador	R\$ 84,00	R\$ 16,50	R\$ 18,00	R\$ 89,00	R\$ 207,50
	AMAI - Trapia	R\$ 1.706,70	R\$ 214,00	R\$ 42,00	R\$ 144,00	R\$ 2.106,70
	AMAI - Vila Borbosa	R\$ 430,50			R\$ 126,00	R\$ 556,50
Oeiras	Canto Fazenda Frade	R\$ 8.325,37	R\$ 1.892,15	R\$ 94,00	R\$ 4.496,70	R\$ 14.808,22
Picos	Comunidade Fornos	R\$ 17.063,30	R\$ 6.505,75	R\$ 394,00	R\$ 56.014,50	R\$ 79.977,55
Queimada Nova	Comunidade Quilombola Tapuio	R\$ 7.861,11	R\$ 3.439,21	R\$ 254,00	R\$ 6.924,50	R\$ 18.478,82
São Raimundo Nonato	APASPI - Assentamento Novo Zabelê	R\$ 4.037,62	R\$ 920,14	R\$ 42,00	R\$ 16.521,34	R\$ 21.521,10
PVSA Total		R\$ 98.560,60	R\$ 28.289,82	R\$ 1.654,00	R\$ 177.478,39	R\$ 305.982,81



Análise estatística descritiva
referente a cada projeto

1. Cor ou origem étnica						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Amarela	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,92%	0,00%
Branca	27,27%	14,29%	7,25%	19,09%	10,40%	12,61%
Parda	45,45%	64,29%	52,17%	61,82%	51,68%	53,15%
Povos Indígenas	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,22%	0,00%
Povos Quilombolas	0,00%	0,00%	31,88%	3,64%	6,42%	8,11%
Preta	27,27%	21,43%	5,80%	12,73%	27,83%	25,23%
Parda	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Não respondeu	0,00%	0,00%	1,45%	1,82%	1,53%	0,90%

2. Escolaridade						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Analfabeta	0,00%	0,00%	4,35%	0,91%	2,75%	9,01%
Ensino Fundamental Completo	9,09%	7,14%	11,59%	10,91%	7,03%	11,71%
Ensino Fundamental Incompleto	36,36%	57,14%	40,58%	48,18%	51,68%	41,44%
Ensino Médio Completo	36,36%	7,14%	23,19%	26,36%	22,32%	16,22%
Ensino Médio Incompleto	9,09%	14,29%	11,59%	7,27%	8,26%	9,91%
Ensino Superior Completo	0,00%	7,14%	2,90%	4,55%	4,59%	4,50%
Ensino Superior Incompleto	9,09%	7,14%	5,80%	0,00%	1,22%	6,31%
Ensino Técnico Incompleto	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	1,22%	0,00%
Não respondeu	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,92%	0,90%

3. Trabalha fora?						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Não	18,18%	100,00%	85,51%	84,55%	79,82%	84,68%
Sim	81,82%	0,00%	10,14%	15,45%	12,54%	14,41%
Não respondeu	0,00%	0,00%	4,35%	0,00%	7,65%	0,90%

4. Identidade sociocultural						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Agricultora familiar	72,73%	42,86%	42,03%	90,91%	55,05%	62,16%
Agroextrativista, Agricultora familiar	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Agroextrativista, Comunidade fundo de pasto, Agricultora familiar	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Assentada	18,18%	0,00%	15,94%	0,91%	8,26%	11,71%
Assentada, Agricultora familiar	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Comunidade fundo de pasto	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	11,01%	0,00%
Comunidade fundo de pasto, Agricultora familiar	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,53%	0,00%
Indígena	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Marisqueira	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Pescadora	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,31%	0,00%
Pescadora, Agricultora familiar	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Quilombola	0,00%	7,14%	34,78%	1,82%	14,68%	19,82%
Quilombola, Agricultora familiar	0,00%	0,00%	0,00%	2,73%	0,00%	3,60%
Quilombola, Assentada, Agricultora familiar	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Ribeirinha	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,61%	0,00%
Não respondeu	0,00%	50,00%	7,25%	0,91%	7,65%	1,80%

5. Principais formas de acesso à terra						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Arrendamento	9,09%	0,00%	11,59%	10,91%	0,61%	1,80%
Assentamento: crédito fundiário	9,09%	7,14%	0,00%	0,00%	0,92%	5,41%
Assentamento: reforma agrária	18,18%	0,00%	11,59%	3,64%	8,26%	8,11%
Comodato	18,18%	14,29%	8,70%	0,00%	8,26%	36,04%
Direito de uso	0,00%	0,00%	0,00%	11,82%	3,06%	0,90%
Própria	36,36%	64,29%	30,43%	45,45%	61,47%	23,42%
Outro	9,09%	7,14%	33,33%	26,36%	15,60%	23,42%
Não respondeu	0,00%	7,14%	4,35%	1,82%	1,83%	0,90%

6. Estado civil						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Casada	45,45%	64,29%	37,68%	70,00%	61,47%	59,46%
Divorciada	0,00%	0,00%	4,35%	1,82%	1,53%	2,70%
Separada	0,00%	0,00%	1,45%	1,82%	2,45%	0,90%
Solteira	27,27%	21,43%	17,39%	5,45%	10,09%	11,71%
União estável	18,18%	14,29%	28,99%	11,82%	14,68%	16,22%
Viúva	9,09%	0,00%	4,35%	3,64%	2,14%	6,31%
Não respondeu	0,00%	0,00%	5,80%	5,45%	7,65%	2,70%

7. Quando casada/união estável, cônjuge participa do trabalho doméstico?						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Não	0,00%	54,55%	23,91%	33,33%	30,12%	30,95%
Sim	100,00%	45,45%	71,74%	66,67%	61,45%	69,05%
Não respondeu	0,00%	0,00%	4,35%	0,00%	8,43%	0,00%

8. Tem filhos?						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Não	18,18%	7,14%	15,94%	9,09%	10,09%	12,61%
Sim	81,82%	92,86%	82,61%	90,91%	88,99%	86,49%
Não respondeu	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,92%	0,90%
Média de número de filhas(os)	3,7	3,0	2,7	2,9	3,1	3,0

9. Tem filhas(os) de até 10 anos de idade?						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Idade dos filhos não declarada	0,00%	0,00%	1,85%	0,00%	1,40%	2,08%
Não	66,67%	53,85%	42,59%	66,00%	72,38%	60,42%
Sim	22,22%	23,08%	25,93%	24,00%	16,08%	25,00%
Sim, exclusivamente	11,11%	23,08%	29,63%	10,00%	10,14%	12,50%

10. Tem filhas(os) residentes de até 14 anos de idade?						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Idade dos filhos não declarada	0,00%	0,00%	1,85%	0,00%	1,40%	2,08%
Não	22,22%	53,85%	51,85%	38,00%	37,76%	44,79%
Sim	77,78%	46,15%	46,30%	62,00%	60,84%	53,13%

11. Se tem filhas(os) maiores de 14 anos, elas(es) participam do trabalho doméstico?						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Não	0,00%	0,00%	4,00%	20,97%	11,49%	9,80%
Sim	100,00%	100,00%	84,00%	74,19%	80,46%	88,24%
Não respondeu	0,00%	0,00%	12,00%	4,84%	8,05%	1,96%

12. Principal responsável pelo trabalho doméstico						
Característica	Projeto					
	Procace	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
A própria agricultora	72,73%	85,71%	81,16%	86,36%	84,10%	91,89%
Mulheres da residência	18,18%	14,29%	4,35%	9,09%	5,81%	5,41%
Esposo/companheiro	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,61%	0,00%
Esposa/companheira	0,00%	0,00%	2,90%	0,00%	0,00%	0,00%
Casal	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,53%	0,00%
Outro	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,31%	0,00%
Não respondeu	9,09%	0,00%	10,14%	3,64%	7,65%	2,70%

13. Formas de acesso à água						
Característica	Projeto					
	Procace	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Açude, Compra de água	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
ADUTORA	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cacimba	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cacimba, Cisterna de beber	0,00%	14,29%	0,00%	1,82%	1,53%	0,00%
Cacimba, Cisterna de beber, Caixa d'água comunitária, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cacimba, Cisterna de beber, Caminhão pipa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%
Cacimba, Cisterna de beber, Caminhão pipa, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cacimba, Cisterna de beber, Cisterna de produção	0,00%	0,00%	0,00%	1,82%	0,00%	0,00%
Cacimba, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caixa d'água comunitária, Empresa de saneamento público, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cacimba, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa	0,00%	0,00%	1,45%	1,82%	0,00%	0,00%
Cacimba, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Dessanizador	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cacimba, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Lago ou represa, Tanques	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%

13. Formas de acesso à água						
Característica	Projeto					
	Procase	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Cacimba, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Rio/córrego, Tanques, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cacimba, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Lago ou represa, Rio/córrego	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cacimba, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Reuso de água cinza	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cacimba, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Rio/córrego	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cacimba, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Outras formas de captação de água de chuva	0,00%	7,14%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Cacimba, Rio/córrego, Caixa d'água comunitária	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cacimba, Rio/córrego, Empresa de saneamento público, Açude, cacimbão	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Caixa d'água comunitária	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,92%	18,92%
Caixa d'água comunitária, Reuso de água cinza	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,61%	0,00%
Caminhão pipa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Caminhão pipa, Dessanilizador	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,00%	0,00%
Caminhão pipa, Lago ou represa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Caminhão pipa, Tanques, Caixa d'água comunitária, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,00%	0,00%
Caminhão pipa, Tanques, Caixa de polietileno	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Caminhão pipa, Tanques, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,00%	0,00%
CANAL DO SERTÃO	0,00%	7,14%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber	0,00%	0,00%	4,35%	4,55%	3,98%	0,90%
Cisterna de beber, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	1,82%	0,61%	0,00%
Cisterna de beber, Açude, Água encanada	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Açude, Dessanilizador	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber, Açude, SAAE (Encanada)	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber, Barreiro	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Barreiro	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cacimbão	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber, Caixa d'água comunitária	0,00%	0,00%	0,00%	1,82%	0,00%	0,00%

13. Formas de acesso à água						
Característica	Projeto					
	Procase	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Cisterna de beber, Caixa d'água comunitária, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber, Caminhão pipa	18,18%	0,00%	7,25%	0,91%	0,92%	7,21%
Cisterna de beber, Caminhão pipa, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	2,90%	0,00%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber, Caminhão pipa, Lago ou represa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Caminhão pipa, Lago ou represa, Rio/córrego, Tanques, Outras formas de captação de água de chuva	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Caminhão pipa, Outras formas de captação de água de chuva	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Caminhão pipa, Reuso de água cinza	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Caminhão pipa, Rio/córrego	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Caminhão pipa, Tanques	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%
Cisterna de beber, Caminhão pipa, Tanques, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção	0,00%	7,14%	1,45%	5,45%	7,95%	1,80%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Açude	0,00%	14,29%	0,00%	3,64%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Barreiro	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,22%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Barreiro	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caixa d'água comunitária, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa	9,09%	0,00%	1,45%	6,36%	3,67%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Açude	18,18%	0,00%	0,00%	2,73%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Caixa d'água comunitária	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Dessanilizador	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,31%	0,00%

13. Formas de acesso à água						
Característica	Projeto					
	Procase	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Lago ou represa, Outras formas de captação de água de chuva, CAIXA DE FIBRA	0,00%	7,14%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Lago ou represa, Rio/córrego, Tanques, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Lago ou represa, Tanques	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Outras formas de captação de água de chuva	0,00%	7,14%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Reuso de água cinza	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Rio/córrego, Reuso de água cinza	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Rio/córrego, Tanques, Caixa d'água comunitária, Empresa de saneamento público, Poço comunitário	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Tanques	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	2,14%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Tanques, Barreiro comunitário	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Tanques, Outras formas de captação de água de chuva	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Vereda	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Vereda, Outras formas de captação de água de chuva	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Dessanilizador	0,00%	0,00%	2,90%	0,00%	0,00%	0,00%

13. Formas de acesso à água						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Cisterna de beber, Cisterna de produção, DOADA	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	8,26%	3,60%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Empresa de saneamento público, Barreiro	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Empresa de saneamento público, Barreiro	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Lago ou represa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Lago ou represa, Vereda	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Outras formas de captação de água de chuva	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Reuso de água cinza	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,61%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Rio/córrego	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Rio/córrego, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Rio/córrego, Reuso de água cinza	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Rio/córrego, Tanques	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Tanques	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	2,45%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Tanques, Barreiro	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Tanques, Empresa de saneamento público, Barreiro	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,22%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Tanques, Empresa de saneamento público, Cachil	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Cisterna de produção, Vereda	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,61%	0,00%

13. Formas de acesso à água						
Característica	Projeto					
	Procase	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Cisterna de beber, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	4,35%	0,91%	0,92%	1,80%
Cisterna de beber, Empresa de saneamento público, Barreiro	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Lago ou represa	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%
Cisterna de beber, Lago ou represa, cisterna calçada	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Lago ou represa, Tanques, Água Encanada	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Outras formas de captação de água de chuva	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Outras formas de captação de água de chuva, Caixa d'água comunitária, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cisterna de beber, Rio/córrego	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,53%	0,00%
Cisterna de beber, Rio/córrego, Água encanada	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Rio/córrego, Caixa d'água comunitária	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,61%	0,00%
Cisterna de beber, Rio/córrego, Outras formas de captação de água de chuva	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Rio/córrego, Reuso de água cinza	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Tanques	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	2,75%	0,00%
Cisterna de beber, Tanques, Caixa d'água comunitária	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Tanques, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,61%	0,00%
Cisterna de beber, Tanques, Empresa de saneamento público, Barreiro	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,61%	0,00%
Cisterna de beber, Tanques, Empresa de saneamento público, Caldeirão de pedra	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de beber, Tanques, TANQUE DE PEDRA	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de produção	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,22%	0,00%
Cisterna de produção, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Cisterna de produção, Caixa d'água comunitária	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,00%	0,00%

13. Formas de acesso à água						
Característica	Projeto					
	Procase	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Cisterna de produção, Caminhão pipa, Tanques, Caixa d'água comunitária	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de produção, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,61%	0,00%
Cisterna de produção, Rio/córrego	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cisterna de produção, Tanques	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	18,84%	0,91%	0,31%	0,00%
Lago ou represa, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,61%	0,00%
Nascente, Caixa d'água comunitária	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,00%	0,00%
Nascente, Caminhão pipa	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Nascente, Caminhão pipa, Tanques, Caixa d'água comunitária, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	2,90%	0,00%	0,00%	0,00%
Nascente, Cisterna de beber	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,31%	0,00%
Nascente, Cisterna de beber, Caixa d'água comunitária, Açude, Dessanilizador	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Nascente, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Tanques	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Nascente, Cisterna de beber, Lago ou represa	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Nascente, Rio/córrego	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Nascente, Rio/córrego, Reuso de água cinza	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Nascente, Tanques	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Outras formas de captação de água de chuva, Caixa d'água comunitária, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Outras formas de captação de água de chuva, CANAL DO SERTÃO	0,00%	14,29%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Outras formas de captação de água de chuva, REDE MUNICIPAL	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Poço artesiano	0,00%	0,00%	2,90%	1,82%	0,61%	14,41%
Poço artesiano, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	3,60%
Poço artesiano, ÁGUA ENCANADA	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cacimba	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cacimba, Cisterna de beber, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%

13. Formas de acesso à água						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Poço artesiano, Cacimba, Cisterna de beber, Cisterna de produção	0,00%	0,00%	0,00%	1,82%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cacimba, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Rio/córrego, Tanques	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Caixa d' água de 500ml na residencia	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Poço artesiano, Caixa d'água comunitária	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Poço artesiano, Caminhão pipa, Tanques, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	4,35%	0,00%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber	18,18%	7,14%	0,00%	2,73%	5,81%	11,71%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Barragem	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Barreiro	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Caixa d'água comunitária	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	1,80%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Caminhão pipa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,22%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Caminhão pipa, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Caminhão pipa, Açude, Copra de água	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Caminhão pipa, Caixa d'água comunitária	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,90%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Caminhão pipa, Lago ou represa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Caminhão pipa, Tanques	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Caminhão pipa, Tanques, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,61%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Caminhão pipa, Tanques, Caixa d'água comunitária, Açude, Reuso de água cinza, barreiro trincheira	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Caminhão pipa, Tanques, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção	0,00%	0,00%	0,00%	4,55%	0,92%	2,70%

13. Formas de acesso à água						
Característica	Projeto					
	Procase	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caixa d'água comunitária	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	1,22%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Lago ou represa, Outras formas de captação de água de chuva	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Lago ou represa, Rio/córrego, Tanques, Barragem	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Rio/córrego, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Rio/córrego, Tanques, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Rio/córrego, Tanques, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Caminhão pipa, Tanques	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,61%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Dessanilizador	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,53%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,61%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Lago ou represa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Outras formas de captação de água de chuva	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Outras formas de captação de água de chuva, Dessanilizador	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Reuso de água cinza	0,00%	0,00%	0,00%	1,82%	0,00%	0,00%

13. Formas de acesso à água						
Característica	Projeto					
	Procace	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Rio/córrego, Outras formas de captação de água de chuva, Caixa d'água comunitária	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Cisterna de produção, Tanques	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,92%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Dessanilizador	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Lago ou represa, Tanques, Outras formas de captação de água de chuva, Caixa d'água comunitária, Reuso de água cinza	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Outras formas de captação de água de chuva	0,00%	7,14%	2,90%	0,00%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Outras formas de captação de água de chuva, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Reuso de água cinza	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Rio/córrego	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,90%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Rio/córrego, Sistema Abastec. de AG e Eg	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Tanques	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,90%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Tanques, Caixa d'água comunitária	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Tanques, Dessanilizador	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Tanques, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Tanques, Outras formas de captação de água de chuva	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Vereda	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Poço artesiano, Cisterna de beber, Vereda, Tanques, Reuso de água cinza	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%

13. Formas de acesso à água						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Poço semiartesiano/tubular, Cisterna de beber, Lago ou represa, Tanques, Outras formas de captação de água de chuva, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Poço semiartesiano/tubular, Cisterna de beber, Rio/córrego	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Poço semiartesiano/tubular, Nascente, Cisterna de beber, Caixa d'água comunitária, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Poço semiartesiano/tubular, Rio/córrego	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Poço semiartesiano/tubular, Rio/córrego, Açude	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Poço semiartesiano/tubular, Sistema enxurrada	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Rio/córrego	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%
Tanques	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%
Tanques, Água encanada	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Tanques, Empresa de saneamento público	0,00%	0,00%	4,35%	0,00%	0,00%	0,00%
Não respondeu	0,00%	0,00%	1,45%	0,91%	1,53%	0,90%

14. Possui cisterna de beber?						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Não	9,09%	35,71%	65,22%	16,36%	14,07%	50,45%
Sim	90,91%	64,29%	34,78%	83,64%	85,93%	49,55%

15. Possui cisterna de produção?						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Não	63,64%	57,14%	86,96%	51,82%	50,15%	86,49%
Sim	36,36%	42,86%	13,04%	48,18%	49,85%	13,51%

16. Tipos de mercados acessados						
Característica	Projeto					
	Procase	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Associação	0,00%	0,00%	10,14%	0,92%	0,93%	0,00%
Feira agroecológica	0,00%	0,00%	0,00%	4,59%	0,31%	0,00%
Feira agroecológica, Cooperativa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira agroecológica, Mercadinho local, Venda em casa, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Feira agroecológica, Mercadinho local, Venda em casa, Venda na comunidade, Associação	18,18%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Feira agroecológica, Mercadinho local, Venda porta a porta, PNAE	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira agroecológica, Venda em casa	0,00%	14,29%	0,00%	4,59%	0,93%	0,00%
Feira agroecológica, Venda em casa, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira agroecológica, Venda em casa, BODEGA	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Feira agroecológica, Venda em casa, PAA coletivo, PNAE	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Feira agroecológica, Venda em casa, PAA individual	0,00%	7,14%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Feira agroecológica, Venda em casa, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	0,00%	9,17%	1,55%	0,00%
Feira agroecológica, Venda em casa, Venda na comunidade, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Feira agroecológica, Venda em casa, Venda na comunidade, INTERMEDIACÃO	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Feira agroecológica, Venda em casa, Venda na comunidade, PAA individual	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Feira agroecológica, Venda em casa, Venda na comunidade, PAA individual, PAA coletivo, PNAE, Cooperativa, Associação	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,00%	0,00%
Feira agroecológica, Venda em casa, Venda na comunidade, PAA individual, PNAE	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Feira agroecológica, Venda em casa, Venda porta a porta	0,00%	0,00%	0,00%	1,83%	0,00%	0,00%
Feira agroecológica, Venda em casa, Venda porta a porta, PAA coletivo, PNAE	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Feira agroecológica, Venda em casa, Venda porta a porta, PAA individual	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%

16. Tipos de mercados acessados						
Característica	Projeto					
	Procase	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Feira agroecológica, Venda em casa, Venda porta a porta, PAA individual, PNAE	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Feira agroecológica, Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	0,00%	4,59%	0,31%	0,00%
Feira agroecológica, Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade, PNAE	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira agroecológica, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	0,00%	1,83%	0,62%	0,00%
Feira agroecológica, Venda porta a porta, Mercado municipal	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional	0,00%	0,00%	7,25%	0,92%	5,88%	0,00%
Feira convencional, Associação	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,00%	0,00%
Feira convencional, Cooperativa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Cooperativa, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Feira agroecológica	0,00%	7,14%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Feira agroecológica, Mercadinho local	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Feira agroecológica, Mercadinho local, Venda em casa, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Feira convencional, Feira agroecológica, Mercadinho local, Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Feira convencional, Feira agroecológica, PAA coletivo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Feira agroecológica, Venda em casa	9,09%	7,14%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Feira convencional, Feira agroecológica, Venda em casa, PAA individual	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Feira convencional, Feira agroecológica, Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade, Cooperativa, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,62%	0,00%
Feira convencional, Feira agroecológica, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Feira convencional, Feira agroecológica, Venda na comunidade, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Mercadinho local	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,93%	0,00%

16. Tipos de mercados acessados						
Característica	Projeto					
	Procace	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Feira convencional, Mercadinho local, Venda em casa	9,09%	0,00%	2,90%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Mercadinho local, Venda em casa, Associação	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,00%	0,00%
Feira convencional, Mercadinho local, Venda em casa, Cooperativa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Mercadinho local, Venda em casa, PAA coletivo, PNAE	0,00%	7,14%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Feira convencional, Mercadinho local, Venda em casa, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,31%	0,90%
Feira convencional, Mercadinho local, Venda em casa, Venda na comunidade, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Mercadinho local, Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,31%	0,00%
Feira convencional, PAA individual	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Feira convencional, PNAE	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Venda em casa	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	7,12%	4,50%
Feira convencional, Venda em casa, Associação	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Venda em casa, Cooperativa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Venda em casa, PAA individual	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,90%
Feira convencional, Venda em casa, PNAE	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Feira convencional, Venda em casa, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	0,00%	2,75%	4,95%	0,00%
Feira convencional, Venda em casa, Venda na comunidade, Associação	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,62%	0,00%
Feira convencional, Venda em casa, Venda na comunidade, Cooperativa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,62%	0,00%
Feira convencional, Venda em casa, Venda na comunidade, Cooperativa, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Venda em casa, Venda na comunidade, PAA coletivo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Feira convencional, Venda em casa, Venda na comunidade, PAA individual, PNAE, Cooperativa	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%

16. Tipos de mercados acessados						
Característica	Projeto					
	Procace	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Feira convencional, Venda em casa, Venda porta a porta	0,00%	7,14%	0,00%	1,83%	2,48%	0,00%
Feira convencional, Venda em casa, Venda porta a porta, Cooperativa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	1,45%	0,92%	3,10%	0,00%
Feira convencional, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	2,79%	0,00%
Feira convencional, Venda porta a porta	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,00%	0,90%
Feira convencional, Venda porta a porta, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Venda porta a porta, Cooperativa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Feira convencional, Venda porta a porta, PAA individual	0,00%	0,00%	0,00%	1,83%	0,00%	0,00%
Feira convencional, Venda porta a porta, Venda na comunidade	0,00%	7,14%	0,00%	0,00%	0,62%	0,00%
Mercadinho local	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,93%	1,80%
Mercadinho local, Venda em casa	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,93%	0,00%
Mercadinho local, Venda em casa, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Mercadinho local, Venda em casa, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Mercadinho local, Venda em casa, Venda porta a porta	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,62%	0,00%
Mercadinho local, Venda em casa, Venda porta a porta, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Mercadinho local, Venda em casa, Venda porta a porta, PNAE	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Mercadinho local, Venda em casa, Venda porta a porta, PNAE, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Mercadinho local, Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Mercadinho local, Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade, PNAE, Pregão eletrônico	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Mercadinho local, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%

16. Tipos de mercados acessados

Característica	Projeto					
	Procace	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Mercadinho local, Venda porta a porta, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
NA CIDADE	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
PAA coletivo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,90%
PNAE	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
PNAE, Associação	18,18%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Produção só pra consumo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Venda em casa	0,00%	0,00%	7,25%	9,17%	13,00%	26,13%
Venda em casa, ARTESANATO	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Venda em casa, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,31%	0,00%
Venda em casa, ATRAVESSADOR	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,90%
Venda em casa, Atravessador, autônomo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Venda em casa, PAA coletivo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Venda em casa, PAA coletivo, Cooperativa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Venda em casa, PAA individual	0,00%	7,14%	1,45%	0,00%	0,00%	0,90%
Venda em casa, PAA individual, Cooperativa	0,00%	7,14%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Venda em casa, Pedidos	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Venda em casa, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	1,45%	9,17%	8,36%	2,70%
Venda em casa, Venda na comunidade, Associação	0,00%	0,00%	1,45%	0,92%	0,62%	0,00%
Venda em casa, Venda na comunidade, Crede amigo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Venda em casa, Venda na comunidade, Feira Regional	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Venda em casa, Venda na comunidade, PAA coletivo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Venda em casa, Venda na comunidade, PAA coletivo, PNAE	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,80%
Venda em casa, Venda na comunidade, PAA coletivo, PNAE, Associação	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Venda em casa, Venda na comunidade, PAA individual	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,90%
Venda em casa, Venda por internet	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,00%	0,00%

16. Tipos de mercados acessados						
Característica	Projeto					
	Procase	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Venda em casa, Venda porta a porta	0,00%	0,00%	0,00%	4,59%	5,88%	2,70%
Venda em casa, Venda porta a porta, Atravessador	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Venda em casa, Venda porta a porta, PAA individual	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade	0,00%	7,14%	2,90%	3,67%	3,41%	2,70%
Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade, Cooperativa, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade, PAA coletivo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade, PAA coletivo, PNAE	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	2,70%
Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade, PAA individual	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,80%
Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade, PAA individual, PNAE, Cooperativa	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade, PNAE	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Venda em casa, Venda porta a porta, Venda na comunidade, PNAE, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,00%	0,00%
Venda na comunidade	0,00%	14,29%	2,90%	2,75%	6,50%	0,90%
Venda na comunidade, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,92%	0,31%	0,00%
Venda na comunidade, ATRAVESSADOR	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Venda na comunidade, PAA coletivo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Venda na comunidade, PAA individual	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,80%
Venda porta a porta	0,00%	0,00%	2,90%	1,83%	0,62%	3,60%
Venda porta a porta, Associação	0,00%	0,00%	5,80%	0,00%	0,00%	0,00%
Venda porta a porta, PAA individual	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Venda porta a porta, Venda na comunidade	0,00%	0,00%	1,45%	0,92%	0,93%	0,90%
Venda porta a porta, Venda na comunidade, Cooperativa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Não respondeu	0,00%	7,14%	39,13%	3,67%	12,38%	23,42%

17. Participa de grupo produtivo ou de interesse?						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Não	18,18%	71,43%	26,09%	67,27%	42,51%	36,04%
Sim	81,82%	28,57%	71,01%	32,73%	57,19%	63,06%
Não respondeu	0,00%	0,00%	2,90%	0,00%	0,31%	0,90%

18. Se participa de grupo produtivo, o grupo é específico de mulheres ou misto?						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Específico de mulheres	22,22%	25,00%	36,73%	44,44%	10,70%	42,86%
Misto	77,78%	75,00%	53,06%	55,56%	77,01%	57,14%
Não respondeu	0,00%	0,00%	10,20%	0,00%	12,30%	0,00%

19. Se participa de grupo produtivo, o grupo integra alguma organização econômica?						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Não	11,11%	50,00%	12,24%	50,00%	67,38%	7,14%
Sim	88,89%	50,00%	75,51%	41,67%	24,60%	90,00%
Não respondeu	0,00%	0,00%	12,24%	8,33%	8,02%	2,86%

20. Se participa de grupo produtivo, participa também de alguma rede?						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Não	77,78%	75,00%	51,02%	44,44%	67,91%	95,71%
Sim	22,22%	0,00%	10,20%	44,44%	7,49%	2,86%
Não respondeu	0,00%	25,00%	38,78%	11,11%	24,60%	1,43%

21. Se participa de grupo produtivo, participa também de um grupo de economia solidária?						
Característica	Projeto					
	Procace	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Não	44,44%	100,00%	46,94%	36,11%	66,31%	81,43%
Sim	55,56%	0,00%	6,12%	33,33%	3,21%	11,43%
Não respondeu	0,00%	0,00%	46,94%	30,56%	30,48%	7,14%

22. Participação social						
Característica	Projeto					
	Procace	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Associação	9,09%	8,33%	26,09%	21,82%	13,89%	6,31%
Associação, Associação dos agricultores	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Associação, Casa de Sementes	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,62%	0,90%
Associação, Conselhos	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Associação, Cooperativa	0,00%	0,00%	7,25%	0,00%	0,00%	0,00%
Associação, Cooperativa, Igreja	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,62%	0,00%
Associação, Fundos Rotativos Solidários	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Associação, Igreja	9,09%	16,67%	8,70%	15,45%	13,58%	4,50%
Associação, Igreja, Casa de Sementes	0,00%	0,00%	2,90%	1,82%	0,31%	2,70%
Associação, Igreja, Conselhos	0,00%	0,00%	1,45%	0,91%	0,31%	0,00%
Associação, Igreja, Conselhos, Casa de Sementes	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Associação, Igreja, Fundos Rotativos Solidários	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

22. Participação social						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Associação, Igreja, Partido político	0,00%	0,00%	1,45%	0,91%	0,93%	0,00%
Associação, Igreja, Redes	0,00%	0,00%	1,45%	0,91%	1,54%	0,00%
Associação, Igreja, Redes, Fundos Rotativos Solidários	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Associação, Partido político	0,00%	0,00%	7,25%	0,00%	0,00%	0,00%
Associação, Partido político, Conselhos	0,00%	0,00%	4,35%	0,00%	0,00%	0,90%
Associação, Redes	0,00%	8,33%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Casa de Sementes	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Cooperativa, Igreja	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,62%	0,00%
Igreja	0,00%	0,00%	0,00%	1,82%	5,86%	0,00%
Igreja, AÇÃO SOCIAL - CRAS	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Igreja, Comissão de controle social	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Igreja, Redes	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Movimento social de mulheres	0,00%	8,33%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Movimento social de mulheres, Associação	0,00%	8,33%	1,45%	0,91%	0,31%	0,00%
Movimento social de mulheres, Associação, Casa de Caridade sertos InhamunsMo	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Movimento social de mulheres, Associação, Colônia de pescadores	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Movimento social de mulheres, Associação, Conselhos	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,00%	0,00%
Movimento social de mulheres, Associação, Cooperativa, Igreja	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,62%	0,00%
Movimento social de mulheres, Associação, Igreja	0,00%	8,33%	2,90%	0,00%	0,93%	0,00%

22. Participação social

Característica	Projeto					
	Procace	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Movimento social de mulheres, Associação, Igreja, Casa de Sementes	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Movimento social de mulheres, Associação, Igreja, Redes	0,00%	0,00%	2,90%	0,00%	0,93%	0,00%
Movimento social de mulheres, Associação, Igreja, Redes, Partido político, Conselhos	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Movimento social de mulheres, Associação, Igreja, Redes, Partido político, Conselhos, Fundos Rotativos Solidários	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Movimento social de mulheres, Associação, Partido político, Conselhos	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Movimento social de mulheres, Associação, Redes, Conselhos, Fundos Rotativos Solidários	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Movimento social de mulheres, Associação, Redes, Partido político, Conselhos, Fundos Rotativos Solidários	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Movimento social de mulheres, Movimento social misto, Associação, Igreja	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,31%	0,00%
Movimento social de mulheres, Movimento social misto, Igreja	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Movimento social misto	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	3,60%
Movimento social misto, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	13,51%
Movimento social misto, Associação, Colaboradora	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%

22. Participação social						
Característica	Projeto					
	Procase	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Movimento social misto, Associação, Igreja	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	2,16%	0,00%
Movimento social misto, Associação, Redes	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,00%	0,90%
Movimento social misto, Igreja	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,62%	0,00%
Movimento social misto, Redes	0,00%	0,00%	1,45%	0,00%	0,00%	0,00%
Projeto Pró-Semiárido	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Redes	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Sindicato	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	2,47%	1,80%
Sindicato, Associação	9,09%	8,33%	0,00%	17,27%	9,26%	38,74%
Sindicato, Associação, Casa de Sementes	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,62%	5,41%
Sindicato, Associação, Cooperativa	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,93%	0,00%
Sindicato, Associação, Cooperativa, Igreja	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	2,78%	0,00%
Sindicato, Associação, Cooperativa, Igreja, Conselhos, Casa de Sementes	0,00%	8,33%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Sindicato, Associação, Cooperativa, Igreja, Partido político	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Sindicato, Associação, Fundos Rotativos Solidários	0,00%	8,33%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Sindicato, Associação, Igreja	0,00%	0,00%	8,70%	12,73%	17,28%	8,11%
Sindicato, Associação, Igreja, Casa de Sementes	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	3,60%
Sindicato, Associação, Igreja, Conselhos	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,31%	0,00%
Sindicato, Associação, Igreja, Conselhos, Central de Associações do Vale	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Sindicato, Associação, Igreja, Grupo das Mulheres	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%

22. Participação social						
Característica	Projeto					
	Procace	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Sindicato, Associação, Igreja, Grupo mulheres	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Sindicato, Associação, Igreja, Partido político	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Sindicato, Associação, Igreja, Partido político, Casa de Sementes	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Sindicato, Associação, Igreja, Redes	0,00%	0,00%	0,00%	3,64%	0,62%	0,00%
Sindicato, Associação, Redes	0,00%	0,00%	0,00%	2,73%	0,00%	0,00%
Sindicato, Associação, Redes, Casa de Sementes	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Sindicato, Associação, Redes, Conselhos	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Sindicato, Associação, Redes, Conselhos, Fundos Rotativos Solidários, Casa de Sementes	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Sindicato, Cooperativa	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Sindicato, Igreja	0,00%	8,33%	0,00%	0,91%	4,94%	0,00%
Sindicato, Igreja, Casa de Sementes	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Sindicato, Igreja, Fundos Rotativos Solidários	0,00%	8,33%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Sindicato, Movimento social de mulheres	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	1,80%
Sindicato, Movimento social de mulheres, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,93%	0,00%
Sindicato, Movimento social de mulheres, Associação, Cooperativa, Igreja	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,23%	0,00%
Sindicato, Movimento social de mulheres, Associação, Cooperativa, Igreja, Redes	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Sindicato, Movimento social de mulheres, Associação, Igreja	0,00%	0,00%	0,00%	2,73%	0,62%	0,00%

22. Participação social						
Característica	Projeto					
	Procasa	Dom Helder	Dom Távora	Paulo Freire	PSA	PVSA
Sindicato, Movimento social de mulheres, Associação, Partido político	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Sindicato, Movimento social de mulheres, Igreja	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,93%	0,00%
Sindicato, Movimento social de mulheres, Igreja, Partido político	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,90%
Sindicato, Movimento social de mulheres, Movimento social misto	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Sindicato, Movimento social de mulheres, Movimento social misto, Associação, Cooperativa, Igreja	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Sindicato, Movimento social de mulheres, Movimento social misto, Associação, Cooperativa, Igreja, Casa de Sementes	0,00%	0,00%	0,00%	0,91%	0,00%	0,00%
Sindicato, Movimento social misto, Associação	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Sindicato, Movimento social misto, Associação, Igreja	0,00%	0,00%	2,90%	0,00%	0,00%	0,00%
Sindicato, Movimento social misto, Cooperativa, Igreja, Fundos Rotativos Solidários, Casa de Sementes	18,18%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Sindicato, Redes	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,31%	0,00%
Não respondeu	0,00%	0,00%	10,14%	0,91%	6,48%	2,70%

Este livro foi composto com as famílias tipográficas
Stilu, Open Sans e Nickainley.



Investindo nas populações rurais

